GEORGE GIPE

DE VOLTA PARA O FUTURO™

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"*Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.*"

eLivros.love

Converted by convertEPub

DE VOLTA PARA O FUTURO

George Gipe

REGRESSO AO FUTURO (2ª edição)

Título original: Back to the future

Tradução de Maria Helena Fernandes

Índice

CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV

CAPÍTULO I

Aqui na sala de estar de uma pacífica casa de subúrbios uma família típica está calmamente instalada. O pai lê o jornal da tarde, sem se aperceber de que uma calamidade está prestes a ocorrer. A mãe limpa a loiça do jantar, indiferente ao facto de dentro de segundos o seu mundo ir ser reduzido a um remoinho de lascas e restos atonizados. Os filhos estão nos quartos, a fazer os trabalhos de casa, ignorando que só lhes resta uns momentos de vida, que nunca mais voltarão a ter de se preocupar com os trabalhos de casa. A mais poderosa força alguma vez criada pelo homem está a pontos de ser desencadeada sobre eles, que nada deste mundo podem fazer para a contrariar...

Cinco... quatro... três... dois... um...

Um segundo mais tarde houve um relâmpago branco e a família sem nome foi envolvida por um impulso energético que despedaçou as suas pequenas estruturas, deformando-as estranhamente antes de separar corpos de cabeças, braços de dorsos, pernas de abdómens. A casa de aspecto sólido limitou-se a desmoronar-se em estreitas tiras de matéria e incendiou-se instantaneamente numa contorcida avalanche de chamas. Um efeito de poço de ar arrastou então os bocados de corpos e os destroços de mobiliário e estuque para uma horrível massa rodopiante, sugada pela atmosfera torturada. Seguiu-se um longo momento de silêncio, com o ruído da explosão a desvanecer-se num eco suave, que ecoava o fim da vida no planeta.

A turma não estava impressionada com o violento espectáculo e suas consequências. Pelo menos não havia sinais visíveis de surpresa, horror ou mesmo envolvimento profundo.

Contudo, o locutor -provavelmente ele próprio há muito no descanso eterno -continuava a sua narração do filme sobre energia atómica, de cerca de 1955:

Acabam de ver como esta poderosa força pode destruir completamente uma sociedade que não esteja preparada para o seu uso. Por este motivo, há quem proteste contra toda e qualquer utilização de energia atómica. Mas agora é demasiado tarde para recuarmos. As potencialidades desta força para o bem ultrapassam as suas potencialidades para o mal. É uma fonte vital de energia, que talvez venha a substituir a que tem a sua origem no carvão ou mesmo a energia eléctrica convencional...

À maior parte da turma a conferência ilustrada entrava por um ouvido e saía por outro. Era tarde, demasiado tarde para se estar muito atento, e já todos tinham visto o filme. Algumas pensavam noutras coisas; uns poucos faziam desenhos nas capas dos livros, na semi-obscuridade.

Um aluno, o mais ousado e empreendedor da turma, ouvia música rock em estereofonia. Tinha os olhos quase fechados e os seus membros lutavam por permanecerem quietos, em vez de seguirem o compasso, mas ele aceitava de bom grado essa limitação enquanto os seus lábios formavam silenciosamente a letra da canção:

Tenho de ter o teu amor...

Os cientistas prevêem que até ao ano 2000 pelo menos metade das casas particulares da América estarão dependentes da energia atómica...

Tenho de te abraçar... Preciso de te ter nos meus braços...

Haverá automóveis atómicos com motores do tamanho de bolotas. Navios com dínamos nucleares poderão navegar sem reabastecimento por períodos indefinidos, talvez de um ano. Finalmente, a ideia de que gigantescos foguetões movidos por combustível atómico irão à Lua e até mais longe será uma realidade, saindo da ficção cientifica.

Dá-me outra oportunidade... Por favor, levanta-te para dançar.
É a nossa oportunidade. A sorte de toda uma vida...
Dá-me outra oportunidade...
Não deixemos de a aproveitar...
Dancemos ainda uma vez...

O filme acabou com música, a que se seguiram ruídos provenientes do projector, e depois fez-se ouvir uma única voz suave de barítono:

-Dancemos ainda uma vez...

Vinte cabeças rodaram na direcção do cantor. Infelizmente, uma delas era a do Dr. Arky, professor de Estudos Sociais. O sentido da direcção disse-lhe imediatamente que o cantor era Marty McFly, mas a sua intensa miopia obnubilou alguns pormenores: Em primeiro lugar, não viu Marty retirar habilmente os auscultadores dos ouvidos e colocá-los no livro oco, que também continha um minúsculo mas potente leitor de cassetes Walkman. Nem o Dr. Arky viu o sorriso de inteligência que Marty trocou com Jennifer Parker, a atraente jovem de 17 anos sentada ao seu lado.

-Que foi isso, MacFly? -desafiou-o o Dr. Arky.

-Nada, sô tôr. Só estava a dizer que espero que todos possamos dançar ainda uma vez.

-De facto.

Durante um longo momento o Dr. Arky observou o jovem, procurando-lhe nas feições sinais de arrogância ou rebelião que pudesse converter em causa de castigo. Cantar na aula era tecnicamente suficiente, mas até o Dr. Arky sentia que um único verso era desculpável. Se tivesse sido só isso. Fixou o jovem McFly com o seu olhar mais intimidante, esperando amedrontá-lo ao ponto de confessar ou se comportar com mais

arrogância digna de castigo. Em vez disso, o belo rosto enquadrado por cabelo castanho de comprimento médio limitou-se a devolver-lhe o olhar, o que o enfureceu. Depois de um momento de indecisão, o Dr. Arky evitou o confronto tão graciosamente
quanto lhe foi possível:

-Ora, como todos viram no filme -entoou -, as atitudes quanto à energia nuclear eram bastante diferentes naquele tempo... Também...

Foi interrompido pelos complicados ruídos que sempre precedia um aviso feito pelo antiquado sistema de comunicação interna da escola:

-Marty McFly, é favor comparecer na secretaria -resmungou a voz da secretária, ligeiramente acima do limiar da inteligibilidade. -Tem uma chamada telefónica de emergência. Marty McFly.

-Deve ser o meu agente -murmurou Marty para Jennifer e outros que pudessem ouvi-lo.

Teve a sensatez de permanecer no seu lugar até um relutante movimento de mão do Dr. Arky o libertar. Então, agarrando nos livros, apressou-se a sair da sala.

No quase deserto corredor entre as aulas, a sua disposição vacilou entre a alegria de se libertar mais cedo da prelecção de Arky subsequente ao filme e a preocupação de que houvesse efectivamente uma «emergência». Que poderia ser? Um acidente ou morte na família? Tinha 17 anos, e a sua vida até então havia sido serena; não tinha pois qualquer premonição de desastre.

Além disso, por ser uma pessoa bem disposta e optimista, não tinha tendência para ver a vida pelo lado escuro. Então, ao aproximar-se da secretaria, o seu espírito agarrou-se à pior calamidade possível que aquele dia em particular podia ter para lhe oferecer: o cancelamento da audição do seu conjunto!

-Não -disse em voz alta. -Que não seja isso!

De súbito deu por ter apressado o passo, por ir quase a correr.

O conjunto era tudo. Pelo menos de momento era a sua possibilidade de ser alguém diferente de todas as outras pessoas. Era a sua oportunidade de se evidenciar, impressionar, conquistar amigos e influenciar pessoas. Sabia ter talento, sabia existir a probabilidade de se tornar uma estrela do rock.

Porém havia algo mais profundo do que isso, um sentimento de liberdade quando se confundia com o grupo. Nas ocasiões em que estavam efectivamente a sair-se bem, sentia a excitação de fazer algo de novo, de desafiar a sorte e de certo modo conseguir não só não ser chamuscado mas sim glorificado. Era uma experiência incorporal, arrastando consigo a sensação de ausência de peso, a impressão de que não existia qualquer outro mundo para além da espera alcançada pela sua música.

A Jennifer era bestial, claro. Ele estava verdadeiramente conquistado por ela, sentia mesmo que a «amava» no sentido mais adulto. Ela era linda, de presença divertida, e gostava da música dele. Todavia, de certa maneira, ela não era tão importante para Marty como a sua experiência musical. Talvez com o tempo ela se tornasse muito mais valiosa para ele, mas de momento Jennifer era deste mundo e a sua música do outro.

A secretaria da escola estava calma, povoada apenas pelo pessoal do costume, com as suas caras de fuínhas, e por um aluno sentado encolhido a um canto da sala de espera. No entanto, as secretárias continuaram os seus trabalhos muito lenta e deliberadamente durante mais de um minuto antes de uma delas levantar os olhos o suficiente para Marty lhe atrair a atenção:

-Telefonema de emergência para mim -disse ele.

A cinquentona gorda, cujo nome Marty nunca chegara a saber, indicou-lhe com um gesto que entrasse na zona da secretaria e utilizasse o telefone que se encontrava sobre a sua secretária. Depois, com delicadeza estudada, afastou-se para uma secretária distante, a fim de que ele pudesse falar e ouvir com maior intimidade.

Nada de semelhante fez Gerald Strickland, o encarregado da disciplina na escola, que levava o seu trabalho tão a sério como qualquer director de serviços prisionais. Cinco minutos antes tinha sido ele próprio a atender o chamado telefonema de emergência. Falso, pensara na altura. A voz do homem do outro lado da linha soara ofegante e num tom de urgência mas havia algo que lhe pareceu decididamente fingido. Strickland considerava-se um estudioso da natureza humana, um mestre a detectar qualquer manobra enganadora. Apesar de ter mais de sessenta anos e se aproximar do fim da sua carreira de educador apreciava o combate mental diário com os jovens egoístas para quem ele não era mais do que um desagradável obstáculo à sua afirmação. Strickland sabia que se riam dele nas suas costas, que troçavam por usar lacinho todos os dias e que o consideravam um tirano. Mas, por Deus, não se riam quando ele os olhava. Dos lábios não lhes provinha saídas de esperteza quando os interrogava. Sabiam que ele tinha o poder de lhes tornar as vidas temporariamente infelizes e respeitavam-no por isso.

Agora, coordenando os seus movimentos com Marty McFly, que via no outro lado da sala através da sua porta entreaberta Strickland pegou no auscultador do seu telefone ao mesmo tempo que o jovem.

-Está? -ouviu Marty perguntar com um pouco de nervosismo.

-Marty, sou eu -disse a outra voz.

-Doc!

Strickland sentiu um momentâneo ataque de dúvida. Doc? Era possível tratar-se realmente de um médico prestes a informar McFly de alguma emergência verdadeira? Se assim fosse, não só se veria privado da

oportunidade de defrontar e punir o jovem; seria um terrível revés na confiança que tinha na sua própria habilidade para combater a fraude. O impulso de ansiedade passou tão depressa como surgiu, porém, sendo o descanso provocado pela descontracção no tom de McFly. Quantos adolescentes chamam «Doc» a verdadeiros médicos adultos? Não, era familiaridade a mais. Doc, quem quer que fosse, era um amigo pessoal. Strickland, o cão de caça da moralidade, estava afinal na pista certa.

-Disse-lhe que nunca telefonasse para aqui -continuava Marty. -Estou na escola.

-Eu sei -respondeu o homem chamado Doc. -Tinha de entrar em contacto contigo.

-Porquê? Que há de tão importante?

-Verás. Ouve: podes encontrar-te comigo na Quinta de Peabody por volta da uma e um quarto?

-Quinta de Peabody? Onde fica isso?

-Desculpa -corrigiu Doc. -Refiro-me à Alameda Twin Pines. Continuo a pensar nela como Quinta do Peabody, mas isso deve ter sido antes de tu nasceres.

Marty levantou os olhos para o grande relógio da parede:

-Mas já passa da uma e um quarto -redarguiu.

-Refiro-me à uma e um quarto da manhã.

-Da madrugada de amanhã? Daqui a umas dez horas?

-Sim.

Gerald Strickland sorriu. Fosse qual fosse a «emergência», era obviamente algo que podia ter esperado até o jovem ter saído da aula, da escola, e ter chegado a casa. Afinal ele sempre detectara o fingimento, e sentiu uma onda de orgulho por continuar a ter capacidade para ultrapassar em esperteza aqueles que eram quase cinquenta anos mais novos.

-Deixe-me arrumar as ideias -dizia Marty para o telefone. -Quer que eu vá ter consigo à Alameda Twin Pines à uma e um quarto da madrugada de amanhã?

-Isso. Fiz uma descoberta sensacional e preciso da tua ajuda.

-Não me pode dizer o que é? -indagou Marty.

Gerald Strickland deu por si a acenar em resposta. «Sim», pensou, «explique mais». O que quer que fosse parecia verdadeiramente sombrio e até talvez ilegal. A maior parte dos estudantes prima pela preguiça, não sendo provável que acorde tão cedo. Em que poderiam aqueles estar empenhados? Lambeu os lábios, fascinado pelas possibilidades daquele telefonema. Compensava-o da vacuidade anterior do dia. Mas o chamado Doc era evidentemente um tipo esperto. Recusando-se a prestar mais informações, quer a McFly quer a Strickland, limitou-se a dizer:

-Olha, dou-te todos os pormenores na altura própria.

-Está bem -retorquiu Marty.

-Ah, Marty-continuou Doc -, boa sorte para o toque da tarde.

-Como é que soube? -inquiriu Marty.

Mas só se ouviu um estalido e silêncio do outro lado do fio. «Toque», repetiu Strickland interiormente. Já ouvira a palavra, claro. Referia-se habitualmente a música, mas já a ouvira usada menos especificamente.

Talvez Marty McFly estivesse envolvido em algo suficientemente escuro para ser mencionado por enigmas. Mas não interessava. O toque, inocente ou culpado, não contaria com a presença de McFly naquela tarde.

Com isto Gerald Strickland, pousou o auscultador e dirigiu-se para a saída do seu gabinete. Chegou junto de Marty precisamente quando este ia a empurrar o guarda-vento que separava a secretaria da sala de espera:

-Só um momento -disse Strickland.

Marty parou e olhou-o com uma expressão vazia.

-Já acabou o seu telefonema de emergência? -interrogou Strickland, com um ligeiro sorriso nas comissuras dos lábios finos.

-Sim senhor.

-E a sua família está toda boa?

Marty confirmou com um aceno de cabeça.

-Então posso saber qual era a emergência?

-É demasiado complicado para explicar -começou Marty, tentando reunir confiança.

-Tenho tempo -retrucou Strickland concisamente.

Marty engoliu em seco e atirou-se de cabeça:

-Tenho uma tia em Wisconsin -disse. -E um tio. Estão ambos incapacitados. Tiveram um desastre de automóvel há uns dez anos. Bem, amanhã ela vai para o hospital para ser outra vez operada e pediram-me...

-Tretas -interrompeu Strickland.

-Como?

-Disse: tretas. Você não tem nenhuma tia nem nenhum tio incapacitados em Wisconsin. Aquela chamada era particular McFly. Você sabe que os alunos só podem usar o telefone da escola em casos de urgência.

-Bem, era uma emergência-Marty contraiu-se -, de certa maneira.

-Não me parece, McFly.

-Bem, talvez não fosse para mim, mas era uma emergência para a pessoa que me telefonou.

-É tudo o mesmo. Para si vai ser ficar retido na sala de estudo.

-Mas porquê?-desafiou Marty. -Que posso eu fazer quando alguém diz que é uma emergência e não é? Talvez devesse mandar essas pessoas para a sala de estudo. Em todo o caso, como é que sabe que não era uma emergência?

-Porque estava na extensão do meu gabinete e ouvi toda a conversa.

Marty sentiu as orelhas começarem a aquecer:

-Mas isso é um mecanismo de escuta telefónica-disse irado. -É contra a lei.

-Para sua informação, McFly-replicou Strickland -, não é nenhum mecanismo de escuta telefónica. É bisbilhotice. Mas não tem importância. Você está na escola e aqui a lei sou eu. Quem ligou para si sem ser de emergência prestou-lhe um mau serviço. Quando sair da sala de estudo, pode dizer ao Doc que ele não é seu amigo.

Marty olhava-o fixamente. Inspirado pelo confronto, Strickland teve um súbito relâmpago de intuição:

-Não era o Doc Brown, não? -perguntou.

O silêncio de McFly disse-lhe que tinha identificado com êxito o autor da chamada-Doc Brown, o excêntrico da vila, um homem que na opinião de Strickland simplesmente não prestava, uma criança que nunca crescera.

-Deixe-me dar-lhe de graça um conselho valioso -continuou: -Esse Doc Brown só lhe pode causar problemas. É um verdadeiro caso de loucura. Até talvez seja perigoso.

-Para si pode ser-respondeu Marty lealmente. -Eu não vejo as coisas assim.

-Então você não é só idiota, McFly. Tem um grave problema de atitudes. É um mandrião. Tem capacidade mas não é aplicado. -Percebendo que não tinha ainda atingido verdadeiramente o jovem,
Strickland recorreu então ao golpe decisivo: -De facto-ruquejou -, sob muitos aspectos lembra-me o seu pai. Ele também era um mandrião.

Marty ficou lívido, pois Strickland atingira a única corda sensível que ele não podia proteger. Não gostava mesmo de ser comparado ao pai, especialmente quando a pessoa que o fazia os juntava na mesma categoria. Se Strickland tivesse a sua idade Marty teria redarguido furiosamente. Isso, claro, era impossível dadas as circunstâncias, pelo que ele se limitou a olhar para outro lado:

-Queira desculpar -disse. -Estou atrasado para a aula.

Esboçou um passo para a porta, mas a mão de Strickland estendeu-se rapidamente:

-Não lhe dei autorização para se retirar, McFly -atirou-lhe violentamente, agarrando-o pelo cotovelo.

O movimento repentino fez com que Marty perdesse o domínio dos livros, dois dos quais começaram a escorregar-lhe pela perna. Erguendo o joelho, só conseguiu soltar os outros. Uma fracção de segundo mais tarde, tudo caiu no chão, incluindo o livro oco que continha o seu equipamento estereofónico Walkman.

Como não podia deixar de ser, a unidade ilícita rolou atormentadoramente pelo lajedo encerado, em movimento lento, até parar no canto mais afastado da sala de espera. Strickland contemplava-a de olhos semicerrados. Era demasiado tarde quando Marty começou a reunir os livros, colocando rapidamente o seu corpo entre Strickland e o aparelho Walkman

-Você conhece os regulamentos -o homem sorria: não são permitidos rádios na escola. Isso corresponde a detenção durante uma semana.

Marty engoliu em seco. Ia começar a protestar, mas depois aceitou o inevitável:

-Sim, senhor -murmurou.

-A partir de hoje -prosseguiu Strickland.

-Hoje? -arfou Marty. -Mas eu não posso! Eu e o meu conjunto temos uma audição para o baile da A C M, Dr. Strickland. Tenho de lá estar às quatro horas.

Era o mesmo que tentar implorar a um tubarão que procurasse alimento noutro lado. Através de olhos ramelosos pontuados de uma alegria maligna, Strickland fixava com firmeza a sua vítima. Depois, com um breve aceno de mão, começou a afastar-se:

-Com que então uma audição?-Disse. -Pois, McFly, parece que acabou de a desperdiçar.

O relógio marcava 3:42. Marty estava a começar a pensar se de algum modo ofendera uma divindade local que governasse os destinos dos alunos da escola secundária de Hill Valley. Tudo se ajustava demasiado para ser impessoal: a bisbilhotice calculada do Dr. Strickland, a pouca sorte de deixar cair o equipamento estereofónico Walkman, e agora aquilo. Depois de reflectir maduramente, decidira evitar a detenção, argumentando no dia seguinte que.percebera mal quando devia começar o castigo de uma semana. Isso, porém, fora antes de espreitar para a sala de aula e ver que professor estava encarregado da sessão de detenção.

Não era outro senão o próprio Dr. Strickland.

-Com mil diabos! -sibilou Marty.

Não havia hipótese de o convencer da existência de um malentendido. Nem sequer teve tempo de debater os prós e os contras de simplesmente se baldar e arrostar com as consequências. Mal tinha avistado Strickland quando os penetrantes olhos deste o detectaram como radar inimigo:

-Entre, McFly -ordenou Strickland.

De cabeça baixa, Marty penetrou na sala. Era uma sala de aula típica da escola, que fora construída ao terminar a Grande Depressão: Quadros verdes tinham substituído os velhos de ardósia e as paredes, carteiras e tecto haviam sido pintados de novo. Um novo sistema de chuveiro contra incêndios fora também acrescentado, mas o lugar continuava a ter uma desolação que Marty achava quase insuportavelmente deprimente. As expressões nas caras dos outros dez alunos que sofriam o mesmo castigo indicavam que também eles consideravam aquele lugar com igual tristeza. Todos fitavam de mau-humor o tampo da secretária em frente. Uma das vítimas, um garoto de 'rosto afilado chamado Weeze, tinha uma

prancha de patinagem enfiada debaixo dos livros, quase como se esperasse que o Dr. Strickland lha confiscasse ou destruísse.

Esse medo, se de facto o sentia, não deixava de ser justificado. Ao fundo da sala, Strickland estava de pé, com dez aparelhos Walkman cuidadosamente alinhados sobre a secretária, junto de si. Os que já tinham passado por aquilo sabiam o que ia acontecer a seguir, facto que tornava a experiência muito mais fácil.

-Agora... -Strickland sorria com sadismo -vamos ver como lidamos com quem viola o nosso regulamento «contra Walkman».

Suavemente, quase com reverência, ergueu um dos aparelhos e colocou-o nas mandíbulas de um torno para trabalhar a madeira montado no canto da secretária. Começou então a apertá-las até o aparelho se partir ao meio, com o som aproximado de ossos a quebrarem-se. Quando bocados de plástico e pedaços inutilizados caíram para o chão, um aluno contraiu-se como se o sofrimento estivesse a ser infligido ao seu próprio corpo. Strickland, bem consciente de qual o aparelho que pertencia a cada aluno, sorriu maldosamente para o jovem horrorizado:

-Pronto, Stevenson -disse. -Pode cá vir buscar o seu aparelho estereofónico.

Stevenson ergueu-se e foi ajoelhar-se para apanhar os restos escavados do seu aparelho.

Com alegre intencionalidade, Strickland continuou a orgia de esmagamento. O aparelho de Marty era o quarto na fila para a execução, mas ele estava mais preocupado com o tempo a passar do que com o destino do seu Walkman. Ainda conseguiria chegar a tempo para a audição se Strickland os libertasse cedo. «Que probabilidades!»", pensou. Então, depois de um momento de profundo desespero, forçou a sua mente a reflectir.

Tinha de haver uma saída, com um plano de esperteza suficiente para criar o pânico ou uma verdadeira emergência. Percorreu a sala com os olhos. Só o sistema anti-fogo oferecia possibilidades, mas ele não conseguia formular um plano eficaz de ataque.

-Este é o seu, não, McFly? -Strickland interrompeu os pensamentos de Marty. -O número três?

-Quatro -afirmou Marty sem alterar a voz. Estava decidido a não deixar que o malandro visse quanto ele detestava perder o seu Walkman.

Com um vivo sorriso, Strickland despachou o aparelho seguinte e depois estendeu a mão para o de Marty com algo como uma renovada paixão. Os torniquetes comprimiram-se, provocando um som baixo e arrastado, quase como se o aparelho estivesse a gritar de dor. Então, com um estalido particularmente ruidoso, os restos em lascas do Walkman saltaram do torno em todas as direcções.

Um pânico momentâneo perpassou as feições de Strickland quando fragmentos de plástico voaram em frente dos seus olhos e junto da sua cabeça.

-É todo seu, McFly-disse, tendo recuperado imediatamente a compostura.

Marty levantou-se para ir buscar os bocados partidos do seu aparelho. Ao fazê-lo, a sombra de um sorriso brincava-lhe nos lábios, pois concebera um plano ousado, que valia a pena pelo menos tentar. Passou os cacos de plástico todos para uma das mãos e fez um pequeno desvio no caminho de regresso ao seu lugar. Passando pelo projector de diapositivos Carousel, colocado sobre uma mesa lateral, deteve-se o tempo suficiente para estender a outra mão e desviar sub-repticiamente a lente para o seu bolso.

Compenetrado na execução do Walkman seguinte, Strickland não reparou no rápido movimento de Marty.

De regresso ao lugar, este meteu a mão na carteira de lápis do seu caderno e tirou de lá um elástico e uma carteira de fósforos. Depois levou a mão à algibeira, desembrulhou uma pastilha elástica e começou a mascá-la. Não o fazia, contudo, como alguém que procura daí extrair prazer; pelo contrário, parecia uma tarefa a ser realizada o mais depressa possível.

Passado um minuto, tirou a pastilha da boca, abriu a carteira de fósforos, dobrou-a ao contrário e espalhou a pastilha pegajosa do lado de dentro, constituindo uma fina camada. A seguir «armou» o elástico em volta dela como uma fisga e ficou à espera. Sempre tinha sido bom atirador com elástico, lançando objectos, mas nunca dependera tanto da pontaria como para o arremesso que agora planeara. Por cima dele, talvez a três metros e meio de altura, ficava o detector de fumo ligado ao sistema de extintores. Era pequeno, alvo pouco convidativo, mas Marty sabia que tinha de tentar. Se conseguisse, a primeira fase do seu plano bipartido ficaria realizada. Se falhasse... bem, pelo menos teria tentado. Se Strickland o visse, podia provavelmente esperar ficar em detenção até muito depois das férias da Páscoa.

«Pró diabo a indecisão», pensou. «Tenho de arriscar.»

Esperou pacientemente até Strickland prender o décimo e último Walkman. No preciso momento em que este se estilhaçou Marty fez pontaria para a válvula, puxou o elástico para trás tanto quanto possível e largou-o.

Como um foguete, a carteira de fósforos correu para o tecto e ficou lá pendurada, com a pastilha à estabelecer uma ténue ligação.

Milagre, pensou Marty.

A segunda fase era muito menos espectacular mas não deixava de conter grandes potencialidades de detecção. Retirando do bolso a lente do projector Carousel. Marty ajustou-a de modo a que os brilhantes raios

oblíquos do Sol da tarde a atingissem e fossem refractados para a carteira de fósforos colada ao tecto. Deitando uma olhadela para cima ao mesmo tempo que fingia estudar pelo livro que tinha em cima da mesa, ficou surpreendido com a forma como o plano estava a correr bem até aí. Um raiozinho branco estava focado na carteira de fósforos.

Se ao menos o Sol se apressasse e fizesse o que devia!

O relógio marcava agora 3:52. Chegaria atrasado à audição mas só uns minutos. Tinha a mão a começar a ficar cansada, a segurar a lente sempre na mesma posição, mas não se atrevia a descansar nem um segundo. Estaria a ver um fiozinho de fumo?

Entortou os olhos e decidiu que era imaginação sua.

Depois viu algo que não era absolutamente nada imaginário: o Dr. Strickland levantou-se, atravessou a sala até ao outro lado e começou a baixar os estores.

-Não! -Marty quase gritou.

Virou a cabeça completamente para trás, verificando que três últimas filas da sala tinham ficado na semi-obscuridade em resultado da acção de Strickland. Enquanto observava isso, as três filas seguintes ficaram envoltas na mesma nuvem de escuridão. Mas agora havia mesmo um fiozinho de fumo a evolar-se da carteira de fósforos.

-Vamos, vamos -sussurrava Marty. -Arde, meu parasita, arde.

Alguns dos rapazes das proximidades já tinham descoberto o que se estava a passar. Contemplavam num misto de temor e divertimento o fumo a tornar-se cada vez mais intenso, com um semicírculo vermelho a consumir a borda da carteira, em direcção à dupla fila de fósforos.

Como um estalido, Strickland libertou o penúltimo conjunto de estores.

-Puf!

Ao mesmo tempo que o último raio de Sol brilhante desaparecia da aula, uma mini-explosão de chamas da carteira de fósforos desencadeava uma reacção em cadeia. O fumo que rodeava o detector colocado no tecto fez ligar imediatamente os alarmes e o sistema de extinção. O pânico, ou algo muito semelhante, seguiu-se.

-Fogo! -berrou alguém.

-Vamos cavar daqui!

-Quietos!, esperem! -A voz do Dr. Strickland tentava sobrepor-se ao barulho. -Temos de sair em boa ordem!

Correu para a parte da frente da aula tão depressa quanto ' lhe foi possível, de braços erguidos acima da cabeça. Mas ombros mais fortes e rápidos, e corpos mais musculosos passaram por ele, atirando-o a rodopiar de lado de encontro à parede.

-Esperem! -voltou a gritar, exactamente quando a válvula do extintor entrava em acção mesmo por cima da sua cabeça, borrifando-o de água fria. Nenhuma outra das suas palavras foi audível.

Marty, mais preparado para a confusão do que qualquer outra pessoa, já ia nessa altura a meio do corredor. Assim que o alarme tocara e a água começara a cair, pusera-se em pé de um salto e apoderara-se da prancha de patinagem que pertencia a Weeze.

-Empresta-ma -gritara por cima do ombro para o surpreendido colega. -Devolvo-ta amanhã.

Menos de um minuto depois, patinava pelos degraus da frente da escola e deslizava num-arco muito aberto até aos limites do vasto passeio que circundava a Praça Principal. Deitando nervosamente um olhar para a

direita, passou pelo painel com relógio e termómetro do Hill Valley Bank no preciso momento em que mudava de 3:57 para 3:58.

Um homem que efectuava uma transacção no Versateller saltou para evitar a figura que se aproximava e nesse processo tropeçou e caiu de costas. Então foi a vez de Marty se assustar, com um carro a aproximar-se tão rapidamente que ele teve de fazer uma pirueta de bailarina para manter o equilíbrio. Ainda seguiu descontrolado por meio quarteirão, de braços a oscilar e corpo a inclinar-se em ângulos de 45o, até conseguir lentamente endireitar-se.

Mesmo em frente, o edifício da A C M era o seu farol. Depois de se ter inclinado para a frente para adquirir ainda mais velocidade, Marty rodopiou ao chegar junto dos degraus, agarrou na prancha e correu para dentro.

O seu grupo, conhecido por Cabeças de Alfinete, já estava a postos. Nas proximidades, Jennifer também esperava, olhando nervosamente para o relógio. Quando o viu correr para o palco, ela soltou um ruidoso suspiro de alívio, e Marty piscou-lhe o olho.

Um homem gordo, que também olhava significativamente para o relógio, fitou Marty com atenção:

-Estão prontos? -indagou friamente.

Marty respondeu com um aceno de cabeça. A viola, o amplificador e o microfone já lá estavam instalados para ele. Sentando-se a toda a pressa, Marty respirou fundo e fez a afinação no mínimo de tempo possível. Depois, agarrando o microfone, olhou para a comissão encarregada de organizar o baile e falou num tom de voz confiante:

-Pronto -disse. -Somos os Cabeças de Alfinete e vamos tocar rock'n'roll!

O grupo iniciou um número fogoso, com os dedos de Marty a dançarem nas cordas e cavilhas, construindo um complicado tema. Seguiram-se

teclado, viola-baixo e percussão, a embelezarem-lhe as figuras temáticas, a marcarem mais intensamente o ritmo, preparando a transição para as primeiras variações de Marty.

-Está bem -fez-se ouvir uma voz metálica. -Já chega. Obrigado.

Marty mal podia acreditar nos seus ouvidos. De facto, continuou a tocar, mesmo com o som dos restantes Cabeças de Alfinete a desvanecer-se num silêncio confuso.

-Obrigado-repetiu o homem gordo. -Podemos ouvir o grupo seguinte, por favor?

Marty desceu do palco, interdito. Passara por uma tarde infernal para aquilo?

-Que aconteceu? -perguntou à Jennifer.

-Não sei-tartamudeou ela. -Vocês tocaram bestialmente bem. Talvez eles queiram outro género. O de Lawrence Welk, por exemplo.

Dez minutos depois, enquanto se dirigiam para casa, ele continuava em estado de choque. Jennifer pousou-lhe a mão no braço:

-Marty -disse em tom reconfortante. -Uma rejeição não é o fim do mundo. A tua música é boa e há-de ter êxito um dia.

-Não sei -murmurou ele. -Talvez não seja a minha vocação.

-Claro que é -insistiu ela. -Tu és mesmo bom e os outros tipos também. A gravação que fizeste é formidável.

Entregou-lhe a cassete que ele lhe tinha emprestado uns dias antes:

-Promete-me que a envias à editora de discos antes de te decidires a desistir.

-E se eles não gostarem? -suspirou Marty. -E se disserem: «Desaparece daqui, garoto, não tens futuro?» Por que hei-de passar por toda essa ansiedade?

Jennifer não respondeu.

-Bolas -acabou Marty por dizer. -Estou a começar a falar como o meu velho.

Jennifer fitou-o interrogativamente.

-Ele é um bocado derrotista -explicou Marty. -Não se atira para a frente. As pessoas fazem dele o que querem.

-Bem, dizem que todas as nossas ansiedades afectivas provêm directamente dos nossos pais -afirmou ela, sorrindo. As palavras que lhe saíam da boca pareciam-lhe um pouco estranhas, até a ela. Onde teria ido buscar a frase? A aula de Sociologia? À revista People? Não tinha a certeza, mas soava-lhe com plausibilidade.

-Nesse caso podes dar-me já um beijo de despedida resmungou Marty.

-Prefiro dar-te um beijo sem ser de despedida -contra pôs ela esticando-se para lhe tocar na face.

Caminharam de mãos dadas durante algum tempo.

-O teu pai é mesmo um caso perdido? -acabou Jennifer por perguntar.

Marty encolheu os ombros:

-Acho que lá muito no fundo as intenções dele são boas -disse. -Mas não consegue desenvolver uma personalidade.

Tinha chegado à Praça Principal, e a presença do grande salão da Toyota com as suas montras recuadas e zona de exposição imaculada, fez com que Jennifer pensasse em coisas mais agradáveis.

--Bem, pelo menos empresta-te o carro amanhã à noite sorriu. -Já é um grande passo na direcção do desenvolvimento da personalidade.

Marty concordou com um aceno de cabeça.

Pararam junto do vidro e olharam para dentro, para os vendedores a andarem à volta de potenciais clientes como leões que se preparassem para atacar animais mais pequenos.

-Por que razão não haverá mulheres a vender carros em segunda mão?- perguntou Marty. -Nunca vi uma mulher a vender carros, e tu?

Jennifer abanou a cabeça:

-Talvez as mulheres não consigam mentir tão bem como os homens - aventou.

Marty riu e desviou o olhar para uma carrinha de tracção às quatro rodas exposta em lugar de evidência:

-Olha-me para aquele todo o terreno -chamou ele a atenção. -Não era bestial levarmo-lo para o lago amanhã à noite? Podíamos pôr os sacos-camas atrás... adormecer a olhar para as estrelas.

-Hum -correspondeu Jennifer.

-Um dia, Jennifer, um dia -concluiu Marty.

Contemplar o suave perfil dela e os seus dentes brancos e certinhos começava a fazê-lo sentir-se melhor. Talvez até a música não fosse tudo na vida.

-E a tua mãe? -indagou Jennifer quando se afastaram da montra e continuaram a andar. -Ela sabe que tu e eu...

-Estás a brincar? Ela pensa que vou fazer campismo com os rapazes.

-A verdade desagradar-lhe-ia?

-Ah, sim -redarguiu Marty. -Se descobrisse que eu ia acampar contigo, tinha um ataque.

-Sou assim tão mal vista?

-Não é por seres tu. É uma questão moral. Pregava-me o sermão do costume acerca de nunca se ter portado assim quando andava no liceu. Devia ser uma boa mosquinha morta, aposto.

-A maior parte das pessoas devia ser assim nessa altura, não? Quer dizer, isso foi lá para os anos cinquenta, antes da pílula, do rock'n'roll e de muitas outras coisas mesmo boas.

Marty acenou afirmativamente:

-Sim, não devia ter sido fácil crescer naqueles tempos primitivos.

Estavam em frente do antigo Palácio da Justiça da Praça Principal, que já vira melhores dias. Os anos 50, precisamente, tinham sido os de apogeu daquela parte da vila. Então as pessoas reuniam-se na Praça Principal para conviverem, para negociarem, ou simplesmente para passarem o tempo, durante o dia ou à noite. Então havia ali uma estação de serviço Texaco, uma loja de batidos, uma florista, o cinema Essex, uma loja de discos, o escritório de um agente imobiliário, um pronto-a-vestir feminino, o representante da Studebaker, uma filial da agência de viagens Ask Mr. Foster, papelaria, centro de acessórios Western Auto e muitas outras pequenas lojas. Agora quase todas tinham desaparecido, vítimas do progresso e da falta de estacionamento adequado.

Muitas das fachadas de edifícios estavam entaipadas, cobertas de cartazes meio arrancados. Num conjunto para propaganda eleitoral lia-se: REELEGEI O PRESIDENTE : CÂMARA «GOLDIE» WILSON. HONESTIDADE, DECÊNCIA, INTEGRIDADE. A fotografia por baixo da inspiradora legenda mostrava o rosto de um negro de cerca de cinquenta anos, com um dente canino em ouro.

-Era aqui que a minha mãe costumava parar -informou Marty. -Antigamente havia aqui uma loja de batidos

-Suponho que não se pudesse arranjar sarilhos lá gracejou Jennifer. -Enfim, ela talvez só esteja a tentar manter-te respeitável.

-Não está a ter muito êxito, pois não? -Marty soltou uma gargalhada, passando o braço pelas costas dela.

-Formidável...

-Maravilhoso...

Estavam encostados um ao outro, prestes a beijarem-se..

-Salvem a torre do relógio! -ordenou de súbito uma voz irritante, fazendo com que eles se afastassem de um salto. Simultaneamente, uma caixa de peditório foi colocada entre os dois adolescentes. Soava a oco, como se não tivesse dentro mais de duas ou três moedas solitárias.

-Salvem a torre do relógio! -repetiu a voz.

Jennifer e Marty viraram-se para olhar a pessoa que os havia interrompido. Era uma mulher de meia-idade, com tipo de beata e cabelo prematuramente azulado. O lábio superior, -observou Marty com ligeira repulsa, estava coberto pelos pêlos quase suficientes para proporcionarem a um ambicioso jovem um bigode decente. Debaixo do braço tinha dúzias de folhetos impressos.

Por favor colaborem para salvarmos a torre do relógio -pediu a senhora, voltando a agitar a lata.

-Minha senhora, não vê que estou ocupado? -perguntou Marty. Normalmente, seria simpático para quem o interrompesse, mas os acontecimentos do dia tinham-lhe posto os nervos em franja.

No entanto, a mulher não se deixou desencorajar pela falta de interesse demonstrada por ele. Metendo-se entre os dois jovens, dirigiu-se-lhes rodando a cabeça para um lado e para outro:

-O Presidente da Câmara, Wilson patrocina uma iniciativa no sentido de salvar ou reparar aquele relógio -entoou, apontando para o relógio parado que se situava no alto da torre do velho palácio de justiça. -Nós na Sociedade de Defesa do património de Hill Valley pensamos que deve ser preservado exactamente como está, como parte da nossa história e herança. Há trinta anos, um raio atingiu a torre do relógio e ele nunca mais funcionou. Nós na Sociedade pensamos que é um marco de importância científica, atestando a força do Todo-Poderoso.

Marty respirou fundo, preparando-se para lhe interromper o arrazoado, mas aparentemente era tudo. Já tinham ouvido o discurso completo.

-Está bem, minha senhora -concordou Marty, satisfeito por não terem de ouvir mais nada. -Aqui está tudo o que tenho de momento. Vinte e cinco cêntimos. Pode ser?

-Ficamos encantados com qualquer quantia -sorriu a senhora, revelando uma dentadura cheia de manchas. Uma boa causa pode prosperar moeda a moeda por dispor de apoio popular. Uma causa má, mesmo que disponha de fundos aos milhões, provenientes de fontes duvidosas, não deixa de estar votada ao fracasso.

Marty acenou com a cabeça e começou a afastar-se com a Jennifer.

-Não se esqueça de levar um folheto -aconselhou a senhora. -Conta a história completa da torre do relógio.

Marty recebeu o folheto da mão dela.

-E aqui está uma coisa para a sua amiguinha -continuou ela, estendendo-lhe mais um folheto.

Então Marty quase estourou. Durante um longo momento, considerou a hipótese de não só pegar no folheto oferecido como em tantos quantos conseguisse transportar, dizendo à mulher que os ia distribuir na escola. Depois procuraria o caixote de lixo mais próximo para lá os deitar. No último instante, felizmente, teve consciência de que a senhora, apesar de irritar, tinha de facto boas intenções.

-Obrigado -acabou Marty por dizer, pegando no folheto e entregando-o a Jennifer.

Com um breve sorriso, agarrou no braço da namorada e conduziu-a para longe da senhora da campanha o mais depressa que lhe foi possível sem começar a correr. Pouco depois, tinham virado a esquina em segurança.

-Então... em que estávamos? -perguntou ele.

Jennifer chegou-se a ele, olhou para os dois lados e depois ergueu o rosto:

-Mesmo aqui... -murmurou.

Aproximaram-se ainda mais. Marty sentia o cheiro da pele dela, e a sua respiração no queixo. Lentamente, pousou-lhe a mão no pescoço, mesmo abaixo da orelha, e inclinou-se para a beijar...

Uma buzina de automóvel destruiu a magia do momento. Jennifer afastou o olhar do dele e Marty viu-lhe aborrecimento nos olhos.

-É o meu pai -informou ela.

-Como é que ele te encontrou aqui? -inquiriu Marty.

-Pura sorte.

-O tipo de sorte que eu tenho tido durante todo o dia.

-Nada dura eternamente, nem mesmo a má sorte.

A buzina voltou a tocar.

-Telefono-te logo à noite -prometeu Marty.

-Vou estar em casa da minha avó -disse ela.

Qual é o número?

243-8480.

Marty repetiu o número, trocando dois algarismos.

-Devias ter guardado um daqueles folhetos -comentou Jennifer. Então, ao olhar para a sua própria mão, viu que ainda agarrava um dos papéis de propaganda. Acenando ao pai para que esperasse, tirou uma caneta, escreveu qualquer coisa na parte de trás da folha e entregou-a ao Marty. Depois saltou para dentro do carro e partiu. Marty acenou-lhe e ficou a contemplá-la até o automóvel sair do seu campo de visão.

Só nessa altura olhou para o papel. Nele estava escrito o número de telefone e uma simples frase:

«Amo-te.»

Marty sorriu.

Dobrando o papel, meteu-o na algibeira e patinou pela rua fora em direcção a casa.

CAPÍTULO II

-Se não morrer primeiro de ataque cardíaco ou congestão -resmungou o Dr. Emmett Brown em voz alta. Estava perto de ver o seu sonho tornar-se realidade. Não havia dúvidas quanto a isso. Um a um, os obstáculos científicos e físicos tinham sido eliminados. Iria ser aquele o «grande dia»?

-Não contes com isso -replicou ele a si próprio. Não servia de nada entusiasmar-se demasiado, raciocinou.

Com sessenta e cinco anos, era um dos inventores com mais talento e menos conhecidos do país. De facto, ninguém à excepção de Marty McFly conhecia sequer as suas realizações, mas isso não tinha importância. Em breve tudo mudaria. Toda uma vida de luta, a ser ridicularizado, tornar-se-ia subitamente dourada.

Olhou em redor da sua oficina, que não era mais do que uma garagem cheia de detritos e equipamento acumulados ao longo de um período de quarenta anos. No número desses acessórios estavam incluídos um motor a jacto, montes de painéis de circuitos, componentes de automóveis que chegavam para construir pelo menos dois carros, um rádio de ondas curtas, uma máquina de discos Seeburg, uma mesa de trabalho com equipamento de soldagem, os restos de um autómato, um frigorífico a funcionar, e dúzias de relógios. Os relógios eram as peças de colecção preferidas de Doc Brown. Tinha de tudo, desde relógios de cuco a modelos digitais -e todos estavam perfeitamente sincronizados.

A presença de tantos indicadores de tempo não era acidental.

O tempo era o mais recente, e talvez último, interesse dominante de Doc Brown. Durante os anos 50, tentara descobrir os segredos da mente humana por meio de uma variedade de instrumentos de leitura da mente. Nenhum resultara. Meia década antes dominara-o a teoria de que todos os mamíferos falavam uma linguagem comum. Alguns outros planos incluíam a noção de que se podia extrair ouro sobreaquecendo a superfície da terra, a de que a idade de cada pessoa estava pré-determinada e podia ser revelada pelo estudo das unhas, e publicara mesmo um artigo em que afirmava poder ser previsto o sexo dos bebés antes da concepção. O facto de nenhum trabalho de Doc Brown levar a qualquer resultado deveria ter sido factor de desencorajamento, mas não fora. Durante os anos 50, 60, 70 e já pelos 80, continuara as suas experiências, ganhando o desprezo permanente como cientista louco de Hill Valley.

Agora, a 25 de Outubro de 1985, estava pronto para a realização. Elaborara todos os elementos da sua teoria de viagem no tempo até ela estar perfeita. Antes do fim do século, cientistas e historiadores usariam o seu invento para explorarem o futuro e o passado, e através dessa exploração contribuiriam para melhorar o presente. O seu ponto de vista quanto ao tempo como dimensão resumia-se na explicação simples que um dia deu ao director do jornal de Hill Valley:

-Penso no tempo como esférico e interminável -dissera.

-Como a casca de uma laranja. Uma alteração de textura em qualquer ponto será ressentida em toda a casca. O futuro afecta o passado e o presente, tal como o passado e o presente afectam o futuro.

-Mas o passado passou e não volta -retorquira o director. -Como pode ser afectado?

-É exactamente essa a questão-retrucara Doc Brown.O passado não desapareceu. Continua lá. E, se conseguirmos encontrar o modo de o penetrar, ficaremos em condições de alterar as coisas que virão a acontecer no futuro.

O director não ficou convencido mas não deixou de publicar a entrevista. Os habitantes de Hill Valley ou não ligaram ao artigo ou se queixaram de que tinha sido desperdiçado espaço valioso a imprimir os dislates de um louco. Em tempos, uma tal publicidade desfavorável ferira-o, mas agora tudo isso ficara para trás.

-Se tudo correr bem... -murmurava enquanto começava a preparar-se para o trabalho da noite.

A frase ficou por terminar. Assobiando baixinho, vestiu lentamente um fato branco protector de radiações, passou o capuz pela cabeça para experimentar a sensação e depois retirou-o, achatando-o contra as costas. Ao olhar para a sua imagem num espelho, pôs ainda mais em desordem o cabelo branco rebelde, talvez contribuindo perversamente para aumentar a sua própria reputação de completo excêntrico.

Encaminhou-se então para a parte da frente da garagem, abriu as portas de trás da enorme caravana em cujo lado estava escrito: EMPREENDIMENTOS DR. E. BROWN -SERVIÇOS CIENTÍFICOS PERMANENTES e espreitou para dentro.

Ainda lá estava, claro. Mesmo à luz difusa da garagem, o elegante DeLorean em aço inoxidável com as suas asas de gaivota brilhou para ele como um gigantesco ornamento de árvore de Natal. Como era apropriado, pensou, que um veículo que transportaria a humanidade até ao passado e ao futuro fosse uma máquina tão extraordinariamente bela. Não havia qualquer dúvida no seu espírito ao fechar as portas:

-Vai funcionar -disse em voz baixa. -E eu vou ser famoso. Só faltava a última verificação de pequenos pormenores em contagem decrescente. Brown encarregar-se-ia disso durante as poucas horas que faltavam para Marty chegar à Alameda Twin Pines e depois, juntos, dariam um passo tão significativo para a humanidade como a descida na Lua em 1969.

Começava a escurecer quando Marty virou a última esquina em frente da sua casa, mas antes disso já sabia que algo estava a correr mal. Luzes intermitentes não costumam ser portadoras de boas-novas a não ser no Natal, e essa festa estava a dois meses de distância. Por entre as árvores que o impediam de ver a casa apercebia-se de que essas luzes eram amarelas. Portanto não era a polícia, pensava-se. Se fosse as luzes seriam azuis e encarnadas. O amarelo era a cor habitual dos reboques.

Tinha toda a razão. Deslizando para o pátio, distinguiu o caminhão de reboque em posição de gigantesco louva-a-Deus junto do caminho de acesso à casa dos McFly. Em seu poder encontrava-se o Plymouth Reliant de 1979, aparentando verdadeira impotência com um conjunto de rodas acima do chão.

Ao aproximar-se, Marty viu que a parte da frente estava completamente esmagada, como se alguém o tivesse conduzido de encontro a um muro de tijolo. Próximo encontravam-se o pai de Marty e Biff Tannen, a observarem em silêncio enquanto o condutor do reboque libertava o veículo danificado.

George McFly tinha quarenta e sete anos, mas parecia muito mais velho a Marty. Homem sem inspiração, geralmente temeroso de tomar a mínima medida com alguma ousadia, não tendo sequer mudado o corte de cabelo em mais de trinta anos, vestia um fato igualmente incaracterístico, comprado quatro anos antes no Sears.

O homem ao seu lado apresentava o mais vivo contraste tanto em vestimenta como em comportamento. Só um ano mais velho do que George McFly, Biff Tannen apresentava descontraidamente um estômago protuberante por cima das calças, atitude que fazia com que o seu vistoso fato de quadrados, anéis extravagantes e correntes de ouro parecessem ainda mais bizarros. Enquanto George McFly era reticente, Biff era barulhento e obnóxio, o tipo de pessoa que fala em voz alta no cinema ou grita epítetos para os jogadores durante acontecimentos desportivos. Era, em resumo, um malcriadão que intimidava, e ninguém

se deixava intimidar mais facilmente que o seu amigo e associado George.

Agora, enquanto Marty se aproximava a patinar, ouvia o conhecido tom de desagrado na voz de Biff ao dirigir-se ao seu pai:

-Não posso acreditar que tenhas feito isto, McFly disparatava Biff. -Não posso crer que me tenhas emprestado o carro sem me dizeres que tinha um defeito. Eu podia ter morrido.

«Diz-lhe que teria sido bom», pensou Marty, «diz-lhe que estaríamos todos melhor se Biff Tannen fosse levado de pés para a frente».

Claro que George McFly não podia fazer frente ao assalto de Biff. Pelo contrário, respondeu em voz fraca:

-Biff, eu não tinha dado por nenhum defeito antes.

-O quê? Estás cego, McFly? Está lá! De que outro modo podes explicar isto?

«Diz-lhe que o condutor não presta», pensou Marty. Se ao menos o pai lhe fizesse frente uma vez na vida!

George McFly olhou para o chão e não deu réplica directa à pergunta irracional:

-Posso partir do princípio de que o teu seguro pagará isto? -indagou. Parecia mais que estava a suplicar.

-O meu seguro? -retrucou Biff agastadamente. -É o teu carro com o teu defeito. É o teu seguro que deve pagar. Eu quero saber quem é que me vai pagar isto a mim.

Indicava o fato manchado

-Entornei a cerveja toda em cima dele quando aquele carro me bateu -continuou Biff. -Quem é que vai pagar a conta da lavandaria? Responde-me a isto, McFly.

Marty não pôde aguentar nem mais um minuto:

-Talvez o juiz, ao saber que ia beber e a conduzir, pague -intrometendo-se.

Os olhos de Biff semicerraram-se:

-Diz ao teu filho que não se meta nisto, McFly ordenou.

George não deu tal ordem, mas foi o mesmo que se o tivesse feito. Tirando a carteira, extraiu uma nota de vinte dólares e entregou-a a Biff:

-Isto chega? -Inquiriu timidamente.

Biff arrancou a nota dos dedos de George e deitou um rápido olhar de triunfo a Marty:

-É um princípio -afirmou.

-Provavelmente dá para comprar dois desses fatos – ripostou Marty.

Biff corou:

-Cala-te -disse.

Depois voltando-se para o seu alvo principal, perguntou ao pai de Marty:

– Onde estão os teus relatórios?

George McFly empalideceu ainda mais do que era habitual à sua compleição escamosa e esbranquiçada:

-Bem, ainda não os acabei -desculpou-se. -Achei, que, como só são para entregar na segunda-feira...

Biff avançou e tocou com o punho na cabeça de George, como se estivesse a bater a uma porta:

-Está? -interrogou. -Está alguém aí em casa? Pensa, McFly, pensa! Tenho de ter tempo para os mandar passar à máquina. Se entregar os meus relatórios com a tua letra, sou despedido.

Marty estava furioso com o pai, «Diz-lhe que faça ele próprio os relatórios», pensou.

Uma vez mais, o pai recuou:

-Está bem -concordou. -Acabo-os esta noite e levo-tos amanhã logo de manhã, se achares bem.

-Mas não vás cedo de mais -resmungou Biff. -Durmo até tarde ao sábado.

Marty afastou-se. Pensava que ia mesmo vomitar. Não só por o tratamento dado por Biff ao seu pai ser sub-humano, mas também porque acabara de se dar conta de que, com o carro destruído, ficava sem efeito o encontro com a Jennifer. Fora o pior de todos os dias possíveis.

Biff Tannen ainda não acabara, porém. Ao virar-se para se ir embora, olhou para baixo:

-Ah, olha, McFly -disse descontraidamente. -Tens um atacador desatado.

-Hum? -Correspondeu George, caindo na esparrela por olhar para baixo para os pés.

Ao fazê-lo, a mão de Biff voou para cima, atingindo George no queixo. Uma gargalhada irritante, fendeu o ar, pois Biff Tannen pusera em prática a sua ideia de uma partida bestial:

-Não te deixes enganar com tanta facilidade, McFly!Oh, pá, em trinta anos ainda não aprendeste nada.

George, confessando-se culpado da acusação pelo silêncio, só conseguiu esboçar um sorriso de circunstância.

Não ligando ao facto de Marty não ter nenhuma consideração por ele, Biff apontou para o seu novo e reluzente Cadillac, estacionado perto, e piscou um olho:

-Olha, garoto -disse, como se não tivessem trocado palavras ásperas. -Que dizes da minha nova pintura?

Marty encolheu os ombros.

Pouco depois, Biff e o seu recém-pintado carro desciam a rua, George McFly começou a andar em direcção à casa. Marty saltou-lhe à frente. Erguendo as mãos, George afastou-se:

-Já sei o que vais dizer, filho, e tens razão -murmurou. -Tens toda a razão. Mas acontece que ele é o meu supervisor, e parece-me que não sou lá muito bom para confrontos.

-Confrontos?! -replicou Marty. -Nem pratica a legítima defesa.

George não respondeu.

-Papá, olha para o carro -insistiu Marty. -Vê o que ele fez ao carro. Quase o destruiu. E depois inventou aquela história do defeito. Culpou-te dos estragos e tu não disseste nada!

-Bem, não se pode discutir com uma pessoa assim -desculpou-se George sem convicção.

-Olha para o carro-continuava Marty. -Está numa lástima. Eu estava a contar com ele para amanhã à noite. Fazes ideia de como era importante para mim, papá? Fazes alguma ideia?

Não sabendo que Marty planeava levar Jennifer no veículo, era impossível que George McFly compreendesse o que o passeio efectivamente significava para ele:

-Lamento, filho -sussurrou. -Só posso dizer que lamento muito.

Para Marty isso não bastava, e os enfurecedores acontecimentos do dia não o deixavam desistir:

-Papá, alguma vez te ocorreu dizeres «não» às pessoas quando elas começam a insistir contigo? Custa assim tanto?

-Filho, sei que tens dificuldades em compreender -disse George com uma calma enfurecedora -, mas o facto é que não sou um lutador.

-Tenta ao menos uma vez, papá -desafiou Marty.Só uma vez, diz «não». N-Ã-O. «Não.» Não vai custar tanto como pensas.

George encolheu os ombros.

«Desisto», pensou Marty, «nem sequer consigo fazer com que diga "não" à ideia de dizer "não"».

George McFly voltou-se, achando mais fácil olhar para a frente danificada do seu carro do que para os olhos acusadores e desapontados de Marty. Invejava outros homens, do tipo másculo, que ensinavam os filhos a lutar, os encorajavam a serem combativos, a defenderem os seus direitos. Esses homens incitavam invariavelmente a sua descendência masculina a participar em desportos organizados, vangloriando-se

quando os filhos ganhavam um grande jogo, tratando os rapazes com arrogância quando eles eram responsáveis pela última jogada.

Pelo seu lado, George McFly ficou secretamente agradado quando os filhos, Marty e Dave declinaram participar em desportos. Pelo menos não teria esse problema emocional. Durante os seus frequentes acessos de silenciosa introspecção, George McFly conseguia dissecar o seu próprio psíquico, pois de facto preocupava-se com a falta de genica de que sofria.

Pensava que tudo tinha a sua origem numa ocasião no ciclo preparatório em que fora abordado pelo terror da aula. Este acabava de socar o seu amigo Billy Stockhausen e durante uma fracção de segundo George ficou tão irritado que viu literalmente o vermelho de que toda a gente fala e escreve. Aproximou-se do fanfarrão de punho cerrado...

E não conseguiu desferir o golpe. O tiranete limitou-se a sorrir com ares superiores e a afastar-se. Desde esse momento, trinta e cinco anos antes, George interrogava-se sobre o que poderia ter acontecido se tivesse completado o seu gesto. A fantasia mais feliz era a de que um único soco teria feito esquecer o terror. Mas mesmo que este tivesse ripostado, ensinando-lhe que um combate é dar e receber, isso não teria sido melhor do que o limbo de cobardia, a atitude de nunca se arriscar em que George se encurralara a si próprio durante todos aqueles anos? Suspirou. Para quê dar-se ao trabalho de reviver aquele momento?... Para quê dar-se ao trabalho de tentar explicar a Marty ou a quem quer que fosse a razão de ser tão derrotista? Ele próprio mal podia aceitar a racionalização mais favorável.

Agora, como para sublinhar o desafio de Marty um momento antes, uma voz chamou-o da janela da casa ao lado. Era a do seu vizinho Howard, um tipo de quarenta anos, estômago proeminente e de costume desagradável, que, como Biff Tannen, só falava com o George quando precisava de alguma coisa ou queria humilhar outra pessoa. De momento tinha menos desprezo na voz, sem dúvida por pretender a ajuda de George:

-Ouça, McFly! -chamava. -A minha filha anda a vender bolinhos das Escuteiras. Disse-lhe que contasse com uma caixa para si.

-Uma caixa? -retorquiu George. -Quantos tem uma caixa?

-Que diferença faz?-atirou Howard em tom de beligerância.

-Doze. Vinte e quatro. Trinta e seis. É por uma boa causa, não é? Ou quer que eu diga à garota que você é um unhas de fome?

-É que... -começou George, para logo encolher os ombros desanimadamente. -Deixe lá. Está bem. Diga-lhe que conte com uma caixa para mim, sejam quantos forem.

Marty abanou a cabeça e foi para dentro.

A irmã, o irmão e a mãe já estavam sentados à mesa de jantar; nenhum deles levantou os olhos quando Marty entrou e se deixou cair para cima da sua cadeira. Por uma vez, agradou-lhe que estivessem tão embrenhados nas suas próprias vidas que não se lembrassem de lhe perguntar como correra a audição musical. Não lhe apetecia explicar por que tinha perdido, nem ver as suas expressões de fingida compunção.

-Outra vez empadão de carne -limitou-se a dizer inexpressivamente.

A crítica não o impediu de dar ao dente. O irmão Dave, de vinte e dois anos, estava sentado em frente, com um uniforme de Burger King. Mantinha um dos olhos fixo no relógio e o outro na comida, que consumia em grandes pedaços, engolindo ruidosamente, como um animal meio esfomeado. À esquerda de Marty sentava-se Linda, de dezanove anos, engraçada no seu aspecto franzino, em parte realçado por usar sempre demasiada sombra nos olhos. Marty tentou lembrar-se de quando a vira pela última vez sem as pálpebras pintadas de púrpura ou verde, mas acabou por desistir. À direita de Marty ficava a querida mãezinha, que ' fora em tempos muito atraente e brilhante. Agora, com

quarenta ' e sete anos, tinha excesso de peso, bebia mais do que seria bom para a sua saúde e tinha mais comida no prato do que qualquer outro membro da família. A refeição, além do inevitável empadão de carne, incluía macarrão Kraft e queijo, salada de vegetais
Birds Eye e puré de batata instantâneo French.

O pai, o último a sentar-se, ligou a televisão para reposição de um velho episódio da série Honeymooners e pôs à sua frente papéis em vez de comida, Marty notou com irritação que ele já estava a começar a fazer o «trabalho de casa» que Biff Tannen tão indelicadamente lhe marcara.

Durante alguns minutos, Marty e Dave divertiram-se a si próprios e um ao outro recitando as frases do episódio antes dos próprios actores na televisão, número que acabou por chatear a mãe:

-Pronto -disse. -Já sabemos que viram isto dezenas de vezes. Mas o pai quer a televisão ligada para esse canal, está bem? Portanto deixem-no divertir-se em paz.

Marty e Dave encolheram os ombros.

O silêncio reinou por um minuto até que a mãe olhou para Marty, sorriu e disse:

-Então, Marty, que tal correu a audição?

Marty expirou pesadamente:

-Perdemos -limitou-se dizer.

Todos tentaram pensar em qualquer coisa para dizer, ou pelo menos todos fingiram pensar.

-É provável que já estivesse tudo combinado -acabou Dave por dizer, e, surpreendentemente, essa afirmação superficial consolou Marty. Isso de

facto era o que ele próprio pensava desde que se realizara o concurso simulado.

-Pode ser -concordou, encolhendo os ombros.

-Provavelmente já sabiam à partida quem ia ganhar -acenou-lhe Dave. -O resto era só para vista.

-Paciência-comentou Linda baixinho, sem levantar os olhos da sobremesa, que era pudim de chocolate Jell-O Instante com cobertura de preparação instantânea e sem marca definida.

-É pena -suspirou a mãe. -Acho que o teu grupo é muito bom. Nem vejo como é que outro conjunto podia ser melhor.

O pai levantou a cabeça do trabalho de casa:

-Acredita no que te digo, filho -atreveu-se a intervir -, é melhor não teres a ralação de te ocupares desse baile da A C M.

-Que ralação? -perguntou Marty friamente.

-Bem, terias de te preocupar em levar para lá o equipamento todo...

-Já fizemos isso montes de vezes -interrompeu Marty. -Não é nenhum problema.

-Teriam de fazer planos alternativos para o caso de alguém adoecer -continuou o pai.

-Nunca ninguém adoeceu.

-Mais uma razão para alguém adoecer agora -insistiu ele. -Depois teriam de se assegurar de que recebiam o dinheiro, distribuí-lo equitativamente por todos, pagar a quotização para o sindicato dos músicos. .

-Bolas -resmungou Marty -, não há dúvida de que arranjas sempre boas razões para não se fazer nada.

Isso não desencorajou minimamente o pai:

-E se fossem tão bons que outras pessoas os quisessem contratar? -prosseguiu. -Então teriam de se preocupar em escalonar os horários em relação à escola.

-Tens razão, papá. Talvez seja melhor eu baixar já à cama. Quanto mais tempo estiver vivo, mais problemas vou ter.

-Acredita em mim, filho, passas melhor sem todas essas dores de cabeça -concluiu o pai.

-Ele tem razão, Marty -acrescentou Dave sardonicamente, assumindo a atitude do pai. -Se há uma coisa de que não precisamos é de dores de cabeça.

Marty deixou finalmente de discutir, embora a desistência o fizesse sentir um pouco como o pai.

Lorraine McFly voltou a sua atenção para Linda, que estava a acabar o pudim:

-Não precisavas de comer isso, sabes muito bem -disse. -Temos bolo.

Linda ergueu as sobrancelhas:

-Que bolo? -indagou.

Lorraine apontou para o bolo de três andares colocado sobre o balcão da cozinha. No cimo estava escrito: BEM-VINDO TIO JOEY. Sobre as letras via-se um passarinho preto a voar para fora de uma janela gradeada. Não era propriamente subtil, mas a situação do Tio Joey não constituía segredo.

-Parece que vamos ter de comer este bolo sozinhos outra vez -sorriu Lorraine amargamente. -Não deram liberdade condicional ao Tio Joey.

-Talvez devêssemos tentar meter uma lima em qualquer coisa -sugeriu Dave.

-É uma vergonha -continuou Lorraine. -Já lhe tinham praticamente garantido que sairia desta vez. Depois houve todo aquele reboliço na direcção prisional. Acho que isto o feriu mais do que tudo. Todos têm interesses a defender.

-Talvez seja melhor assim -comentou Marty. -Se saísse, teria de tomar uma série de decisões. Teria de arranjar emprego e preencher declarações para as Finanças...

-É verdade -corroborou Dave. -Teria de se preocupar em andar de um lado para o outro, em ter dinheiro trocado para telefonemas... Provavelmente é melhor ter de ficar no xadrez.

Lorraine franziu o sobrolho e olhou com irritação para ambos. George McFly não levantou a cabeça do trabalho de casa.

-Gostaria que fossem mais respeitosos -afirmou Lorraine. -É meu irmão, como muito bem sabem.

-Bem, acho que é tremendamente embaraçoso ter um tio na prisão -murmurou Linda.

-Todos cometemos erros na vida, meus filhos -disse Lorraine filosoficamente.

-Sim, mas o Tio Joey cometeu-os uns a seguir aos outros -comentou Dave com um sorriso. -E estando em liberdade condicional. Isso não é só um erro, é pura estupidez.

Lorraine não respondeu. Em vez disso, serviu-se outra vez de puré.

Voltando a olhar para o relógio, Dave limpou a boca e empurrou a cadeira para trás:

-Com mil diabos! -exclamou. -Vou chegar outra vez atrasado.

-Por favor tem tento na língua -avisou-o a mãe.

-Está bem, que raio! -replicou Dave, pondo-se de pé, começando a dirigir-se para a porta da frente. Pouco depois, ouviram o carro a ser posto em funcionamento e a afastar-se ruidosamente. Marty desejou possuir o seu próprio carro, mesmo que fosse um monte de latas como o do Dave. Pelo menos seria independente, se alguma coisa corresse mal, só ele seria o responsável.

-A propósito -disse Lorraine -, aquela garota, Jennifer, telefonou... quer que ligues para ela.

Marty fez um aceno de cabeça.

-Acho que o apelido é Parker.

-Eu sei, mamã.

-Mas podia ser outra Jennifer, não podia?

-Sim, mas de momento não conheço nenhuma outra Jennifer.

-Desculpa -pediu a mãe, reunindo os restos de puré com uma côdea de pão. -De qualquer forma, não creio que goste dela. Uma rapariga que telefona para um rapaz anda à procura de sarilhos.

Marty e Linda trocaram um olhar significativo. A mãe teria perdido o juízo?

-Oh, mãe -sussurrou Linda -, não há mal nenhum em telefonar para um rapaz.

-Bem, eu acho que é terrível -insistiu Lorraine. Raparigas atrás de rapazes -quem é que já ouviu falar numa coisa dessas? Eu nunca andei atrás de nenhum rapaz quando tinha a vossa idade. Nunca telefonei a nenhum rapaz, nem me fiz convidada para encontros ou me sentei dentro de um carro estacionado na companhia de um rapaz...

Que infância tão aborrecida, pensou Marty.

-Porque quando nos portamos assim, os rapazes não nos respeitam, Linda. Pensam que somos fáceis.

Linda rolou os olhos. Já ouvira aquilo centenas de vezes, embora provavelmente até lhe parecesse pelo menos um milhão.

-Então como é que havemos de nos encontrar? -inquiriu.

-Acontece simplesmente -Lorraine sorriu. -Como eu encontrei o papá.

-Mas isto foi tão estúpido! -gemeu Linda. -O avô atropelou-o.

Tinha de ser assim.

Talvez devesses frequentar os bancos dos hospitais -sugeriu Marty.

-Isso não iria servir de nada-assegurou Lorraine, não percebendo o sarcasmo. -Verás, hás-de conhecer o Sr. Maravilhoso de um modo que não podes ser tu a provocar. E também não poderás evitar. É inevitável, tal como o Sol deve nascer amanhã de manhã.

Nem toda aquela metafísica impressionou a Linda:

-Continuo a não perceber o que o papá estava a fazer no meio da rua -comentou.

O pai, indiferente a toda a conversa, não levantou os olhos do trabalho, pelo que a mãe ergueu a voz para lhe captar a atenção:

-Que era, George? -interrogou. -Que estavas lá a fazer? -A observar os pássaros?

George sacudiu a cabeça como uma pessoa a sair de coma:

-Han?-resmungou em voz pastosa. -Disseste alguma coisa, Lorraine?

-Deixa lá.

-Se calhar estava só a pedir boleia desajeitadamente -aventou Marty. De facto nem estava interessado em saber como os pais se tinham conhecido.

Todavia, Lorraine estava interessada em contar a história:

-Fosse como fosse -continuou. -O avô atropelou-o e levou-o para casa. Ele estava completamente inconsciente...

-Como agora -interrompeu Marty.

Lorraine atirou-lhe um olhar de censura:

-Parecia tão indefeso... como um cachorrinho perdido. E o seu coração como que me impeliu para ele.

-Pois, mamã-gracejou Linda. -Já nos contaste um milhão de vezes: Foi «Florence Nightingale parte em socorro».

Lorraine recostou-se na cadeira, de olhos sonhadores devido aos pensamentos e imagens nostálgicos:

-No fim-de-semana imediatamente a seguir -prosseguiu -, saímos pela primeira vez juntos. Fomos à Escola de Dança «Encanto Submarino».

-Submarino?-Voltou Marty a interromper. -Queres dizer que as pessoas iam todas mascaradas de amêijoas ou ostras?

A mãe ignorou-o:

-Nunca o esquecerei -disse. -Foi na noite daquela terrível trovoada. Lembras-te, George?

-De quê, querida? -tartamudeou George McFly.

-Da noite da nossa primeira saída.

-Hum. Estava a chover.

-Nunca houve trovoada pior, nem antes nem depois -exagerou Lorraine. -As pessoas ainda falam dela. Enfim, o vosso pai beijou-me pela primeira vez na pista de dança... e foi nessa altura que eu percebi que ia passar o resto da minha vida com ele.

-Deve ter sido mesmo uma valente trovoada -ironizou Marty.

-Não acredito que o papá arranjasse coragem suficiente para te beijar em público -comentou Linda.

Lorraine corou:

-Bem -disse modestamente -, talvez eu o tenha encorajado um pouco...

-Aposto que quase tiveste de te atirar a ele -sugeriu Marty.

Dizendo isto, acabou de comer, recusou uma fatia do bolo de não-regresso do prisioneiro, limpou a boca e pôs-se em pé. Lorraine mal deu por isso, tão embrenhada estava nos seus pensamentos:

-Pensando bem -recordou -, foi isso: quase tive de...

Não desejando entrar na moderna «conversa obscena», como lhe chamava, deixou que o resto da frase lhe morresse na garganta. Era um fim apropriado, em qualquer caso. Marty ia a meio caminho de sair da cozinha, Linda olhava pela janela para algo que se passava na casa ao lado e George continuava embrenhado nos seus papéis. Lorraine encolheu os ombros e estendeu a mão para a faca mais próxima. Se mais ninguém queria comer o bolo do Tio Joey, ia ela prová-lo. Com um sorriso expectante, talhou uma cunha de dez centímetros, passou-a para o seu pires de café e começou a atacá-la. Tal como a cobertura cremosa se lhe derreteu na boca, assim se evaporava quaisquer ideias de que os últimos trinta anos não tivessem sido senão gloriosos.

CAPÍTULO III

Doc Brown conduziu a venerável caravana para o parque de estacionamento da Alameda Twin Pines pouco depois da meia-noite. Estavam lá mais carros do que ele contara, pelo que se dirigiu para o extremo limite da área asfaltada e ficou à espera.

«Deve ser um filme muito comprido» disse de si para si. Einstein o seu enorme cão, que viera enroscado no lugar de passageiro, deu um salto assim que a caravana se deteve e encostou à janela o nariz molhado.

-Não, Einstein -murmurou Doc Brown. -Ainda não. Temos de esperar alguns minutos, portanto podes encostar-te outra vez.

Einstein bocejou, enrolou a língua de novo para dentro da boca e tentou coçar-se por baixo da coleira que usava. O relógio digital que funcionava a pilhas e estava agarrado à coleira oscilou à luz da Lua, mudou de 00:07 para 00:08 e ficou quieto ao mesmo tempo que o cão, quer por ter satisfeito a sua comichão quer por ter desistido de tentar coçar onde não conseguia chegar.

Poucos minutos depois, dúzias de pessoas saíram ao mesmo tempo do interior do centro comercial e dirigiram-se para os seus automóveis. Uma série de motores a começarem a funcionar, de luzes a acenderem-se e de pneus a deslizarem deu vida durante alguns minutos ao vasto terreno sem árvores. Depois tudo recaiu em silêncio. O ligeiro odor de gases de escape ficou no ar pesado, enquanto as luzinhas desapareciam na escuridão da madrugada.

De novo uma solidão relativa, Brown sentiu-se melhor. As pessoas provocavam nele uma vaga sensação de insegurança. Imaginava sonhadoramente a reacção pública à experiência que ia realizar quando

de súbito se apercebeu de que esquecera um dos mais importantes utensílios a usar.

-Bolas -resmungou.

Felizmente estava em 1985 e não nos velhos tempos, em que teria sido obrigado a procurar uma cabina telefónica algures na alameda. Levando a mão ao porta-luvas, tirou o telefone e começou a ligar.

Marty não estava a dormir, em parte porque tinha a intenção de ir ter com Doc Brown e em parte porque o seu espírito estava repleto de pensamentos negros e inquietantes. No que se referia à Jennifer, claro que o mal já tinha sido feito. Esquecera-se de lhe telefonar. Olhando para o relógio, decidiu que era tarde para lhe dar uma apitadela, especialmente porque não sabia se ainda estaria em casa da avó ou se já fora para a sua. Era possível que se tratasse de uma racionalização devida ao facto de ele ser demasiado preguiçoso. Em qualquer caso, deixou cair o pulso sobre o peito e voltou a fechar os olhos.

À luz do único candeeiro, era possível ver que o ocupante do quarto se interessava intensamente por música rock, carros e reprodução sonora. A cobrir as paredes havia cartazes de estrelas do rock e de carros novos, particularmente Toyotas de tracção às quatro rodas. Um gravador, um sintetizador portátil para uso caseiro e um monte considerável de folhas de música estavam arrumados a um canto, enquanto uma viola-baixo e um amplificador se aninhavam noutro.

Embora estivesse cansado de toda a correria em que andara, Marty não conseguia dormir. Continuou a pensar no comportamento tramado da comissão sectorial e começou a interrogar-se sobre se alguma vez chegaria a algum lado no mundo das gravações. Vinte minutos depois, levantou-se e foi até à secretária junto da cama. Pegou no impresso da R & G RECORDS, já preenchido, para submeter gravações à apreciação da firma releu-o e meteu-o no sobrescrito, juntamente com a cassete de demonstração.

«Vale a pena tentar», pensou. «É só enviá-la.»

Então outro dos seus lados sombrios hesitou. Enviá-la para quê? Para receber outra rejeição? Gastar dinheiro em selos só para poder viver umas semanas de esperança antes de o balão rebentar outra vez?

Encolhendo os ombros, deitou a cassete e o impresso para o cesto dos papéis e voltou a deixar-se cair na cama. O seu espírito, ocupado em pensamentos deprimentes, acabou por o libertar para um sono profundo, que terminou pouco depois da meia-noite.

Trrim. Trrim-trrim.

Marty sacudiu a cabeça e estendeu a mão para o telefone sem fios ao lado da cama:

-Está?

-Não estavas a dormir, não? -perguntou Doc Brown do outro lado.

-Hum, não. Claro que não.

-Tens voz de quem acaba de acordar.

-Estava a pensar -disse Marty: Que se passa Ainda é cedo para eu sair de casa.

-Pois, pois -retorquiu Brown. -Só estava com uma ideia. Esqueci-me do gravador video. Podes passar lá por casa quando vieres para aqui e trazê-lo?

-Não custa nada, Doc. A chave ainda está no mesmo sítio?

-Está. Debaixo do vaso com a planta.

-Não é um sítio muito bom -observou Marty. -Seria o primeiro onde um ladrão procuraria.

-Ainda não fui roubado. De qualquer modo, a casa tem um ar tão desarrumado. Nunca ninguém suspeitaria de que lá está o valor de um bilião de dólares em investigação.

-Está bem, Doc. Vemo-nos daqui a meia hora ou coisa parecida.

-Certo.

Marty desligou, voltou a calçar os sapatos, e agarrou no casaco, na prancha de patinagem e no seu novo Walkman, que levava consigo para onde quer que fosse. Depois voltou junto da cama e meteu umas almofadas debaixo dos cobertores, para parecer que um corpo estava deitado, a dormir profundamente.

Ao mesmo tempo que fazia aquilo, interrogava-se sobre a razão de estar a ter aquele trabalho. Afinal não estava em nenhuma prisão. Não havia guardas a fazerem ronda de hora a hora para contarem as cabeças. Mas de certa forma pareceu-lhe ser o que devia fazer indo sair de casa pela calada da noite.

Assobiando baixinho, fechou a porta atrás de si sem fazer barulho e desceu as escadas em bicos de pés. Depois de sair pela porta da frente, Marty andou meio quarteirão até pousar a prancha de patinagem no chão e a usar. Já tinha aprendido por experiência própria, e muito sofrera com isso, que as pranchas fazem muito barulho no silêncio da noite. Dessa vez, cerca de dois anos antes, saíra furtivamente de casa para ir ter com os rapazes quando a mãe ouvira o som e o perseguira no carro.

Isso não se repetiu agora. Em segurança por já não poder ser ouvido, rolou vertiginosamente pelas ruas escondidas e dobrou esquinas até chegar à garagem delapidada que constituía a casa de Doc Brown.

A chave estava no lugar. Marty agarrou-a, abriu a porta e acendeu a luz do tecto. Ia a meio caminho da mesa de trabalho onde Doc guardava o equipamento de vídeo quando uma súbita cacofonia o fez saltar independentemente da sua vontade. Perfeitamente certos, todos os relógios que davam horas as anunciaram em uníssono: com repiques musicais, sons de cuco, bips dos digitais. Durante dez segundos Marty ficou imóvel, a ouvir até o último mensageiro das horas se calar. Um sorriso inundou-lhe o rosto, pois nunca se cansava de ouvir aquela estranha sinfonia com arranjos e orquestrações do mais fanático guardador do tempo do mundo, Doc Brown.

-Deve ser uma hora -disse Marty baixinho. E de facto era.

Aproximando-se rapidamente da mesa de trabalho, localizou o gravador de vídeo, colocou-o na respectiva maleta, e patinou para fora da garagem de Doc Brown. Dez minutos mais tarde, aproximava-se dos dois pinheiros seguidos que marcavam a entrada da alameda. Ao virar a esquina, localizou a conhecida caravana e dirigiu-se para ela. A atmosfera, iluminada por lâmpadas a vapor de sódio envoltas numa ligeira neblina, tinha o aspecto fantasmagórico apropriado para uma grande experiência científica.

-Doc -chamou Marty ao aproximar-se do camnhião.

Não houve resposta. Einstein, o cão de Doc, espreitou para ele pela janela do lado do passageiro, com os grandes olhos negros amigáveis mas não informativos.

-Olá, Einstein -cumprimentou Marty, apesar de tudo. -Onde está o Doc? Onde está o Doc, pá?

Uns segundos depois, ouviu um motor começar a trabalhar e passar rapidamente a marcha atrás. Parecia vir de dentro da caravana mas não soava como o motor do camião. Provinha demasiado de trás, por um lado, com o ruído a emanar não de debaixo da capota mas de algures a meio do veículo.

Marty começou a andar para a parte de trás da caravana.

No preciso momento em que chegava junto do pára-choques traseiro, ouviu um intenso ruído metálico, um batuque, e viu as portas de trás abrirem-se espectacularmente. A prancha de descida baixou para a sua posição e um gigantesco objecto brilhante desceu para o parque de estacionamento. Era o DeLorean de aço inoxidável, modificado com rolos de arame e alguns acessórios de mau aspecto no motor traseiro. Marty ficou surpreendido a olhar para ele.

O DeLorean aproximou-se suavemente dele e parou. A porta do condutor, em forma de asa de gaivota subiu para revelar a cara sorridente de Doc Brown.

Contudo, Marty mal reparou no amigo. Continuava de olhos fixos no DeLorean, que era diferente de tudo o que alguma vez vira antes. A parte da frente do veículo modernístico era um suave plano inclinado desde o pára-brisas ao pára-choques belo mas nada de impressionante. Do compartimento do condutor para trás, no entanto, o automóvel tinha sido modificado de tal modo que mais parecia algo só visível numa central nuclear. Em vez do banco e da porta de levantar, atrás, estava um enorme reactor nuclear, com dois proeminentes escapes, cada um com oito aberturas. Rodeando o escape e o reactor encontrava-se arame de quinze centímetros que desaparecia por baixo do pára -choques traseiro só para emergir depois e se enrolar em torno da capota. Uma projecção circular de aproximadamente quarenta e cinco centímetros de diâmetro, que Marty soube mais tarde ser o radar, estava sobre o compartimento do passageiro. Diversos cabos pesados percorriam todo o comprimento do carro, desde o motor até às rodas da frente, contribuindo para o seu aspecto de arcano.

Doc Brown permitiu que o seu protegido fitasse o estranho veículo durante um minuto, antes de falar:

-Boa noite, Marty-disse com sorridente formalismo.Bem-vindo à minha última experiência. Esta é a maior... aquela em que tenho trabalhado e esperado durante toda a minha vida.

Marty estava menos interessado na experiência do que no DeLorean. Andando em círculo à sua volta, captou todas as linhas e costuras escondidas:

-É um DeLorean -afirmou. -Mas que lhe fez?

-Só umas modificações -sorriu Doc Brown.

Ao falar, saiu do veículo, revelando-se em todo o seu esplendor de ficção científica. Pensava que devia assemelhar-se a Michael Rennie ao chegar pela primeira vez à Terra No Dia em que a Terra Parou.

-Para que é o fato Devo? -perguntou Marty.

«Que falta de respeito», pensou Doc Brown. Tivera tanto trabalho a preparar vestuário apropriado para a ocasião, e este jovem chamava-lhe fato Devo.

-Tem paciência, Marty -respondeu. -Terás respostas a todas as tuas perguntas na altura devida. Agora, se começares a gravar, vamos prosseguir.

Marty tirou a câmara de vídeo da maleta, colocou-a no tripé e assestou-a para Doc Brown. Ergueu o braço, e depois baixou-o ao mesmo tempo que carregava no interruptor de ligação. Muito formalmente, como o narrador de um documentário, Brown começou a falar:

-Boa noite-pronunciou. -Sou o Dr. Emmett Brown. Estou aqui no parque de estacionamento da Alameda Twin Pines. Estamos na madrugada de sábado, 26 de Outubro de 1985. É 1:19 e esta vai ser a experiência temporal número um.

Baixando o olhar para Einstein, que saltara da caravana e se arrastava nervosamente em redor da parte inferior do DeLorean. Doc acrescentou:

-Vamos, Einstein. Entra, pá.

Obedientemente, o cão saltou para dentro do automóvel e sentou-se magestosamente a meio do lugar do condutor. Doc Brown estendeu a mão e prendeu-o com a trela. Depois, virando-se para Marty, a máquina de filmar e o público invisível, continuou a narrativa:

-Queiram ter a bondade de verificar que o relógio de Einstein está perfeitamente sincronizado com o meu próprio.

Ao dizer isto, colocou o seu relógio digital junto do que se encontrava na coleira de Einstein. Marty, fazendo funcionar a teleobjectiva, deu um grande plano dos dois marcadores horários. De facto, estavam perfeitamente sincronizados.

-Agora -disse Doc Brown -, se conseguirmos mostrar de novo o carro na sua totalidade, verificar-se-á que o cão sozinho no interior do veículo e que o seu relógio marca a mesma hora que o que se encontra no meu pulso. Esta primeira parte da nossa experiência envolverá apenas o elemento canino. Não se prevê qualquer risco mas na antiga tradição da maior parte das suas mais significativas experiências científicas, permitimos que sejam animais os primeiros.

Fazendo uma festa na cabeça do cão, dirigiu-se-lhe:

-Boa sorte, Einie -depois estendeu a mão e pôs o motor em funcionamento. O DeLorean voltou ruidosamente à vida. Brown acendeu os faróis e baixou a porta em asa de gaivota. Só a parte mais alta da cabeça de Einstein era visível acima do nível da janela. Recuando alguns passos, Doc Brown continuou a sua narrativa científica:

-Vou agora controlar o veículo à distância por meio deste aparelho.

Acenou com ele para a câmara, enquanto Marty lhe seguia os movimentos. O aparelho de controlo à distância era semelhante aos usados para conduzir por sinais de rádio os automóveis de brinquedo. Tinha botões denominados «Acelerador» e «Travão», assim como um manípulo e um velocímetro digital com a indicação «Milhas Por Hora». De aspecto simples, era porém bastante sofisticado. Marty não teve dúvidas de que Doc Brown poderia manobrar o DeLorean com o aparelho, mas de momento não fazia a mínima ideia de qual seria o resultado ou produto final. Em vez de tentar decifrar o enigma, decidiu limitar-se a gozar o espectáculo como operador de câmara e membro do público.

Brown ligou o botão da energia e, usando o do acelerador e o manípulo, enviou o DeLorean ruidosamente até ao outro extremo do parque de estacionamento. Aí fê-lo parar instantaneamente, manobrando-o de modo a ficar de frente para eles.

Vendo erguer-se um rasto de fumo quando ele se virou, Marty desejou que nenhum polícia estivesse casualmente por perto. Seria muito embaraçoso para todos se ele fosse obrigado a prender um cão por condução perigosa.

Durante trinta segundos, o carro ficou imóvel, descansando suavemente. A Marty pareceu assemelhar-se a um gato gigantesco, preparando-se para saltar sobre uma incauta vítima.

-Estamos agora em condições de continuar -afirmou Doc Brown. -Se os meus cálculos estiverem correctos -quando o carro chegar às oitenta e oito milhas por hora, verão um espectáculo de arromba.

Subitamente consciente de que a gravação continuava, Doc estremeceu por ter usado uma linguagem tão coloquial. Acrescentou rapidamente e com mais convencionalismo:

-Quando for atingida uma velocidade de oitenta e oito milhas por hora, estranhas coisas devem começar a acontecer nesta fase da experiência

temporal número um. Sempre poderia, raciocinou, fazer mais tarde a montagem com a versão mais aceitável.

Respirando fundo, premiu o botão do acelerador. O parque de estacionamento da Alameda Twin Pines fora seleccionado por ele devido ao seu extremo comprimento -quase um terço de milha -mas, quando o veloz DeLorean de novo começou a avançar ruidosamente em direcção à extremidade da pista negra, ele próprio começou a interrogar-se sobre se seria suficiente.

Partindo como um carro de corrida, com mudanças automáticas, a velocidade registada do DeLorean girou rapidamente para além dos 30, depois 40. Ao chegar aos 60, ele parecia andar a uma velocidade perigosamente excessiva. Marty seguia-o pelo visor, quase deixando uma ou duas vezes que o veículo saísse do enquadramento quando um súbito aumento de velocidade o fazia andar mais rapidamente.

-Sessenta -anunciou Doc Brown. -Sessenta e cinco... setenta... setenta e cinco...

Marty perguntou a si próprio como se sentiria Einstein, lá sentado no seu lugar de prisioneiro, a observar os indicadores e luzes dos instrumentos a brilharem contra o céu negro.

-Oitenta.

Fazendo com que o veículo descrevesse um enorme arco, Doc Brown manobrou-o de modo a que se aproximasse deles com toda a sua potência. Com quase todo o comprimento do parque à sua frente na corrida em sentido contrário, ele não sentia agora qualquer preocupação em carregar no acelerador. O indicador do velocímetro saltou para 85, 86, 87, e finalmente, 88, onde ficou durante um longo segundo, com a agulha a acariciar o número mágico como para dar ênfase à sua importância.

Doc Brown aguardou. Devia acontecer agora, pensou, deveria estar a acontecer naquele preciso seg...

O pensamento não foi completado, antes engolfado por uma experiência de estarrecer.

No meio da sua corrida precipitada pelo centro do parque de estacionamento, o DeLorean foi subitamente engolido por uma luminosidade branca tão intensa que quase cegava. Durante uma fracção de segundo, a silhueta do carro, rodeado por uma coroa de luz, parecia um eclipse do Sol. Depois uma onda de choque e uma explosão de som atingiram Marty e Doc Brown no preciso momento em que o automóvel desaparecia numa enorme trilha de fogo. As brasas, a princípio grandes, foram diminuindo gradualmente de tamanho até só restar uma fenda cor-de-rosa na atmosfera. Então um breve som metálico, parecendo de lata, ecoou pelo parque. A sombra de algo em movimento, algo muito pequeno, tornou-se visível. Com os dedos a tremer, Marty procurou obter um grande plano do objecto.

Era a chapa de matrícula do DeLorean, uma chapa de luxo em que estava escrito: FORA DO TEMPO.

-Que te disse eu? -gritou Doc Brown, com entusiasmo na voz.

-Oitenta e oito milhas à hora! Tal como eu tinha calculado. -Olhou para o relógio. -A deslocação temporal ocorreu exactamente à 1:20 e zero segundos da madrugada.

Marty abanou a cabeça com descrença:

-Deus Todo-Poderoso! -exclamou. -O senhor desintegrou Einstein.

-Não -respondeu calmamente Doc Brown.

-Mas a chapa de matrícula é tudo o que resta do carro, do cão, de tudo.

-Acalma-te, Marty. Eu não desintegrei nada. A estrutura molecular de Einstein como do automóvel está completamente intacta.

-Então onde diabo estão eles? -indagou Marty.

Doc Brown fitou-o com uma serenidade enlouquecedora:

-Não é onde -disse. -É quando.

-Não percebo.

-A pergunta adequada -emendou Doc Brown -não é onde é que eles estão, mas sim quando estão eles. Sabes? Einstein acaba de se tornar o primeiro viajante do tempo no mundo. Enviei-o para o futuro-um minuto de futuro, para ser exacto. E exactamente à 1:21 e zero segundos da madrugada, apanhá-lo-emos... e à máquina do tempo.

Marty continuava sem perceber.

-Estás a gravar isto? -perguntou Doc Brown. Porque, se estiveres, talvez seja melhor apontar a máquina para mim ou para onde estava o carro, em vez de para o chão à tua frente.

Marty sacudiu a cabeça, verificando que tinha deixado que a câmara de vídeo se inclinasse para baixo durante o intervalo de ansiedade e excitação. Endireitou-se, enquadrando Doc Brown.

-Não há problema -disse este, sorrindo indulgentemente. -Ainda temos uns segundos.

-Uns segundos até acontecer o quê?

-Verás.

-Está a tentar dizer-me que construiu uma máquina do tempo com aquele DeLorean? -inquiriu Marty.

Doc Brown sorriu modestamente:

-Como eu vejo a questão -respondeu -, se se vai construir uma máquina do tempo, por que não fazê-lo com estilo e imaginação? Além disso, há um aspecto prático: a construção em aço inoxidável do DeLorean faz com que o fluxo se disperse...

Parou quando o seu relógio digital começou a emitir bips.

-Dez segundos -informou ele. -Mantém a fita a rolar, Marty.

-Nunca parou.

-Cinco segundos. Prepara-te para uma repentina deslocação de ar.

Marty agarrou a câmara com mais força, focando-a para o ponto onde o DeLorean desaparecera.

-Quatro... três... dois:.. um... -Doc Brown fez a contagem decrescente numa voz repleta de expectativa.

Exactamente no momento marcado, um súbito golpe de vento atingiu-os, seguido imediatamente por um ensurdecedor ruído sónico, que fez com que os cabelos se lhes eriçassem. Mal o choque tinha sido registado, logo o DeLorean reapareceu no mesmo lugar onde fora visto pela última vez. Mas não estava parado. Movia-se tão depressa como antes.

-Oitenta e oito milhas à hora! -gritou Doc Brown acima da trovejante onda de ar.

Baixando os olhos para o aparelho de controlo remoto, carregou no botão de travagem, fazendo com que o carro se imobilizasse chiando, com fumo a sair da carroçaria. Doc Brown dirigiu-se imediatamente para o veículo. Marty prendeu a câmara em posição e seguiu-o. Chegou ao DeLorean uns segundos depois de Brown, que abrandara para se

aproximar com cautela. Indicando que Marty devia esperar até ele o ter examinado, tocou ruidosamente no puxador da porta. Para surpresa de Marty e sua própria, retirou a mão com um grito de dor.

-Está quente? -perguntou Marty.

-Não. Está frio. Bestialmente frio -disse Brown, agitando os dedos para trás e para a frente.

Esperou uns segundos até poder levantar a porta do lado do condutor. Einstein espreitou-os do seu lugar, a agitar a cauda contra as costas do assento. Marty sentiu alívio ao verificar que nenhum dano aparente lhe havia sido causado. Doc também ficou satisfeito por a sua mascote estar em boas condições, embora tivesse uma atitude mais clínica. Em vez de acariciar o cão, virou a coleira a fim de poder ver o relógio digital inserido nesta.

Ele marcava 1:20:10. Doc Brown olhou-o e sorriu. O seu próprio relógio marcava 1:21:10.

-Há um minuto preciso de diferença -afirmou triunfantemente. -E o relógio de Einstein continua a trabalhar. Não parou.

-Ele está bem? -quis saber Marty.

-Parece-me óptimo.

Brown desafivelou a trela. Einstein saltou para fora do carro, brincalhão e feliz. Doc Brown tirou da algibeira um osso de borracha e deu-lho como recompensa:

-Um preço muito pequeno para pagar por uma investigação de valor incalculável -comentou.

-Tem a certeza de que ele está bem?

-Tenho -retorquiu Brown. -E ignora completamente que alguma coisa tenha acontecido. Pela parte que lhe toca, a viagem foi instantânea. É por isso que o relógio dele está atrasado um minuto em relação ao meu. Passou por cima" desse minuto para chegar instantaneamente a este minuto no tempo ..

Vendo que Marty franzia o sobrolho, Doc Brown indicou-lhe que se aproximasse do Delorean:

-Vem cá, deixa-me mostrar-te como funciona -ofereceu-se, enfiando a própria cabeça na cabina do automóvel.

Marty aproximou-se de lado e olhou para dentro, para o conjunto de mostradores e aparelhos ainda a acender e a apagar. Como uma criança a mostrar orgulhosamente um brinquedo novo, Doc Brown começou a ligar interruptores e a falar ao mesmo tempo:

-Primeiro ligam-se os circuitos de tempo -disse. Uma colorida bateria de indicadores luminosos acendeu-se quando ele carregou num botão. -Este indicador diz para onde vamos, este onde estamos, e este onde estávamos -continuou.

Marty olhou atentamente para os indicadores. Estavam marcados como TEMPO DE DESTINO, TEMPO PRESENTE E MOMENTO DA PARTIDA.

Sem esperar por eventuais perguntas de Marty, Brown continuou a um ritmo rápido:

-Marca-se o tempo de destino neste teclado -informou. -Queres ver a assinatura da Declaração de Independência?

Marty olhava perplexo, com a mente num turbilhão. Ele estaria a brincar? Aquela máquina, por mais sofisticada que fosse, conseguiria realizar tais milagres?

De novo sem esperar por resposta, Doc Brown marcou uma data no teclado do tempo de destino: 4-7-1776:

-Depois só precisamos de nos dirigir a Filadélfia. Ou -talvez gostasses de testemunhar o nascimento de Cristo.

Dito isto, mudou o mostrador para 25-12-0.

-Claro -acrescentou didacticamente -que há alguma discussão quanto a essa data. Alguns estudiosos afirmam que Cristo nasceu no ano 4 a. C. e que alguém se enganou no ano durante a Idade Média. Mas supondo que 25-12-0 esteja correcto, só teríamos de encontrar o caminho para Belém.

-Nada complicado -comentou Marty.

Já perfeitamente embrenhado na descrição dos mecanismos do seu sistema, Doc Brown mudou o TEMPO DE DESTINO para 5-11-1955: .

-Ora aqui está outra data marcante na história da ciência e do progresso -prosseguiu: -5 de Novembro de 1955. Creio que era sábado. Sim, pensando bem, tenho a certeza de que era. O tempo estava um bocado cinzento.

-Que aconteceu nessa data? -indagou Marty. Era mais de uma década antes de ele ter nascido, pelo que só podia especular. -Foi a vacina Salk ou alguma coisa assim?inquiriu, recordando-se das aulas de Ciências de que a cura da poliomielite datava aproximadamente dessa época.

-Não -continuou Doc Brown. -É uma data marcante na ciência e de que ninguém sabe nada -por enquanto. Ninguém a não ser eu, claro. Sabes? Foi nesse dia que inventei as viagens no tempo...

-Então hoje o que é? -interrompeu Marty.

-Hoje é a prática, a execução -afirmou Brown sorridente.

-5 de Novembro de 1955 foi o dia da concepção, o momento em que tudo se juntou numa teoria que eu soube poder funcionar. -Encostou-se à brilhante estrutura do DeLorean, com os olhos húmidos de feliz nostalgia. -Lembro-me perfeitamente -disse. -Estava de pé sobre a borda da sanita a pendurar um relógio. A porcelana estava molhada. Escorreguei e bati com a cabeça no lavatório, à minha esquerda. E, quando recuperei os sentidos, tive uma revelação -uma visão absolutamente perfeita -uma imagem na minha cabeça de tudo o que precisava de fazer e de como o podia fazer. Fez um gesto para abarcar o automóvel:

-Acredites ou não, vi isto -continuou. -O meu sonho, ou alucinação ou o que quer que fosse continha uma imagem disto.

-Extraordinário -comentou Marty, de olhos abertos num espanto sincero. Conhecia a sensação. Uma vez acordara a meio da noite com a letra e a melodia de uma canção literalmente a tocar dentro da sua cabeça. Só precisou de arranjar papel e fazer o ditado. Isso não era nada em comparação com um avanço científico como a invenção das viagens no tempo, mas o impacte emocional devia ser semelhante.

Inclinando-se dentro do DeLorean. Doc Brown apontou para uma determinada unidade central:

-Grava uma imagem disto -pediu.

Marty assestou a câmara para o objecto de aspecto estranho. Movendo a cabeça para o seu lado, de modo a poder aparecer na imagem e ao mesmo tempo descrever o funcionamento, Doc' Brown continuou em tom profissional:

-Isto é o que torna possível viajar no tempo -o capacitador de fluxo.

-Capacitador de fluxo, hum? -repetiu Marty. -É o nome verdadeiro ou foi inventado por si?

-É o nome lógico aplicado por mim quando decidi descrever a sua função em uma ou duas palavras. Qualquer cientista brilhante teria chegado aproximadamente ao mesmo nome se tivesse tido a oportunidade.

Marty riu interiormente da falta de humildade do homem. Todavia, isso não fez com que deixasse de gostar dele. De facto até achou que era algo de encantadoramente refrescante.

-Gastei quase trinta anos e toda a minha fortuna de família a tornar realidade a visão daquele dia em que caí da sanita... Meu Deus, foi assim tanto tempo? Trabalho nisto exactamente...

Meteu a mão no bolso interior do casaco e retirou uma pequena máquina de calcular. Premiu rapidamente alguns botões e disse logo:

-Trabalho nisto há vinte e nove anos, onze meses e 355 dias. Excluindo férias, claro, e algumas semanas afastado devido a doenças sem importância. Pensem só! Quase trinta anos. É espantoso. Não há dúvida de que as coisas mudaram durante este tempo. Tudo isto era terreno de cultivo aqui, até onde a vista podia abarcar...

Desviou a vista para o horizonte, agora dominado pelos enormes armazéns do centro comercial e com os candeeiros a vapor de sódio alinhados na periferia da visão como ornamentos de mau gosto:

-Mal posso crer que se foram -murmurou.

-O quê?

-A quinta... os anos...

Pareceu subitamente muito triste.

Marty tentou afastá-lo desse estado de espírito. Dando uma palmada no lado do DeLorean, disse:

-Isto é de luxo, Doc. Impressionante.

O cumprimento provocou uma alteração na atitude de Doc Brown. Os seus olhos voltaram ao presente, desanuviando-se e tornando-se instantaneamente mais brilhantes e vivos:

-Sim, tenho orgulho nele -e sorriu.

-Anda com gasolina normal, sem chumbo?-perguntou Marty.

Doc abanou a cabeça e o seu sorriso alargou-se:

-Infelizmente não -redarguiu. -A princípio tentei. Esse era um sonho que não podia tornar-se realidade: ter este aparelho a andar económica e simplesmente. Talvez no futuro, mas de momento exige algo com um pouco mais de potência.

-Refere-se à energia atómica? -conjecturou Marty.

Confirmando com um aceno de cabeça, Doc Brown indicou um contentor que tinha pintados sinais de radiactividade a púrpura.

-Plutónio? Quer dizer que este menino é nuclear?

-Basicamente eléctrico -respondeu Doc Brown.Mas preciso de uma reacção nuclear para gerar os 1,21gigawatts de electricidade de que necessito. O capacitador de fluxo armazena-a e depois descarrega-a de uma só vez, como um gigantesco relâmpago. É mesmo muito eficiente.

-Espere lá, Doc -interveio Marty. -O plutónio é ilegal. Desviou-o?

-Claro. De que outro modo pode um cidadão comum chegar ao plutónio?

-Roubou-o mesmo?

-É uma forma de dizer. Ou seja, outra pessoa roubou-o para mim. Não, não é bem assim. Uma pessoa que já o tinha roubado deu-mo.

-Deu-lho? -desabafou Marty. -Quer dizer que alguém lho ofereceu sem mais nem quê?

-O que és tu? Um agente federal? -Doc Brown sorria. -Olha, eu não quero que saibas demasiado. Podia ser mau para ti. Tudo o que posso dizer é que alguém tinha este plutónio e mo deu para outro projecto. Considerei esse projecto não só menos importante do que o meu mas até perigoso para o futuro da sociedade. Portanto matei dois coelhos de uma cajadada só, transferindo o plutónio desse projecto mau para o meu, progressivo e bom.

-Não anda a baralhar o nosso programa espacial, pois não?

-Nada que se pareça -retrucou Doc com falso ar de santidade. -Considero a conquista do espaço um programa benéfico. Talvez programa não seja a melhor palavra, mas asseguro-te que sou inteiramente a favor. Agora, por favor, não insistas mais. É para teu próprio bem que não deves conhecer mais pormenores.

-Está bem -suspirou Marty.

-Agora, antes de prosseguirmos, temos de te proteger -afirmou Doc.

Avançou a passos largos até à caravana e tirou de lá um fato protector de radiações em amarelo:

-Veste isto -disse.

Marty fixou a câmara de video e meteu-se no fato. A noite arrefecera e soube-lhe bem uma camada extra de roupa. Com o capucho posto, sentiu-se totalmente divorciado do resto do mundo, como um mergulhador de profundidade no fundo do oceano. Trabalhando

lentamente, Doc Brown tirou um cilindro de dez centímetros da caravana, manejando-o com grande delicadeza. Marty percebeu que dentro da cápsula tinha de estar uma barra de plutónio, rodeada de água, a nova fonte de energia para o veículo do tempo. Depois de aproximar o DeLorean alguns centímetros do camião, para que o plutónio não tivesse de ser transportado mais longe do que o estritamente necessário, Marty voltou à câmara de video e repô-la em funcionamento quando Doc Brown estava a atingir a parte de trás do carro e a colocar o cilindro de plutónio no respectivo depósito. Selou então este e atirou para trás o capuz do seu fato protector de radiações:

-Já estamos em segurança -informou sorrindo. Tudo está coberto de chumbo.

Marty tirou o seu próprio capuz e ficou à espera das instruções seguintes de Doc Brown.

-Assegura-te de que apanhas a minha partida -continuou este a sorrir. -Seria uma pena que gravássemos tudo menos isso.

-Para onde se dirige?

-Para o futuro.

-A que distância?

-Bolas -resmungou Brown, fazendo estalar os dedos. -Quase me esquecia da bagagem.

Dirigiu-se rapidamente de novo à caravana, pegou numa mala de viagem e voltou para o Delorean:

-Quem sabe se no futuro haverá roupa interior em algodão? -comentou. -Sou alérgico a todas as fibras sintéticas. Seria bastante desagradável encontrar-me no futuro com uma terrível erupção de pele.

-Tem a certeza de que é seguro? -indagou Marty.

-A minha máquina trabalha -retrucou Doc Brown. Acabaste de ver isso, não?

-Quero dizer, tem a certeza de que o futuro é seguro?

Imagine que vai direitinho à bomba! Ou a uma sociedade de autómatos que o faça prisioneiro. Pelo menos sabe que o passado é seguro. Ninguém lá tem melhor equipamento do que o senhor. Mas o futuro...

Doc Brown sorriu, comovido pela preocupação do jovem com a sua segurança:

-O que dizes faz sentido -admitiu. -Pensei bem no assunto quando estava a considerar onde devia ir primeiro. Mas sempre sonhei muito mais em ver o futuro do que em refundir o passado. Gostaria de ver para onde a humanidade se dirige, se para cima se para baixo. E além disso -acrescentou com uma risadinha matreira -, se avançar um quarto de século, posso saber quem ganha os próximos vinte e cinco Campeonatos e Super Taças. Não será uma boa informação para ter quando for velho?

Marty concordou de cabeça:

-Bem, procure-me quando lá chegar e eu informo-o dos pormenores do que tenha estado a acontecer -disse.

-Procuro mesmo.

Aclarando a voz, Doc voltou a assumir uma atitude mais séria ao dirigir-se à câmara:

-Eu, Dr. Emmett Brown -começou -, estou prestes a embarcar numa viagem histórica...

Einstein começou a ladrar furiosamente. Brown deteve-se a meio da frase. Que seria? -Um guarda da segurança do centro comercial, um gato, ou algo pior?

Ouviu o barulho do motor antes de ver os faróis. Então uma súbita viragem do veículo fez com que estes os iluminassem directamente, duas luzes a subirem e descerem à medida que o carro saltava na zona de desaceleração que conduzia ao centro comercial, a quase meia milha de distância. Podiam ser adolescentes numa surtida, mas algo no completo desespero e finalidade do veículo disse a Doc Brown que o pior tinha acontecido.

Marty deixou de gravar com a câmara e ficou a olhar para ele através do visor. A cara do homem estava cor de cinza, a boca entreaberta, e respirava arfando. De facto exibia todos os sintomas de choque, à excepção da tendência para desmaiar, e essa podia estar iminente. Prendendo a câmara, Marty deu a volta, preparado para ajudar Doc Brown conforme pudesse.

-Que é? -sussurrou.

Doc pareceu não o ouvir. Os seus olhos penetrantes continuavam a seguir o avanço do veículo, que se movia naquela direcção aproximada. Uma ligeira curva para um dos lados revelou pouco depois que não se tratava de um automóvel vulgar nem sequer de um carro da polícia. Só não constituía um paralelepípedo por ter uma capota de motor mais inclinada, mas era uma carrinha de aspecto aterrador, escura, com janelas que pareciam ter sido enegrecidas por pintura ou pela instalação de cortinas.

-Tens razão, Einie... -disse finalmente Doc Brown afagando a cabeça do seu cão. -São eles.

-Quem? -Inquiriu Marty.

Doc Brown pareceu não o ter ouvido.

-Encontraram-me-murmurou. -Não sei como, mas encontraram-me.

CAPÍTULO IV

Pouco depois das três da tarde do dia 26 de Outubro de 1985 o homem moreno que era conhecido apenas por Sam recebeu mensagem em código do seu superior hierárquico. Enquanto lia, a sua ira aumentava, até os mal-humorados olhos escuro lhe brilharem vingativamente.

-Fomos logrados -limitou-se a dizer aos quatro homens e uma jovem que estavam sentados no sujo quarto de motel à espera de instruções.

Enquanto falava, puxou violentamente para trás o fecho da sua metralhadora A K 47, pousou a arma em cima da mesa ao seu lado e começou a procurar qualquer coisa numa pasta.

-Estamos sempre a ser logrados-afirmou a jovem. Não somos suficientemente implacáveis. Se o mundo soubesse que matamos quem se nos opõe em vez de negociar e tergiversar, seríamos imparáveis. Pelo contrário, somos considerados palhaços com armas.

Sam já ouvira aquilo antes. A sua própria carreira como terrorista internacional datava de havia quase trinta anos sempre houvera um membro da organização que só queria mortes. Por vezes era o membro mais jovem, ansioso por mostrar aos outros como era duro; agora tratava-se de Uranda, ex-manequim de vinte e cinco anos, vinda de Damasco, que se divertia a enfiar balas nos corpos dos outros.

-Não te preocupes -rosnou Sam. -Desta vez não vamos tergiversar. Só haverá um morto, mas estará bem morto, quando o despacharmos.

Tirou umas folhas da pasta. Tratava-se de um processo com a fotografia a cores de Doc Brown, dez páginas dactilografadas a um espaço com um resumo das suas antigas actividades e hábitos, e um mapa da casa e da área em que trabalhava. Sam recebera o processo uma semana antes, quando parecera que talvez não fosse de confiar tanto em Brown quanto a organização desejara. A confirmação da duplicidade de Doc Brown chegara nessa manhã, seguida da decisão de o eliminar. Sam pôs a fotografia colorida em cima da mesinha e indicou que os outros a deviam estudar.

-Que fez ele? -perguntou Uranda. -Não que isso tenha importância. Tem ar de judeu.

-Contratámo-lo para fazer uma bomba nuclear.

Os olhos da jovem brilharam de excitação.

-Roubámos plutónio e demo-lho. Ele atrasou-se o mais possível e só nos deu a arma quando o ameaçámos.

-Então? -Interveio outro membro do grupo.

-A bomba não era mais do que uma caixa com peças gastas -informou Sam.

Uranda fez rolar os olhos para trás, mas, no momento seguinte, um ar de feliz antecipação apoderou-se-lhe das feições.

-Matá-lo-emos esta noite -continuou Sam. -O quartel-general decidiu que não valia a pena levá-lo para interrogatório. Vocês dois sigam-no o resto do dia. É provável que apareça na garagem que usa como gabinete ou na Alameda Twm Pines. Ultimamente tem lá passado muito tempo, e costuma ser pela noite dentro.

-Anda armado?

-No máximo de pistola. Um velho revólver de calibre 45. Talvez nem funcione.

Agora Marty contemplava a carrinha negra a dirigir-se rapidamente para eles. O seu terror era completo, embora não fizesse ideia de quem ou o que ia naquela direcção. Em momento tão inoportuno, algo de terrivelmente perverso manifestou-se nele -estava determinado a saber, se se tratava da morte a aproximar-se, quem vinha por trás dela:

-Quem vem naquele carro? -Gritou.

Doc Brown não tinha tempo para uma explicação complicada. A mão de Marty agarrou-lhe a manga com tanta força que ele teve de rodar como um pião para se libertar. Ao fazê-lo, berrou por cima do ombro:

-Os líbios que eu defraudei!

Marty não percebeu, mas sabia que até então tinha ouvido falar em poucos líbios que não estivessem envolvidos em negócios escuros e perigosos. O efeito foi o de alguém a gritar «Fogo!» num teatro apinhado. Marty acreditou e reconheceu sem mais investigações que o caso estava feio.

Atirando o corpo para um lado, procurou com a vista o objecto sólido mais próximo que pudesse
proporcionar-lhe protecção. As únicas duas hipóteses eram a caravana e o DeLorean. Doc Brown já se dirigia para aquela.

-Corre para salvares a vida, Marty! -gritou-lhe.Eu atraio o fogo deles.

Simultaneamente, atirou-se para dentro do camião, aparecendo um momento depois com um revólver. Por essa altura, a porta lateral de carrinha negra abrira-se deslizando e um tipo moreno, parecido com Yasser Arafat, inclinou-se para fora.' Levantou uma metralhadora A K 47 e abriu fogo.

Marty nunca tinha sido alvejado antes, embora uma vez tivesse sido apupado durante um jogo de baseball. O efeito era vagamente semelhante. Parecia-lhe mover-se em câmara lenta, como uma figura indefesa numa câmara de eco em que reverberasse um som agudo. O horizonte com os seus objectos familiares – estacas, candeeiros, armazéns -parecia terem desaparecido, deixando-o encurralado num globo de fluido negro. Dois únicos sons -metralha e a sua respiração - competiam; ambos enorme e metalicamente aumentados pelo pânico.

Viu Doc Brown apontar o revólver para a carrinha e puxar o gatilho. Não emergiu qualquer som ou relâmpago de fogo, todavia enquanto as balas chapinhavam a toda a volta de Doc, aos seus pés e no lado da caravana. Por fim, deixando cair o revólver, Doc começou a correr para a segurança do centro comercial, bem a quatrocentos e cinquenta metros de distância.

A carrinha guinchou até se deter, recuou e começou a perseguir Brown. Doc não teria avançado mais do que uns escassos quarenta e cinco metros na direcção do edifício mais próximo, quando a carrinha negra partiu atrás de si.

-Não! -exclamou Marty. -Doc! Espere!

Mesmo ao gritar as palavras, Marty sabia que o seu conselho não era grande coisa. Estes líbios desesperados iriam alguma vez demonstrar piedade se Doc Brown se rendesse de repente e mendigasse a própria vida? Era improvável na melhor das hipóteses, mas algo em Marty o obrigou a esperar o impossível.

Durante um longo momento, permaneceu parado, dardejando os olhos para um lado e para outro, na procura desesperado de algo que pudesse ajudar o seu amigo. Depois, enquanto ainda procurava, uma nova barragem de metralha e um grito disseram-lhe que não valia a pena. Virou-se a tempo de ver Doc Brown levar espasmodicamente a mão ao peito, inclinar-se num ângulo muito agudo e cair para a frente, batendo com a cara no chão.

-Filhos da mãe! -Marty ouviu-se berrar. A voz quase parecia vir de trás, passando por ele como um vento frio, ecoando no enorme parque vazio.

A carrinha negra fez uma inversão de marcha, passando a avançar na direcção de Marty. Doc estava imóvel, com o tornozelo esquerdo dobrado num estranho ângulo. Não havia dúvidas no espírito de Marty de que estava morto.

Ele próprio também seria morto se não fizesse qualquer coisa. Por um momento pensou em dirigir-se para a caravana. Era grande, lenta e difícil de manobrar, mas pelo menos sabia conduzi-la. A sua mente, a funcionar agora rapidamente, rejeitou esse recurso como suicida. Nunca chegaria ao fundo da alameda naquele camião desconjuntado. Era melhor morrer, se tal fosse o seu destino, num ímpeto de glória, ou pelo menos num veículo imóvel mas que tinha muita classe.

Arrebatando a câmara de video -para o caso de precisar de provas referentes à morte de Doc -, Marty atirou-a para o DeLorean, depois saltou para dentro e baixou a porta em forma de asa de gaivota. Olhou em volta, perplexo. Estava rodeado de luzes a acender e a apagar, mas não via em parte nenhuma um mecanismo para pôr o automóvel em funcionamento. Entretanto, enquanto hesitava, a carrinha preta aproximava-se ruidosamente, passando-lhe à direita a uma distância que não excedia os três metros. Enquadrado pela porta estava o líbio moreno, com a metralhadora. Marty pensou ter visto a sombra de um sorriso quando ele lhe fez pontaria com a arma e puxou o gatilho.

Não se ouviu qualquer som. Marty, curvado em posição fetal, pestanejou e olhou para fora da janela. A carrinha já estava a seis metros de distância e a abrandar, com o líbio a praguejar e a bater com o punho na metralhadora, que obviamente não disparara. Uma grande algaraviada de fúria, sem dúvida constituída por pragas líbias, invadiu a noite.

-Parte! -berrou Marty.

Olhou para o conjunto de interruptores e mostradores da consola com incompreensão aterrorizada. Qual seria o segredo? Um botão? Algo do género de um código digital? Os seus olhos voavam de um lado para o outro, a tentar localizar a solução do mistério.

Quando finalmente resolveu o problema, era tão simples que ele quase soltou uma gargalhada. Ali na coluna do volante, precisamente como em qualquer vulgar carro não sofisticado, estava o interruptor da ignição e uma chave.

-Diabos me levem! -resmungou Marty.

Ao falar e estender a mão para a chave, ouviu o guincho de pneus que lhe indicou ir a carrinha negra de novo em direcção a ele. Pondo o DeLorean em funcionamento, Marty carregou na embraiagem e no acelerador. A resposta do veículo foi ainda superior ao que ele esperava. Pareceu saltar para a frente como se tivesse recebido um pontapé na parte de trás. Por um momento, viu a carrinha líbia como uma massa negra no canto, esquerdo da sua visão, mas logo ela recuou tão rapidamente que ele ficou a pensar se essa presença não teria sido uma miragem provocada pelo seu próprio temor.

De facto, se o condutor líbio não tivesse virado ao contrário ao fazer a inversão de marcha, Marty teria sido alvo fácil do artilheiro. Mas, em vez de voltar à direita, o motorista inclinara-se para a esquerda, fazendo com que quase chegassem a par do DeLorean com a porta aberta do lado oposto ao de Marty. Quando o erro foi rectificado, o DeLorean já ia a grande velocidade, afastando-se rapidamente do seu perseguidor.

Marty deitou uma olhadela pelo espelho retrovisor no preciso momento em que o artilheiro fazia pontaria. Desviando-se violentamente, Marty viu as balas abrirem buracos no asfalto atrás, à sua esquerda, mas não teve tempo para se congratular.

À sua frente acabava o parque do centro, e ele aproximava-se a setenta e cinco milhas à hora. Os faróis iluminaram a guarda metálica, avisando-o

de que em menos de dois ou três segundos a saltaria, mergulhando na ribanceira. Atrás, os faróis saltitantes da carrinha negra copiavam-lhe todos os movimentos. Marty agarrou o volante com mais força, fingiu ir virar à esquerda e, invertendo repentinamente a direcção, fez com que o carro rodopiasse para a direita. Os pneus guincharam, atiraram cascalho para as guardas e o pára-brisas, mas não derraparam, completando a volta e permitindo que Marty se afastasse ruidosamente da carrinha a patinar. Ao fazê-lo, voltou a carregar no acelerador, vendo o velocímetro passar de 50 para 75 num movimento rápido, quase um espasmo. Mas o condutor líbio também não era nenhum trouxa. Apesar de ter menos potência e capacidade de manobra, conseguiu virar rapidamente e acelerar ao ponto de ficar uns meros dezoito metros atrás do aerodinâmico DeLorean.

-Está bem -murmurou Marty. -Daqui para a frente vai ser só velocidade.

Baixou o olhar para o velocímetro quando o DeLorean passava, atroando os ares, pelo corpo imóvel de Doc Brown. Marcava 80. Ao passar pela caravana, já ia em 85 e os líbios não davam sinais de desistirem.

-Pronto, filhos da mãe -assobiou Marty. -Vamos ver se chegam aos noventa!

Atrás, o fogo da metralhadora crepitava, e algumas balas aterraram à frente dele, fazendo com que a estrada faiscasse e bocados de asfalto embatessem na capota. Distraído, Marty olhou para a direita demasiado tarde. Durante uma fracção de segundo, teve a possibilidade de virar à direita, passar os portões de entrada e talvez bater a carrinha em velocidade na estrada. Essa fracção de segundo passara. Em frente ficava a extremidade oposta do parque de estacionamento, outra guarda metálica e, verificava ele agora, menos área onde dar a volta.

Deveria arriscar agora? Isso daria aos líbios um melhor ângulo para o atingirem, mas também lhe permitiria tentar a corrida para a entrada. Enquanto considerava o seu dilema, Marty olhou para o
velocímetro. Marcava: 88.

Por trás da sua cabeça, manómetros e indicadores começaram a iluminar-se, linhas de dígitos formaram-se e desapareceram sobre o tablier e soou algo como uma sirene. Que fizera ele? Rebentara algum fusível? Levara o motor a ultrapassar os seus limites? Tocara em alguma coisa em que não devia mexer?

Percorreu rapidamente com os olhos o tablier, à procura da chave do mistério. Ao fazê-lo, teve súbita consciência de um objecto enorme que se erguia à sua frente, um objecto que não estivera na sua linha de visão um momento antes. Levantando a cabeça, não viu a guarda metálica nem os candeeiros em arco do centro comercial Twin Pines -mas sim a cara de um espantalho!

-Que raio...

Tão abruptamente como aparecera, o espantalho desapareceu, com a sua cabeça mal feita esmagada contra o pára-brisas – e a desfazer-se num jacto de palha. Então surgiu outro objecto um grande edifício quadrangular. Simultaneamente, o carro começou a andar aos altos e baixos, como se tivesse passado abruptamente de uma estrada lisa para outra de paralelepípedos ou para um terreno arado.

Quase atirado para o lugar do passageiro, batendo uma vez com a cabeça no tejadilho, Marty pouco mais podia fazer do que agarrar-se ao volante com quanta força tinha. Entretanto, o edifício à frente fez desaparecer completamente o céu mais claro que ficava por trás, até não serem visíveis senão variantes de negro e cinzento. Tendo um instante para manobrar, Marty dirigiu o DeLorean para o quadrado mais claro que ficava em frente, preparando-se para o embate que não se deu. Em vez disso, como se estivesse a cair por um poço, a negrura envolveu-o por todos os lados. Carregando nos travões, Marty sentiu o carro desacelerar até ir bater em qualquer coisa, fazendo com que ele voasse contra o tablier. Ao mesmo tempo algo aterrou no tejadilho com um estrondo enorme.

O ar rodeava o DeLorean imóvel estava cheio de flutuante pó amarelo. Marty pestanejou, tentando orientar-se num ambiente novo, que parecia tê-lo arrebatado pelo ar do parque de estacionamento do centro comercial. Gradualmente, os objectos começaram a tomar forma - pranchas verticais, fardos de palha, um ancinho. Tudo aparecia alternadamente iluminado e às escuras, o que intrigou Marty até ele perceber que as luzes de aviso do DeLorean tinham sido arrancadas. Ao longe, ouviu um cão a ladrar.

-Que diabo-pronunciou Marty lentamente. -Estou num celeiro. Como terei vindo cá parar?

O serão não fora agradável para Otis Peabody. Com quarenta e cinco anos, costumava chegar a casa depois de um dia de trabalho na quinta extremamente cansado e nada disposto a ouvir críticas e pedidos da mulher e dos filhos. O que mais desejava era sentar-se a descansar depois de uma boa refeição, ler o jornal da manhã e deixar-se dormir. A primeira má notícia que recebera ao entrar fora que a bateria do carro estava gasta.

-Podemos mandá-la recarregar -dissera sucintamente, dirigindo-se para a mesa de jantar.

Elsie, sua mulher havia dezassete anos, abanou a cabeça:

-Mart Peterson diz que já não dá-replicou. -Santo Deus, está lá desde que comprámos o carro há seis anos, portanto já é altura de se esgotar.

-Quanto custa uma nova? -perguntou Peabody.

-Bem, as dele são caras -disse Elsie -, mas há em saldo no Sears. Uma bateria de quatro anos custa $14.95.

-Ridículo -resmungou Peabody. -É demais. Pergunto a mim próprio quanto custarão as que não estiverem em: saldo.

-Então? -inquiriu Elsie. -Deixas o dinheiro amanhã para eu a poder ir comprar?

Peabody concordou com um aceno de cabeça, suspirou e preparou-se para se sentar.

Martha, a filha de catorze anos, e Sherman, de onze, escolheram aquele momento para acrescentarem os seus pedidos do dia. De facto, havia quase um mês que andavam a maçar o pai para que comprasse um aparelho de televisão. Toda a gente do condado tinha um excepto eles, ao que parecia.

-Pode comprar uma televisão? -Martha sorria.Por favor, paizinho. De qualquer forma vamos ao Sears por causa da bateria.

-Não -respondeu Peabody sem rodeios.

Os garotos estavam preparados para uma reacção negativa. Em vez de desistirem, embrenharam-se numa litania de programas maravilhosos que poderiam ver -Ed Sullivan, The Mickey Mouse Clube, Colgate Variety Hour, The Cisco Kid, Ozzie and Harriet, uma lista interminável.

-Só tretas -afirmou o pai.

-Não é justo -choramingou Martha. -Alguns dos nossos professores mandam ver televisão como trabalho para casa.

Peabody encarou-a com cepticismo.

-É verdade. Peggy Ann McVey limitou-se a tirar notas das notícias acerca do ataque de coração do presidente Eisenhower entregou-as como uma redacção completa. Teve um A.

-Podes usar os jornais. É a mesma coisa -redarguiu Peabody.

-Não é -insistiu Martha. -Os professores podem descobrir quando copiamos do jornal mas não da TV. De qualquer modo, quando o professor sugere que vejamos Edward R. Murrow, com é que o vamos fazer?

-Compramos televisão quando tivermos dinheiro para isso e não antes.

-Quero ver os jogos de futebol -acrescentou Sherman, amuado.

Peabody começou a encher o prato, decidindo ignorar os filhos até eles deixarem de o aborrecer. A refeição foi em grande parte silenciosa e sombria, e no fim todos foram para diferentes zonas da casa até irem para a cama.

Algumas horas mais tarde, o objecto atingiu o celeiro. Sherman, enroscado na cama a ler o último número da revista aos quadradinhos Contos do Espaço, foi o primeiro a ver o veículo a mover-se rapidamente. Percebeu logo péla configuração e pelas luzes brilhantes que não se tratava de uma máquina vulgar da Terra. Era verdade que ele acabara precisamente de ler uma história intitulada «Mortos-Vivos no Espaço, Vindos de Plutão», que tratava de extraterrestres com fatos protectores de radiação que escravizavam mulheres e viajavam num carro modernista, com portas em forma de asa de gaivota. Isso pode tê-lo tornado mais susceptível do que de costume, mas Sherman estava sempre virado para os extraterrestres. O espaço era o seu passatempo e agora esse passatempo parecia ir tornar-se realidade.

Arrebatando o livro de quadradinhos, desceu as escadas a correr. A mãe, o pai e a irmã já estavam à porta das traseiras, a olharem para os lados do celeiro. A luz ténue permitia-lhes ver onde o tecto caíra, mas isso não era o mais assustador. O DeLorean em aço inoxidável estava mesmo de frente virada para eles, com os faróis a brilharem através da poeira e dos fragmentos esvoaçantes de palha. Com as rodas enterradas nos destroços

e as luzes de aviso amarelas a acender e a apagar, parecia mesmo um dos discos voadores de que tanto ouviam falar havia quase dez anos.

-Que é aquilo? -perguntava a Sr.ª Peabody.

-Parece um avião... sem asas -comentou Peabody cautelosamente.

-Avião? -sussurrou Sherman. -É um disco voador, paizinho. Vindo do espaço!

Os quatro Peabody olhavam uns para os outros, aterrados. Embora fosse ilógico, encaminharam-se lentamente na direcção do objecto. Na mão do paizinho Peabody estava um taco de baseball que retirara do armário da cave poucos momentos depois de o veículo se introduzir no celeiro. Com ele à frente, o resto da família atravessou o relvado e o caminho escalavrado até ao celeiro. Uma visão de mais perto não proporcionou quaisquer novos indícios quanto à identidade do visitante. Por fim Sherman falou:

-Nos filmes e nas histórias de quadradinhos -afirmou -, a gente da Terra tenta sempre agir pacificamente para com os extraterrestres. Mas não costuma resultar.

-Calado -ordenou Peabody.

Tinha os olhos fixos na porta em forma de asa de gaivota, que se entreabrira e estava a começar a mover-se para cima. A família observava expectante, nada à vontade, com expressões de um misto de curiosidade e medo.

-Vem uma coisa a sair -murmurou Martha.

-Não entres em pânico -avisou Sherman, reparando que os pés dela estavam numa pequena dança. -Movimentos bruscos podem provocar reacções deles.

Dentro do encurralado DeLorean, Marty não sabia que estava a ser observado. Tinha os seus próprios problemas, o principal dos quais era a total desorientação quanto ao local onde se encontrava. Perdera a consciência durante a perseguição? Se assim era, como conseguira passar do parque de estacionamento do centro comercial para um celeiro que não podia evidentemente ficar nas proximidades de Hill Valley? Se não desmaiara, que sucedera à guarda metálica? Onde estavam os líbios? Estaria alguma arma apontada para ele naquele momento, prestes a despachá-lo?

Sacudiu a cabeça. Apesar dos riscos, parecia-lhe melhor sair para ver onde diabo se encontrava. Procurando o puxador, acabou por descobrir como se abria a estranha porta e empurrou-a para sair. Uma chuvinha de pó caiu-lhe nos ombros e capacete do fato protector de radiaçõEs quando o seu tronco começou a sair do carro.

– É um extraterrestre -sussurrou Sherman Peabody.

De facto, a figura a emergir parecia ser isso mesmo. paizinho Peabody ficou de olhos fixos, hipnotizado, sempre com o taco de baseball nas mãos. Usar uma arma tão fraca contra um extraterrestre estava fora de questão. Tanto a lógica como a moralidade ditavam isso, mas a sua motivação primária era o medo. O cérebro do paizinho Peabody transformara-se em geleia e ele só conseguia pensar em autopreservação.

-Corram, filhos! -berrou. -Corram para salvarem as vidas!

Passou então a demonstrar-lhes exactamente o que queria dizer, correndo desalmadamente para a segurança da casa. Lembrara-se da espingarda que mantinha escondida debaixo da cama para o caso de descobrir um assaltante a meio da noite. Esta emergência podia considerar-se suficientemente ameaçadora da vida para que ela fosse usada.

Sherman, ao ver o pai desaparecer dentro de casa, compreendeu que, como temporário chefe masculino no local, lhe competia arranjar uma

forma de impedir a catástrofe. Tendo lido muito sobre o comportamento dos humanos quando confrontados com criaturas do espaço, não estava convencido de ser capaz de tratar com o extraterrestre nem pela força nem pela delicadeza. Nas histórias aos quadradinhos e nos filmes, nenhum desses dois métodos parecia compensar muito.

Recordou muito intensamente a cena da Guerra dos Mundos em que o clérigo caminhava delicadamente para o veículo espacial marciano, só para ser aniquilado em recompensa. Contudo, uma rápida avaliação da situação recomendou vivamente uma aproximação pacífica, de preferência a beligerante. Ela não tinha qualquer arma com que ameaçar ou atacar o extraterrestre; era provável que o medo fosse evidente nos seus olhos, se não mesmo em todo o rosto. Assim, parecia preferível entregar-se à mercê da criatura.

Estendeu a mão cautelosamente:

-Paz -murmurou.

O extraterrestre estava agora quase todo fora do veículo espacial. Era um bípede, com braços e linhas gerais do corpo semelhantes à configuração humana. Sherman desejou saber que aparência tinha por baixo do capacete e se poderia pronunciar sons que tivessem alguma inteligibilidade.

-Ei -disse o estranho num inglês perfeito -, viva. Onde estou eu?

Avançou alguns passos na direcção deles. Sherman, Martha e a mãe recuaram devagar à sua frente.

-Desculpem -pediu a criatura. -Quem são vocês? Onde estou eu? Isto é Hill Valley?

Os passos do paizinho Peabody soaram nos degraus do alpendre. Continuava vestido com a roupa interior de flanela vermelha e corria para eles com a espingarda erguida quase à altura do ombro. Sherman,

olhando a criatura de perto, tomou instantaneamente uma decisão baseada na análise do comportamento de extraterrestres em livros de quadradinhos e filmes:

-Mate-o, paizinho! -berrou. -Já mudou para uma forma humana! Mate-o!

Apesar de nervoso e trémulo, o paizinho levou a arma ao ombro e fez pontaria.

Marty, com a visão bloqueada pelo limitado campo de visão do capuz, encaminhava-se para as três pessoas mesmo à sua frente, sem dar pelo paizinho Peabody. Enquanto avançava, levantou a mão para tirar o capuz.

-Cuidado, paizinho! -gritou Sherman. -Ele vai buscar qualquer coisa!

-Fica com isto, mutante filho da mãe! -berrou o paizinho, apertando o gatilho da sua espingarda.

Uma chuva de chumbinhos assobiou ao ouvido de Marty, enterrando-se na parede do celeiro, por trás dele. Sem se deixar abater, mas continuando muito nervoso, o paizinho disparou segundo tiro. Este levantou pó em frente da criatura, falhando redondamente, mas fez com que ela se voltasse e corresse de regresso ao celeiro.

Confortado pelo facto de o estranho sentir medo, o paizinho abriu a espingarda e começou a recarregá-la. Avançando cautelosamente olhou para dentro do celeiro.

-Cuidado, paizinho -avisou Sherman. -Não te aproximes de mais para ele não se apoderar do teu cérebro.

-De que raio estás tu a falar, rapaz?

Sherman ainda tinha na mão o livro de quadradinhos, aberto na história acerca dos mortos-vivos no espaço, provenientes de Plutão:

-Está tudo aqui, paizinho -disse. -Leia.

-Quem é que tem tempo para ler agora? -perguntou o pai, não sem uma certa lógica. ,

Entretanto Marty voltara a correr para o DeLorean e enroscara-se lá dentro:

-Diabo de agricultor maluco! -Arquejou, procurando a ignição.

O motor entrou em funcionamento e ele fez recuar o carro, não se preocupando em verificar se estava alguém atrás. A palha voou por todo o lado, mas ele conseguiu ver o suficiente para dar a volta e sair a direito pela porta do celeiro. Ao fazê-lo, as quatro pessoas fugiram à sua frente como pinos de bowling. Ia demasiado depressa, no entanto, e não foi capaz de manobrar de maneira a evitar embater na protecção de madeira pintada de branco que rodeava dois pinheiros recém-plantados. O DeLorean arrancou um dos pinheiros antes de Marty o guiar para a estrada de acesso, em terra batida.

-Filho da mãe do espaço! -vociferou o paizinho Peabody no seu rasto. -Mataste um dos meus pinheiros.

Levando a toda a pressa a espingarda ao ombro, disparou os dois cartuchos contra o veículo que fugia. Os tiros dispersaram-se, atingindo a caixa do correio dos Peabody e estilhaçando-a.

-Ufa! -respirou Marty, olhando para trás para as figurinhas, uma das quais ainda agitava furiosamente o punho.

Sobrevivera mas continuava sem fazer ideia de onde se encontrava. Pelo menos as pessoas falavam inglês... mas havia qualquer coisa nas suas roupas que parecia diferente. Revivendo mentalmente a cena, Marty

concentrou-se no vestuário. Os vestidos das senhoras pareciam fora de moda. Talvez fossem muito antigos e passassem de umas para as outras. Depois havia os penteados. Também havia neles algo que parecia diferente, mas Marty não era capaz de dizer exactamente o quê. Vira aquela gente antes -ou pessoas exactamente do mesmo tipo. Pareciam ter saído de um velho filme a preto e branco.

-Provavelmente é da minha imaginação -ponderou, apercebendo-se de que estava cheio de medo e desorientado. A escaramuça com os líbios tinha-o perturbado mais do que gostaria de admitir.

Seguido pela estrada de terra, fez um esforço consciente no sentido de recuperar a compostura:

-Pronto, Marty, tem mão em ti -disse em voz alta. Tem de haver uma explicação para isto. É provável que seja tudo um sonho, um sonho muito intenso. Tudo se vai resolver...

Ao virar uma esquina os faróis embateram num objecto que lhe fez descair o queixo.

-Diabos me levem! -murmurou.

Fez com que o DeLorean se detivesse instantaneamente, quase se despistando, e recuou até os faróis voltarem a incidir sobre a casa. Pestanejando, ficou a olhar para ela, a tentar descobrir um aspecto que fosse diferente, um pequeno pormenor que lhe restituísse a sanidade mental.

Mas a casa era a mesma. Era a sua casa... a casa na altura ocupada pela família McFly. Ficava em plena desolação e parecia mais nova do que Marty alguma vez a vira, mas era indubitavelmente a mesma estrutura.

As peças do puzzle constituíram lentamente uma imagem coerente. Em frente da casa estava um letreiro que dizia: CASA MODELO... flâmulas oscilavam debilmente à suave brisa da noite... e ao lado do edifício

encontrava-se um grande painel com uma interpretação artística de um lar idílico, aninhado entre magníficos carvalhos, com uma típica família americana constituída por quatro membros, de pé ao lado de um Cadillac... Um Cadillac brilhante, muito antigo... Por baixo da pintura, em enormes letras maiúsculas, estava a promessa de um sonho realizado: VIVA NA CASA DE AMANHÃ... HOJE! PROPRIEDADES LIÃO. ACABAMENTO PREVISTO PARA ESTE INVERNO.

-É a minha casa, só que novinha em folha -sussurrou Marty.

Sentado no meio da escuridão campestre, baixou lentamente os olhos para o tablier do DeLorean.

O TEMPO DE DESTINO marcava 5-11-1955.
O TEMPO PRESENTE marcava 5-11-1955.

-Mil novecentos e cinquenta e cinco! -exclamou. Não posso crer!

Mas as provas estavam a toda a sua volta, além de estarem no tablier. O bairro devia ter sido assim quando estava em construção. As características do terreno eram as mesmas e ao fundo havia diversos objectos familiares. Inexplicavelmente, entrara num mundo que só ouviria falar dele treze anos depois.

-Que viagem... -murmurou.

O seu olhar recaiu sobre as indicações marcadas no tablier. Uma em particular chamou-lhe a atenção. Ficava localizada mesmo por baixo da Câmara de Plutónio e era uma luz intermitente que estava sempre a mostrar a palavra VAZIA.

Metendo as mudanças e avançando, Marty percebeu que isso não queria dizer que lhe fosse impossível andar. Significava apenas...

-Santo Deus! -disse. -Quer dizer mesmo? Que não vou poder regressar?

Não tendo outro sítio para onde ir, entrou de marcha atrás no caminho de acesso à casa e ficou sentado, a pensar, durante bastante tempo. Distraidamente, por hábito, ligou a telefonia. Embora fosse quase manhã, ainda havia algumas estações no ar, mas estavam todas a tocar música absolutamente terrível. Uma apresentava alguém chamado Eddie Fisher a cantar as canções de Jerome Kern, outra tocava números pela orquestra de Mitch Miller e um cantor delicodoce chamado Guy Mitchell, e os locutores falavam todos com vozes que pareciam cansadas.

-Era assim tudo? -Marty fez uma careta enquanto rodava o botão.

Parou num noticiário:

-O Presidente Eisenhower previu que em 1955 se daria um aumento na construção de habitações -entoava o homem.

-Eisenhower? -repetiu Marty. -Sim, claro. Estudámo-lo em História. Um tipo bastante simpático, que não fez grande coisa a não ser dar a Nixon a sua oportunidade.

As notícias continuaram, e muitas delas pareciam mesmo notícias de 1985:

-Enviados dos Quatro Grandes desistiram das conversações sobre o desarmamento -dizia o locutor. -Os russos rejeitaram um plano dos Estados Unidos que teria banido as armas nucleares... Na Primeira Conferência sobre Smog, realizada em Los Angeles, funcionários governamentais afirmaram que o smog pode manter a indústria afastada das cidades afectadas por esta forma de poluição do ar... Entretanto, observadores censitários predisseram que Los Angeles será dentro de poucos anos a segunda maior área metropolitana dos Estados Unidos, ultrapassando Chicago... No perturbado Próximo Oriente, os Estados Unidos apresentaram novas regras ao Egipto e a Israel...

Na continuação do noticiário houve muitas coisas que lhe soaram estranhamente e outras ligeiramente familiares:

-No futebol universitário, o médio John Brodie, de Stanford, continuou a imperar... (O mesmo senhor de meia idade que de vez em quando aparece a animar as transmissões de futebol?) O avançado ás da U. C. L. A., Jim Decker... (Jim Quê?) sensacional médio Jim Swink, do Texas Christian... (Swink? estará a gozar?)

Marty aumentou o volume do rádio e recostou-se no interior de luxo do DeLorean. Até estava a gostar daquela viagem pelo seu próprio e pessoal túnel do tempo. Agora o locutor estava a ler algumas notícias referentes a bisbilhotices do mundo do espectáculo:

-A actriz Joan Crawford e o seu novo marido, o executivo Absténio Alfred Steele, celebraram os seus primeiros seis meses de casamento... Correm rumores de que Jack Webb e a esposa actriz Dorothy Towne estão a ter problemas conjugais... Voltamos depois de uma palavrinha da Ford do Noroeste...

Um locutor diferente lançou-se num anúncio que Marty achou não só irresistível mas também humorístico:

-Pode comprar uma camioneta Ford, nova, por apenas $1454 -dizia. -É verdade: $1454 por uma Ford de 1956. É porque produzimos em quantidade...

Reconhecendo a silhueta de um carro da polícia, Marty apagou rapidamente as luzes e desligou a telefonia. Claro que não lhe interessava nada ser apanhado pela polícia. Mesmo esquecendo o facto de que acabara de chegar de um período de tempo diferente, teria enormes dificuldades em explicar o DeLot'ean, além de não ter os respectivos e necessários documentos de registo nem uma carta de condução válida em 1955. Pensou no que diriam os polícias se ele lhes mostrasse a sua carta de 1985!

-Passar despercebido -murmurou. -É o melhor a fazer por enquanto.

Escorregando no assento, ficou a ver o carro-patrulha passar lentamente. Depois saiu, caminhou até à porta da garagem e tentou abri-la. Estava fechada à chave.

-Bolas -resmungou.

Num impulso, levou a mão à algibeira das calças e tirou o porta-chaves. Trinta anos era muito tempo para uma fechadura permanecer operacional, mas valia a pena tentar... Assobiou baixinho quando a chave deslizou suavemente na fechadura e rodou.

-Ainda bem -comentou. -Já estava a pensar que este era um dia não.

Depois de abrir a porta da garagem, entrou no DeLorean e fê-lo recuar para o primitivo chão de cimento. Pouco depois, com as suas roupas normais de andar na rua, saiu de casa e dirigiu-se para Hill Valley.

Algures na vila a seus pés ficava a chave para voltar de novo a 1985. Onde quer que estivesse, ele tinha de a encontrar.

CAPÍTULO V

Embora a maior parte das ruas em torno da sua casa em 1955 ainda estivesse por construir, foi comparativamente fácil para Marty encontrar o caminho para Hill Valley. Ele tinha um bom sentido de direcção, e havia marcos geodésicos suficientes para que ele se orientasse nas matas e terrenos que mais tarde se tornaram ruas e bairros residenciais. Manter os olhos fixos no palácio da justiça simplificou a questão, claro, e, à medida que se aproximava do centro da vila, as ruas e edifícios eram menos diferentes.

Pelo menos era o que parecia à distância. De perto, Marty apercebeu-se de que praticamente todos os edifícios tinham sofrido uma mudança de identidade de 1955 para 1985. No geral a região parecia mais limpa, mais vibrante, animada de actividade e excitação. As pessoas que andavam de um lado para o outro pareciam conhecer-se e ser mais simpáticas umas para as outras. Porém, sendo isso verdade, também tinha reflexos em relação a um estranho como Marty. Por diversas vezes este reparou que as pessoas o observavam, ficavam de olhos fitos nas suas roupas de modo suspeito. Quase os ouvia perguntarem-se: Quem é aquele jovem? Por que razão usa sapatos verdes? Será algum exibicionista pseudosofisticado de Nova Iorque?

A atitude incomodou Marty mas por pouco tempo. Ao aproximar-se da Praça Principal deu consigo embrenhado a observar, ao vivo e a cores, a História genuína. Ainda mais fascinante era o facto de ninguém poder fosse de que maneira fosse partilhar a sua sensação de surpresa. Para eles tudo era rotineiro, talvez aborrecido. Aquele desfile de pessoas e estilos era algo que viam todos os dias e a que não prestavam atenção. Para Marty era um museu cem por cento correcto e palpitante de vida.

O primeiro objecto a captar-lhe o olhar foi a grande placa à esquina da praça, entre as ruas 2ª e Principal. BENVINDO A HILL VALLEY, dizia, UM SÍTIO AGRADÁVEL PARA VIVER, POR FAVOR GUIE COM CUIDADO. Símbolos dos Jaycees, Optimists e Future Farmers of America decoravam a placa como medalhas no peito de um velho soldado.

Virando à direita na Rua Principal, Marty passou pelo Café Lou, a «loja de batidos» que associava aos anos de crescimento da mãe e do pai. Pintada de enjoativo verde-claro, a loja estava quase vazia, provavelmente por ser ainda manhã muito cedo. Marty era porém capaz de imaginar a casa cheia de jovens, a pedirem coca-cola e cerveja, gelados e hamburgers, tal como a mãe descrevéra a cena. Agora a loja estava só ocupada por um empregado ao balcão e um ou dois clientes a beber café.

Afastando-se da loja de batidos, Marty continuou a andar, passando por Roy's Records, outro ponto de encontro dos adolescentes de Hill Valley. À frente estava uma dupla placa de anúncios a publicitar: ACABAM DE CHEGAR: THE BALLAD OF DAVY CROCKETT, 16 TONS, MUITOS MAIS... Na outra, cartazes coloridos mostravam quatro cançonetistas que se intitulavam The Chordettes; outros promoviam «Patti Page na Terra da Alta Fidelidade», «Eydie em Dixie Land» e «Canções Inesquecíveis por Nat "King" Cole». Parecia não haver o mínimo indício de que o rock'n'roll existisse ou estivesse a caminho.

A seguir a Roy's ficava uma estação de serviço Texaco com um grande letreiro impresso à mão a proclamar: GUERRA DOS PREÇOS 19½ O GALÃO. Rindo sozinho, Marty aproximou-se das duas bombas: Uma verde e prateada, continha gasolina super «Sky Chief» por 21,9 cêntimos; a bomba vermelha oferecia a gasolina normal por apenas 19,9 cêntimos o galão. Uma máquina de cigarros encostada à parte da frente do edifício anunciava cigarros por «20 c o maço de qualquer marca», enquanto uma máquina de bebidas oferecia Pepsi Cola a dez cêntimos.

Continuando até ao fim do quarteirão, Marty deu consigo em frente do Teatro Essex, um cinema que ele nunca vira mas sentia conhecer intimamente: Segundo a mãe e o pai -especialmente quando umas bebidas lhes soltavam as línguas -, o Essex era o local de namoro da terra nas noites de sábado durante os primeiros anos e meados da década de 50. Aí, no balcão ou nos cantos das últimas filas, tinham florescido muitas relações cordiais e maravilhosas. Ocasionalmente, as pessoas até lá iam ver um filme, embora velhotes como a mamã e o papá nunca se lembrassem de que passava na tela. Agora anunciava em grandes letras vermelhas: CATLE QUEEN OF MONTANA, protagonizado por Barbara Stanwyck e Ronald Reagan. Por baixo da varanda flutuava uma bandeira a dizer AR CONDICIONADO.

Olhando por cima do relvado da praça, Marty notou que o relógio que encimava o edifício creme do palácio da justiça estava mesmo a funcionar. Quando é que fora atingido por um raio e ficara imobilizado para sempre? Tentou recordar-se do que a senhora com os panfletos dissera durante a tarde desse mesmo dia...

Durante a tarde desse mesmo dia? Melhor, trinta anos no futuro, pensou Marty. De qualquer forma, lembrava-se de que o relógio parara num dia qualquer de 1955.

-Mais ou menos por esta altura -reflectiu. -Talvez eu tenha chegado aqui mesmo a tempo.

Sorriu. Os grandes acontecimentos históricos de outras terras eram batalhas ou catástrofes naturais memoráveis; Hill Valley só podia reivindicar fama por algo tão pouco excitante como a paragem de um relógio. Bem, pelo menos poderia contar aos netos, desde que estes o não interrogassem com demasiado afinco quanto a estar ali na memorável ocasião, treze anos antes de nascer.

Atravessando pelos limites da praça, virou à direita na Rua 2ª, que era a confluência das estradas Oeste 395 e Leste 295. A seguir ao Bank of America -uma das poucas firmas que ainda funcionavam em 1985 e que

já lá se encontrava -ficava a agência de viagens Ask Mr. Foster. Anunciava «fabulosas férias de dez dias em Cuba». Uma vez mais Marty saltou umas risadinhas. Estava a gostar bastante de partilhar os pequenos segredos da história do que estava para vir.

Adjacente à agência de viagens ficava o escritório do mediador imobiliário J. D. Armstrong, em cuja montra figurava um anúncio colorido de Propriedades Lião com a sua passada e actual casa. Um preço total de $17 500 correspondia à casa de três quartos, com garagem para dois carros e completada por uma «cozinha totalmente eléctrica». Outro anúncio oferecia abrigos nucleares por preços igualmente razoáveis.

Ele continuou, passando pela Joalharia Zale, pela Papelaria Hill Valley, por um barbeiro que anunciava cortes de cabelo por setenta e cinco cêntimos, pelo Motel Pássaro Azul, com quartos a cinco dólares («e mais», claro), por uma loja Western Auto que vendia quase tudo desde espingardas de pressão de ar Daisy ao «rádio mais pequeno do mundo», que media cerca de trinta centímetros de comprimento. A seguir à Ruth's Frock Shop e aos seus vestidos de Paris por $40 ficava o espaço do futuro representante da Toyota, agora conhecido como Statler Motors Studebaker.

Aquela era a mais estranha curiosidade histórica de Hill Valley, pelo menos na opinião de Marty. Gostava de carros, novos e velhos, e o Studebaker tinha um lugar especial no seu coração porque, tal como o Edsel, prosperara e se extinguira durante a sua vida. Viu a exposição durante uns momentos e depois estudou os carros usados do parque adjacente.

-Estes valeriam muito em 1985 -murmurou -, mesmo o monte de latas de direita.

Os quatro carros usados que estavam expostos iam de $950 a uma pechincha-base de $395. Todos tinham um ar lavado e uma breve frase laudatória escrita a branco no pára-brisas: «Afinado, Limpo», «Baixa

Quilometragem», «A não perder por $450» e «Anda Bem» para o monte de latas. Marty sentiu desejo de os experimentar, mas sabia que nenhum vendedor o permitiria a um adolescente, especialmente naquela época.

Continuando para além do salão Studebaker, parou em frente do Teatro da Vila, um exemplar maravilhosamente típico de art deco dos anos 30. Uma torre pintada de castanho básico sobrepujava a varanda verde e a entrada, em tijolo vermelho onde se alinhavam fotogramas da atracção a ser exibida: The Atonic Kid, com Mickey Rooney e Robert Strauss. Marty não sabia de que tratava o filme, mas achou que podia aplicar aquele título a si próprio. Usando uma pequena quantidade de plutónio, conseguira viajar para trás no tempo, algo que ninguém mais tinha feito. Isso agradou-lhe, mas ao mesmo tempo outro pensamento lhe ocorreu:

-E a seguir? -inquiriu em voz alta. -Por quanto tempo vai isto continuar? Como é que regresso?

Pela primeira vez, pensou na hipótese de o processo de viagem no tempo não ser reversível. As circunstâncias nas quais a transformação se dera, por exemplo, mal podiam ser classificadas de científicas, com o cientista morto e o viajante no espaço literalmente perseguido até à experiência. Agora parecia que o plutónio só dava para a viagem num sentido. Talvez tenha de ser assim, reflectiu Marty sombriamente. Quem o poderia ajudar? Quem poderia responder às suas perguntas? Decerto que ninguém em 1955, uma era em que as pessoas ainda só andavam às voltas com a ideia das viagens espaciais. A menos que...
-
Claro! -exclamou Marty, fazendo estalar os dedos.Doc Brown tem de estar algures por aqui.

Caminhou vigorosamente de regresso à loja de batidos, que tinha a certeza ter uma cabina telefónica. Sendo sábado, a casa estava praticamente deserta. Um garoto com ar palerma estava sentado ao balcão a comer Rice Krispies e a ler um livro aos quadradinhos. Não levantou os olhos quando Marty entrou. Por trás do balcão havia letreiros que diziam: «Hamburger -25 cêntimos», «Fiambre de Queijo

-30 cêntimos», «Batido de Chocolate -15 cêntimos». Os preços fascinaram Marty tão completamente que ele deve ter ficado a olhar para eles durante tanto tempo que o empregado de balcão se convenceu de que ele era indesejável.

-Seja o que for que você venda, garoto, não queremos disse este abruptamente.

-Não vendo nada -retorquiu Marty. -Só quero usar o telefone.

Esboçou um aceno de cabeça e dirigiu-se para a cabina ao fundo da loja. Agarrando a lista, passou as páginas até chegar ao nome familiar: «Brown, Emmett L.» Imediatamente a seguir vinha a palavra «Cientista», depois a direcção e o número de telefone.

Marty sorriu e tirou uma moeda do bolso. O telefone tocou repetidamente. Sem resposta.

-Bolas -resmungou Marty, desligando. -Que dia mais aziago.

Arrancou a página da lista e voltou para o balcão.

-Pode dizer-me onde fica o número 1640 de Riverside Drive? -Indagou, quando o empregado do balcão acabou por olhar para o seu lado.

-Vai encomendar alguma coisa, garoto?

Marty encolheu os ombros. Porque não, pensou, se lhe proporcionasse alguma informação.

-Hum, claro -disse. -Dê-me um comprimido.

O empregado de balcão suspirou ruidosamente e olhou para ele de lado:

-Depois.

-O quê?

-Não lhe posso dar um comprimido se não encomendar nada -rosnou o empregado.

Marty não percebeu mas decidiu alinhar no jogo:

-Então deixe-me tomar uma Pepsi Livre.

-Garoto -disse o empregado, não fazendo qualquer esforço por esconder a sua crescente irritação -, se quer Pepsi tem de a pagar.

«Que atrasado estou», pensou Marty, percebendo que tinha estado a tentar comprar produtos que ainda não tinham sido inventados. O empregado continuava a fitá-lo sob espessas sobrancelhas.

-Hum, bem, dê-me uma bebida qualquer que não tenha açúcar.

O empregado abanou a cabeça, afastou-se e voltou um momento depois com um copo de água e uma chávena de café puro. Marty não gostava de café puro.

-Tem Sweet'n'Low? -Inquiriu, para logo acrescentar rapidamente: -Ou alguma coisa parecida?

-Diga-me o que é Sweet'n'Low -pediu o empregado, esforçando-se por falar em tom paciente.

-É um substituto artificial do açúcar, sem calorias -informou Marty.

-Não temos nada disso.

A Idade Média, pensou Marty.

-Talvez seja melhor pagar já isto -disse o empregado, olhando com desconfiança para Marty.

-Está bem.

Levou a mão à algibeira e só encontrou duas moedas de cinco cêntimos e uma de dez. Com certeza não chegava. A nota mais pequena que tinha na carteira era de vinte dólares. Tirou-a e entregou-a ao homem.

-Vinte? -exclamou este horrorizado. -Que pensa que isto é? Um banco? Não posso trocar uma nota de vinte para receber cinco cêntimos de um café, garoto.

-Ah, são só cinco cêntimos!? -Marty sorriu, aliviado. -Desculpe. Pensava que era muito mais.
Quanto?

-Bem, pelo menos cinquenta cêntimos.

-Graças a Deus as coisas ainda não chegaram a tanto -redarguiu o empregado, recebendo os cinco cêntimos. Depois os seus olhos contraíram-se. -Diga-me uma coisa, afinal que faz um garoto da sua idade com uma nota de vinte dólares? Só havia duas possibilidades, e, como uma delas envolvia actividades ilegais, Marty decidiu confessar-se culpado da segunda:

-Sou um menino rico e mimado -afirmou. -Acabo mesmo agora de chegar cá.

O empregado deu-se por satisfeito:

-Diga ao seu velho que seria muito melhor se você arranjasse um emprego e aprendesse o valor do dinheiro em vez de ser ele a dar-lhe tudo -disse escarnecedoramente.

-Obrigado. Eu digo-lhe.

O empregado afastou-se.

Marty pegou na chávena de café, bebeu um gole, fez uma careta e pousou-a.

-Ei, McFly! -Chamou subitamente uma voz.

Marty quase fez cair a chávena. Rodopiando no banco, olhou na direcção da voz.

Quatro rapazes de uns dezassete anos dirigiam-se da entrada da loja para o palerma a alguns bancos de distância. A cara do chefe parecia vagamente conhecida. Os olhinhos brilhantes, os lábios contraídos numa expressão de desprezo e o maxilar carnudo constituíam indícios arreliadores por Marty não conseguir solucionar o enigma. Os outros três causavam-lhe problEmas por serem tipos incaracterísticos do período. Um mascava um pau de fósforo e era evidente pensar que isso o fazia parecer calmo, duro ou ambas as coisas; o segundo tinha o cabelo cortado tão curto que pouco faltava para ficar careca; o terceiro espreitava o mundo através de óculos de três dimensões com lentes encarnadas e verdes.

-Responde quando falo contigo, McFly -disse o chefe.

O superior tom de voz forneceu a Marty a última peça do enigma. Claro! O punk era simplesmente a versão jovem do maior de todos os punks, Biff Tannen. E o palerma...

Marty observou-o atentamente. Não havia dúvida de que o palerma era George McFly, o seu pai. Tinha nos olhos o mesmo terror à aproximação de Biff Tannen, os mesmos maneirismos nervosos e expressão corporal que diziam desejar ele estar em qualquer outro lugar que não junto do seu atormentador. Infelizmente, também lá estava a mesma cobardia que o mantinha preso ao lugar como um escravo indefeso.

-Olá, Biff, que tal vai isso? -perguntou o jovem George McFly, tentando parecer descontraído mas não o conseguindo muito bem. A sua voz tinha um tom claramente subserviente.

-Que queres dizer com isso? -retrucou Biff enquanto os seus acólitos gargalhavam. -O que é isso?

-A... é só uma expressão -gaguejou George. -Eu... só queria ter a certeza de que tudo te estava a correr bem.

-Tudo? -repetiu Biff. -Estás interessado em tudo o que me diz respeito? Isso é muito. Quer dizer, estás interessado no que tomei ao pequeno-almoço, se depois arrotei ou não...

Os seus companheiros riram ruidosamente, enquanto George fez um sorriso forçado e depois se remeteu ao silêncio. Sempre o mesmo banana, pensou Marty, olhando para o seu futuro pai.

-Já acabaste o meu trabalho de casa, McFly?-interrogou Biff. -Hein, piolho irlandês?

Os olhos de George evitaram os da sua nemésis:

-Bem, não -murmurou muito baixo. -Achei que, como só é para entregar na segunda-feira...

Biff estendeu o punho fechado e bateu três vezes na cabeça de George:

-Está? -disse em voz alta. -Está alguém em casa?

Uma vez mais os seus amigos riram automaticamente, imitando na perfeição o cão de Pavlov.

-Pensa, McFly -continuava Biff Tannen. -Pensa! Tenho de ter tempo de o copiar, não? Já viste o que acontecia se eu entregasse o meu trabalho de casa escrito por ti? Era expulso

da escola.

-Sim -George sorria. -Acho que não pensei nisso. Desculpa.

Marty suspirou e abanou a cabeça. Era quase demasiado penoso assistir àquele começo de um teste de tortura de trinta anos em que o pai? -continuava a reprovar.

-Para onde estás a olhar, intrometido.

Marty percebeu de repente que as palavras lhe eram dirigidas, e não ao pai. Mas em vez de afastar o olhar do lamentável espectáculo que se desenrolava à sua frente, continuou a dirigir uma expressão de desagrado tanto a Tannen como a George McFly. Para satisfação sua, Biff olhou para outro lado.

-Então o seu trabalho de casa, McFly? -perguntou, continuando a sessão arreliadora.

George encolheu os ombros, num gesto que era em parte de resignação e em parte de obediência:

-Hum, está bem, Biff -disse. -Faço-o esta noite e levo-te amanhã logo de manhãzinha.

Biff acenou friamente com a cabeça:

-Mas não demasiado cedo -exigiu. -Durmo até tarde ao Domingo. Se me acordasses, teria de te dar um bocadinho cabo das feições.

Os seus camaradas voltaram a cacarejar, fazendo afluir às faces de Biff um sorriso deliciado. George estava sentado muito encolhido no banco, com todos os nervos do corpo a indicarem que não queria mais do que ver Biff Tannen pelas costas por aquele dia.

A sua alegria com a partida de Biff ia contudo ser ligeiramente atrasada. Voltando-se como para sair, ele rodopiou subitamente, baixou os olhos para os pés de George e disse:

-Ah, olha, McFly tens um atacador desatado.

-Ah?

Quando George baixou os olhos, Biff levantou o punho e atingiu-o na ponta do queixo. Foi um golpe mais embaraçoso do que doloroso.

-Voltaste a cair, não foi, McFly? -gargalhou Biff.Pá, se alguém te quiser tramar, não tem dificuldade nenhuma.

-Se calhar não -concordou George num murmúrio.

-Vamos, amigos, toca a andar -anunciou Biff, saindo da loja à frente dos outros.

George e Marty ficaram a vê-los partir.

-Não posso acreditar -disse Marty finalmente. -É um jovem George McFly...

O seu futuro pai fitou-o intrigado:

-Claro que sou jovem -afirmou. -Conheço-o de algum lado? A sua cara não me diz nada.

-Não -respondeu Marty. -Mas eu conheço-o.

-Não da escola.

Marty abanou a cabeça.

-Então não pode conhecer-me -concluiu George.

-Conheço, sim... O seu aniversário é a 18 de Agosto e o nome da sua mãe é Sylvia, certo?

George abanou a cabeça, não porque a informação estivesse errada mas por ter ficado surpreendido. O tipo teria tido acesso aos arquivos da escola ou bisbilhotado a sua carteira? Seria um jovem polícia ou quê?

-Então? -continuou Marty. -Não está certo? Não é também verdade que o seu pai se alistou para a primeira guerra mundial com dezasseis anos, foi mandado para França antes da descoberta e reenviado para cá sem disparar um tiro?

George quase se engasgou com a sua Pepsi. Qualquer pessoa podia ter recolhido as outras informações consultando um questionário, mas a história do seu pai era material interno da família. Como a descobrira aquele jovem?

-Umm... umm -replicou George. -Isso é tudo verdade. Como é que descobriu e quem é você?

Depois de se ter divertido a surpreender e confundir o jovem George McFly, Marty apercebeu-se subitamente de que não tinha qualquer resposta plausível para aquela pergunta. Não lhe podia contar a verdade, claro. Isso não só era plausível como poderia desencadear uma nova barragem de interrogações. Em resposta, sorriu e tentou parecer enigmático.

-Digamos que sou o seu anjo da guarda-aventou. No entanto, todas aquelas coisas acerca da sua família não são de facto importantes. O que é importante é que não devia deixar o verme do Biff Tannen fazer de si o que quer.

-Isso é um facto, homem.

A réplica à acusação de Marty, tão rápida e directa, não proveio de George McFly, mas sim de Goldie Wilson, um rapazinho negro que estava a varrer a alguns metros de distância. George e Marty viraram-se para o fitarem. Detendo-se no seu trabalho, Goldie devolveu-lhe os olhares com o seu próprio, intenso, quase hipnotizador.

-Sim, porque deixa que aquele rapaz faça de si o que quer? -indagou.

George pestanejou, surpreendido pelo negro geralmente silencioso.

-Não foi a primeira vez que o vi tratá-lo assim -continuou Goldie. -Limpo muita porcaria por aqui, mas nada me enjoa tanto como vê-lo quase cuspir-lhe. Por que não lhe faz frente?

-Bem, umm, ele é maior do que eu -gaguejou George, numa voz gemebunda e em tom infeliz.

-Toda a gente é maior quando se está de joelhos -retrucou Goldie. -Ouça, para vencer neste mundo tem de ter respeito por si próprio. Se deixar as pessoas espezinhá-lo agora, espezinhá-lo-ão o resto da sua vida. Quer ser um capacho, ter a gente a calcá-lo até morrer?

George abanou a cabeça. Não era um gesto cheio de decisão.

-Ele tem razão -interveio Marty. -E tem muito mais razão para se enroscar à espera da morte.

-É um facto! -Concordou Goldie também com um aceno de cabeça. -Olhem para mim. A maior parte das pessoas pensa que eu não sou nada, mas eu sei que sou alguma coisa. Acham que vou passar a minha vida atrás de uma vassoura nesta espelunca?

O empregado de balcão, atraído pelas vozes, gravitava até junto deles. Agora fixava Goldie com um lábio contraído:

-Tem tento, Goldie -disse significativamente.

Este não se acobardou:

-Não senhor! -continuou, dirigindo-se a George. Não vou acabar aqui. Vou tornar-me alguém! Vou frequentar a escola nocturna. Todas as noites da semana. Hei-de ser alguém!

-Goldie! -interrompeu Marty, acendendo-se-lhe de súbito uma luz no cérebro. -Será Goldie Wilson, por acaso?

Ele confirmou de cabeça:

-Eu mesmo-afirmou. -E pode fixar o nome, porque, como lhe disse, um dia vai significar qualquer coisa.

O empregado de balcão soltou uma risadinha.

-Ele tem razão -garantiu Marty. -De facto, um dia há-de ser presidente da Câmara de Hill Valley.

Goldie olhou atentamente para Marty, franzindo o sobrolho, à procura do indício de sarcasmo que normalmente acompanharia uma observação daquelas, feita por um branco. Porém, não parecia haver qualquer insídia. Aquele tipo, ou era sincero ou o melhor actor do mundo. Em todo o caso, Goldie tomou a decisão de não se deixar desanimar pelo comentário, antes o aceitando como um desafio.

-Presidente da Câmara? -inquiriu. -É boa ideia. Podia mostrar às pessoas como dirigir esta vila. Não seria um político barato, sempre a aproveitar-se. Serei honesto e eficiente.

-Depois, olhando para Marty, disse: -Tem uma bola de cristal ou quê? Como é que sabe que vou ser presidente da Câmara?

-Sei, é tudo.

-Quando é que vai acontecer?

Marty suspirou. Metera-se outra vez em boa com o seu conhecimento do futuro.

-Quer mesmo saber? -ripostou.

-Claro, homem. Diga-me. Porque não havia de desejar saber quando vai ser?

-Porque falta mais que muito. Pode não querer esperar tanto.

-Não, não faz mal. Por uma coisa dessas vale a pena esperar. Além disso, fico a saber que nada me vai acontecer e então, não é?

Marty concordou com um aceno de cabeça:

-Vai ser eleito para o fim dos 70 -disse.

-Os meus setenta ou os anos 70 do século? -Goldie sorria.

-Os anos 70 do século.

-Eita, não é esperar muito. A minha mãe trabalhou quarenta anos e não obteve nada com isso. Por isso acho que posso trabalhar mais vinte ou vinte e cinco para ganhar uma coisa dessas...

Enquanto Goldie falava, o nervosismo de George McFly tornou-se quase insuportável. Não era devido à situação nem a nada que Goldie dissesse. Era antes provocado por aquele jovem que professava tudo saber. Quase parecia do outro mundo, tão seguro de si, calmo, diferente de todos os adolescentes que George conhecia. E vestia-se de modo estranho, usava o cabelo com um corte esquisito, George não era uma pessoa religiosa, mas era supersticioso. O oculto, o desconhecido, incomodavam-no mais do que as promessas e restrições concretas da religião formalizada. E se aquele homem pudesse ver o futuro? Outros poderiam considerar isso

uma bênção, um meio de enriquecerem e de evitarem as contingências da vida. Assim não acontecia com George McFly. Não queria saber o que estava para vir, nem para ele nem para qualquer pessoa. Era melhor permanecer na ignorância do que ser forçado a pensar em alguma tragédia ou luta inevitável. Se aquele jovem, fosse como fosse, sabia tudo acerca do passado e do futuro, então George queria afastar-se dele o mais depressa possível.

Tendo chegado a essa decisão, aproveitou a conversa entre Goldie e Marty para se encaminhar de lado para a porta. Uns segundos mais tarde, dobrava a esquina e apressava-se em direcção à sua bicicleta. Entretanto, o empregado da balcão, que ouvia o discurso de Goldie com frustração crescente, conseguiu por fim interrompê-lo:

-Presidente da Câmara -exclamou. -Ora! Um presidente da Câmara de cor nesta vila. Sempre estou para ver!

-Pois hás-de ver -retorquiu Goldie. -Como este tipo aqui diz, um dia hei-de ser presidente da Câmara.

-Este tipo aqui não me impressiona nada – redarguiu o empregado. -E quanto a ti, continua a varrer.
Goldie fez deslizar as mãos na vassoura mas não começou imediatamente a trabalhar:

-Presidente da Câmara Goldie Wilson -pronunciou baixinho. -Gosto do som.

Marty sorriu, bastante satisfeito consigo próprio por «inspirar» Goldie Wilson, ou pelo menos por lhe dar esperança. No momento seguinte o sorriso desapareceu, ao aperceber-se de que George McFly já não estava na loja.

-Ei... -chamou, vendo as costas de George quando ele começava a afastar-se de bicicleta.

Correu para fora da loja, com os braços a acenar:

-George! -continuou a gritar atrás da figura que se afastava. -Ei, George! Quero falar consigo!

Distraído, fora do alcance da voz ou não desejando prolongar a conversa, George McFly continuou a avançar sem ao menos deitar uma olhadela por cima do ombro. Marty começou a correr atrás dele, mas depois lembrou-se repentinamente de que o pai tinha crescido na Rua dos Sicómoros, perto da 2ª. Tinha lá passado uma vez de carro com a família e mostrara-lhes a casa.

Tendo a certeza de a poder localizar agora, Marty abrandou para um simples passo rápido. Não tinha a certeza de onde queria que a sua relação com o jovem George McFly fosse exactamente. O homem, apesar das suas falhas, ia sobreviver os trinta anos seguintes. Isso já era alguma coisa. Contudo, Marty sentia-se compelido a ter pelo menos uma conversa de coração nas mãos com ele. Talvez, mesmo que não conseguisse mais nada, pudesse dizer alguma coisa que libertasse George McFly da tirania de Biff Tannen durante as próximas três décadas.

-Não seria uma prenda magnífica? -disse Marty em voz alta enquanto caminhava. Recordando tudo, ficou algo surpreendido por ter sentimentos tão delicados para com o seu futuro pai. Seria porque agora havia entre eles uma certa camaradagem? Nunca antes pensara no pai como um jovem. No entanto, ali estava ele, com a mesma idade de Marty. Seria divertido, claro, ver a reacção do pai quando lhe dissesse quem era, mas isso era impossível. Também era provável que levasse George à loucura, por isso Marty dispensou a ideia.

O seu sentido de orientação levou-o à Rua dos Sicómoros, que estava decorada com sólidas residências construídas durante os anos 20 e 30. Por todo o lado as vedações eram de madeira pintada de branco, enquadrando os relvados bem tratados e separando-os meticulosamente dos caminhos que conduziam às portas. Era um bairro muito mais

agradável do que Marty o recordava, pois no princípio dos anos 70 tornara-se miserável.

A bicicleta de George estava encostada a uma árvore que se projectava para a Rua dos Sicómoros, mas o próprio George não era visível em lado nenhum. Marty ficou um momento parado, a debater se devia entrar ou não na casa. Com toda a probabilidade, a avó estaria lá, sem dúvida parecendo mais nova do que ele, alguma vez vira. Marty não tinha a certeza de querer enfrentar isso. A avozinha estivera muito chegada a ele, e sentia que essa intimidade o trairia. De certo modo, apesar de Marty ainda não ter nascido, sentia que ela se aperceberia de quem ele era e ficaria terrivelmente assustada.

O seu debate interior durou apenas um minuto. Olhando para cima através dos ramos da árvore, Marty avistou George. Ele estava a quase seis metros de altura, precariamente empoleirado numa espessa ramada que pairava sobre a rua.

-Não posso crer -suspirou Marty. -É a coisa mais corajosa que alguma vez o vi fazer.

Não tardou a descobrir a razão de George se arriscar tanto. Nas suas mãos estava um par de binóculos que o jovem assestara para uma janela do primeiro andar da casa do outro lado da rua. O perfil da cabeça e ombros de uma mulher podia ser visto do nível da rua. Do ponto de observação seis metros acima, Marty imaginava o que seria visível.

-Diabos me levem -murmurou. -O papá é um espreita.

Duas coisas aconteceram então, em rápida sucessão. George, tentando conseguir um ponto de observação cada vez melhor, perdeu subitamente o equilíbrio. Escorregou de lado pelo ramo espesso, procurou desesperadamente agarrar-se-lhe, não o conseguiu e acabou por mergulhar em direcção à rua. Ao cair, o seu corpo bateu em diversos ramos mais pequenos, que serviram para diminuir o ritmo de descida e talvez lhe poupassem alguns ossos partidos. Aterrando sobre o lado e

recebendo um pequeno embate na cabeça, ficou caído, sem se mexer e atordoado, no meio da estrada.

Nesse preciso momento, um carro fez velozmente a curva e seguiu a direito até ao corpo do jovem.

Marty não teve tempo de soltar um grito de aviso. Instintivamente, atirou-se na direcção de George, dando-lhe um impulso na diagonal que o libertou do carro. O próprio Marty não teve a mesma sorte. Carregando no travão, o condutor fez guinar o automóvel para evitar os dois jovens, mas só conseguiu não bater em George. Houve um estrondo quando o guarda-lamas atingiu o ombro e a cabeça de Marty.

-Garotos de uma figa! -berrou o condutor, não irritado mas sim horrorizado. -Não pude fazer nada!

Quase chorava ao inclinar-se para o jovem que salvara a vida do outro:

-Por favor, meu Deus -rezava. -Que ele esteja bem. Não me posso dar ao luxo de ser processado.

CAPÍTULO VI

A primeira coisa que Marty viu depois do cintilante pára-choques foi um suave padrão branco, arrendado, ligeiramente desfocado, a pender de um tampo da mesa. Pestanejou e olhou em volta, para o quarto que nunca vira antes. Muito longe, uma parede estava decorada com fotografias desconhecidas e galhardetes; à direita ficava uma janela, por onde um candeeiro de rua derramava uma luz intensa e difícil de suportar. Voltou a fechar os olhos.

Tinha a cabeça fria e sentia a pressão de algo sobre ela.

-Acho que vai ficar bom -ouviu uma voz feminina a dizer. Esse som era-lhe familiar.

-Mamã? És tu? -sussurrou Marty.

Mãos delicadas comprimiram-lhe o objecto frio contra a testa e tocaram-lhe nas faces.

-Chiu. Tudo vai correr bem.

Era a mãe. Marty abriu os olhos a despeito da dor, mas só conseguiu vislumbrar uma silhueta. A voz era no entanto inconfundível.

-. Meu Deus, que pesadelo terrível -disse. -Sonhei que andei para trás no tempo...

-No tempo de quê? -perguntou a voz.

Era mesmo a mãe. Interpretando sempre tudo à letra, o que era tão confortador. Marty começou a sentar-se, mas recostou-se de novo,

quando experimentou uma ligeira sensação de estonteamento.

-Cuidado, agora -disse a mãe. -Estiveste a dormir quase nove horas. É melhor não saltares de repente para fora da cama. É melhor ir aos poucos. '

-Foi terrível -continuou Marty. -Era um sítio terrível para se viver. A música era horrorosa – nem tinham Huey Lewis. O nosso bairro ainda nem tinha sido construído, à excepção da nossa casa. Tudo tinha um aspecto tão esquisito e as pessoas agiam de um modo estranho.

-Estou a ver... Sonhaste que andaste para trás para outro tempo.

-Pois.

-Quanto tempo para trás?

-Trinta anos.

-Até ao tempo de despreocupação? Deve ter sido interessante. Mas não há motivo para te afligires. Estás são e salvo, de regresso ao tempo a que pertences, o bom e velho 1955.

-Mil novecentos e cinquenta e cinco!?

Esquecendo o desconforto, ele sentou-se e acendeu a luz da mesinha de cabeceira:

-Oh, meu Deus! -exclamou.

A jovem era a mesma que George McFly tinha estado a espiar. Mas isso era apenas uma parte...

-O que é? -indagou ela, preocupada.

-És a minha... a minha m... -começou Marty.

A sua cabeça recaiu na almofada.

-Chamo-me Lorraine-disse a jovem -, Lorraine B...

-Baines -continuou Marty.

Ela sorriu:

-Como é que sabes?

Ele encolheu os ombros:

-Ando por aí -disse cripticamente.

Lorraine levantou a compressa fria:

-Vou buscar mais gelo -disse.

Quando ela se levantou para sair, Marty soltou um involuntário suspiro de surpresa, fazendo com que ela olhasse para trás à cautela:

-Estás bem?

-Estou.

-Para que foi esse som?

-Foi por seres tão magra -respondeu Marty.

-Obrigada, deve ser para agradecer -comentou ela.Sempre fui para o magro. -Deu uma palmadínha no estômago a direito. -Não achas que eu seja demasiado magra, não?

-Não. Estás óptima -afirmou Marty sinceramente.

-Obrigada, Calvin. -Ela sorria.

-Calvin?

-Sim. Não é esse o teu nome?

-Não.

Ela franziu o sobrolho:

-Curioso. Estava convencida de que era. O teu nome não é mesmo Calvin Klein?

-Não. É Marty.

-Então porque é que a tua roupa...

Ela corou e olhou para o outro lado.

Marty deu subitamente conta de que as suas calças estavam dobradas sobre a cadeira que se encontrava no canto oposto. Levantou a mão entre os lençóis, percebeu que só tinha a roupa interior vestida.

-Tirámos-te as calças e a camisa quando te metemos na cama -informou Lorraine, um tudo nada embaraçada. Nunca tinha visto roupa interior púrpura com um nome masculino escrito.

-Ah -interveio Marty -, esse não é o meu nome. Calvin Klein é o fabricante da roupa.

-E o teu nome é Marty? -Inquiriu ela.

-É.

-Bem,-muito prazer em te conhecer, Marty -disse ela, sentando-se ao seu lado na cama. A atitude parecia agora diferente, muito menos

maternal, mais sedutora. '

-E qual é o apelido? -Ela sorria.

O nome "McFly" formou-se nos lábios de Marty, mas ele conseguiu evitar dizê-lo. Teria dificuldade em o explicar, pois era bastante invulgar. Em vez de tentar resolver o problema, Marty estremeceu como se tivesse sido atingido por uma súbita dor.

-Ah, pobre rapazinho -murmurou Lorraine. Estendeu a mão para o afagar, mas ele afastou-se. . -Estás bem?

-Sim -respondeu ele, expirando lentamente, como se a dor estivesse a passar.

-Posso ficar aqui sentada?

Marty engoliu em seco:

-Ah, claro -retorquiu. Mas, mesmo ao dizer isto, afastou-se involuntariamente dela tanto quanto podia sem cair da cama. Mantinha o cobertor bem preso em torno da cintura e os seus olhos estavam apreensivos: Lorraine continuava de olhos fixos nele, fascinada, aparentemente sem notar o seu nervosismo.

-Tens aí um bom lenho -acabou ela por dizer, estendendo a mão para lhe tocar na testa. Com um sorriso fraco, ele submeteu-se, até ela começar a percorrer-lhe o cabelo com os dedos. Nessa altura Marty deu consigo a afastar-se cada vez mais até...

Pumba. De súbito, estava no chão, quase nu, pois só tinha a roupa interior. Estendeu a mão para o cobertor. Lorraine soltava risadinhas pérfidas.

-Lorraine! Estás aí em cima?

A voz foi acompanhada pelo som de passos pesados nas escadas que davam quase até à porta do quarto.

-Sim, mãe -respondeu Lorraine.

Tirando as calças de Marty das costas da cadeira, atirou-lhas. Caído de costas, ele tentou enfiá-las enquanto os passos se aproximavam.

-Como está o doente? perguntou Stella Baines ao entrar no quarto. Depois, olhando em redor, acrescentou: Onde está o doente?

Marty olhou por cima da beira da cama, Stella Baines, de quarenta anos, sua futura avó, devolveu-lhe o olhar. Estava grávida e parecia muitíssimo jovem. Se as recordações de Marty estavam correctas, ela esperava o seu último filho, o que nascera depois do tio Joey, o presidiário. Os seus olhos simpáticos eram os mesmos de quando envelhecera, de um azul muito claro e bastante tristes.

-Marty, esta é a minha mãe -apresentou Lorraine, atirando-lhe a camisa.

Ele vestiu-a na posição de sentado:

-Muito prazer -e sorriu.

-Apetece-lhe comer alguma coisa?

Marty disse que sim com a cabeça.

-Então venha para baixo.

Marty encontrou os sapatos, calçou-os e saiu do quarto atrás dela. Enquanto seguiam pelo corredor, Stella Baines fitou-o com um meio sorriso:

-Então diga-me uma coisa, Marty, há quanto tempo está com o circo?

Marty só pôde ficar a olhar. Lorraine emitiu um som que era meio suspiro, meio sopro de ira:

-Mãe -exclamou -, como pudeste?

-O circo? -murmurou Marty. -Eu não estou com o circo. Que quer dizer?

-As suas roupas parecem tão invulgares

-observou Stella. -Pensámos que talvez tivesse algum espectáculo subsidiário.

Marty sorriu e encolheu os ombros. Os sapatos verdes e a camisa com U. S. Patent Office impresso pareceriam provavelmente invulgares às pessoas em 1955. Em vez de explicar que aquelas roupas-eram peças normais de vestuário nos anos 80, disse:

-Acho que gosto de roupas estranhas, minha senhora. Peço desculpa.

-Não tem nada que pedir desculpa. Só estávamos com um pouco de curiosidade, é tudo.

Entraram na sala, onde quatro crianças e Sam Baines, o futuro avô de Marty, estavam a descansar. Sam, um homem áspero, de quarenta e cinco anos, encontrava-se junto do aparelho de televisão a preto e branco, a ajustar a antena interior. Não olhou para o lado deles enquanto a imagem não ficou nítida.

-Sam, aqui está o jovem que atropelaste -disse Stella com ar factual. -Graças a Deus está bem.

-Que estava a fazer no meio da rua, um garoto da sua idade? -interrogou Sam friamente.

-Ele caíra... -começou Marty. Depois decidiu não contar que o pai caíra de uma árvore. Isso podia levar a revelações embaraçosas ou, no mínimo

dos mínimos, a suspeitas. Ele caíra... na estrada -continuou. -Havia aquele outro garoto. Corri para o afastar. O senhor não o viu?

-O paizinho nunca vê nada quando vai a guiar -interveio Lorraine.

-Que estás para aí a dizer? -atirou-lhe o pai. -Sou um condutor bestial. Mas não há nada que um bom condutor possa fazer quando lhe aparecem garotos a saltar à frente.

-Especialmente quando se faz a curva em duas rodas -acrescentou Lorraine.

-A propósito -interrompeu Marty -, que aconteceu ao outro rapaz?

-Levantou-se e foi-se embora -informou Sam.

-Suponho que não quisesse ver-se envolvido -murmurou Marty, pensando quanto isso era típico de George McFly.

-Seja como for -afirmou Sam, voltando-se outra vez para a antena -, os peões não têm o direito de andar a disparatar no meio da rua. Qualquer juiz lho dirá.

-Oh, não lhe ligue -disse Stella. -Ele está num dos seus dias de má disposição. -Começou a conduzir Marty para a casa de jantar, chamando Sam por cima do ombro: -Deixa-te de remexer nisso. São horas de jantar.

Sam, ignorando-a estudadamente, continuou a ajustar a antena até a imagem ficar completamente distorcida.

A casa de jantar já estava meia cheia de gente. Sentados à mesa, prontos a atirarem-se à comida encontravam-se: Milton, de doze anos, que usava um gorro de pele de raccon, à Davy Crockett; Sally, de seis anos; e Toby, de quatro. No parque, no chão, estava Joey, de onze meses. Stella fez as apresentações. Marty ficou absolutamente fascinado, a ver a sua tia e os

seus tios com aspectos tão diferentes. Joey, prestes a dar os primeiros passos numa longa vida de infortúnio, matraqueava as barras do seu parque e salivava a rodos. Marty olhou para ele e abanou a cabeça: «Com que então és o meu tio Joey», pensou: «habitua-te a essas barras, garoto».

-Ele parece gostar de estar ali -comentou para Stella.

-Como que é o seu ambiente natural.

-Oh, sim -replicou ela, sem se aperceber de que Marty estava a ser ligeiramente sarcástico. -O pequeno Joey adorava estar no seu parque. Até chora quando o tiramos. Por isso deixamo-lo lá ficar a maior parte do tempo. Parece fazê-lo feliz e sem dúvida o acalma.

«Já está adaptado à instituição», pensou Marty, rindo interiormente.

-Espero que gostes de empadão de carne, Marty -disse Stella.

«Há coisas que nunca mudam», pensou Marty.

-Gosto sim -disse em voz alta.

-Senta-te aqui, Marty-convidou Lorraine, afastando a cadeira ao seu lado.

-Obrigado.

Marty sentou-se, verificando que o prato à sua frente já estava cheio de empadão de carne, puré de batata, vegetais diversos e macarrão com queijo. De facto, o jantar era réplica exacta do que ele comera na noite anterior, em 1985.

Toda a gente se atirou à comida, excepto Lorraine, que brincava com a saia. Marty perguntou a si próprio quando teria ela comutado de

provadora esquisita para máquina de comer. Enquanto a família comia, Stella gritava instruções e críticas a todos excepto Marty:

-Milton, não comas tão depressa! Lorraine, não estás a comer que chegue. Serve-te de puré de batata... Sally, não segures assim no garfo. Pareces saída da escumalha... Não empurres as coisas de cima da mesa, Toby... Meu Deus... Sam, vais deixar de remexer nesse aparelho de televisão? Vem para aqui comer...

O marido não tinha, porém, qualquer intenção de deixar de ver televisão durante o jantar. Afastando-se do aparelho da sala, não tardou a reaparecer com outro, inteiramente novo, sobre uma mesinha de rodas em contraplacado.

-Vejam isto -anunciou orgulhosamente. -Eu próprio fiz o carrinho de rodas para o podermos trazer para a casa de jantar e ver Jackie Gleason enquanto comemos.

-Ena pá! -exclamou Milton.

A Sr.a Baines suspirou exausta. Praticamente a única ocasião em que concentrava as atenções era durante a hora do jantar. Agora Sam arranjara maneira de lhe tirar isso, Mas ela tinha esperteza suficiente para saber que não podia lutar contra aquilo. Sam remexeu na antena do novo aparelho, acabando por conseguir captar uma imagem bastante turva de um anúncio de cigarros.

Márty ficou a ver, fascinado, um cirurgião a sair de uma sala de operações, a acender um cigarro e a começar a falar para o público:

-Depois de enfrentar a tensão de três operações aos pulmões em sequência, gosto de descansar acendendo um Sir Walter Randolph. Sei que o seu perfeito sabor a tabaco me acalmará os nervos e melhorará a circulação...

-Incrível! -Disse Marty, quase sem dar por isso. Nunca vira um anúncio de cigarros na televisão nem compreendia bem aquele descaramento.

Sam Baines pensou que o jovem estava a comentar o seu excelente trabalho de afinação. Reluzia quando disse:

-É isso. Vejam esta imagem... É clara como a água. Tens razão, rapaz, é mesmo incrível.

-Eu referia-me ao anúncio de cigarros -esclareceu Marty.

-Que tem ele.de tão incrível? -interrogou Lorraine.

-A forma como o médico faz o anúncio. Fumar cigarros provoca o cancro do pulmão. Como é que ele pode fazer operações aos pulmões e depois puxar uma fumaça de um cigarro? É uma loucura!

-Bem -resmungou Sam. -Ainda não provaram nada. Não vejo porque é que um médico não há-de poder anunciar cigarros se quiser.

-Porque é imoral.

-Não seja parvo.

O tom satisfeito consigo próprio de Sam irritou Marty:

-Bem -informou -, um dia vai ser proibido. Aí tem a parvoíce.

O resto da família, à excepção dos demasiados novos para compreenderem, fitou Marty com incredulidade. Afirmar que um dia a televisão americana não teria anúncios de cigarros era o mesmo que dizer que um dia o Natal seria privado de Pai Natal. Só Lorraine o olhava como se a sua afirmação pudesse ter algum mérito:

-Bem -interveio cautelosamente -, talvez não venha a acontecer, mas acho que era boa ideia. Demasiados jovens vêem estes anúncios na TV e

pensam que fumar é bom. Sam não podia mesmo pôr isso em causa, pelo que decidiu mudar o rumo à conversa:

-Quem há-de querer ir ao cinema, se se pode ver isto em casa -e de graça? -recitou. ,.

-Tens televisão? -indagou Lorraine, olhando carinhosamente para Marty.

-Sim -redarguiu ele. -Tenho duas.

-Upa! Deves ser rico! -Entusiasmou-se Milton.

-E a cores -acrescentou Marty, antes de se aperceber de que não era o mais próprio para dizer a uma família em 1955.

Os olhos de Milton esbugalharam-se.

-Tretas -escarneceu Sam Baines.

Stella sorriu com condescendência:

-Ele está a brincar contigo, Milton -disse. -Ninguém tem dois aparelhos de televisão... a cores, ainda.

Olhou para Marty, à espera de confirmação:

-Pois, claro -acenou ele. -Só estava a gozar, Miltie.

O intervalo dos anúncios tinha acabado e começou The Honeymooners. Marty reconheceu imediatamente o segmento como pertencendo ao clássico episódio «Homem do Espaço». Quase sem dar por isso, começou a dizer as falas do programa uma fracção de segundo antes dos próprios actores. Toda a gente à mesa o encarava com graus diversos de espanto. Lorraine ria de cada vez que ele o fazia: o pai troçava.

-Como é que sabes as falas? -Inquiriu Milton.

-Porque já vi este -retorquiu ele.

-O que é que queres dizer com essa de já o teres visto?continuou Milton a perguntar. -É estreia.
-Vi-o numa reposição.

-O que é uma reposição?

-A seu tempo saberás.

-Está bem, esperto -insistiu Milton. -Diz-me o que acontece a seguir.

-Não custa nada -concordou Marty. -Este até é bom. Ralph mascara-se de «homem do espaço».

-Calados! -ordenou Sam. -Quero ver isto!

A família ficou em silêncio talvez durante um minuto. Então Stella fitou Marty atentamente:

-Sabes, há em ti algo que me parece familiar?!disse. -Conheço a tua mãe?

Marty não pôde deixar de sorrir:

-Sim, acho que deve conhecer -respondeu, deitando à Lorraine um olhar de lado e sorrindo ligeiramente.

-Gostava de lhe telefonar -afirmou Stella. -Sabes, para lhe dizer que estás bem.

-Bem, isso não pode -saiu-se Marty abruptamente.

-Por que não?

-Hum... Ela ainda não está em casa. Não está ninguém em casa.

-Ela trabalha?

-Não propriamente -defendeu-se Marty. -Hum, os meus pais estão os dois fora.

-Não percebo...

-Não tem importância, Sr.a Baines -assegurou-lhe Marty. -A minha mãe está habituada a que eu fique fora até tarde. Nem dá pela minha falta.

-Tens a certeza.

-Tenho sim minha senhora. Eu podia estar fora os próximos treze anos e ela nem dava por isso.

A observação entusiasmou obviamente Milton, pois ele riu tanto que até deixou cair alguma comida da boca.

-Não está ninguém a ver o espectáculo? -resmungou Sam irritado. Seguiu-se outro minuto de silêncio. Depois, ao começar uma nova série de anúncios, Marty lembrou-se de que queria procurar Doc Brown:

-Hum, alguém me pode dizer onde fica Riverside Drive? -perguntou.

– Riverside? -replicou Sam. -Claro. Fica no lado Leste da vila, um quarteirão depois de Maple.

-Um quarteirão depois de Maple? -Repeliu Marty, intrigado. Mas aí é JFK Drive...

-J. F. quê?

-John F. Kennedy Drive.

-Quem diabo é John F. Kennedy? -Interrogou Sam.

-Hum, deixe lá.

-Vá sempre para Leste até chegar a Maple -informou Sam. -O quarteirão logo a seguir é Riverside.

-Obrigado.

-Mãe -disse Lorraine -, com os pais do Marty fora, não acha que ele devia cá passar a noite? Não gostaria que lhe acontecesse alguma coisa, com aquele lenho na cabeça. Ele pode desmaiar ou assim...

Dirigiu a Marty um sorriso ligeiramente namoradeiro, que ele devolveu sem entusiasmo.

-Marty, a Lorraine é capaz de ter razão. Talvez seja melhor passares cá a noite. Afinal, o papá atropelou-te. Isso quer dizer que ficaste sob a nossa responsabilidade...

-Não legalmente -interveio Sam acaloradamente.

-Talvez não, mas moralmente ficou -retrucou Stella.

Olhou para Marty, como que à espera de resposta.

-Não sei... -procurou ele ganhar tempo.

-Podes dormir no meu quarto -sugeriu Lorraine.

-A Lorry ficou pelo beicinho-acusou Milton chocarreiro. -A Lorry ficou pelo beicinho...

Lorraine endireitou-se na cadeira e deitou um olhar glacial ao irmãozinho:

-Só estou a tentar ser hospitaleira -afirmou.

Ninguém acreditou realmente, e Marty menos que todos. Olhou para o relógio e afastou o prato:

-Hum... se me desculparem, tenho mesmo de ir -disse.

-Mas há bolo... -protestou Stella.

-Pode crer que lamento -continuou Marty. -Tenho um encontro marcado com aquele homem...

Pôs-se em pé e acenou para Sam e para as crianças, que continuavam todas a comer:

-Obrigado por tudo. Ver-nos-emos todos mais tarde.

No momento seguinte, tinha desaparecido. Lorraine suspirou:

-Que teremos nós dito para o fazer agir assim?! -disse.

-É um jovem muito estranho-murmurou Stella. -A maior parte do tempo é bastante simpático, mas há alturas em que parece vaguear para outro mundo.

-É idiota-corrigiu Sam Baines. -É da educação. Os pais provavelmente também são idiotas, e talvez até os avós. Não me surpreenderia nada que a família fosse toda tarada.

Olhou sombriamente para Lorraine. -Se alguma vez tiveres um filho que se comporte assim, deixo de te considerar minha filha. E isto aplica-se a todos vocês.

Tendo restaurado a sua suserania na casa encheu o garfo de puré de batata instantâneo e voltou a atenção para Jackie Gleason.

CAPÍTULO VII

Doc Brown ajustou o aparelho sobre a cabeça, baralhou as cartas e voltou a tirar uma. Colocando-a de face virada para a mesa, accionou a série de mostradores que activavam a maquineta que tinha sobre a cabeça. Um ruído crepitante encheu a sala e uma rápida visão de um valete de espadas passou pelos olhos de Brown:

-Excelente! -Entusiasmou-se ele.

Voltou a carta. Era um três de ouros.

-Bolas -resmungou.

Tentou outra vez, e novamente falhou a identificação correcta da carta. Deixando a sua última invenção sobre a cabeça, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Em que se enganara? O erro estava na máquina ou nele próprio? Um ligeiro acesso de dor na cabeça recordou-lhe que o problema podia estar na sua própria mente. Nessa manhã, ao pendurar um relógio na casa de banho, caíra de cima da sanita e sofrera uma violenta pancada no crânio. Sendo o cérebro uma complicada massa de impulsos e energia eléctrica, era de facto possível que o embate tivesse provocado um curto-circuito com potência suficiente para lhe invalidar os testes. Mas o dia não fora completamente perdido.

A queda fizera com que algo se gerasse no seu espírito, impulsionando-o a escrever durante horas. Quando acabara e relera as notas, teve a certeza de que marcara pontos importantes no reino das viagens no tempo. A excitação com esse novo projecto também podia ter interferido com as suas experiências de extensão da mente.

Enquanto andava de um lado para o outro, viu de relance a sua imagem no espelho. Foi obrigado a sorrir. Que atroz ficava com aquele conglomerado de tubos de vácuo, reóstatos, manómetros, fios e antenas na cabeça. Era, sentiu-se inclinado a admitir, a perfeita imagem estereotipada do cientista louco.

Mas não importava. Se o aparelho se revelasse prático na área da leitura da mente, o seu aspecto não seria importante. Estava a debater consigo próprio se devia continuar a trabalhar naquele dia ou desistir, quando Copérnico começou a ladrar. O cão, terceiro de uma linha de animais de estimação com nomes de cientistas famosos, correu da cozinha para a sala, chegando lá ao mesmo tempo que soou a pancada na porta. Sem tirar o aparelho da cabeça -dava tanto trabalho
montá-lo! -Doc Brown foi abrir.

Era um jovem de uns dezassete anos. A sua aparência quase fez com que Brown começasse a bater palmas de puro deleite, pois ele tinha vestida uma camisa ilustrada com uma ampliação de um formulário do departamento de patentes. É fácil de compreender que isso tenha apelado ao coração de um inventor frustrado, negligenciado e muito difamado. Em tão feliz estado de espírito, Doc Brown decidiu continuar a sua experiência. Ligou o interruptor, esperou que o aparelho aquecesse, apontou um dedo ao jovem e disse:

-Não diga uma palavra.

O jovem obedeceu, fechando a boca antes de conseguir emitir as primeiras palavras.

-Vou dizer-lhe como se chama -informou Doc Brown.Pense no seu nome.

Marty assim fez. Estava satisfeito por verificar que Doc Brown parecia o mesmo tipo, de aspecto muito mais jovem, claro, mas com os mesmos maneirismos e expressões. Era agradável voltar a vê-lo, mesmo tendo estado separados só um dia.

-Peter Danforth -disse Doc Brown.

-Não.

-Evan Wentworth... Junior!

-Não, senhor. Lamento.

-Melvin Petrucci.

Marty abanou a cabeça:

-Mas o meu primeiro nome começa de facto com um M acrescentou encorajadoramente.

-Não chega -murmurou Doc Brown. -Talvez não funcione muito bem com nomes próprios. Accionando outro interruptor do seu «Analisador de ondas cerebrais», fechou os olhos e cogitou uma vez mais.

-Vejamos -disse finalmente. -Veio de muito longe...

-Sim!

-... porque... quer que eu me torne assinante de Saturday Evening Post.

-Não...

-Colliers...

-Não. É que...

-Não diga! -Atirou a cabeça para trás e pensou mais um instante. -Nogado de amendoim! -Quase gritou. -É isso! Anda a vender nogado de amendoim para os Escuteiros! Que disparate o meu não ter dito isso logo!

-Não.

Doc Brown ficou abatido. Marty desejou ter podido dar-lhe melhores notícias, mas sentiu que não teria sido nada benéfico para o seu amigo.

-Veio cá por precisar de ir à casa de banho?-perguntou Brown, consideravelmente subjugado.

-Não, Doc Brown -respondeu Marty. -Mas estou aqui por uma razão que é muito importante para nós.

-Que vem vender? -indagou Doc. -É assim que começam todas as campanhas de vendas.

-Não venho vender nada. Ouça: venho do futuro. Cheguei numa máquina do tempo inventada por si... e agora preciso que me ajude a regressar.

-Regressar a onde?

-A mil novecentos e oitenta e cinco.

-Incrível! -suspirou Doc Brown. -Meu Deus, sabe o que isso significa?

Fez uma pausa de efeito e depois começou a tirar da cabeça a complicada maquineta.

-Que significa?

-Significa que esta porcaria não funciona! -berrou ele, atirando a máquina para o chão. Esta partiu-se em pedaços, voando vidro e plástico por todos os lados. -Seis meses de trabalho para nada! Em que me terei enganado?

-Por favor, Doc -insistiu Marty. -Esqueça a máquina de ler o pensamento. Nunca há-de conseguir fazer com que funcione.

-Quem disse?

-Digo eu. Ouça: O seu grande invento será a máquina de viajar no tempo. Em vez de se dispersar por essas outras questões, devia estudar o funcionamento da máquina do tempo... Porque eu preciso da sua ajuda. Deixou-me aqui preso em 1955.

Doc Brown franziu o sobrolho e esfregou uma ligadura que tinha na cabeça:

-De que está para aí a falar? Máquina do tempo?inquiriu. -Não inventei nenhuma máquina do tempo.

-Não, mas vai inventar-informou Marty. -E eu vou ser o primeiro a usá-la, se exceptuarmos o seu cão Einstein.

-O meu cão chama-se Copérnico.

Marty acenou com a cabeça:

-Faz sentido. Dá aos seus animais de estimação nomes de grandes cientistas. Então não é lógico que algum cão futuro seja Einstein?

-Faz sentido -admitiu Brown. -Mas como é que eu posso ter a certeza de que você vem do futuro? Há por aí muitos tipos que me acham um excêntrico e um chato. -Talvez o tenham mandado cá para pregar alguma partida de mau gosto.

-Não sou partida nenhuma -retrucou Marty. -E posso provar-lho.

Levou a mão ao bolso e tirou a carteira:

-Veja -disse. -Aqui está a minha carta de condução. Verifique as datas.

Entregou a carta a Doc Brown.

-Vê o prazo de validade? -continuou Marty. -Expira em mil novecentos e oitenta e sete. Vê a minha data de nascimento? Mil novecentos e sessenta e oito.

-Quer dizer que você ainda nem nasceu? -interrogou Doc Brown. Virou e revirou a carta. -Parece mesmo autêntica, não há dúvida -murmurou. -É autêntica.

Procurando mais no fundo da carteira, Marty retirou um cartão de biblioteca a expirar em 1986, uma nota nova e uma fotografia de família. Um a um, submeteu-os ao exame de Doc Brown:

-Olhe para esta nota de vinte dólares -pediu.Série de 1981... E aqui está uma fotografia minha, com a minha irmã e o meu irmão...

-E depois?

-Depois olhe para a camisola da rapariga. Não diz «Classe de 84»?

Doc Brown concordou, para logo encolher os ombros:

-Montagem fotográfica bastante medíocre -afirmou.Parece que cortaram a cabeça ao seu irmão.

Estando a ficar cada vez mais irritado, Marty enfiou a fotografia outra vez na carteira sem se dar ao trabalho de olhar para ela. Se Doc Brown não acreditava na sua história, quem iria acreditar? Era simultaneamente irónico e aborrecido que o responsável pelo dilema em que ele se encontrava não acreditasse no seu próprio êxito.

-Por favor, Doc -disse Marty apaixonadamente.Tem de acreditar em mim! Estou a dizer a verdade.

Doc fitou-o de olhos semicerrados:

-Está bem, rapaz futuro -sorriu. -Deixe-me fazer-lhe um testezinho: Quem é que vai ganhar o campeonato do Mundo em 1956?

Infelizmente, Marty não tinha conhecimentos enciclopédicos de acontecimentos desportivos, embora se interessasse tanto por eles como a maior parte dos jovens da sua idade:

-Não sei -confessou. -Isso foi há quase trinta anos.

-Não, é daqui a um ano -disse imediatamente Doc Brown, antes de se aperceber de que encaravam a data de perspectivas diferentes. -Está bem -continuou. -Eu sou do Brooklyn. Quantas taças e campeonatos ganham eles durante os anos de 60 e70?

-Acho que não ganham nada -replicou Marty.Brooklyn nem sequer está na primeira divisão.

Doc Brown riu trocista:

-Não ganham nada? -Comentou, abanando a cabeça.

-Nem estão na primeira divisão? Não acredito.

-É verdade.

-Que disparate! Então quem é que ganha as taças?

-Os Miracle Mets ganharam um excitante campeonato em 1969 -informou Marty. -Mas eu sou do Sam Diego Padre. E também gosto dos Chargers.

-Mets? -repetiu Doc. -Quem são os Miracle Mets? E o Sam Diego? Está a gozar comigo?

-Não. As equipas mudam muito.

-Sim, mas não tanto -resmungou Doc. -Não reconheci nenhuma das equipas que você mencionou. Quais são as grandes equipas de futebol?

-Os L. A. Raiders... Miami Dolphins... Dallas Cowboys... Sam Francisco 49ers.

-Até que enfim -exclamou Doc Brown -, uma equipa que eu reconheço! Incrível. E esta: Quem vai ser o presidente dos Estados Unidos em 1985?

-Ronald Reagan.

-Ronald Reagan, o actor? -perguntou Doc Brown, abanando a cabeça.

Marty confirmou com um aceno algo pesaroso. Desejava que Doc Brown lhe tivesse feito qualquer outra pergunta.

-Ora, esse é o maior disparate que alguma vez ouvi -murmurou Doc. -Com certeza podia ter inventado uma resposta melhor do que essa.

Pegando no seu Analisador de Ondas Cerebrais, Brown começou a dirigir-se para a garagem. A brincadeira acabara, pelo que lhe dizia respeito. Não fazia ideia do que fora conseguido, mas, se alguém se rira à sua custa, parabéns. Marty seguiu-o.

-Por favor, deixe-me em paz -pediu Doc Brown por cima do ombro, ao mesmo tempo que saía da sala.

Marty, a pensar furiosamente no que poderia dizer para convencer o homem, lembrou-se de repente de que dia era: Sábado, 5 de Novembro de 1955. Não fora nesse dia que Doc escorregara de cima da sanita e...?

-Claro-exclamou Marty. -Até tem uma equimose a prová-lo.

Correndo atrás de Doc Brown, começou a falar num ritmo de cantilena apressada:

-Doutor Brown, ouça! -dizia. -Essa equimose na sua cabeça... sei como ficou com ela! Estava a pendurar um relógio e caiu de cima da sanita e bateu com a cabeça no lavatório...

Doc Brown rodopiou para o encarar:

-Que tem andado a fazer? A espiar-me? -Quis saber. -Nem na casa de banho posso estar à vontade? Agora de cada vez que me sentar tenho de me preocupar que esteja algum idiota a olhar para mim por meio de binóculos?

-Não -assegurou-lhe Marty. -Eu não o espiei. Em 1985 o senhor falou-me acerca desta manhã. Disse que, depois da queda, teve uma espécie de visão do capacitador de fluxo, que é o coração da máquina do tempo.

Doc Brown franziu-se. Aquilo era verdadeiramente intrigante. Como é que aquele jovem podia saber o que se passava na sua mente sem ele lho ter dito? Enquanto ele estava a tentar descobrir isso, Marty estendeu as palmas das mãos e expressou a mesma interrogação:

-Doc, como é que eu podia saber isso se não viesse do futuro?

-Podia ser um leitor de pensamentos.

-Sim, mas não sou. Sou apenas um tipo vulgar a quem o senhor fez confidências.

-Onde é que está agora essa máquina do tempo?indagou Doc Brown. Estava a começar a ficar intrigado.

-Tenho-a escondida-redarguiu Marty. -Encafuei-a numa garagem. Dá tanto nas vistas que eu não podia andar com ela pelas ruas sem atrair as atenções. Até talvez fosse preso.

Doc Brown fitou longamente o jovem. Queria acreditar nele mas faltava qualquer coisa. Aquilo era demasiado fantástico. O garoto só podia ser um bom actor que de alguma maneira descobrira o seu acidente. Fosse qual fosse o motivo que o levara a montar a história, isso não era importante. Ele tinha mais que fazer:

-Boa noite, «Rapaz Futuro» -disse, fechando a porta de serviço da garagem.

Marty ficou em silêncio durante quase um minuto. Por mais que tentasse, não conseguia pensar em mais ninguém que o pudesse ajudar, além de Doc Brown. Isso só queria dizer uma coisa: se Brown exigia mais provas para ficar convencido, então essas provas teriam de ser apresentadas.

-Mas provavelmente para a próxima ele não me deixa entrar, se souber que sou eu -suspirou.

Baixou os olhos, e verificou que o mesmo vaso com uma planta, muito mais pequena, estava à porta da garagem de Doc.

-Será possível...? -Sorriu.

Inclinando-se, levantou o vaso e encontrou a chave. Meteu-a na algibeira e afastou-se.

O seu plano consistia em esperar até ser escuro, quando o DeLorean daria menos nas vistas. A própria máquina com certeza impressionaria Doc Brown, e continha diversos artigos de 1985 que serviriam de provas. Caminhando lentamente, Marty voltou à Praça Principal, comprou um hamburger e uma Pepsi, e ficou a ver os ponteiros do relógio da torre do palácio de justiça avançarem pausadamente para as quatro horas. Por fim, cansado de ver as pessoas, decidiu ir ao cinema.

Encaminhou-se para o Essex, mas deu só alguns passos, depois do que virou à esquerda e se dirigiu para o Municipal. Os filmes do Oeste nunca tinham sido os seus preferidos e Ronald Reagan também estava longe de ser o seu actor preferido. Pelo menos The Atomic Kid era um filme que ele nunca vira na televisão.

Pagou alegremente os cinquenta cêntimos do bilhete, comprou um Almond Joy por dez e entrou. O filme era bastante fraco e Marty deu mesmo por si a desejar anúncios de televisão como meio de aliviar o tédio. Noventa minutos depois, tendo aturado a história de um prospector que fica imune às radiações atómicas e persegue espiões comunistas, saiu, notando com satisfação que estava consideravelmente mais escuro.

Ao chegar a casa, já estava mesmo escuro. Marty abriu a garagem, entrou no DeLorean, baixou o assento para uma posição reclinada e fechou os olhos. Decidira esperar pelo menos até à meia-noite, para que houvesse poucas pessoas nas ruas a verem o seu carro do outro mundo.

Acabou por cair num sono entrecortado, com uma sucessão de sonhos a recordarem-lhe que se encontrava numa situação séria... Viu-se perseguido por jogadores profissionais ansiosos por lhe extraírem do cérebro conhecimentos sobre o futuro que pudessem transformar em dinheiro... A polícia e funcionários públicos, entretanto, queriam silenciá-lo para evitarem o pânico... Lorraine queria o seu corpo... Não tinha hipóteses de regressar a 1985, a Jennifer, aos seus amigos...

Acordando em sobressalto, olhou para o relógio digital no tablier do DeLorean.

Já passava da meia-noite.

Pondo o carro em funcionamento, rolou suavemente para fora da garagem e voltou a casa de Doc Brown, em Riverside Drive. Fiel à sua imagem, Hill Valley subira cedo os passeios e eram poucos os carros que andavam na estrada.

Ao chegar à garagem de Doc, Marty abriu a porta com a chave de que se apropriara e levou o DeLorean para dentro. Doc Brown dormia, ressonando ruidosamente, encostado à sua mesa de trabalho. Sob a sua figura reclinada estavam planos do Analisador de Ondas Cerebrais e um bloco de notas com memorandos garatujados.

Marty tocou suavemente no ombro de Doc:

-Doc... acorde -sussurrou.

Os olhos de Brown abriram-se a palpitar:

-Ah?-resmungou em voz pesada e com expressão vaga.

-Sou eu -disse Marty.

Um acesso de ira foi visível nos olhos de Doc Brown:

-Que diabo está a fazer aqui? -exigiu saber. -Como raio entrou?

-Com a sua chave...

-Tem muito descaramento...

-Enquanto falava, Doc Brown deixou cair o olhar sobre o DeLorean e as palavras morreram-lhe na garganta:

-Santo Deus -murmurou.

-É a sua máquina de tempo, Doc -apresentou Marty, sorrindo. -Trouxe-a para cá.

Doc Brown começou a dirigir-se para ela, de olhos esbugalhados de perplexidade e boca aberta. Marty pensou que ele estava prestes a começar a babar-se.

-Agora já acredita em mim?

Doc Brown não respondeu. Muito deliberadamente, deu uma volta completa à máquina. Depois retirou da algibeira uma folha de papel dobrada e entregou-a a Marty:

-Depois de cair da sanita -disse -, desenhei isto. Lembra-lhe alguma coisa?

Marty desdobrou a folha e imediatamente reconheceu um esboço tosco mas correcto do capacitador do fluxo:

-Pode apostar -retorquiu.

Abriu a porta do carro e tirou o objecto verdadeiro. Ao vê-lo, os olhos de Doc Brown iluminaram-se. Aos pulinhos sem sair do mesmo sítio, começou a gritar, emitindo palavras entre sons inarticulados de alegria:

-Ah! Funciona... funciona? -arquejou. -Acabei por inventar uma coisa que funciona!

De súbito estendeu as mãos para abraçar Marty e deu-lhe um beijo na face.

-Isto é formidável! -Transpirava. -Isto é maravilhoso! Nem posso acreditar!

Mas era evidente que acreditava, pois o que fez a seguir foi assumir uma atitude muito formal, como se se dirigisse a um auditório de pessoas muito cultas:

-Minhas senhoras e meus senhores -pronunciou em voz profunda e sonora -, e membros da comissão Nobel... É uma grande honra para mim aceitar o Prémio Nobel do ano de mil novecentos...

Fez uma pausa e voltou-se para Marty:

-Em que ano recebo o Prémio Nobel? -inquiriu.

Então, antes de Marty poder falar, acenou com as mãos e continuou:

-Não... espere, não diga. Não quero saber. Deixe que seja uma surpresa maravilhosa. Ninguém deve saber demasiado acerca do seu próprio destino. Parecia prestes a dirigir-se novamente ao seu auditório imaginário quando uma expressão de repentina compreensão lhe invadiu as feições:

-Espere aí! -exclamou. -É só um minuto! Já estou a começar a recordar-me. Você mencionou qualquer coisa como ter sido a minha primeira cobaia, à excepção de um cão.

-É verdade.

-E também disse que eu o deixei aqui pendurado em 1955...

Marty confirmou com a cabeça.

-Porque faria eu uma coisa dessas? -Interrogou Doc Brown altivamente. -Sou um cientista responsável. Sempre que realizo uma experiência, faço-o com absoluta segurança. Nunca enviaria um garoto para trás no tempo, deixando-o lá.

-Não fez de propósito -explicou Marty. -Foi um acidente. Outras pessoas intervieram. De facto, a barra ficou muito pesada...

-Barra pesada? -disse Doc. -Que tem o peso a ver com esta questão?

-Desculpe. É uma maneira de dizer. O que aconteceu foi depois da primeira... '

-Espere, não diga -interrompeu Brown. -Saber de mais acerca do futuro... de facto, até a sua simples presença aqui... pode ser muito perigosa. Poderíamos acidentalmente alterar o curso da História...

-Não creio -contrariou Marty. -Eu sou uma pessoa vulgar...

-Não está a entender. Uma molécula, um átomo fora do lugar pode destruir todo o tecido do contínuo espaço-tempo... Portanto, temos de ter muito cuidado e não fazer nada de significativo.

Marty encolheu os ombros.

-Mostre-me como essa coisa funciona -pediu Doc Brown. -Temos de o mandar de regresso -de regresso ao futuro.

-Por mim está bem -retorquiu Marty. -Mas não sou especialista O senhor é que me deu umas instruções de minutos em 1985, e foi tudo.

-Porquê tão pouco? -interrogou Doc Brown. -Se ia ser meu auxiliar, por que não lhe expliquei tudo completa e integralmente? É irresponsável mandar um rapaz trinta anos para o passado com instruções inadequadas.

Marty sorriu. Parecia que ele estava a criticar outra pessoa, quando na realidade estava a comentar as actividades do seu futuro eu.

-Não, Doc -explicou Marty. -Não foi questão de ser irresponsável. Sabe, fomos atac...

Deteve-se. Deveria contar a Doc Brown como ele fora morto? Não lhe parecia muito apropriado e de certo que não era simpático.

-Tem razão, meu rapaz -acenou Brown. -Não entremos em pormenores. Já sei demasiado...

-O quê, Doc? -perguntou Marty. -Não lhe disse nada realmente, importante.

-Ah, não? -Ripostou ele. -Primeiro à uma questão de eu inventar uma máquina de tempo. É uma grande notícia, não só para mim como para toda a comunidade científica. Depois há os Miracle Mets em 1969. E Ronald Reagan como Presidente. Estava a brincar quanto a isso, não estava?

-Estava -mentiu Marty.

-Ah, bem.

Uma hora mais tarde, depois de estudar como funcionava a máquina do tempo DeLorean, Doc Brown tirou a mala que continha os seus artigos de 1985 e começou a examiná-los um a um.

-O que é isto? -perguntou.

-Um secador de cabelo -esclareceu Marty.

-Um secador de cabelo? Não há toalhas no futuro?Atirou-o outra vez para dentro da mala. -Não me diga que vou mesmo usar aquilo -resmungou. Examinou parte da roupa: -E essa indumentária -comentou -é toda de algodão.

Estava convencido que em 1985 todos teríamos fatos de papel para usar e deitar fora. Aí não há grande avanço... Apareceu um exemplar da Playboy. Brown folheou-a, quase a deixando cair quando a página central se abriu em toda a sua glória:

-Eita! -sorriu. -De repente o futuro ficou com muito melhor aspecto. -Virou a fotografia ao contrário e depois de lado. -Isto é um bocado

maluco -riu. -Aqui estou eu, a comer com os olhos uma mulher que ainda não nasceu.

-Sim -comentou Marty. -Se quiser fundir a cuca, deite uma olhadela a isto.

Nos últimos minutos ocupara-se a preparar a câmara de vídeo para passar a gravação que fizera no parque de estacionamento da Alameda Twin Pines. Agora estava pronto:

-Prepare-se para um choque, Doc -disse ao carregar no botão ON.

No visor surgiu um granulado logo seguido pela imagem e Doc Brown em 1985, com o seu preâmbulo ao que intitulou experiência temporal número um.

-Quem é aquele tipo? -Começou, para logo arfar.Mas sou eu! Vejam só! Que velho! Mas não estou mal de todo para a idade! Graças a Deus ainda tenho cabelo -há calvície na minha família, sabe? Até no ramo feminino. Mas que diacho de roupa é que tenho vestida?

-Um fato protector de radiações.

-Claro, por causa de toda a precipitação das guerras atómicas.

-Não, Doc. Houve diversos momentos...

-Deixe lá. Não diga nada. Desculpe ter-me excedido. Para evitar saber coisas acerca do futuro, não devo fazer afirmações provocatórias como aquela. Mas isto é verdadeiramente espantoso -é um estúdio e portátil de televisão. Nunca imaginei que...

-Veja isto -pediu Marty. -Vem aí a parte mais importante.

Doc Brown de 1955 ficou pregado ao chão enquanto Doc Brown de 1985 explicava como a máquina do tempo estava dependente da energia

do plutónio. Marty McFly de 1985, exactamente igual ao Marty de 1955, ouvia os comentários de Brown e depois falava na gravação:

-Plutónio? -dizia. -Quer dizer que este menino é nuclear?

-Eléctrico., basicamente -replicava Brown. -Mas precisa de uma reacção nuclear para gerar os 1,21 gigawatts de electricidade de que necessito. O capacitador de fluxo armazena-a, e depois descarrega-a toda de uma vez, como um gigantesco relâmpago. É mesmo muito eficiente:

-Que disse o velhote agora mesmo? -inquiriu o jovem Doc Brown. -Deixe-me ver outra vez.

Marty rebobinou a fita e repetiu o segmento em questão:

-.1,21 gigawatts de electricidade de que necessito. O capacitador de fluxo...

-Diabos me levem! -exclamou Doc Brown, sobrepondo-se à sua própria voz. -Ele disse 1,21 gigawatts? Por Jeová -1,21 gigawatts!

Dito isto, voltou-se e correu para fora da garagem. Marty desligou o aparelho e foi atrás dele:

-Doc! -gritou. -Ei, Doc! O que é?

Quando chegou junto dele, já Doc estava numa grande sala da casa, que usava para pintar. As paredes estavam decoradas com retratos de inventores e cientistas famosos, como Albert Einstein, Benjamim Franklim, Isaac Newton e Thomas Edison. A peça central da sala quase vazia era um grande cavalete de pintar, em que repousava uma grande tela. Doc Brown estava agora junto do cavalete, de feições muito agitadas, a atacar a tela com um pincel de tinta, descrevendo grandes arcos com os braços, como um moinho avariado. De cada vez que o pincel atingia a tela; aparecia uma grande tira vermelha.

-Um-vírgula-dois-um gigawatts -murmurava repetidamente, enquanto continuava a sua dança nervosa.

Marty ficou parado a observar, certo de que o seu amigo enlouquecera por completo. Ocorreu-lhe um pensamento aterrador: e se ver-se nas gravações tivesse sido suficiente para que o Doc Brown de 1955 perdesse o juízo? Se o choque tivesse sido demasiado, isso não significaria que ele próprio perdia todas as hipóteses de futuro? Um Doc Brown de 1955 louco não poderia inventar a máquina de tempo trinta anos mais tarde. Isso deixaria Marty McFly encalhado em 1955 ou quereria simplesmente dizer que o Marty de 1985 nunca chegaria a conhecer Doc Brown?

Abanou a cabeça. O facto é que não compreendia muito bem o que era ou onde estava. Era o verdadeiro Marty McFly que estava ali de pé naquele ponto de tempo? Ou tratar-se-ia apenas de um rebento, por assim dizer, saído do seu eu posterior? Se alguma coisa lhe acontecesse agora, voltaria a nascer em 1968? Seria até possível que houvesse dois Marty McFly, separados por trinta anos de idade, que se encontrassem no futuro?

Doc Brown parara de pintar por um momento e estava agora de olhos erguidos para o retrato de Thomas Edison:

-Tom! -gritou. -Como é que vou gerar tanta energia? Não é possível, pois não?

Abruptamente, mergulhou o pincel na paleta e fez nova investida contra a pintura.

Marty aproximou-se dele:

-Doc, o que é que está a correr mal? -perguntou.Que está a fazer?

-Estou a pintar! Pinto sempre que não consigo perceber um problema.

Marty decidiu fazer o jogo dele:

-Bem, use verde -sugeriu delicadamente. -O verde é a sua cor.

-É? Como sabe?

-Sei. Confie em mim.

Brown olhou para ele um momento, depois esfregou uma massa verde na paleta e transferiu diversas pinceladas largas para a tela.

Ficou quase imediatamente calmo.

-Pois, é mesmo... sim, tem razão -respirou. -É muito melhor.

Marty correspondeu com um aceno de cabeça:

-Eu sabia que sim -asseverou.

Esperou uns momentos antes de voltar a abordar o problema. A ideia de provocar outro acesso a Doc Brown não lhe agradava, mas Marty estava agora desesperado por informações:

-Ser-me-á possível voltar a 1985? -Exigiu saber.

Doc Brown pousou o pincel e suspirou:

-Marty -disse -, lamento que isto tivesse que acontecer. Mas 1,21 gigawatts é demasiada energia. Não consigo obtê-la. Temo que fique aqui encurralado.

CAPÍTULO VIII

Marty procurou uma cadeira. A afirmação de Doc Brown fez com que todo o seu corpo se sentisse tão fraco que ele pensou mesmo haver a possibilidade de desmaiar.

-Não... -murmurou.

-Gostaria de ajudar mas não sei como -disse Doc. Está fora do alcance das minhas capacidades.

-Plutónio, Doc -contrapôs Marty. -Só precisamos de plutónio, não é?

Doc Brown soltou uma gargalhada:

-Arquimedes disse que podia mover a Terra se lhe desses um ponto de apoio -respondeu. -Foi uma afirmação bastante segura. A nossa está mais ou menos nas mesmas condições. Sim, podemos levá-lo de regresso se tivermos plutónio. Se. Não é apenas um grande Se. É um se monumental.

– Porquê?

– Porquê? Porque não sabe como as coisas estão difíceis em 1955, meu rapaz. Com certeza em 1985 se pode comprar plutónio em qualquer loja de esquina. Mas agora é difícil de conseguir. De facto, é praticamente impossível.

-E que tal por canais ilegais? -sugeriu Marty. -Não há mercado negro para produtos desses?

-Que eu saiba, não.

-Raios... Raios...

Doc Brown sorriu e pôs a mão no ombro de Marty:

-Não é o fim do mundo -disse.

-É o fim do mundo que eu conheço.

-Sim, mas veja o lado bom. Este tempo não é mau para se viver. Podia ter ficado preso na Idade Média, o que o obrigaria a passar metade do tempo a esquivar-se dos bárbaros. Ou podia ter aparecido durante a Peste Negra. Ou mesmo tão recentemente como nos primeiros anos do século XIX, quando não havia anestésicos, nem televisão nem cinema. Quero dizer, de facto estamos bastante avançados. Temos filmes a três dimensões, música de alta fidelidade, Frank Sinatra, café instantâneo...

– Sim, bem, em 1985 temos MTV, discos compactos...

– Espere -interrompeu Doc Brown -, nem sequer sei de que está a falar....

– Buger King e planeamento familiar -continuou Marty. -Não percebe, Doc? Eu tenho uma vida em 1985. Gosto dela e quero voltar para ela.

-Mas este tempo é muito mais seguro. Aqui, sabe que haverá 1985. Em 1985, sabem que haverá um 2015? Pense nisso.

Marty abanou a cabeça.

-Tenho de correr esse risco -afirmou. -Os meus amigos, a minha música, a minha namorada estão à minha espera. Olhe, aqui está ela...

Tirou a carteira e mostrou a Doc Brown a fotografia tipo passe da Jennifer.

-Sim, não é nada má -concordou ele.

-Não é má? É bestial! E está louca por mim!

-Bem, e aqui não consegue arranjar uma rapariga simpática?

-Quer dizer, uma que trauteie Pat Boone? -retrucou Marty trocista. -Não, obrigado. Nenhuma delas chegará alguma vez aos calcanhares da Jennifer. Vê isto? Vê o que ela escreveu aqui? É poesia!

Tirou um bocado de papel em que Jennifer escrevera:

«Amo-te. »

Doc Brown olhou-o com simpatia, mas o seu encolher de ombros de impotência era mais significativo.

-Tenho muita pena... -disse.

-Por favor, Doc -implorou Marty. -Tem de me ajudar a regressar ao futuro. É a minha única esperança! Sei que me pode descobrir alguma coisa.

-Como sabe isso?

-Porque nunca me desiludiu no passado.

-Quer dizer no futuro.

-Sim -concordou Marty. -Sempre me disse que, se nos concentrarmos, podemos conseguir qualquer coisa, resolver qualquer problema.

-Eu disse isso? Que egoísta! Mas devo dizer que é um bom conselho.

-Doc, sei que pode descalçar esta bota. Talvez agora acredite mais em si do que o senhor mesmo.

-Marty, estou muito sensibilizado por ter tanta confiança em mim -Doc Brown sorria. -Estou mesmo. Significa muito para mim. Mas vai ser preciso mais do que confiança para gerar 1,21 gigawatts de energia. Faz ideia de quanto isso é? Tanta energia só pode ser produzida por um relâmpago. E nem sequer pode ser um da terceira divisão. Teria de ser daqueles que até fazem estremecer as paredes, tão grande que fizesse parar um relógio.

Marty deu um estalo com os dedos.

-Ah! -exclamou Doc Brown. -Teve uma ideia, mas esqueceu-se de dizer «Eureka!»

-Talvez não seja uma ideia do tipo «Eureka» -retorquiu Marty. -Só me ocorreu que, se pudéssemos usar a energia de um raio...

-Pensamento razoável -interrompeu Brown -e muito prático se não fosse um pequeno pormenor: Nunca se sabe onde ou quando vai surgir um raio. Claro que temos um indício quando há trovoada, mas mesmo nessa altura não podemos ter a certeza de que um raio caia suficientemente perto para ser usado como fonte de energia.

Marty esperou pacientemente que ele acabasse, depois sorriu:

-Só que eu sei onde e quando vai cair um raio.

-Sabe?

-Sei, sim senhor.

Virou a folha de papel em que Jennifer escrevera a sua mensagem. Era o desdobrável que lhes fora dado pela senhora da campanha de preservação da torre do relógio em 1985. Ao cimo da folha estava uma

réplica do título de jornal de 1955: em que se lia: TORRE DO RELÓGIO ATINGIDA POR RAIO, RELÓGIO PARADO ÀS 10:04. Por baixo estava a data: Domingo, 13 de Novembro de 1955.

Agora era a vez de Doc Brown fazer estalar os dedos.

-Eureka? -perguntou Marty.

-Eureka, sim -respondeu Doc Brown, acenando diversas vezes. -Tem razão! É isso! É essa a resposta! Dado que o jornal saiu no Domingo, isso quer dizer que a torre do relógio será atingida no próximo sábado à noite. Se conseguissemos de algum modo captar esse raio... conduzi-lo até ao capacitador de fluxo... talvez resultasse...

Marty sorriu abertamente. Agora estavam no bom caminho! Pelo menos parecia haver esperança. Tudo o que ele queria era tentar regressar. Se falhasse, seria uma desgraça. Mas continuar ali, absolutamente sem esperança... não era alternativa que ele gostasse de considerar.

Doc Brown ergueu o olhar para o retrato de Benjamim Franklin:

-Que pensas disto, Ben? Captar um raio? Se tu o fizeste, porque não o hei-de fazer eu? É brilhante.

Voltou-se para fitar outra vez Marty:

-Tinha razão, Marty -disse. -Eu também tinha razão! Podemos conseguir qualquer coisa se nos concentrarmos. E vamos conseguir. No próximo sábado à noite, vamos enviá-lo de regresso ao futuro -com um bang! Isto exige um brinde.

Encaminhou-se a passos rápidos para o refrigerador de água e serviu um copo para cada um deles. Depois, erguendo dramaticamente o seu, exclamou:

-À minha! À sua! A Ben Franklin! E à sua encantadora namorada por escrever este bilhete.

-Bebo a tudo isso -concordou Marty.

Beberam em silêncio.

-Sim, a Jennifer é mesmo formidável -Marty sorria. -Estou ansioso por a rever e lhe contar isto. Mas não creio que uma semana em 1955 me faça mal. De facto, até pode ser divertido verificar algumas coisas. Sabe, aperceber-me da cor local, acotovelar os nativos, essa espécie de coisas. Para surpresa de Marty, Doc Brown franziu o sobrolho e começou a abanar a cabeça:

-Lamento -afirmou -, mas isso está completamente fora de causa.

-Porquê?

-Devido à natureza delicada da sua presença aqui. Aparentemente você ainda não aceitou o facto de ser uma ameaça potencial para esta vila, para as vidas das outras pessoas, para toda a nossa sociedade. Não, receio que tenha de ficar retido aqui em casa. Não pode ver nem falar com ninguém. Tudo o que fizer ou disser pode ter sérias repercussões em acontecimentos futuros. Compreende?

-Sim, claro -redarguiu Marty. -Na realidade, não aceitava muito bem a ideia de Doc Brown de ser uma «ameaça» para a sociedade. Principalmente agora que sabia o que podia acontecer se começasse a falar muito acerca do futuro. Por outro lado, se tivesse cuidado com o que dissesse e se limitasse a observar, que mal poderia fazer? Era com certeza melhor do que passar uma semana confinado à casa e à garagem de Doc Brown.

-Marty, com quem mais entrou em contacto hoje?indagou Doc Brown. -Além de mim, claro.

-Bem, fui ao cinema. Acha que o facto de o Municipal ter recebido hoje mais cinquenta cêntimos irá alterar o curso da História?

-Não arme em esperto-recrutou Doc Brown. -É um elemento minúsculo, mas até ele pode ser significativo. Imaginemos que um dia o concessionário do teatro está a ver a folha de balanço e a pensar vender. Talvez esses cinquenta cêntimos transformem a receita, que de $999,75 passe a $1000,25. Ou seja, ela passa de três algarismos para quatro. Pode ser a diferença psicológica entre manter o teatro e vender. Assim, influenciado pelos cinquenta cêntimos a mais, ele mantém-no. Não muito tempo depois, quando o teatro estaria fechado se ele o tivesse vendido, há fogo e ficam lá pessoas presas dentro. Um deles é um jovem que estaria destinado a tornar-se Presidente dos Estados Unidos -só que então morre.

-E eu é que sou o culpado -murmurou Marty.Matei-o com os meus cinquenta cêntimos.

-Não directamente, mas já viu onde bate o ponto. A História é muito frágil. Um tipo olha para um lado ou tosse e acontece uma coisa. Olha para outro lado ou não tosse e acontece uma coisa diferente. É assustador. Não viu o filme Do Céu Caiu uma Estrela? É um compêndio de como as nossas pequenas vidas influenciam as de todas as outras pessoas.

-Sim -concordou Marty. -Já estou a perceber.

-Então, com quem mais entrou em contacto?

-Com montes de gente. Com os meus avós, com a minha mãe e o meu pai. Com Biff Tannen...

Doc Brown retraiu-se:

-Procurou os seus pais? -disse. -Como pôde fazer uma coisa dessas? É totalmente irresponsável.

-Não os procurei -contrapôs Marty. -Dei de caras com eles.

-Conte-me o que aconteceu.

Marty relatou os acontecimentos do dia. Considerava-os muito brandos até ver quão profundamente afectavam Doc Brown.

-Diz que salvou o seu pai de ser atingido pelo carro -meditou Doc.

-Sim, mas não lhe salvei a vida. Se o carro lhe tivesse batido, ele teria sobrevivido.

-Como sabe?

-Porque é a anedota familiar de como o papá e a mamã se conheceram quando o avô conduziu o carro contra ele.

-Santo Deus! Você impediu que os seus pais se encontrassem pela primeira vez?

-Sim, mas hão-de voltar a encontrar-se. Frequentam a mesma escola, sabe...

-Não, não, não! -exclamou Doc Brown. -Fez uma coisa terrível no que se refere à sua vida futura. Deixe-me ver outra vez essa fotografia da sua família.

Marty retirou o instantâneo da carteira e entregou-o a Brown. A expressão deste tornou-se grave:

-É o que eu pensava -afirmou.

-Qual é o problema? -inquiriu Marty.

-Aconteceu. Isto prova a minha teoria. Olhe para o seu irmão -que me diz da cabeça dele?

Devolveu a fotografia a Marty. Era a mesma de que se lembrava -só que Dave não tinha cabeça. Olhando atentamente para a fotografia, viu que a cabeça do irmão tinha sido apagada ou arrancada. Por trás do sítio onde devia estar a cabeça dele continuava o canteiro de rosas que o seu corpo bloqueava. Era como se Dave não tivesse cabeça quando o instantâneo fora tirado!

-Santo Deus! -murmurou Marty. -A cabeça dele desapareceu... Como se tivesse sido apagada...

-Apagada da existência -acrescentou Doc Brown significativamente.

-Não compreendo isto -disse Marty. -Ou talvez compreenda mas não queira compreender.

Brown levantou um dedo:

-Chiu... -disse. -Estou a desenvolver uma teoria. Depois de pensar um momento, fez estalar os dedos: -Meu rapaz, temos de lhe arranjar roupas -afirmou. -Fique aqui, que eu vou comprá-las. Diga-me quais são os seus números.

Uma hora mais tarde, ele voltava do armazém Sears, Roebuck local com um saco de compras em que se encontrava um equipamento completo. Enquanto tirava as etiquetas e começava a mudar de roupa, Marty discutiu o assunto com Doc Brown:

-Conte-me a sua teoria -pediu. -Tem a certeza de que faz sentido?

-As minhas teorias fazem sempre sentido -replicou Brown. -É uma simples extrapolação genético-matemática.

-Não percebo.

-Em termos mais simples então: Era o seu pai que devia ser atropelado, não o Marty. Assim, você interferiu no primeiro encontro dos seus pais. Se eles não se encontrarem nas mesmas circunstâncias, podem não se apaixonar. Mas isso são águas passadas. Temos de arranjar maneira de eles se encontrarem porque, se não se encontrarem e se apaixonarem, não casam. Se não casarem, não têm filhos. É por isso que o seu irmão está a desaparecer da fotografia -é o primeiro, pois é o mais velho. Seguir-se-á a sua irmã e, a menos que consiga reparar os danos, você será o último a desvanecer-se.

-Então que posso eu fazer?

-Voltar para a escola.

-Porquê?

-Porque é um garoto. Os garotos andam na escola. Os seus pais são garotos. Andam na escola. Você interferiu na relação dos seus pais. Portanto tem que ir para a escola reparar os prejuízos que causou.

-Não posso limitar-me a andar por lá antes e depois das aulas? Quer dizer, a escola era aborrecida em 1985. Quando penso em como deve ser chata em 1955, fico louco.

Doc Brown abanou a cabeça:

-Agora não se pode dar ao luxo de perder tempo. Temos menos de uma semana para trabalhar, certo?

Marty concordou com um aceno de cabeça.

-Portanto tem de aproveitar todos os minutos disponíveis para tentar juntá-los. Senão, você próprio não existirá no futuro. É tão simples como isso.

Recuou uns passos para contemplar o novo vestuário de Marty:

-Não está mal -comentou. Metendo a mão no saco, tirou a última compra: um frasco de tónico capilar Vaseline. Assim que ele desatarrachou a tampa, Marty comprimiu os lábios.

-Veja lá, Doc -murmurou. -Admito que estes fios são bastante frescos. Mas não vai pôr essa porcaria gordurosa no meu cabelo.

-Por que não? Muitos dos garotos usam isto.

-Tem um aspecto horroroso. E quem sabe de que é feito? Quero dizer, pode provocar-me cancro.

-Precisa disto para o seu disfarce -afirmou Brown. Dito o que, começou a aplicar o produto com um pente ao cabelo de Marty. -Não se preocupe -disse. -Isto está na moda, tanto para crianças como para adultos.

-Sim? Então porque é que não usa? -desafiou Marty.

-Também é muito inflamável -ripostou Doc.

-Bestial.

Doc Brown parou de pentear o cabelo de Marty, mas parecia não ter acabado completamente. Olhou de lado para o efeito, sem ter a certeza de ser o melhor.

-Permita-me -pediu Marty, pegando no pente.

Aproximando-se do espelho, começou a pentear o cabelo dos lados para trás e forçou um caracol errante a cair-lhe para a testa:

-Já que vou passar por isso -explicou -, ao menos hei-de parecer-me com o Elvis.

-Elvis? O que é isso? -Perguntou Doc Brown.

-Há-de descobrir.

Tendo sido construído durante os últimos anos da Grande Depressão, Hill Valley High não era novo em 1955. Os seus piores dias -a era da escrita nas paredes com jactos de tinta dos últimos anos da década de 60 e da de 70 -ainda estava para vir, porém, e Marty achou o liceu limpo e brilhante quando lá foi conduzido por Doc Brown na segunda-feira de manhã.

Vestindo a sua nova roupa e com o cabelo empastado para trás, pouco se parecia com o jovem de 1985 que Stella Baines pensara trabalhar no circo.

-Eita, limparam isto bem -comentou Marty, assobiando baixinho. -Está como novo.

– Talvez a sua geração não tenha cuidado convenientemente dele -observou Doc Brown azedamente.

Marty encolheu os ombros, recordando as vezes que escrevera nas paredes e nas carteiras.

-Agora lembre-se -disse Brown, enquanto se encaminhava para a entrada principal -, segundo a minha teoria, só tem de os apresentar um ao outro e a natureza seguirá o seu curso... espero.

-Não creio que isso vá ser suficiente agora -contrapôs Marty. -O pai da Lorraine a atropelá-lo proporcionou-lhes uma relação especial. Ela teve pena dele, levou-o para casa.

-Talvez tenha razão. É capaz de ser melhor você insistir, fazer com que ela pense que o acha um tipo bestial.

-Isso pode não ser muito fácil -suspirou Marty.Ele é o verdadeiro protótipo do palerma.

-Não o faça por ele. Faça-o por si próprio.

-Sim...

Entraram na escola, que era tão familiar e todavia tão diferente aos olhos de Marty. Os corredores e as salas de aula pareciam basicamente os mesmos, mas a atmosfera era totalmente diferente -parecia saída de um filme antigo, só que era a cores. Enquanto caminhavam, Lorraine passou a correr para uma sala. Marty ia começar a segui-la, mas Doc Brown agarrou-lhe o braço:

-É a sua mãe? -indagou.

-É.

-É melhor não ir para a mesma aula -sugeriu Doc Brown. -O Professor não vai saber quem diabo é você. A minha primeira ideia de o fazer voltar mesmo à escola não é prática, creio. É melhor andarmos só por aí a ver o que conseguimos levar a cabo.

-Claro. Vamos ver se encontramos o papá., Depois, quando acabar esse tempo, podemos organizar o encontro entre eles.

-Boa ideia.

Passaram os vinte minutos seguintes a percorrer os corredores, espreitando sistematicamente para dentro das salas de aula a fim de localizarem George McFly. Por fim foi visto na última fila de uma sala pouco afastada da de Lorraine.

-Temos de esperar uns dez minutos -disse Marty, olhando para o relógio do corredor.

-Dez minutos atrasado -resmungou Brown, comparando-o com o seu relógio de bolso. -Pensar-se-ia que um estabelecimento de ensino teria pelo menos horas certas.

Voltaram calmamente até à turma da Lorraine e espreitaram uma vez mais para dentro. Ela estava sentada na segunda fila, a escrever. Estavam todos obviamente a fazer um ponto.

-Agora estou a ver a semelhança -afirmou Doc Brown. -Ela tem os seus olhos... -Depois, com uma risadinha, acrescentou: -E olhos para outro ponto também.

-Meu Deus! Sussurrou Marty. -Ela está a copiar.

Era de facto o que parecia. Com a mão em posição de escrita e a cabeça inclinada para baixo, Lorraine olhava directamente para o ponto do jovem ao seu lado.

-Não posso crer que a mamã fizesse uma coisa dessas -murmurou Marty.

-Porque não? -contrariou Doc Brown. -Ela é uma pessoa vulgar, não é?

-Não por aquilo que ela diz. Sempre nos contou como era bem comportada na escola, cheia de moralidade e simpatia-e praticamente todos os outros também.

-Ela tem uma memória selectiva como todos nós -afirmou Doc filosoficamente. -Mas não deixo de compreender os teus sentimentos. Dá um certo choque vermos os nossos pais pelo seu lado desonesto ou de algum modo negativo.

-Talvez seja melhor eu ir buscar o meu pai -sugeriu Marty.

Chegaram de novo junto da aula de George McFly precisamente quando a campainha tocava. Quando o pai se levantou, Marty ficou duplamente

impressionado com as suas características apalermadas.. Tinha a fralda da camisa de fora, o cabelo mal penteado e os papéis quase a cair da pasta.

-É o velhote, hem? -comentou Doc Brown com notável falta de entusiasmo.

-É.

Repararam que diversos rapazes seguiam atrás de George McFly, mal suprimindo risadinhas, enquanto este se dirigia da sala para o corredor. Quando ele se aproximava, outro rapaz chegou junto de George e aplicou-lhe muito deliberadamente um pontapé no traseiro.

George virou-se e encarou o tipo com os olhos baixos. tinha um letreiro que dizia DÊEM-ME UM PONTAPÉ preso à parte de trás do colarinho. Estava, claro, perfeitamente consciente disso.

-Talvez sejas adoptado -ouviu Doc Brown dizer baixinho.

Isso é que era bom, pensou Marty.

George McFly estava prestes a ser pontapeado por outro aluno quando uma figura conhecida surgiu subitamente em cena, arrancando-lhe o letreiro da camisa e mostrando-lho.

-Santo Deus! -arquejou Marty. -É o Dr. Strickland.

Era verdade. O anjo vingador de Hill Valley High, sempre de lacinho, estava ali sob a forma de Gerald Strickland. Parecia mais novo e em melhores condições físicas, mas era basicamente o mesmo. A sua presença fez com que os outros alunos se dispersassem imediatamente.

-McFly! Faz-te homem! -gritava Strickland.

George fixava-o como um prisioneiro prestes a ser sentenciado.

-És um desleixado! -acusava Strickland. -Estas coisas acontecem porque tu não prestas atenção. Deves ter a cabeça em Marte ou qualquer coisa. Queres ser desleixado o resto da vida?

George abanou a cabeça de modo nada convincente.

-Então acorda e junta-te à raça humana -continuou Strickland. -É tudo.

Metendo o letreiro nas mãos de George, seguiu na direcção do seu gabinete.

-Tens a certeza de que a tua mãe se apaixonou por aquele tipo? -perguntou Doc Brown.

-Tenho.

-Parece um casamento talhado no céu.

-A minha mãe sempre disse que tinha de ser -suspirou Marty. -Espero bem que ela tenha razão...

-Olha, aí vem ela -informou Brown. -É melhor preparares-te para fazeres as apresentações.

Marty concordou de cabeça, respirou fundo e começou a dirigir-se para George.

-George! -chamou. -Ei, camarada! Como estás?

George acenou sem convicção:

-Bem...

-Era mesmo a ti que eu queria ver -continuou Marty.

Depois, ao notar a expressão quase vazia de George, disse:Lembras-te de mim, não lembras? No sábado, quando caíste da árvore... provavelmente salvei-te a vida.

-Ah, sim -sussurrou George.

-Os binóculos não se partiram, não? -indagou Marty, incapaz de se conter.

O pai corou:

-Não -respondeu.

-Ainda bem! Ouve, quero apresentar-te uma pessoa. Vem cá...

Agarrando-lhe no braço, Marty levou George pelo corredor na direcção de Lorraine. Quando o pai a avistou, empalideceu e os seus olhos encheram-se de pânico. Marty viu que o corpo se lhe retesava e por um instante pensou que o pobre George ia tentar fugir a correr. Depois descontraiu-se ligeiramente quando o encontro se tornou inevitável.

-Desculpa, Lorraine -começou Marty.

Os olhos dela encontraram os seus. Por uma fracção de segundo, ficaram confusos, mas logo que ela abstraiu das mudanças na roupa e no estilo de penteado de Marty, a sua expressão animou-se consideravelmente:

-Calvin! -quase gritou. -Quer dizer, Marty!

Tão deliciada estava por o ver que deixou cair os livros.

-Oh, deixe-me apanhá-los -ofereceu-se Marty.

Sentiu a mão de alguém no seu cotovelo. Era Doc Brown:

-Deixa que seja ele a fazê-lo, não sejas parvo! -murmurou.

Mas Marty já estava inclinado e George continuava no mesmo sítio, de boca aberta e a parecer querer estar em qualquer outro lugar menos naquele.

Pegando nos livros, Marty entregou-os a Lorraine, cujos olhos brilhavam de gratidão e encanto:

– Ah, obrigada -pronunciou com emoção.

Marty sorriu, aclarou a garganta e depois estendeu a mão para a patética figura de George McFly:

-Lorraine -disse -, quero apresentar-te uma pessoa. O meu amigo George McFly. George, esta é a Lorraine.

-Olá, tenho mesmo muito prazer em te conhecer -conseguiu George articular.

Os olhos de Lorraine moveram-se na sua direcção e logo voltaram a Marty, quase nem demonstrando ter-se apercebido da presença do seu futuro marido.

-Faz-lhe propaganda -sussurrou Doc Brown.

-Como? -inquiriu Marty a meia voz.

-Não sei. Inventa.

Já que uma apresentação significativa era o objectivo da sua visita, Marty saiu-se com:

-Aqui o George é um tipo bestial -gaguejou. -Mesmo formidável... É inteligente... e um bom atleta...

-Não... -interveio George.

-E também tem um grande sentido de humor.

-Não... -repetiu George.

Marty até podia estar a falar com a Lorraine em sanscrito ou na língua dos índios Choctaw. Os olhos dela nunca se desviaram dos seus durante todo o elogio:

-Marty-acabou por dizer, com sinceridade a emanar-lhe da voz -, fiquei tão preocupada por tu teres saído assim de repente no outro dia, com aquela ferida na cabeça. Já está melhor? Parecia tão inflamada... Estendeu a mão para lhe tocar na testa.

-Sim, está óptima -garantiu Marty com um aceno de cabeça.

-Podia ser útil qualquer coisa para reduzir o inchaço -sugeriu Lorraine. -Tenho a certeza de que há lá qualquer coisa em casa, no armário dos remédios.

-Hum... Sou partidário da deixar as coisas melhorarem por si -redarguiu Marty. -Assim, o nosso corpo desenvolve alguns tipos de imunidade...

-És tão inteligente -sorriu ela.

-Sim, mas aqui o George...

A campainha tocou.

continuou Marty.

-Não vale a pena -ouviu Doc Brown murmurar.

Marty olhou em redor. George McFly não era visível em parte alguma.

-Onde está ele? -perguntou Marty a Doc.

-Foi por ali.

-Porque não o deteve?

-Que querias que eu fizesse, que agarrasse o tipo? De qualquer forma, ele fè-lo um bocado à socapa... Como que se foi afastando com uns passinhos para o lado e depois desatou a correr.

-Raios -resmungou Marty.

Lorraine continuava a sorrir para ele, obviamente contentíssima por o contemplar durante a breve interrupção.

A campainha voltou a tocar, arrancando-a ao seu transe romântico:

-Estou atrasada -disse. -Vemo-nos depois.

-Sim... -concordou Marty.

Quando ela se virou, a amiga, que estivera pacientemente à espera de lado, reuniu-se-lhe.

-Não é de sonho? -salmodiou Lorraine. -Vou contar-te um segredo: Hei-de casar com ele.

CAPÍTULO IX

Enquanto observavam as duas jovens a afastarem-se, Marty e Doc emitiram suspiros perfeitamente síncronos.

-Ela nem olhou para ele -afirmou Marty.

-Tens razão.

-Por outro lado -continuou Marty -, por que havia de olhar? Ele é um palerma.

-Percebo perfeitamente o que significa, mas essa é uma palavra de 1985?

-É.

-Interessante, e provavelmente tens razão. Isto é muito mais grave do que eu pensava. Segundo as aparências, a tua mãe está amorosamente interessada em ti e não no teu pai.

-Está a tentar dizer-me que a mamã está a arder por mim? -interrogou Marty

-Correndo o risco de parecer ordinário, devo dizer que sim. Se o permitíssemos, podia desenvolver-se uma situação do tipo da de Édipo...

-Édipo?

-Sim. Uma atracção muito indesejável entre mãe e filho. Claro que estas são provavelmente as condições mais bizarras sob que ocorreu alguma vez. Mesmo assim, as implicações psicológicas...

-Credo, Doc, isso é muito pesado... -comentou Marty.

-Lá vem outra vez essa palavra-retrucou Doc Brown, abanando a cabeça: -pesado. Por que é que as coisas são tão «pesadas» no futuro? Há algum problema com a força de gravidade do mundo?

-Ah? -fez Marty.

Doc sorriu. Por vezes gostava de confundir o seu jovem amigo. Mas em vez de explicar a observação ou tentar aumentar a confusão de Marty, saltou para outro aspecto do dilema Lorraine-George:

-Nova teoria -continuou: -A única hipótese de aqueles dois acasalarem com êxito só se pode verificar se ficarem os dois sozinhos. Portanto tens de arranjar maneira de o teu pai e a tua mãe entrarem em interacção em algum encontro social, numa espécie de ritual pré-nupcial mutuamente aceitável e estimulante.

-Refere-se a uma saída juntos?

-Excelente, meu rapaz. Acho que acertaste em cheio.

-Mas que espécie de saída?-perguntou Marty. -Não conheço os hábitos dos jovens dos anos 50.

-Os jovens são sempre os mesmos, não? Só o ambiente muda.

Marty encolheu os ombros:

-Ela costumava falar de os jovens do seu tempo irem ao Cinema Essex e arrulharem no balcão. Que lhe parece?

-Parece plausível, mas talvez isso seja demasiado. Acho que talvez fosse melhor começarmos por algo um tudo nada menos erótico.

-Concordo, mas porquê?

-Bem, eles são teus pais. Deves conhecê-los. Que interesses têm em comum? Que gostam de fazer juntos?

-Só os dois?

-Sim.

-Nada.

-Humm.

Os corredores da escola estavam agora quase desertos, tendo a grande maioria dos alunos ido para as salas em que tinham as aulas seguintes. Doc Brown deteve-se perante um grande painel de avisos, esperando encontrar alguma coisa que lhe estimulasse a imaginação:

-Ah! -Acabou por exclamar.

-Que é? -indagou Marty.

-Parece que há em breve um ritual cerimonial rítmico. Faz com que seja ele a acompanhá-la.

-Um ritual cerimonial...

-Baile, para ti. -Doc Brown sorriu, apontando para um cartaz pintado à mão em que se lia: ENCANTAMENTO SOB O MAR... NESTE SÁBADO À NOITE... ENTRADA $1.

Marty riu e bateu palmas:

-É isso! -gritou. -Devem ir a esse baile -«Encantamento Sob o Mar». É lá que se beijam pela primeira vez. Perfeito.

-Então, pronto. Faz com que aconteça.

Marty franziu o sobrolho:
-
Aí é que está o problema -murmurou. -Como é que vou conseguir que aquele ioiô arranje coragem suficiente para a convidar?

-E como é que vamos conseguir que ela ultrapasse o entusiasmo que sente por ti de modo a aceitar? -acrescentou Doc Brown seriamente. -Acho que é esse o trabalho que nos está destinado.

Ainda estavam a considerar o problema cerca de uma hora mais tarde, quando George McFly entrou no bar, arranjou mesa a um canto e começou a almoçar. Durante uns minutos limitou-se a ler; depois tirou um bloco e lápis e começou a escrever ao mesmo tempo que acabava de comer a sua sanduíche.

Marty e Doc Brown aproximaram-se como por casualidade. Ele mal deu por puxarem cadeiras e se sentarem à mesma mesa.

-Olá, George -cumprimentou Marty passado um bocadinho. -Que estás a escrever?

-Histórias.

-De algum género especial?

-Sim.

-Que género?

-Ficção científica.

-Isso é interessante. Não sabia que fazias essas coisas. De que trata? De gente a visitar planetas estranhos e longínquos?

-Não. De facto, é sobre visitantes de outros planetas que vêm à Terra.

-Nunca tinha sabido que te dedicavas a algo de criativo.

-Que queres dizer com essa de nunca teres sabido? interrogou George, demonstrando, o que sucedia raramente, uma emoção que não era nem resignação nem desespero. -Só me conheces há dias.

-É verdade. Estou sempre a esquecer-me. Entretanto, e se me deixasses ler uma dessas histórias?

-Ah, não-respondeu George, abanando decididamente a cabeça.

-Eita, dissestes não -sorriu Marty.

George olhou para ele sem perceber. Doc Brown também o fitou com expressão idêntica.

-É a primeira vez que ouço George McFly dizer não -esclareceu Marty. -Suponho que seja uma graça que só eu entendo. Esqueçam.

George parecia estar a preparar-se para desaparecer.

-Espera um segundo -pediu Marty delicadamente. Só estou interessado em ti, é tudo. Não é frequente conhecer um escritor tão novo. Pensava que gostasses que alguém lê-se as tuas histórias.

-Oh, não -murmurou George. -Quero dizer, e se não gostassem? Se me dissessem que elas não prestavam, que eu não prestava?

Marty teve a sensação de já ter ouvido aquelas palavras antes -ele próprio a queixar-se a Jennifer depois de ter sido recusado pela comissão do baile da A C M.

-Deve ser-te muito difícil compreender, não? -perguntou George, tendo obviamente reparado no ligeiro sorriso no rosto de Marty.

-Não, George-retorquiu ele com sinceridade. -Não é nada difícil.

Foi um momento cheio de significado. Algo na vulnerabilidade e desejo de criar do pai tocou Marty; pela primeira vez havia muito, deu consigo não só a gostar do homem, mas também a compreender algumas das suas ansiedades. Passou de súbito a querer a ajudar George McFly não apenas em benefício próprio, mas sim também no de George.

-Ouve, George -disse. -Lembras-te da moça a quem te apresentei...

-Lorraine.

-Sim. Ela gosta mesmo de ti.

George abanou a cabeça.

-É verdade -insistiu Marty. Doc Brown acrescentou também o seu aceno de confirmação.

-Não acredito. Ela nem olhou para mim. Senti-me invisível.

Enquanto falavam sobre ela, Lorraine e algumas amigas entraram no bar, não reparando em nenhum dos dois jovens. George foi o primeiro a vê-la. Depois de uma breve expressão de adulação, o rosto transformou-se-lhe numa máscara de terror. Tapou a parte inferior da cara com o bloco em que escrevia, como se quisesse esconder-se.

-Estou a dizer-te que ela gosta de ti -continuava Marty. -Então por que havia eu de dizer uma coisa dessas se não fosse verdade?

-Para me embaraçares -replicou George imediatamente. -Como Biff quando me prega partidas ou aqueles tipos que me põem letreiros nas costas a pedir pontapés.

-Bem, eu sou diferente -garantiu Marty. -Fui eu que te salvei a vida, lembras-te? Biff ou esses outros tipos teriam porventura corrido para a

frente do carro por tua causa?

George abanou a cabeça, parcialmente convencido de que Marty falava verdade. Contudo, anos a ser usado como o bombo da festa haviam-lhe ensinado a ser super-cauteloso. Aquele Marty parecia bastante sincero, mas era decididamente um tipo estranho. Parecia saber muito mais do que a maioria dos garotos da sua idade... Também parecia ter surgido do nada, vestindo roupas estranhas (como um visitante sinistro vindo do espaço que tivesse confundido épocas, pensou George). E por que andava com o homem que algumas pessoas escarneciam como o «idiota da terra»? Não, pensou cautelosamente, não seria boa ideia confiar por completo naquele novo amigo.

-Agradeço-te teres-me salvo a vida -acabou por dizer. -Mas isso não significa que tenhas razão acerca da Lorraine. Tu próprio viste como ela olhou sem dar por mim.

-Sim -concordou Marty com um aceno de cabeça. Afinal não valia a pena tentar negar o que era evidente. -Mas ela é tímida...

-Exagera para não dar nas vistas -acrescentou Doc Brown.

-É muito tímida-continuou Marty. -Por isso pediu-me que viesse cá dizer-te que nada lhe agradaria mais do que ir contigo ao Baile do Encantamento Sob o Mar.

-A sério? -indagou George.

-Palavra. Tudo o que tens a fazer é ir lá convidá-la.

-Agora? Aqui mesmo no bar?

-Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.

– Mas ela está com amigas. Há muita gente à volta! E se ela desatar a rir à gargalhada? Ou disser que não? Detestaria ser rejeitado em frente de

todas...

Deixou a frase em suspenso, nervosíssimo.

-George, estou a dizer-te, se não convidares a Lorraine para o baile vais lamentá-lo o resto da vida... e eu também.

-Tu porquê? -inquiriu George.

-Humm... digamos que tenho um interesse profundo em que tu e a Lorraine se dêem bem.

-Queres dizer, uma espécie de aposta?

-Digamos que sim, mas muito mais importante.

-Não sei -tentou George fazer tempo. -Tenho a impressão que ela preferiria ir com qualquer outra pessoa.

-Alguém em particular?

George acenou que sim.

Quem?

-Biff -redarguiu ele infelicíssimo

Marty empalideceu. A afirmação de George seria produto da sua paranóia sobredesenvolvida ou um facto? A simples ideia de a mãe sair com a canalha de primeira apanha como Biff Tannen dava-lhe pés de galinha. Nunca a considerara o cúmulo da inteligência, mas achava que ela tinha um certo bom senso e gosto. Mesmo dando o desconto da ignorância juvenil, Marty não podia mesmo imaginar a Lorraine, em qualquer idade, a ser atraída por um monstro tão insensível como Biff

-Não creio -disse simplesmente.

-Ele está neste momento ao pé dela-ripostou George.

Marty olhou para a mesa de Lorraine. Por trás dela, com as mãos nos seus ombros, estava Biff. A mãe não parecia satisfeita, no entanto. Virando-se de lado para o evitar, libertou-se dos dedos dele. Sorrindo descaradamente, Biff repô-los no mesmo lugar.

-Ele está lá, mas não creio que isso seja do agrado dela -comentou Marty.

Pondo-se de pé, atravessou o bar até ficar próximo da mesa de Lorraine.

-Pára de mexer, Biff? -Ouviu Lorraine dizer. -Deixa-me em paz. -E uma vez mais se libertou dos dedos dele.

Falava num tom agreste mas baixo, como se tentasse não atrair as atenções das pessoas que se encontrassem perto. Biff não fazia qualquer esforço por que a cena passasse despercebida. Colocando de novo as mãos sobre os ombros dela, falou numa voz embaraçadoramente alta:

-Vamos lá, Lorraine -dizia. -Tu queres, sabes que queres, e sabes que queres seja eu a dar-te.

Sempre o mesmo velho suíno subtil, pensou Marty.

-Cala essa boca imunda -retrucou Lorraine. -Não sou dessas raparigas.

-Talvez sejas e ainda não o saibas -comentou Biff maliciosamente.

-Tira as garras de cima de mim!

-Confessa lá, adoras estas garras.

Marty avançou alguns passos até ficar mesmo ao lado de Biff, suficientemente perto para descobrir que a brilhantina dele era de marca

diferente da sua... suficientemente perto para lhe ver as manchas da pele e para lhe dar um aviso num murmúrio firme mas inteligível:

-Ela disse-lhe que tirasse as mãos de cima dela.

Biff voltou-se, com o maxilar pendente e os olhos cheios de ira:

-Que tens tu com isso, intrometido? -disse.

-Não te interessa. Limita-te a desandar.

-Dizes tu e que exército?

-Só eu.

-Sabes, tens andado a pedir... -começou Biff, contraindo o corpo como para atacar a meio da frase, porém, deteve-se; os seus olhos evitaram os de Marty, olhando antes por cima do seu ombro. De facto, focavam a figura dominadora de Gerald Strickland, que entrara no bar e, cheirando-lhe a complicações, se encaminhava inexoravelmente naquela direcção. A expressão de Biff abrandou de hostilidade para terror abjecto.

-Como és novo cá, parvalhão -resmungou -, hoje dou-te folga. Portanto faz como as árvores e põe-te lá fora.

Marty não vendo o Dr. Strickland a aproximar-se, limitou-se a ficar de olhos fixos em Biff. Lorraine, igualmente ignorante da entrada do déspota em cena, fitava o seu herói com um olhar amoroso.

Biff virou-se e foi-se embora.

-Oh, Marty! -exclamou Lorraine. -Que maravilha! Obrigada

Marty encolheu os ombros.

-Como disse que se chamava?

A voz estrídula e familiar era a do Dr. Strickland, que se encontrava agora ao lado de Marty. Este tossiu e encarou os. olhos que se assemelhavam a um par de aberturas de trincheira:

-Marty -respondeu.

-Último nome?

-Hum... Brown.

-Bem, aqui vai um conselho amigável para si, Sr. HumBrown: Não se desleixe na minha escola.

-Desleixe, senhor Doutor? -murmurou Marty em tom interrogativo.

-Em vernáculo significa: não faça ondas -informou Strickland. -Compreendido?

-Sim, sôtor. E obrigado, sô doutor.

Strickland voltou-se e começou a afastar-se no seu passo cadenciado precisamente quando a campainha tocou. Lorraine pôs-se em pé de um salto, pegou nos livros e correu para Marty:

-Mais uma vez obrigada, Marty -sorriu. -Talvez nos vejamos mais tarde?

Parecia mais um pedido do que uma sugestão. Marty concordou com um aceno de cabeça e fingiu estar atrasado para a aula.

Voltando para junto de Doc Brown, verificou que uma vez mais George McFly batera a asa.

-Disse que tinha uma aula -explicou Doc Brown.Mas parecia estar a preparar-se para uma boa sessão de lágrimas, se queres saber a minha opinião.

-Isto está a ficar ridículo -murmurou Marty.

-A vida é assim, meu rapaz. Se se tenta ser herói ou impressionar alguém tudo corre mal. Mas, quando não se está a tentar, pode-se cair na sanita e descobrir ouro.

-Pois.

-E então agora?

-Acho que só tenho de continuar atrás do George. Ele é a chave. Enquanto não conseguirmos que ele a convide nada acontecerá.

-Talvez pudéssemos fazer com que a tua mãe o convidasse a ele -sugeriu Doc Brown.

-Não. Isso não resulta.

-Como é que sabes?

-Porque as raparigas em 1955 nunca convidavam os rapazes. Pelo menos isso é o que mamã diz. Nunca lhes telefonavam, nem os convidavam para sair, nem faziam fosse o que fosse de divertido por ser iniciativa do rapaz.

-Humm.

-Vou agarrá-lo outra vez depois das aulas -afirmou Marty. -É a única coisa que podemos fazer.

Doc Brown concordou com um aceno de cabeça:

-Sabes, talvez fosse melhor tentares sozinho -sugeriu. -Pode ser que ele se sinta constrangido rodeado por nós dois, principalmente tendo em conta que eu sou um velho de trinta e cinco anos.

-Talvez tenha razão. -Marty encolheu os ombros.

-Vou voltar para casa e estudar as gravações que fizeste -disse Doc. -Pode ser que me digam alguma coisa que eu precise saber acerca do funcionamento da máquina do tempo. Se te vou ribombar de regresso a 1985 no sábado à noite, tenho de saber tudo o que for possível acerca do barco e de como ele é dirigido.

Acenou com a mão e começou a dirigir-se para a porta a passos ligeiros. Marty sabia que Doc estava feliz, na expectativa de ir remexer na máquina que ele próprio inventaria no futuro.

A tarde passou devagar. Marty vagueou pelos corredores, fez algumas leituras na biblioteca e passou o último tempo à procura de George McFly nas salas da aula. Quando finalmente o localizou, encostou-se à parede até o pai sair. No momento em que os seus olhos voltaram a estabelecer contacto, George ficou com o ar de querer fugir. «Quem é esta pessoa», pensou, «e porque foi posta na terra só para me chatear? »

Virando-se para o outro lado, tentou chegar à porta caminhando a passos rápidos e fingindo não ter visto Marty. Mas o seu anjo da guarda cedo o apanhou:

-Viva -cumprimentou Marty. -Lamento que aquilo lá no bar tivesse dado o que deu.

-Eu também lamento -respondeu George. -Aquele Biff Tannen é mesmo um idiota. Detestei vê-lo agarrar-se daquela maneira à Lorraine. Se ao menos eu tivesse tido...

Fez uma pausa, suspirou.

As palavras que podiam acabar a frase afluíram ao espírito de Marty: Ânimo? Coragem? Vigor? Fosse qual fosse, o significado era aproximadamente o mesmo. George McFly não tinha simplesmente

estômago para conflitos, mentais ou físicos. Ele queria um casulo suave e quentinho para se manter lá dentro e passar o resto da vida, de preferência a dormir. Embora ele lhe desagradasse muito por tomar essa atitude, Marty estava agora completamente devotado a ajudar George a libertar-se dos seus terrores e ansiedades. Enquanto não reunisse coragem para convidar Lorraine para sair, estava condenado a uma vida de desprezo por si próprio e de infelicidade. E, se os dois não se aproximassem; Marty não tinha futuro de todo.

Enquanto caminhavam, Marty tentou descobrir uma abordagem nova e excitante. Nada surgiu. A melhor que teve foi a de sugerir ser ele a convidar a Lorraine para George, à Cyrano, mas sabia que isso não iria resultar. Até George McFly tinha o seu orgulho.

-Hoje o dia vai ser todo difícil para mim -acabou George por dizer.

-Como assim?

-Bem, primeiro acobardei-me com a Lorraine...

-Eu não diria que te acobardaste -contemporizou Marty. -Foi mais uma questão de...

-Não, acobardei-me -replicou George, com laivos de verdadeira irritação na voz. -Eu queria mesmo correr junto da Lorraine e convidá-la para sair. E depois, quando o Biff tinha as mãos em cima dela, queria ir lá e dar-lhe um murro nos queixos. Mas acobardei-me em ambos os casos. Não fui capaz de me mexer.

Marty não respondeu. De facto, não conseguiu pensar em algo de reconfortante que pudesse dizer.

-E agora tenho de falar ao meu pai acerca da faculdade -continuou George.

-Que tem isso de tão horrível?

-Ele vai dizer que não vale a pena. Sabes, vai apresentar-me todas as razões segundo as quais não devo ir. E vou acreditar nele e acabo por não ir mesmo.

-Isso soa-me a profecia de realização automática -observou Marty.

-O quê?

-Devias defender aquilo em que acreditas. Que curso queres tirar numa faculdade?

Os olhos de George brilharam enquanto ele falava:

-Gostava de estudar literatura ou jornalismo. Escrever aquelas histórias é praticamente o que mais me diverte. Se pudesse aprender a ganhar a vida fazendo algo parecido...

-Então diz isso ao teu pai.

-Oh, não. Ele troçava de mim se eu mencionasse as histórias. A ideia da faculdade já é suficientemente terrível.

-Bem, de qualquer modo -insistiu Marty -, tens de lutar. Fazendo-lhe frente.

-Sim -concordou George. -É importante para o meu futuro, portanto vou fazê-lo.

Não tardaram a chegar a casa, que tinha uma placa pendurada no alpendre. Nela lia-se: OS MCFLY. Um bocado piroso em 1985 mas provavelmente chique em 1955, pensou Marty. Arthur McFly estava fora, a limpar o carro. Acenou com o trapo quando os rapazes se aproximaram.

-Vai já falar com ele -incitou Marty.

-Sobre quê?

-Sobre a faculdade.

-A seu tempo. Primeiro tenho de te apresentar.

-Não -disse Marty, parando à beira do passeio. Não avanço enquanto não falares com ele acerca da faculdade.
-
Está bem -concordou George, embora hesitante.

Aproximou-se do pai e olhou para trás, por cima do ombro, para Marty. Para que ele se sentisse mais seguro, este deambulou até à entrada da casa, de modo a ficar fora do ângulo de visão de George. Na realidade ficava porém mais perto da esquina da casa e podia ouvir a conversa com toda a clareza.

-Quem é o teu amigo? -perguntou Arthur McFly.

-Um colega novo na escola -redarguiu George.Ouça, paizinho, tenho uma decisão importante a tomar e, bem, preciso mesmo de conselho.

«Um começo de Médio menos», pensou Marty, embora a parte referente a precisar de conselho fosse provavelmente boa sob o ponto de vista psicológico".

-Ora, filho, estou aqui um bocado ocupado -afirmou o pai de George. -Isso não pode esperar uns dias?

-De facto não -retorquiu George. -Preenchi um pedido de inscrição na faculdade e a data limite para o enviar é à meia-noite de hoje. Não sou capaz de decidir se devo enviá-lo.

«Mal», pensou Marty, «isso dá um ar muito displicente».

-Bem, se queres um conselho -disse o pai de George -, eu diria que não. A faculdade é difícil. E há muita competição, para se entrar. Terias de competir com os garotos mais espertos do Estado. Por que havias de querer passar por uma tal complicação?

-Bem, podia conseguir entrar-retrucou George. O tom da sua voz, contudo, não exalava confiança.

-Filho és muito picuínhas -continuou Arthur McFly.E a maior parte das vezes as pessoas assim não chegam a parte nenhuma. As tuas probabilidades de entrar para a faculdade são muito diminutas.

-Porquê? -indagou George

«Que contendor miserável és», bufava Marty. «Diz-lhe que consegues.»

-Porquê, filho? Porque nunca fizeste nada de semelhante. Não és mais do que mediano. Agora se enviares esse pedido de inscrição e ficares excitadíssimo com o assunto, que irá acontecer quando te recusarem? Eu digo-te o que é: vais andar desanimado pela casa, a sentires-te rejeitado, e talvez as tuas notas na escola sofram isso. Se queres saber o que penso, sugiro que continues a tua vida e esqueças tudo isso.

Em vez de ripostar, George esperou longo tempo e depois acenou afirmativamente:

-Sim, paizinho, isso faz sentido -ouviu-o Marty dizer

-Obrigado era demasiado para Marty. Ele suspirou e pôs a cabeça entre as mãos.

Entretanto, Arthur McFly deu os toques finais nas ambições de George com um raciocínio a favor do fracasso disfarçado de filosofia caseira:

-Quando chegares à minha idade, filho-comentou -, compreenderás que há coisas que não têm de ser.

-Sim, acho que tem razão -murmurou George.

Marty começou a afastar-se.

-Que te parece o carro, filho? -Ainda ouviu Arthur McFly inquirir. -Não está nada mal, pois não?

-Está mesmo bem, paizinho...

Simultaneamente, um trovão quebrou a calma da tarde e a chuva começou a cair. Marty passou a andar num trote rápido:

-Óptimo -disse, já a correr. -Espero que a chuva lhe estrague o trabalho de pulimento.

Ao chegar ao laboratório na garagem de Doc Brown já estava ensopado mas, no fundo, continuava a fumegar à ideia da fraqueza de George. Doc estava a passar a gravação vídeo da Alameda Twin Pines e a trabalhar em modificações do DeLorean quando ele entrou.

-Que tal correu? -interrogou sem levantar os olhos do trabalho.

-Pessimamente -suspirou Marty. -É o mesmo de quando o conheci. Um banana. Resolve fazer uma coisa e depois convencem-no a não fazer. Mas ao menos estou a começar a descobrir porquê.

-Porque é que o garoto não tem auto confiança?

-Sim. Não admira que não convide a minha mãe para sair, nem qualquer outra rapariga, para o caso tanto faz. Ele só ouve o meu avô dizer-lhe que vai falhar. Nunca ninguém lhe diz que pode ter êxito em alguma coisa...

-É uma história velha -filosofou Doc Brown.

-Ora -prosseguiu Marty -, tendo tido esse tipo de apoio do avô, não admira que o papá me desse conselhos tão beiras.

Doc Brown levantou pela primeira vez os olhos:
-Nos meus muitos anos de experiência -observou -, cheguei à conclusão que nunca devo aceitar os conselhos de ninguém-principalmente se o alguém for mais velho do que eu.

-Eita, Doc, isso é um bom conselho -gritou Marty.

-Obrigado. Agora aceita o meu conselho e não o acates - riu ele.

-Nem o seu, heim?

-De facto, posso ser a excepção no teu caso. No futuro ou no passado -, se alguma vez precisares de alguma coisa, se precisares de falar com alguém, estarei sempre ao teu dispor.

-Sim, Doc. Isso é bestial.

As palavras mal, tinham acabado de sair quando uma súbita expressão de pânico percorreu o rosto de Marty. Com um olhar de relance para o monitor de TV, apercebera-se de que o clímax dramático do episódio de Twin Pines estava prestes a desenrolar-se. A carrinha negra já se encontrava na imagem.

-São eles -dizia Doc Brown na gravação.

-Quem? -Gritava a voz de Marty, fora da imagem.

-Descobriram-me -continuava Doc Brown. -Não sei como, mas descobriram-me.

A gravação terminou abruptamente. Marty, recordando o que acontecera depois daquilo naquela noite escura de 1985, sentiu o seu corpo estremecer de dor.

Olhou para o Doc Brown de 1955, que enfiara outra vez a cabeça no DeLorean:

-Doc -disse, hesitante -, há uma coisa que não lhe contei do que se passa... na noite em que fizemos a gravação...

Doc Brown ergueu a vista:

-Aparelho fascinante essa câmara -comentou descontraidamente. -nem posso crer que seja feita no Japão.

-Doc -continuou Marty. -Há uma coisa que não lhe contei do que se passa... na noite em que fizemos a gravação...

Não sabia porquê, mas sentia que devia avisar o amigo acerca dos terroristas. Talvez fosse devido à forma violenta como morrera; ninguém devia ser obrigado a partir daquela maneira, se fosse possível impedi-lo. Mas Doc Brown já tinha a mão levantada:

-Por favor Marty -pediu -, não me digas nada. Não quero correr mais riscos de alterar o contínuo espaço-tempo. Ninguém deve saber demasiado acerca do seu próprio destino. Se eu souber demasiado acerca do futuro, posso pôr em perigo a minha própria existência, tal como tu puseste a tua.

-Sim -concordou Marty. -Talvez tenha razão.

Havia efectivamente muita lógica no que o homem dizia.

Deste modo, se Marty nada dissesse, Doc Brown tinha ao menos trinta anos para viver. Sabendo isso, no entanto, podia ficar tão descuidado que se pusesse em perigo e até talvez morresse mais cedo. Portanto, a regra de Doc de não perturbar o contínuo espaço-tempo parecia fazer muito sentido. Meditando nisso e na sua própria situação, Marty tirou a carteira e voltou a olhar para a fotografia de família:

-Santo Deus -sussurrou.

A imagem do seu irmão Dave tinha desaparecido quase completamente. Só os pés eram visíveis na fotografia. Doc Brown observava-o:

-Mau, não? -perguntou.

Marty confirmou com um aceno de cabeça.

-Essa é uma forma de a natureza dizer: mexe-te -afirmou Doc. -Suponho que ver o teu irmão desvanecer-se assim seja bastante aterrador.

-A quem o diz -Marty fez uma careta. -Sinto-me num episódio de No Limiar da Realidade.

-No limiar da realidade? -repetiu Brown. -Fraseologia interessante. É de facto uma descrição perfeita de onde -estamos... numa zona de limiar, nem aqui nem ali... uma terra de ninguém, entre a luz e as sombras, entre as coisas e as ideias...

-Sim, percebo-comentou Marty. -Há uma barreira à frente... Se se ultrapassa...

-Se regressares, talvez possas fazer um filme sobre isto -Doc Brown sorria.

-Boa ideia. Mas que quer dizer com o se?

-Muita coisa pode acontecer. Posso dar cabo da máquina do tempo e o raio não a fazer funcionar. Tu podes não conseguir juntar os teus pais antes do fim da semana. Por essa altura, talvez a tua cabeça falte no retrato de família...

-Oh, meu Deus... -gemeu Marty.

Sentou-se pesadamente no velho sofá escalavrado que Doc mantinha na garagem. Estava agora meio coberto de revistas velhas, de correio e de circulares. No cimo da pilha encontrava-se um jornal datado de 7 de Novembro de 1955. Um artigo na última página saltou aos olhos de Marty. Dizia: AGRICULTOR LOCAL AFIRMA QUE «MORTO-VIVO» DO ESPAÇO LHE DESTRUIU O CELEIRO, e por baixo, em caracteres mais pequenos: «Otis Peabody Em Observação no Manicómio do Condado.»

-Eureka!-Gritou Marty de repente, fazendo estalar os dedos.

A cabeça de Doc Brown surgiu de dentro do DeLorean:

-Descobriste alguma coisa?

-O senhor o disse! Já sei como hei-de conseguir que o meu velho convide a mamã para aquele baile.

-Como?

-Vou fazer com que se borre de medo.

CAPÍTULO X

George McFly foi para a cama cedo, cedendo a uma disposição geral de tendência depressiva provocada pelos acontecimentos na escola e pela falta de entusiasmo do pai por uma carreira universitária. Embora a expressão «pensamento positivo» não fosse popular como tal em 1955, ele lera livros que promoviam uma variante da mesma filosofia. Um ano antes pusera as suas esperanças num livro muito vendido antes da guerra, Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas, decorara passagens completas dele e tentara criar uma nova vida baseado nessa atitude optimista. A primeira vez que encontrara Biff Tannen destruíra-lhe todos os esforços. Segundo Dale Carnegie, o autor do livro, uma pessoa não pode permanecer-nos hostil se lhe demonstrar-mos que estamos sinceramente interessados nela. Biff Tannen não só permanecera hostil como esfregara uma sanduíche de herói na cara de George depois de este ter passado quase um quarto de hora a experimentar nele a sua nova filosofia.

As raparigas demonstraram não serem mais maleáveis. Ao abordá-las com uma nova atitude positiva, George McFly fez com que o encarassem não só como um réptil, mas também como um réptil destituído de sinceridade. Até os pais evitavam George durante o tempo em que este ficou sob o poder do Sr. Carnegie, não confiando instintivamente na sua disposição estranhamente extrovertida.

E assim George se retraíra de novo sobre si próprio:

-Para o diabo com isto -dissera. -Que quem gostar de mim goste por aquilo que eu sou. -Soou-lhe bem dizer aquilo, só que não podia ter qualquer certeza sobre quem gostava dele.

Retirando-se para o seu quarto às nove horas, escrevera mais algumas páginas da sua história sobre a invasão da Terra, andara às voltas com o trabalho de casa durante cerca de uma hora e depois apagara a luz. Não adormecera facilmente, mas à uma hora já passara a um estado de semiconsciência que o conduzira, meia hora mais tarde, a um sono profundo.

Não viu a forma avantajada aproximar-se da sua cama, nem sentiu os auscultadores de peso-pluma serem colocados nas suas orelhas por mãos enluvadas. Essas mesmas mãos inseriram uma gravação em cassete no respectivo leitor Walkman, cassete que estava rotulada como VAN HALEN. O mostrador do Walkman foi colocado em «10» e premido o botão para tocar.

George passou de um sono pacífico para um estado de agitação com grande aumento de pulsações em menos de um segundo. Que som era aquele? Era o pior ruído que alguma vez ouvira-seres humanos a serem torturados, talvez,juntamente com ruídos de fundo provenientes do inferno. No entanto possuía uma palpitação aterradora que o elevava do reino do barulho para o de criação semi-inteligente. Mas era a criação de gente louca, a algaraviada sincronizada de idiotas aos gritos, como lemmings, com toda a força dos seus pulmões. Que se estava a passar? Teria morrido e aproximar-se-ia agora das portas do Inferno?

Então, de súbito, o som desapareceu.

-Silêncio, terráqueo! -entoou uma voz.

George, que estava suficientemente aterrorizado para ser incapaz de emitir qualquer som, só pôde fitar a criatura aos pés da sua cama. Era amarela, sem feições, possuindo apenas uma boca quadrangular através da qual lhe falava uma fantasmagórica voz filtrada.

Não teve quaisquer dúvidas de que se tratava de uma criatura de outro planeta:

-Quem... -conseguiu George guinchar.

-O meu nome é Darth Vader -entoou o ser. -Sou um extraterrestre do planeta Vulcano.

George abanou a cabeça:

-Devo... estar... a sonhar... -gaguejou.

-Isto não é sonho! -ripostou o estranho. -Está a ter um encontro imediato do terceiro grau. Deu um passo além dos limites exteriores do limiar da realidade.

-Não...

-Silêncio! Tenho instruções para si.

-Eu... não quero... instruções... -gemeu George.Mamã... papá...

A criatura levou a mão ao cinto e retirou algo que parecia extremamente letal. Era uma única peça de material duro e brilhante, com um buraco redondo de cerca de cinco centímetros de diâmetro na ponta. A uma distância de um metro e oitenta, George ouvia perfeitamente o seu zumbido baixo e sentia o calor que lhe irradiava da extremidade.

-Não fale nem saia da cama -ordenou o extraterrestre. -O meu raio de calor vaporizá-lo-á se não me obedecer!

George ergueu as mãos acima da cabeça:

-Está bem -ganiu. -Rendo-me.

Um estranho som de bips proveio do intruso. Baixando o raio de calor, a criatura levantou o braço direito para ouvir os sons.

-O que é. -começou George.

-Silêncio! Estou a receber uma transmissão da Nave Espacial Galáctica!

Depois de emitir mais alguns bips, o objecto no braço do extraterrestre remeteu-se ao silêncio.

-Você, George McFly, criou uma fissura no contínuo espaço-tempo... -afirmou a criatura.

-Lamento-sussurrou George. -Repararei qualquer prejuízo que tenha causado...

-Eu disse: silêncio! O Supremo Klingon ordena-lhe por esta via que leve a personalidade feminina da Terra chamada «Baines, Lorraine» ao...

-Refere-se a Lorraine Baines?

-Claro, terráqueo! É-lhe por esta via dada ordem de levar a personalidade feminina Baines ao local conhecido como Liceu de Hill Valley exactamente quatro ciclos da Terra a partir de agora...

-Ciclos da Terra?

-Dias, estúpido!

-Isso é sábado. A escola fecha ao sábado!

-Há lá um acontecimento no próximo Sábado!

-Ah, quer dizer, o baile?

-Exactamente!

-É-me ordenado que leve Lorraine ao baile?

-Afirmativo!

-Ela sabe disto?

-Não. Não é necessário.

-Mas não sei se conseguirei...

A criatura fez um movimento com as mãos, e a avalanche de som recomeçou nos ouvidos de George. Ele gritou:

-Pare! Por favor pare com isso!

O ruído parou.

-Não deve protestar contra as nossas decisões pois, se o fizer, será obrigado a estar sempre a ouvir o som paralisador do cérebro -ameaçou o estranho. -Derreter-lhe-á o cérebro.

-Não -gemeu George. -Peço desculpa. Só não sei como abordar a Lorraine.

-Na altura devida saberá. Dar-lhe-emos a autoconfiança necessária.

-Sim?

-Sim.

-Quer dizer que serei capaz de fazer magia? -indagou George, animando-se.

-Não. O nosso poder estará atrás de si, para o guiar. É tudo, mas fará diferença.

-Obrigado. Tenho a certeza de que consigo, com a vossa ajuda.

-Muito bem, terráqueo -disse a criatura. -Agora vai fechar os olhos e dormir. Quando acordar, não contará a ninguém esta visita.

-Está bem -murmurou George.

Fechou os olhos e recostou-se na almofada. A criatura aproximou-se dele e estendeu algo para lhe colocar debaixo do nariz. Em menos de um minuto, o jovem George McFly ressonava como um camionista. Retirando-lhe suavemente da cabeça os auscultadores peso-pluma, a figura estranha dirigiu-se depois para a janela, deteve-se para olhar longamente a forma adormecida, e logo desapareceu na noite.

Doc Brown, à espera no seu Packard descapotável perto da casa dos McFly, abriu a porta quando Marty se aproximou e ajudou-o a entrar no carro. O capuz do fato protector de radiações estava para baixo e Marty sorria.

-Calculo que tenha corrido bem -comentou Brown, pondo o carro em funcionamento e afastando-se.

-Sim. Foi bestial. Engoliu tudo como uma tonelada de tijolos.

-Fazes umas belas misturas de metáforas, meu amigo. O clorofórmio resultou?

-Optimamente. Apagou-se como uma lâmpada.

-Bom. Já o tenho há tempo. Não sei se o clorofórmio fica mais fraco ou mais forte estando muito tempo guardado.

-Bem, cumpriu a sua missão -Marty sorria. -Esperemos que se lembre de tudo quando acordar.

-É o nosso único perigo -concordou Doc Brown com um aceno de cabeça. -Por vezes coisas que são vívidas e assustadoras de noite perdem a sua força quando o Sol nasce. Receio que o teu futuro pai seja o candidato perfeito para dar esse salto mental.

-Santo Deus! -exclamou Marty. -Quer dizer que depois de todo aquele trabalho ele ainda pode acobardar-se?

-Mesmo com auxílio sobrenatural ou extraterrestre, algumas pessoas estragam tudo. Os meus conhecimentos de psicologia humana dizem-me que com George McFly vai ser sempre pegar e largar.

Marty suspirou.

Quase doze horas depois, continuava a suspirar -e alternadamente a praguejar contra George. Marty chegara à escola bem acordado e cedo, apesar de ter perdido sono na noite anterior, mas George McFly não era visível em parte alguma. Infelizmente Marty não tinha nenhum exemplar do seu horário, pelo que foi obrigado a perder muito tempo à procura em salas de aula antes de descobrir que George não aparecera de todo. Por essa altura já era meio-dia e Marty ficou esperançado em que ele apareceria para as aulas da tarde. Parte dele -a mais ardente -raciocinava que George passara a manhã a planear a estratégia do seu encontro com Lorraine; outra parte dele sabia que George pura e simplesmente se acobardara. Acabou por ter a surpresa de descobrir que ambas as partes dele se tinham enganado.

A escola acabara e Marty vagueava pela praça principal quando de repente deu por que George corria na sua direcção. Ele parecia mais envergonhado do que o habitual e tinha os olhos espantados e um pouco vidrados.

-George! -gritou Marty. -Estás bem?

George parou e respondeu com um aceno de cabeça.

-Não foste à escola. Onde é que passaste o dia?

-Acordei agora mesmo. Dormi que me fartei.

O maxilar de Marty descaiu. O clorofórmio fora assim tão poderoso? Se sim, teria havido a possibilidade de ele matar George? A ideia fez com que um arrepio de terror lhe percorresse o sistema.

-A que horas foste para a cama ontem à noite?interrogou, forçando a voz a soar calma.

-Aí pelas dez ou onze horas -disse George. -Não sei o que aconteceu. Os meus pais dormiram até um pouco tarde, por isso, quando se levantaram, presumiram que eu já tinha saído. Tive uns sonhos estranhos. Talvez fosse essa a causa.

-Que espécie de sonhos?

-Não interessa. Só coisas de fantasia.

Claro que não era aceitável que o George tratasse displicentemente de «coisas de fantasia» a cuidadosa representação que ele executara. «O franganito já começa a convencer-se a pôr-se ao fresco», pensou Marty, mas, ao mesmo tempo que começava a desesperar, um novo plano de acção aflorou-lhe ao espírito.

-A propósito -começou -, por acaso viste o disco voador ontem à noite?

-O quê? -gritou George, de olhos muito abertos.

-Foi cerca da uma hora -continuou Marty. -Depois de toda a gente estar na cama. Suponho que fosse por isso que não houve muitas conversas sobre o assunto na escola. Embora uma dúzia de rapazes o tivesse visto - Todos concordaram em que foi no teu bairro.

– Sério?

Marty confirmou de cabéça:

-Não aconteceu nada de especial. O disco só pairou no ar por cima de uma casa durante uns dez minutos e depois partiu como uma bala. Suponho que talvez um homem do espaço tivesse de ir à casa de banho.

-Que diabo... -sussurrou George.

-Foi pena não estares acordado -comentou Marty. Podias ter arranjado material formidável para essas histórias de ficção científica que escreves.

George concordou com um aceno de cabeça. Uma cintilação de energia pareceu brilhar-lhe nos olhos:

-Ouve, tens de me ajudar -disse repentinamente. Quero convidar a Lorraine para sair, mas não sei como o fazer.

-Está bem -concordou Marty acenando igualmente. Ela está ali na loja de batidos.

Quando se viraram e dirigiram para o local de encontro dos adolescentes, dois garotos em carrinhos de rolamentos -feitos com rolamentos pregados em tábuas -passaram ruidosamente por eles. Marty sorriu dos rudes protótipos das mais elegantes e rápidas pranchas de patinagem que surgiriam mais tarde.

-Lá está ela... -disse uns momentos depois.

Lorraine, com as amigas Betty e Babs, estava sentada num compartimento a beber um batido a pequenos goles e a conversar.

Bem perto do momento da verdade, George sentiu a sua resolução começar a desvanecer-se. Onde estava a ajuda que o estranho lhe prometera? Pensara que fosse muito mais fácil do que estava a ser. De facto, tinha a língua tão presa e estava tão nervoso como antes de a

aparição da noite anterior lhe ter asseverado que tudo correria bem. Seria possível que a gente do espaço fosse ainda mais sofisticadamente aldrabona do que os seus companheiros terráqueos? Se não, onde estava a frase mágica ou o impulso energético que o faria ultrapassar esta prova?

Marty pressentiu a indecisão de George:

-É simples-disse. -Basta ires lá dentro convidá-la. Garanto-te que ela não te vai atirar nada acima. A pior coisa que pode acontecer é ela dizer que não.

-Não. O pior que pode acontecer é ela engasgar-se ou dar uma gargalhada quando eu a convidar.

-Isso não vai acontecer. Acredita em mim.

-Talvez fosse melhor eu esperar até ela ficar sozinha. Sabes como são as raparigas quando estão juntas.

-George -pronunciou Marty suavemente. -Faltam poucos dias para o baile. Amanhã de manhã já Lorraine terá provavelmente sido arrebatada. Esta pode ser a tua última oportunidade.

A ameaça surtiu efeito. George engoliu em seco, acenou lentamente e deu alguns passos para a entrada da loja:

-Que lhe devo dizer ? -perguntou.

-Diz o que te parecer natural, o que te vier à ideia.

George respirou fundo e fechou os olhos:

-Não me vem nada à ideia -garantiu.

-Jesus Cristo, é um milagre que eu tenha sequer nascido -resmungou Marty azedamente.

-Hum?

-Nada.
-
Se tivesses uma coisa inteligente para dizer, ajudava muito.

-Está bem -redarguiu Marty. -Diz-lhe só que o destino te trouxe junto dela e que a consideras a rapariga mais bonita de quantas já viste. As raparigas gostam de ouvir isso.Que diabo estás a fazer? A escrever o que eu digo?

George tirara um lápis e um bloco da algibeira e estava a escrever meticulosamente as palavras de Marty:

-Sim -confirmou com um aceno -, estou a tomar nota. Quero dizer, é boa matéria.

-Bem, não recites isso como um discurso, por amor de Deus -avisou Marty. --Pelo menos decora-o.

George acenou com vivacidade, percorreu as palavras com a vista, movendo ligeiramente os lábios:

-Pronto -acabou de dizer.

-Óptimo. Descontrai-te. Limita-te a ir convidá-la. Fica o assunto arrumado num minuto. A menos que ela te convide a passar a noite lá em casa.

George corou:

-Disso não há hipótese -e sorriu.

No momento seguinte, estava dentro da loja. Deu quase uma dúzia de passos na direcção certa da Lorraine, depois inflectiu repentinamente para o balcão. O empregado apareceu, à espera que ele encomendasse:

-Um batido de leite -disse George -com chocolate.

Desejou que levasse muito tempo, mas o batido chegou com uma rapidez que o desapontou. Bebeu uma golada para se fortificar e então atirou-se literalmente para o compartimento onde estavam sentadas as três raparigas:

-Ah, Lorraine -começou numa voz rápida e estridente. -A minha densidade trouxe-me junto de ti.

Lorraine levantou os olhos e ouviu as palavras, quase antes de receber quem as pronunciara. Reconheceu o jovem que lhe tinha sido apresentado na véspera por Marty. Parecia aproximadamente o mesmo, só que agora usava um bigode castanho de chocolate. Evitou, como pôde, soltar uma risada.

-Desculpe? -conseguiu dizer com dignidade feminina.

-Oh! -murmurou George. -O que quero dizer ser...

-Ser?

-É...

Com o espírito vazio, George levou a mão ao bolso para tirar o bloco de notas.

Lorraine preencheu o intervalo da conversa:

-Não o vi já em qualquer lado? -inquiriu.

George fez um sorriso largo. Até então, ela não se engasgara nem rira à gargalhada e ele estava optimista. Se ao menos se lembrasse daquelas palavras!

-Sim -retorquiu. -Sou o George. George McFly. Sou a tua densidade, quero dizer, o teu destino.

Agora Lorraine soltou mesmo uma risada. Babs e Betty juntaram-se-lhe. Mas para George o som não foi tão desmoralizador como pensara que seria. Teve mesmo o estranho pensamento de que talvez elas achassem que a sua parvoíce fazia parte de um esquema normal, efectivamente inventado para as divertir.

O riso delas era afinal relativamente descomprometido. Os que estavam sentados nos compartimentos adjacentes talvez pensassem que ele dissera alguma coisa verdadeiramente divertida às raparigas, e o admirassem por isso. Pela primeira vez desde que acordara com suores frios uma hora antes, George acreditou mesmo que tinha a ajuda prometida pela criatura que lhe aparecera na noite anterior, quer fosse em sonho quer em carne extraterrestre. Apoderou-se dele um impulso de confiança. Diz, incitava o seu espírito. Diz-lhe que queres levá-la ao baile e tudo acaba num segundo.

-Lorraine -começou, surgindo a palavra com uma força de entoação que surpreendeu o próprio George. -Quero...

-McFly, pensava já te ter dito que não voltasses aqui! berrou uma voz conhecida, interrompendo o discurso de George tão eficazmente como alguém a gritar: «Fogo.»

Biff Tannen e os seus acólitos estavam à porta, de mãos nas ancas, deitando a George olhares trocistas. Lenta, deliberadamente, como pistoleiros a apoderarem-se de uma pequena terra do Oeste, avançaram para dentro do estabelecimento em direcção a George McFly. Marty vira-os chegar precisamente na pior altura possível -quando George parecia mesmo prestes a fazer o convite a Lorraine.

-Raios! -resmungara.

Fez então a única coisa possível -entrou atrás deles para poder ajudar, se necessário.

George, com a expressão resoluta e feliz a desvanecer-se na habitual máscara de infelicidade, fitava de queixo descaído o Biff a aproximar-se.

-Bem, apareceres aqui depois de ter dito que ficasses lá fora vai custar-te, McFly -afirmava Biff na sua voz áspera, não fazendo qualquer esforço para a manter baixa. -Que dinheiro tens contigo?

Era brutalidade flagrante e extorsão evidente, mas ninguém na loja de batidos fez um movimento para ir em auxilio de George. Depois de um longo momento, este levou a mão ao bolso e tirou a carteira.

De mão carnuda, Biff deu alguns passos na direcção de George, com uma expressão de ambição e malícia no rosto. Então, subitamente, esse rosto deixou de ser visível e ficou encostado ao chão de mosaico.

Marty retirou o pé, felicitando-se intimamente pelo passo mais bem medido que alguma vez executara. Biff olhou do chão para cima:

-Tu aí! -vociferou, pondo-se rapidamente de pé, ao mesmo tempo que um risinho de troça circulava pela loja. -Pronto, chico esperto -cuspiu, dando um passo na direcção de Marty. -É a hora da verdade.

Marty colocou o corpo em posição, preparando-se para entrar em acção. Arrastando-se na sua direcção, Biff atirou-lhe uma direita que ele conseguiu evitar facilmente, ripostando com uma pesada esquerda ao estômago de Biff e uma direita à sua fonte. Tropeçando como um bêbedo, Biff caiu para trás, para cima de uma mesa.

Vendo que o seu chefe estava em apuros, Match, 3-D e Skinhead começaram a avançar para Marty.

«Oh-oh», pensou este, «estas perspectivas só podiam ser boas para o Super-Homem». A meio de um passo para acabar com Biff, Marty rodou repentinamente nos calcanhares e saiu pela porta da frente. Os lacaios de Biff puseram este em pé e depois correram atrás dele.

-É o Calvin Klein! -gritou Lorraine às suas amigas.

-Quero dizer, Marty! Oh, meu Deus, é de sonho!

George McFly ficou de lado, preso ao chão de medo e espanto, enquanto decorria a cena. Felizmente, ninguém estava a olhar para ele, ou quem o fizesse teria visto os seus olhos humedecerem como se estivessem prestes a rebentar em lágrimas. «Que diabo», pensou, «correu outra vez tudo mal. Mesmo com ajuda do espaço. Sou um inútil.»

Marty saiu disparado da loja de batidos, hesitou um momento à esquina das ruas 2ª e Principal, para logo virar à esquerda e começar a correr tão depressa quanto as pernas lho permitiram. Biff e os seus três lugares-tenentes seguiam-no. Biff era lento mas dois dos outros eram mais rápidos do que Marty e reduziam velozmente a distância entre perseguido e perseguidores.

«Raios partam estes sapatos novos», pensou Marty, retraindo-se quase a cada passo, com os contrafortes a magoarem-lhe os calcanhares. Rodopiando para a direita, voltou para trás para a praça principal. A manobra fê-lo ganhar um ou dois passos, mas ele sabia ser apenas uma questão de tempo até os dois rapazes mais rápidos o apanharem. Ao passar de novo em frente da loja de batidos viu que a maior parte da miudagem saíra para o passeio e estava a gritar-lhe palavras de encorajamento. Ele teria de boa vontade trocado todo esse apoio moral por um par de amigos duros, mas nenhum parecia estar à vista.

Quase se resignara a ser apanhado quando um dos rapazinhos dos carros de rolamentos surgiu da Hill Street num caminho paralelo ao seu.

-Eureka! -exclamou Marty.

Agarrando no carrinho, arrebatando-o literalmente de debaixo do garoto, Marty deu-lhe um pontapé para fazer saltar os ornamentos e o que ficou era uma rude versão, de fabrico caseiro, de uma prancha de patinagem.

-Desculpa, pá! -gritou por cima do ombro ao saltar para a prancha. -Compenso-te mais tarde.

Deu um impulso a si próprio, no preciso momento em que mãos hostis se lhe atiravam ao pescoço e falhavam. Um segundo depois estava livre, descendo o passeio ao dobro da velocidade dos seus perseguidores.

-Eita! Vejam como ele anda! -Berrou o garoto cujo carrinho fora confiscado e transformado num veículo mais leve

-Que é aquilo? -gritou outro garoto, vendo Marty afastar-se a toda a velocidade.

Depois de meio quarteirão a ficarem rapidamente para trás em relação à sua presa, os companheiros de Biff voltaram-se e encolheram os ombros, esperando que o seu chefe lhes desse uma nova táctica.

-Vão buscar o carro! -ordenou este.

Os quatro deram à perna até ao descapotável de Biff, estacionado nas proximidades. Poucos segundos depois, partiram ruidosamente no encalço de Marty, queimando borracha na praça principal e desaparecendo numa nuvem de fumo negro.

A dois quarteirões de distância, Marty olhou para trás por cima do ombro. O descapotável aproximava-se dele. De facto estava mesmo prestes a atingi-lo quando ele fez subitamente uma viragem muito apertada à sua frente e começou a dirigir-se para o lado oposto.

-Com mil diabos! -praguejou Biff, carregando no travão e fazendo rodopiar o carro na inversão de marcha.

-Vejam-me só aquilo! -exclamou Skinhead em altos gritos.

Atrás deles, Marty agarrara-se à parte de trás de um carro que ia a passar e afastava-se agora a mais de sessenta e cinco quilómetros à hora. O condutor do carro, que não via Marty, agachado, abanou a cabeça sem perceber o que se passava ao passar em frente da loja de batidos da esquina Aí, pelo menos vinte garotos estavam de pé no passeio, a aplaudir violentamente e a aclamár a sua passagem.

-Até parece que acabei de ganhar uma corrida ou qualquer coisa assim -murmurou o condutor.

Lorraine, que vira toda a acção excepto a que se desenrolara ao fundo da rua, deu pulos para cima e para baixo à passagem relâmpago de Marty, cujos patins faiscavam.

-É mesmo de sonho! -gritou para as suas duas amigas.

Dez segundos mais tarde o descapotável de Biff passou ruidosamente. A maior parte dos garotos pateou e assobiou os quatro vilões de lábios contraídos que olhavam em frente sem se distraírem.

A perseguição virou à direita quando o motorista do carro hospedeiro se dirigiu para o palácio da justiça. Biff ganhou rapidamente terreno ao condutor desprevenido, diminuindo a distância até o guarda-lamas do seu carro quase tocar as nádegas de Marty. Quando o automóvel hospedeiro ia a passar o palácio da justiça, junto do salão Statler's Studebaker, Marty soltou-se virou-se repentinamente à direita. Biff que ia demasiado depressa passou o cruzamento sem poder voltar.

Praguejando, carregou no travão, fez marcha atrás, e depois roncou pelo passeio em frente do palácio da justiça em perseguição de Marty. Peões surpreendidos e aterrorizados rodopiavam ou mergulhavam para longe, procurando apressadamente refúgio na segurança dos degraus de cimento ou tentando esconder-se atrás dos canhões da Primeira Guerra

Mundial. Ignorando todos os objectos no seu caminho excepto Marty, Biff avançava ruidosamente, levando o terror até aos olhos dos seus próprios passageiros. Marty descobriu demasiado tarde que tinha subestimado a determinação maníaca de Biff. Ao fundo do cruzamento, só teve tempo para ver que Biff estava mesmo atrás dele, descrever um rápido ângulo de 180 graus com a sua prancha e...

De súbito, perdendo o equilíbrio e estando prestes a cair, estendeu a mão... e deu consigo agarrado à parte da frente do carro de Biff

-Agora temos o filho da mãe na mão! -gritou este.Se continuar agarrado, morre, e, se se soltar, morre!

Sorrindo sadicamente, empurrou Marty pela Hill Street abaixo, passando por Gaynor's Hideaway, de onde os clientes tinham saído, alguns ainda de copo na mão, para verem o espectáculo. Mesmo em frente ficava o cruzamento em T com a Rua Principal, e a montra de Hal's Bike Shop estava directamente no caminho que se iam. Biff decidiu fazer passar Marty através do vidro em vez de se entreter mais tempo com ele. Se acontecesse o pior, diria simplesmente ao juiz que os travões lhe tinham falhado.

Olhando para trás pelo pára-brisas para o malévolo Biff, Marty não pôde deixar de engolir em seco. A velocidade era tal que não podia virar para qualquer dos lados sem ser atingido pelo pára-choques de Biff ao fazê-lo. Oscilando para trás e para a frente sobre a prancha, Marty manteve-se agarrado enquanto procurava uma saída. Habitualmente havia pelo menos um carro da polícia nas proximidades da Praça Principal, a sorte ditara que naquele dia os homens em uniforme brilhassem pela ausência. Uma rápida visão da sua pedra tumular passou-lhe pelos olhos ao mesmo tempo que Biff o arrastava inexoravelmente para trás. Dizia: MARTIN MCFLY -NASCIDO EM 1968 FALECIDO EM 1955.

Agora que estavam prestes a ultrapassar um grande camião de adubos na mesma faixa de rodagem, nova diabrura foi acrescentada. Match pegara numa garrafa de cerveja e ia atirá-la à cabeça de Marty.

-Tenho de cavar daqui! -gritou este.

Dito isto, deu um salto, atirando a prancha para a frente para baixo do automóvel, e aterrou na capota de Biff. Sem perder impulso, fez ricochete nas cabeças dos quatro rapazes de bocas abertas, passou para cima da mala do carro e saltou dele, mesmo a tempo de apanhar a prancha, que vinha de baixo.

-Santo... -arquejou Biff.

Tão espantados ficaram os quatro perseguidores que todos se voltaram nos assentos para verem Marty.

Uma fracção de segundo depois, sentiram um impacto e foram atirados para a frente quando o carro embateu ruidosamente na traseira do camião de adubos. Pairando no ar um momento, o descapotável inclinou-se para a frente, atirando Biff e a sua corte de cabeça para a nojenta massa castanha.

Através da praça, a partir da loja de batidos da esquina, eram audíveis as aclamações e os aplausos. De trás também, provindo dos mais recentemente envolvidos clientes de Gaynor's, gritos e palmas aumentaram o furor. Como uma demonstração do Quatro de Julho, a perseguição fizera parar por completo toda a actividade na bela baixa de Hill Valley.

-Ele é formidável! -gritou Lorraine histericamente. Não é mesmo a coisa mais bestial em que alguma vez puseram a vista?

As amigas, bem impressionadas, acenaram a sua concordância.

George McFly, que também assistia, observava os acontecimentos com emoções complexas. Estava satisfeito por ver Biff e os seus companheiros acabarem no monte de estrume, mas teria dado dez anos de vida para ter sido ele próprio a imaginar o truque e Marty, sorrindo

com consciência da vitória, olhou em torno, à procura do garoto cujo carrinho usara.

-Obrigadíssimo, pá -disse, devolvendo-lhe a prancha com um movimento rebuscado. -Desculpa ter-to estragado.

-Estás a brincar? -riu o garoto. -Eu é que te agradeço!

Pulou imediatamente para o seu novo veículo e começou a experimentá-lo. Quando a multidão começou lentamente a dispersar, tornou-se visível que o outro garoto estava a retirar o enfeite cor de laranja do seu carrinho para ficar com uma prancha de patinagem como a do seu amigo.

CAPÍTULO XI

Lorraine, de olhos fixos em Marty enquanto ele descia a Rua Principal, afastando-se do local do acidente, tomara uma decisão:

«Se ele não me pedir», pensava, «então só terei de ser eu a fazê-lo».

Virando-se para a Babs, pediu-lhe:

-Emprestas-me o teu carro?

Babs hesitou:

-Sabes, não é meu -retroquiu ela. -É da minha irmã.

-Bem, não tem importância. Eu tenho cuidado.

-Para que o queres?

-Prometes não dizer a ninguém?

Babs acenou que sim.

-Quero seguir o Marty para ver onde ele vive. Ele é tão fechado acerca de si próprio.

Babs soltou uma risadinha. Aquela era uma missão que ela entendia:

-Eu levo-te -decidiu.

-Está bem. Vamos antes que o percamos de vista.

As duas raparigas dirigiram-se para o carro de Babs quando Lorraine se viu subitamente de novo frente a frente com George McFly.

-Olá -sussurrou ele.

O bigode de chocolate continuava no mesmo sítio. Olhando para outro lado, Lorraine disse com brusquidão:

-Olá. Desculpe ter de me ir embora, mas estou mesmo muito ocupada.

Ele acertou o passo pelo dela:

-É só um segundo -começou. -Estava a pensar se tu gostarias de ir comigo ao baile de sábado à noite.

-O baile? Ah, sim...

-Sim, vais? -Saltou George.

-Não. O que eu queria dizer era... sim, é verdade, o baile é neste sábado Não há dúvida de que o tempo voa, pois não?

-Pois... Então?

-Desculpa, mas tenho uma espécie de compromisso anterior; porém ainda não descobri o que é que se passa.

-Como é que podes fazer isso? -interrogou George.

-É muito complicado. Mas se não se confirmasse isso que pode surgir, talvez fosse contigo.

George interpretou a réplica dela como positiva, apesar da rede de condições:

-Talvez se eu... quer dizer, nós, esperássemos um dia ou dois...

-Oh, não -Lorraine sorriu. -Não seria justo para contigo.

-Bem, tu és a única rapariga que eu estou interessado em levar-afirmou, odiando-se ao mesmo tempo a si próprio por ter o coração à boca.

-Obrigado -agradeceu Lorraine. -Talvez para a próxima

-O próximo baile é só na Primavera.

-Bem, quando o Inverno chega, pode a Primavera tardar muito? -Arrulhou Lorraine, que acabara de decorar o verso na aula de Inglês.

-Sim, mas ainda nem sequer é Inverno -protestou George debilmente.

-Muito obrigada por me teres convidado -disse Lorraine, saltando para o carro de Babs. -Até à próxima.

-Sim...

-E limpa a boca.

Ela afastou-se, deixando-o de pé no passeio, a explorar o lábio superior com os dedos.

As velas a representarem candeeiros constituíam o toque mais interessante, pensou Doc Brown, recuando alguns passos para admirar o seu trabalho.

-Muito bem -murmurou, sorrindo. -Talvez a mantenha até ao Natal e use como jardim.

Passara a maior parte da tarde a planear e a construir a sua própria réplica da Praça Principal de Hill Valley. Colocada sobre uma grande

peça de contraplacado, consistia primeiramente num pedaço de madeira com um relógio atado em volta (a torre do relógio do palácio da justiça) e um «pára-raios» (um prego) espetado no cimo. Um arame descia do pára-raios, atravessava a praça e passava entre dois candeeiros do outro lado da rua.

Perto dos candeeiros estava um carrinho de corda com um araminho espetado atrás. Ligado a esse arame havia um gancho. Ao consultar a sua folha de trabalho, que continha linhas de estatísticas e contas, Doc Brown acenou com a cabeça. Tinha a certeza de que resultaria.

-Óptimo -disse, à entrada de Marty. -Agora posso explicar-te isto. Que tal te saíste com a saga em episódios de George e Lorraine?

Marty suspirou:

-Aproximámo-nos mais. É tudo o que posso dizer. Excepto que tive uma pequena divergência com Biff Tannen e quatro do seu piquete. Estive a poucos centímetros de morrer esmagado.

-É tudo? -Doc sorriu. -Então qual foi o resultado final da divergência?

-Os quatro tipos acabaram num monte de merda. Tenho de admitir que tratei muito bem de mim e deles.

-Claro, tens ao teu dispor trinta anos de avanço tecnológico -replicou Doc Brown.

Marty soprou.

-Só estava a brincar contigo -sorriu Doc. -Vem cá dar uma olhadela a isto.

-Está bem. Que diabo de coisa é essa?

-É o meu próprio método diabolicamente inteligente de te fazer regressar a 1985.

-Óptimo. Explique-mo.

Doc Brown esclareceu a nomenclatura da montagem e depois embrenhou-se numa descrição de como devia funcionar:

-Como vês, pomos um pára-raios na torre do relógio do palácio da justiça -disse. -Depois ligamos-lhe um cabo eléctrico de potência industrial até ao outro lado da rua... Entretanto, instalámos no teu carro um grande gancho ligado directamente ao capacitador de fluxo...

Pegou no automóvel de brinquedo e deu-lhe corda.

-Tu estarás nele -disse. -Então, a um sinal, partes pela rua abaixo em direcção ao cabo, acelerando até atingires as oitenta e oito milhas por hora...

Soltou o carrinho de brinquedo de uma extremidade do modelo. Ele correu em direcção ao arame estendido. Pegando então um fio ligado a uma tomada de corrente alterna, Brown levou-o junto do prego «pára-raios».

-Nessa altura -continuou -, dá-se a trovoada, electrificando o cabo, mesmo a tempo de...

Ao dizer aquilo, tocou com a ponta do fio eléctrico, a descoberto, no prego. Quando a antena do automóvel de brinquedo embateu no cabo, voaram faíscas, o carrinho pegou fogo e caiu disparado de cima da mesa. Atingindo as cortinas das proximidades, rolou por elas abaixo, espalhando chamas pelo caminho.

Numa fracção de segundo, o tecido barato transformara-se numa massa de fogo e fumo. Doc Brown correu para a outra ponta da sala, agarrou num extintor e dominou o incêndio em menos de um minuto.

-Bem -comentou Marty quando tudo tinha passado.

-Estou satisfeito por saber que já calculou tudo. Por que não me pega já fogo em vez de ter todo esse trabalho?

-Isto é teórico -Doc Brown encolheu os ombros. Será diferente com um carro que podes dominar e um capacitador de fluxo que converte o raio em energia em vez de o libertar, como este fez. Pelo menos é assim que espero que suceda.

-Está a instilar-me muita confiança. Doc -sorriu Marty amargamente.

-Acredita que deve resultar.

-A palavra prática aí é «deve».

-Bem, como é que eu te posso garantir que isto resulta mesmo? É uma experiência científica, meu rapaz-algo que está a ser tentado pela primeira vez. Nada é cem por cento à prova. Por exemplo, a parte mais simples deste plano: a tua condução a oitenta milhas hora pela Praça Principal precisamente no momento certo. Nem isso está garantido. Imagina que uma velhota começa a atravessar arua nessa altura. Imagina que há um carro da polícia que te obriga a parar. Imagina que aquele automóvel tão bem montado falha durante a corrida. Imagina que falhas com o gancho ou que o raio cai mais cedo ou mais tarde. Imagina que os jornais se enganaram na hora. Imagina...

-Está bem, Doc -interrompeu Marty. -Já percebi. Corremos sempre grandes riscos, de qualquer maneira.

-Não te preocupes. Eu ocupo-me do relâmpago. Tu preocupas-te com o teu velho.

Marty suspirou. Voltou a tirar o instantâneo da família e a olhar para ele. O irmão Dave desaparecera por completo e a cabeça de Linda estava

parcialmente obscurecida.

-Jesus -engoliu em seco. -Eu sou a seguir.

Bateram à porta. Doc Brown e Marty trocaram olhares ansiosos.

-Biff -disse Marty. -Conseguiu sair do estrume e seguiu-me.

Olhou em torno, à procura de um atiçador ou de qualquer outro objecto pesado, enquanto Doc Brown corria para a janela e espreitava para fora. Marty ouviu-o rosnar:

-É pior-disse, correndo outra vez para junto dele.Depressa, vamos tapar a máquina do tempo.

Enquanto atiravam um pesado oleado para cima do DeLorean, Doc continuou:

-É a tua mãe-informou. -Disseste-lhe onde moras?

-Não. Seria uma loucura ter feito isso.

-Então deve ter sido ela que te seguiu. Pá, a dama está mesmo a arder.

O toque na porta repetiu-se.

-Deixamo-la entrar? -perguntou Marty.

-É melhor -disse Doc Brown. -Acho que ela me viu quando olhei para fora. De qualquer forma, se ela te seguiu até aqui, provavelmente sabe que estás cá dentro.

Marty foi à porta abriu-a para Lorraine entrar.

-Olá -sorriu ela.

-Mamã... quero dizer, Lorraine. Como é que me encontraste?

-Segui-te.

-Porquê?

-Queria saber onde vives.

-Faz sentido, certo.

Lorraine olhou à volta dele e esboçou um sorriso.

-Ah -exclamou Marty, afastando-se para um lado.Hum, este é o meu tio Brown.

-Tio Brown? -repetiu ela.

-Emett -afirmou Doc.

-Olá.

Voltando a olhar para Marty, Lorraine respirou fundo e lançou-se num breve discurso que tinha obviamente ensaiado:

-Marty -disse -, isto pode parecer um pouco ousado, mas eu tinha esperança de que me levasses ao Baile de Encantamento Sob o Mar no próximo sábado.

Marty devia estar preparado para a resposta, mas até nem estava. Aclarando nervosamente a garganta, baixou os olhos para o pé direito:

-Não creio que consiga -respondeu. -Sabes, toda aquela corrida desta tarde... Acho que torci o pé...

-Vieste para casa sem problemas -interrompeu Lorraine.

-Sim, mas já tive isto antes. Sei que vou estar mesmo mal amanhã de manhã e provavelmente ficarei na cama mais ou menos uma semana.

-Não acredito-murmurou Lorraine. Os olhos começaram a humedecer-se-lhe. -Acho que é só uma desculpa para te livrares de ir comigo. '

-Não -gritou Marty. -Não é isso. É só que... bem, sou um péssimo dançarino. Tenho dois pés esquerdos. Ou melhor, três pés esquerdos. Fico tão atrapalhado... -Deixou a frase em suspenso, tentando parecer inepto.

-Podemos não dançar -sugeriu Lorraine. -Se tens vergonha de dançar, por mim não há problema, mas acho que só estás a ser modesto. Uma pessoa que anda de patins como tu andaste esta tarde tem de ter algo.

Era uma boa razão, mas Marty decidiu não se envolver nela. Em vez disso, disse:

-Sabes quem quer levar-te, e eu acho que te ias dar bem com ele? - George McFly.

-Já sabia que ias dizer isso.

-Porque por acaso penso que é verdade. Acho que há uma química qualquer entre vocês dois. Talvez ainda não o sintas, mas está a chegar.

-Talvez, mas porquê? -indagou Lorraine. -Sinto mais química contigo. De qualquer modo, o George já me convidou e eu recusei.

-Tu o quê? -inquiriu Marty. -Não percebes a coragem de que ele precisou para te convidar? Foi como mergulhar no ar sem abrir o pára-quedas ou entrar no ringue com Muhammad Ali...

-Com quem?

-Rocky Marciano -interveio Doc Brown.

-Ah bem, não posso preocupar-me com isso -disse Lorraine. -O George não é o meu tipo. É engraçado e tudo, mas... bem... -Aproximou-se mais de Marty, ao ponto de a sua cabeça quase tocar no queixo dele. -Acho que um homem deve ser forte... para poder defender-se e proteger a mulher que amar. E tu?

-Eu o quê? -perguntou Marty nervosamente.

Sentindo que ele estava a fazer tempo, Lorraine sacudiu a cabeça com fúria:

-Diz só sim ou não -exigiu. -E é melhor ser sim porque, se não me levares ao baile, ninguém me leva.

Marty suspirou. Algo nos olhos dela lhe dizia que não estava a fazer bluff. Fitou Doc Brown com tristeza.

-Parece que ela quer ir mesmo contigo, pá -disse este. -É melhor dizeres que sim.

-Sim -concordou Marty.

-Ah, obrigada -Lorraine sorriu, esticando-se para lhe beijar a face. Não te vais arrepender.

Depois virou-se, correu para a saída, acenou-lhe brevemente ao chegar à porta e desapareceu.

-Linda complicação -afirmou Marty.

-De facto complica a situação-admitiu Doc Brown.Mas ao menos, se ela for ao baile contigo, estará lá. Agora temos de arranjar maneira de conseguir que o George vá, para poderes descobrir o amor e o encantamento sob o mar, o que quer que isso signifique.

-Oh, meu Deus -suspirou Marty. -Isso quer dizer que tenho de convencer o meu pai a ir sozinho.

-Ou isso ou arranjar-lhe outra companhia.

-Doc, o senhor pode ser um génio com capacitadores de fluxo, electricidade e contínuo espaço-tempo, mas quando diz que tenho de arranjar outra rapariga para aquele palerma numa data tão tardia está mesmo a pedir o impossível.

Apanhou o George no dia seguinte pouco depois da hora do almoço.

-Olá -disse o George -e parabéns.

-Parabéns por quê?

-Por ires ao baile com a Lorraine. Confirmei com ela esta manhã e soube que.tu eras o felizardo.

Marty expirou pesadamente:

-Deixa-me explicar-te uma coisa -pediu. -Ela só concordou em ir comigo ao baile por saber que tu ias lá estar.

-Como pode ser isso?-indagou George. -Ela pode ir ao baile comigo se quisesse.

-Ela é mesmo tramada -afirmou Marty. -E isso fá-la complicar tudo. Sabes como é quando uma pessoa quer comprar uma coisa, mas por pouco dinheiro? Então finge descobrir uma quantidade de defeitos e até talvez diga que não a quer -mas durante todo o tempo está mortinha por ela.

George acenou com a cabeça.

-Bem, é o que se passa com a Lorraine. Lá no fundo, quere-te, mas não quer que tu saibas. E talvez uma parte dela ainda não saiba. Mas acredita no que te digo: ela quer que vás ao baile para que os dois possam estar juntos...

-Estar juntos? -sussurrou George. -Sou a favor. Por que é que ela não me pediu? Nem disse que sim quando eu pedi?

-Algumas mulheres só aceitam as coisas maravilhosas quando parecem acidentais -replicou Marty sabiamente. Está ligado ao que eu acabei de dizer. Não querem admitir que as desejam. Foi por isso que ela me convidou. Não é a mim que ela de facto quer. É a ti, George. Agora só temos de fazer compreender que é a ti que ela quer.

-Bem, como é que podemos fazer isso?

-Acho que devemos começar por fazer ver que não és cobarde.

-Mas... Eu acho que sou cobarde.

-Não, George-disse Marty. -Toda a gente tem uma coisa que defende e pela qual luta, e eu penso que no teu caso é a Lorraine.

-Sim... mas quando o Biff vem para mim...

-Bem, só temos de te ensinar a lidar com isso -afirmou Marty. -Começamos esta tarde, assim que terminarem as aulas.

George respirou fundo e concordou de cabeça. Uma réstea de esperança pareceu surgir-lhe nos olhos.

Quatro horas depois; os dois jovens voltaram a reunir-se no quintal de George. Marty trazia consigo um saco para socos feito em casa e que consistia em roupas enfiadas numa mochila até esta ficar tão sólida

como uma rocha. Depois de passar alguns minutos a tentar ensinar a George golpes em movimento e bons socos, ofereceu-se como alvo:

-Quero que me atinjas no estômago -disse. -Aqui mesmo. Vá.

Deixou cair as mãos ao lado do corpo.

-Mas eu não quero atingir-te no estômago -protestou George.

-Não me vais magoar. Dá-me só um soco.

-Olha, eu não sou um lutador.

-Quantas vezes vou ter de te explicar? -interrogou Marty. -Já sabemos que não és um lutador. Tu sabes. Eu sei...

-E o Biff sabe.

-Esquece o Biff. O importante é que a Lorraine não sabe. É por isso que temos de fazer com que pelo menos pareças um lutador, alguém capaz de se defender e de a proteger.

-Mas eu nunca na vida me meti numa rixa! -exclamou George.

-Não te vais meter numa rixa, papá... -disse Marty.

-Quero dizer, George. Vais salvá-la.

-Parece tão pires...

-As raparigas gostam de pires. Agora talvez seja melhor revermos o plano. Onde é que vais estar às 8:55?

George suspirou:

-No baile.

-E onde é que eu vou estar?

-No parque de estacionamento com ela.

-Pronto. Então, mesmo ao virar das nove horas, ela vai ficar muito zangada comigo...

-Por quê?

-Porquê o quê?

-Por que é que ela vai ficar zangada contigo?

-Porque vou começar a abusar. E as raparigas decentes ficam zangadas com os rapazes que tentam aproveitar-se.

-Queres dizer que vais...

Marty acenou a sua confirmação.

Uma estranha expressão de tristeza afluiu ao rosto de George:

-E se ela deixar? -perguntou.

-Como podes dizer uma coisa dessas? -ripostou Marty. -Ela não é só uma rapariga decente, é também a minha...

-Sim?

-É a minha amiga. Eu não lhe ia pôr as mãos.

-Tens a certeza? -indagou George com os olhos contraídos.

-Quero dizer ela é bonita. Um tipo tinha de ser de pedra para dizer não à Lorraine.

-Não este tipo -retrucou Marty. -Agora vamos voltar ao plano, está bem? Vai ser tudo representação, portanto não te preocupes. Lembra-te só que às nove horas vais andar a passear pelo parque de estacionamento e nos vês... -Engoliu em seco e prosseguiu: -Vais ver-nos à luta dentro do carro. Assim que isso acontecer, corres para lá, agarras o puxador, abres a porta com violência e dizes o quê?

George entreabriu os lábios mas não lhe saíram palavras. -Vais ter de ser mais convincente do que isso-murmurou Marty.

-Não consigo pensar...

-Que raio, nem devias ter de pensar. Ali estás tu, frente a frente com um tipo que tem as patas em cima da rapariga que amas. Devia ser automático.

-Sim... Tens razão.

-Recita lá isso, George.

Movimentando com ferocidade o maxilar, exageradamente, mais parecendo um velho rufião de vaudeville, George cuspiu as expressões:

-Uh.... Ei, tu! Tira as mãos imundas de cima dela! Depois, voltando a assumir o seu ar habitual, perguntou em voz baixa: -Achas mesmo que devo praguejar?

-Sim, claro-acenou Mart -Então dás-me um soco no estômago, eu piro-me e tu e a Lorraine vivem felizes para sempre.

-Fazes com que pareça tão fácil -George sorriu. Quem me dera não ter tanto medo.

-Medo de quê?

-Não sei. Talvez eu te bata com força e te faça doer. E isso pode irritar-te tanto que percas a cabeça. Marty riu:

-Acredita, George, podes bater-me com quanta força quiseres que eu não respondo.

-Talvez ela pense que é tudo preparado.

-É por isso que tens de fazer com que pareça convincente. Tens de me bater mesmo. Agora experimenta.

-Está bem.

Com Marty parado George respirou fundo e atirou-lhe um soco ao estômago. Parecia mais que estava a enxotar uma mosca.

-Não George -corrigiu Marty. -Põe confiança por trás desse soco. Emoção. Fúria. Vá lá. Tu és capaz.

George atirou outro soco, ligeiramente melhor do que o anterior, mas muito pouco. Pareceu ficar satisfeito com ele, todavia, particularmente com o sólido ruído que produziu:

-Que tal? -disse. -Nada mau, pois não?

-Bem, acho que tem de chegar -Marty encolheu os ombros. -Sabes que mais? -pratica nisto

Pendurou a mochila no poste em T da corda de roupa, recuou e aplicou-lhe um violento golpe de baixo para cima. A mochila recuou quase trinta centímetros.

-Treina-te numa coisa assim -disse.

-Está bem -concordou George com um aceno de cabeça. Atirou um soco à mochila, e logo outro. Não eram golpes de campeonato, mas Marty

observou com satisfação que ele estava pelo menos a começar a gostar daquilo.

-Fúria -incitou. -Fúria.

-É isso! -rosnou George -Fúria!

Irrompendo com toda a sua força, George calculou mal a oscilação da mochila e falhou completamente. O seu punho passou sibilando ao lado do alvo pretendido e foi embater solidamente na árvore que ficava atrás.

-Uuuui! Com mil diabos! -berrou.

-Óptimo -afirmou Marty. -Isso é fúria verdadeira. -Acenou com a mão à medida que se afastava. -Até logo.

George ficou a vê-lo ir-se embora, soprando devido à sua própria inépcia. A mão direita continuava a latejar, mas a frustração dele era mais forte do que a dor. Contraiu a mão esquerda de modo a fechar o punho, avançou dois passos e desferiu um poderoso soco na mochila em oscilação lenta. O choque do sólido contacto subiu-lhe pelo braço e ele soube instintivamente que tinha por fim feito algo bem. Não estava preparado, contudo, para ver a mochila soltar-se da corda, voar em direcção à janela da sua própria casa e estilhaçá-la. Apercebendo-se das possíveis repercussões da janela partida. George fez o que sempre fazia em situações semelhantes -fugiu.

-Previsão meteorológica para esta noite em Hill Valley e proximidades... vento forte e frio de Sudoeste, céu geralmente limpo e tempo seco... No aeroporto prevêem trovoada e aguaceiros, embora já seja bastante tarde para isso... O consenso no Serviço Meteorológico dos Estados Unidos parece ser que se dará acentuado arrefecimento nocturno, com as temperaturas a descerem a cerca de sete graus, mas nada pior do que isso... Portanto, passem uma boa noite. E agora passamos a Bill Sharp, que nos vai proporcionar cinquenta e cinco minutos de Eddie Fisher e Patti Page...

Os sons que emanavam da telefonia instalada no Packard de Doc Brown só eram ouvidos pelos poucos residentes de Hill Valley que passavam pelo seu carro ao princípio da noite de sábado. O próprio Doc Brown estava numa escada de mão, à esquina das ruas 2ª e Principal, a ligar uma tomada móvel colocada ao fundo de um cabo a uma extensão atada a um candeeiro. O Packard estava estacionado a poucos metros dos candeeiros; atrás dele, coberto com um oleado, encontrava-se o DeLorean.

Assobiando baixinho, Doc Brown completou a ligação e olhou para o outro lado, para o palácio da justiça. Oscilando suavemente por acção da ligeira brisa, via-se o cabo que ele instalara pouco antes -150 metros de arame triplo, muito dispendioso, que partiam do pára-raios no cimo do palácio da justiça, até à ligação que ele acabara de fazer.

-Pronto -disse, baixando os olhos para Marty, que esperava ao fundo da escada. -Está tudo instalado e pronto para a partida. Mas não está com muito aspecto de se preparar uma trovoada, e o boletim meteorológico que ouvi falava em tempo frio e seco. Tens a certeza dessa tempestade?

Marty confirmou de cabeça:

-Doc -disse -, desde quando é que o meteorologista prevê o tempo -para já não falar no futuro?

-Tens razão -sorriu Brown. Depois de verificar uma vez mais os cabos para se certificar de que a ligação estava bem feita, emitiu um ruído de satisfação e desceu a escada.

-Sabes, Marty -disse, depois de estar em baixo -, eu... bem... vou ficar triste por te ver partir. Vieste transformar de facto a minha vida. Deste-me algo a que me dedicar. Só saber que vou viver até 1985... que vou ser bem sucedido nisto... que vou ter a oportunidade de viajar no tempo... bem, vai ser difícil para mim ter de esperar trinta anos até podermos

voltar a falar de tudo o que aconteceu nestes últimos dias. Vou mesmo ter saudades tuas...

-Eu também vou ter saudades suas, Doc -respondeu Marty. -Mas pode ser que não volte a ver, sabe? Se alguma coisa correr mal com isto... -Indicou a ligação dos cabos. -... posso não estar em 1985, nem em qualquer outro ano, aliás.

Brown acenou pesarosamente:

-Não é tarde demais para mudares de ideias, sabes? disse.

-Por que não ficas cá? Podemos trabalhar juntos em projectos...

-Não, obrigado, Doc -recusou Marty. -Se não arrumar a questão com a mamã e o papá e não regressar a 1985, ficam demasiadas vidas estragadas. Tenho de apostar em que a sua experiência resulte. -Sorriu. -Afinal, tudo o que o senhor fez resultou. À excepção do analisador de ondas cerebrais.

-Não me lembres isso.

Uma vez mais o espírito de Marty projectou a imagem de Doc Brown a ser morto pelas balas dos terroristas, e uma vez mais ele ansiou por o avisar. Poderia magoá-lo muito? Afinal, quando os terroristas entraram em cena, já a máquina do tempo de Doc Brown era um êxito. Assim, a História não seria afectada se ele escapasse à sua vingança; apenas lhe seriam dados mais uns anos de vida para gozar os frutos do seu labor, talvez para viajar um pouco de um lado para o outro no tempo. Isso era assim tão mau?

Concluiu que não:

-Doc -começou -, acerca do futuro e do senhor...

De novo a mão erguida:

-Não, Marty, meu rapaz. Não digas mais nada. Já concordámos que ter conhecimento do futuro pode ser extremamente perigoso. Mesmo que as intenções sejam boas, pode haver um drástico tiro pela culatra. O quer que seja que me queiras dizer, descobri-lo-ei no curso natural do tempo.

Marty viu que não valia a pena discutir com ele. No entanto, continuava a ter o desejo de transmitir o aviso:

-Sim, Doc... Estou a ver. -Acenou. -Ouça, vou comprar um chocolate, Quer alguma coisa?

-Não, obrigado.

Marty virou-se e entrou no café que ficava perto. Comprou um Almond Joy ao empregado de balcão perenemente trocista, a quem também conseguiu extorquir um papel e um sobrescrito. Depois sentou-se num compartimento e compôs uma breve mensagem para Doc. Dizia:

Doc Brown

-A 26 de Outubro de 1985, cerca da 1:30 da madrugada, será morto a tiro por terroristas no parque de estacionamento do centro comercial Twin Pines. Por favor, tome todas as precauções que forem necessárias para impedir este terrível desastre.

O seu amigo, Marty, 12 de Novembro de 1955.

Leu e releu a mensagem, dobrou o papel e meteu-o dentro do sobrescrito, que colou. Na parte de fora escreveu: *«Não Abrir Até 1 de Outubro de 1985.»* Entretanto, Doc Brown estava a colocar um último cabo entre dois candeeiros. Enquanto ele prosseguia alegremente o seu

trabalho em propriedade municipal, um polícia deslocou-se de junto do Bank of America para o ir observar.

-Oh-oh -murmurou Marty ao sair do café. -Era só o que nos faltava, um pé chato a meter-se.

Começou a encaminhar-se na direcção dos dois homens, mas logo mudou de ideias. Doc Brown poderia resolver melhor o assunto se estivesse sozinho. E Marty também teria tempo de acabar a sua boa acção.

Dirigiu-se então ao camuflado DeLorean e pegou na gabardina de Doc Brown, que estava em cima da capota. «Um bolso interior será melhor», pensou, «um em que ele não meta a mão durante um dia ou dois». Metendo o sobrescrito do lado esquerdo, atirou outra vez a gabardina para cima do automóvel. Ao fazê-lo, porém, outro pensamento lhe ocorreu: E se ele nunca usasse aquela algibeira e nunca encontrasse a mensagem? Não seria melhor pô-la no porta-luvas do Packard? Deu um passo de regresso ao DeLorean.

-Não -disse. -Deixa-te de tentar ultrapassar o futuro em pensamento. Se ele a encontrar, encontra-a. Se não tiver de a encontrar, não encontra, por mais que faças.

Com esse assunto resolvido, aproximou-se dos dois homens, para poder ao menos ouvir a conversa.

O polícia passou muito tempo só a olhar. Depois, finalmente, falou:

-Boa noite, Dr. Brown -disse. -Que está a fazer com esse fio?

-Ah, estou só fazer uma pequena experiência com o tempo. Uma coisa que será muito benéfica para a terra se resultar.

-Ah, sim?

-Sim senhor. É assim mesmo.

-E o que é que está aqui debaixo? -indagou o polícia, apontando para o DeLorean.

Doc Brown nem vacilou, consumado artista na fuga por meio de palavras:

-Equipamento novo e especializado para a observação meteorológica -retorquiu.

-Parece um carro -afirmou o polícia.

-Bem, tem rodas -respondeu Doc. -Tem de ter rodas para eu o poder mover. De qualquer forma, senhor guarda, por que é que pergunta? Há alguma diferença em ser um automóvel ou um laboratório portátil?

-Se for um carro, está estacionado ilegalmente -indicou o polícia. -Há um sinal de proibição.

-Sim, senhor. Não volto a fazer isso, embora não seja verdadeiramente um carro. Mas, se não se importa, preciso de o deixar ali temporariamente.

Desceu da escada, tendo completado o trabalho, e sorriu simpaticamente para o guarda.

-Tem autorização para isto? -perguntou o polícia, sem retribuir o sorriso.

-Claro que tenho-redarguiu Doc Brown. Meteu a mão ao bolso, tirou a carteira e pegou numa nota de cinquenta dólares. -Uma autorização que veio directamente de Washington -acrescentou.

-Não vai pegar fogo a nada desta vez, pois não, Dr. Brown? -inquiriu o polícia, olhando nervosamente em volta ao mesmo tempo que permitia que a nota deslizasse da palma de Brown para a sua.

-Não, senhor -respondeu este -Trata-se de uma experiência que mais parece uma brincadeira de crianças.

-Nesse caso -disse o polícia -, boa sorte.

-Obrigado, senhor guarda.

O polícia acenou com a cabeça, voltou a atravessar a rua e continuou a experimentar as portas das lojas ao longo da Rua 2ª.

-Boa saída -comentou Marty. -Fiquei ali um minuto a pensar que uma das suas variáveis nos ia estragar tudo.

-Eu próprio tive dúvidas -confessou Doc Brown. Olhou para o relógio. -Ouve, pá, é melhor ires buscar a tua mãe e pôres-te a mexer.

-Sim, acho que é o que tenho a fazer -sussurrou Marty.

-Estás um bocado pálido. Sentes-te bem?

De facto, Marty não se sentia muito bem. Havia tanta coisa a fazer! E nada podia correr mal. Primeiro tinha de juntar a mãe e o pai, depois fazer a sua corrida no momento preciso, atingir a maior velocidade que alguém alguma vez conseguira na Rua Principal e esperar que os cálculos de Doc estivessem correctos. Pela primeira vez, sentiu que estava verdadeiramente na corda bamba entre três mundos diferentes -1985, 1955 e... a morte.

Se o raio não funcionasse exactamente como o plutónio, Marty acabaria enterrado na parede das traseiras do Bank of America. Ou talvez ele e o DeLorean fossem atirados para alguma espécie de órbita imperfeita de tempo-espaço que os depositasse no Kansas, no Afeganistão ou em Irkutsk. Estranhamente, contudo, sabia que podia enfrentar esses testes. O que o preocupava mais do que qualquer outra coisa era ter de lidar com os pais, particularmente com a mãe.

-Que é? -interrogou Doc Brown, sentindo que ele estava num tumulto mental.

-Não sei, Doc -respondeu ele. -Acho que é toda esta questão com a minha mãe. Não sei se sou capaz de a levar até ao fim.

-Por que não? Qual é o problema?

-Atirar-me a ela é que é o problema.

-Atirares-te a ela? -repetiu Brown, franzindo-se. Não mencionaste que lhe ias bater. Pensei que era o George que devia bater-te.

-É uma maneira de fazer com que ela, o senhor sabe...

-Sim. Tomar certas liberdades. Que há de tão terrível nisso?

-É a minha mãe!

-Por enquanto não.

-Isso não altera absolutamente nada.

-Está bem. Já percebi. Mas, se considerares a questão de um ponto de vista estritamente prático, estarás muito mais perto dela do que esta noite, faças tu o que fizeres.

-Sim, mas como bebé. Não vê, Doc? Isto é o tipo de coisa que pode tramar-se permanentemente!

-Como? -Quis saber Doc Brown. -Desculpa-me ser tão obtuso.

-E se eu regressar ao futuro e acabar maricas? Parece pouca coisa, mas atrair o sentimento da própria mãe pode mudar por completo a vida de um tipo.

-Estou a ver -Doc acenou com a cabeça. -Mas há uma diferença. Atrair um sentimento por prazer é uma coisa. Atrair um sentimento para atingir um objectivo sério e moral é outra. Portanto, não acho que tenhas de te preocupar com dados psíquicos. Especialmente se puseres o sentimento na mesma categoria que tratares-lhe de uma perna depois de um acidente...

Marty voltou a ter um pouco mais de vivacidade:

-Ou fazer respiração boca a boca -acrescentou.

-Claro -concordou Doc. -O quer que isso queira dizer. Agora é melhor pôres-te a andar.

Marty concordou de cabeça, deu um passo e parou. Uma vez mais, com mórbida fascinação, tirou a carteira e olhou para o instantâneo da família. Toda a sua irmã Linda desaparecera, à excepção dos pés.

-Doc-pronunciou Marty lentamente. -Acabo de ter outra ideia. E se eu começar a desaparecer deste retrato antes de termos acabado? Acha que, quando a cabeça desaparecer da fotografia, o meu cérebro deixa de funcionar?

Doc Brown fitou Marty a direito nos olhos e respondeu sem a mínima hesitação:

-Não faço a mais pequena ideia -disse.

CAPÍTULO XII

O «Encantamento Sob o Mar» estava em pleno decurso. O ginásio do Liceu de Hill Valley continuava a parecer basicamente um ginásio, mas havia ornamentos e artefactos suficientes para criarem uma agradável ilusão. A iluminação era azul, com faíscas prateadas produzidas por móbiles de vidro cortados em forma de peixes. Junto às paredes encontravam-se diversas atracções em papier-mâché -um navio naufragado, cavernas submarinas, uma arca de tesouro, massas de algas e um mergulhador suspenso de um comprido cabo, que se estendia até ao tecto. Como exemplo de humor contemporâneo, um único cacifo escolar com a etiqueta «Davey Jones» ocupava um canto do enorme salão.

No palco estava o conjunto, constituído por Marvin Berry e os Starlighters. Os cinco homens eram negros e tocavam bateria, piano, saxofone e contrabaixo, com o próprio Marvin à viola e a cantar. Naquele momento apresentava a sua versão da popular melodia do filme A Fonte dos Amores. Na pista de dança, algumas centenas de jovens de ambos os sexos, elegantemente vestidos, encostavam-se uns aos outros e moviam-se ao ritmo entorpecido da música.

A vigiá-los, com sorrisos artificiais de divertimento, estavam três paus-de-cabeleira nomeados pela escola: o inevitável Gerald Strickland, de pé e tão direito que parecia ter engolido um garfo, com os olhos a dardejarem rapidamente de um lado para o outro; um professor gordo, de Álgebra e Geometria, chamado Dexter Gore; e a Sr.a D. Deborah Chambers, da biblioteca. A principal ocupação de Strickland parecia ser a vigilância de sarilhos ou de mãos que se movessem sugestivamente; Gore parecia principalmente interessado em devorar víveres quando ninguém estava a olhar; Deborah Chambers tomara para si a

incumbência de fazer com que as que não dançavam por falta de par se levantassem e circulassem:

-Andem de um lado para o outro e ao menos falem, meninas -dizia a intervalos frequentes. -Lembrem-se de que um corpo em movimento é mais excitante e atraente do que um corpo meramente sentado.

Um dos equivalentes masculinos era George McFly, claramente pouco à vontade com colarinho apertado, fato branco e lacinho. A maior parte do tempo, George limitava-se a ver os outros a dançar, mas de vez em quando batia o compasso erradamente. Tentava não pensar demasiado em Lorraine, que estava mais bonita do que ele se lembrava de alguma vez a ter visto. Tentava igualmente não pensar demasiado nas cenas que deviam desenrolar-se às nove horas.

-Como diabo me vi envolvido nisto? -suspirou.Quem me dera estar em casa

Claro que se podia ter ido embora, mas Marty já o vira e piscara um olho de cumplicidade. Ter saído depois disso requeria mesmo mais coragem do que ficar, por isso George deixou-se estar. Pensou repetidas vezes: «Em breve estará passado Talvez, resulte, ou talvez não, mas não será mais embaraçoso do que alguns problemas que tens tido com Biff.»

A selecção terminou e foi imediatamente seguida por um número mais rápido. Na pista de dança, Marty olhou para o relógio. Eram 8:45, tempo de pôr a bola em jogo:

-Vamos sentar-nos durante esta, está bem? -disse a Lorraine.

Ela concordou com um aceno de cabeça, ao mesmo tempo que um sorriso sedutor lhe iluminava as feições. Dirigiu-se para a fila de cadeiras que rodeavam a pista, mas Marty fê-la destramente inflectir para a porta.

-Lá fora é melhor -sugeriu.

-Concordo -disse ela.

Sair para o parque de estacionamento não era tão fácil como parecia. O Dr. Strickland vigiava cuidadosamente quem saía da zona de dança e o tempo que ficava fora. Parecia ter um computador na cabeça, que lhe dizia exactamente quem faltava e há quanto tempo estava fora. Em resultado disso, Marty e Lorraine tiveram de se deixar ficar perto da entrada, à espera que Strickland olhasse para outro lado para poderem sair.

Faltavam dez para as nove quando se introduziram no Packard de Doc Brown.

-Hum, não te importas se... hum... nos sentarmos aqui uns minutos, pois não? -perguntou Marty.

-Por que achas que me havia de importar? -Retrucou Lorraine.

-Bem, não sei. Há raparigas que... não gostam... sabes...

-Marty, tenho quase dezoito anos -disse-lhe a mãe. Não é como se nunca tivesse estado num parque de estacionamento.

Dito isto, chegou-se muito a ele e pôs-lhe a mão na perna.

Marty sentiu que as suas faces ficavam vermelhas e muito quentes.

-Pareces nervoso, Marty -comentou Lorraine. -Há algum problema?

-Hum, não...

-Costumas ser tão calmo, como quando trataste de Biff e dos amigos. Mas já ouvi dizer que é assim com muitos homens fortes e silenciosos. Ficam um pouco nervosos com as mulheres.

-Não. Não há problema.

-Bem, para o que der e vier-sorriu Lorraine-, por que não tomas um pouco disto? Ajuda-te a descontrair. Abriu a mala e tirou um frasco de meio litro de gin.

Marty respirou com dificuldades. A mãe? E nem sequer era a sua mãe como mulher feita, mas como adolescente! Era um pouco mais do que ele podia aceitar:

-Que estás a fazer com isso? -murmurou.

-Estou a abri-lo.

-Mas... onde é que o arranjaste?

Lorraine soltou uma risadinha:

-Ah, gamei-o do bar da velhota.

Pôs a tampa em cima do tablier, atirou a cabeça para trás e bebeu um gole.

-Lorraine -sussurrou Marty. -É a primeira vez que fazes isto?

-Faço o quê?-Sento-me num carro com um rapaz, bebo gin ou sento-me num carro com um rapaz a beber?

-Bebes -esclareceu ele. -Estás a fazer isso só para... dares nas vistas ou qualquer coisa assim?

-Não -disse ela, parecendo sentir-se insultada. Claro que não. Faço-o porque gosto.

-Mas não devias beber-ralhou Marty, apercebendo-se no preciso momento em que pronunciava as palavras de quanto parecia um pai

antiquado.

-Por que não?

-Bem, é que não é saudável.

-Não sejas tão rígido. Marty -riu ela. -Todas as pessoas que são alguém fazem isso.

Marty suspirou. Olhou para o relógio, viu que era quase altura de entrar em acção. Lorraine passou-lhe o frasco. Ele decidiu beber uma golada para lhe fazer a vontade. Enquanto fazia isto, a mãe tirou um maço de cigarros e acendeu um. Marty engasgou-se com o gin, tão chocado ficou:

-Jesus! -exclamou, numa voz que soou terrivelmente estridente. -Também fumas?

Lorraine fitou-o, rolando os olhos o mais possível.

-Estou a falar a sério -afirmou ele. -Não devias fazê-lo. Fumar faz mal...

-Vá lá -disse ela. -Percebo mais ou menos que não seja muito senhoril beber, mas fumar é elegante. Não tem nada de mal.

-Estás a brincar? Tem tudo de mal.

-O quê? -ripostou ela.

-É mau para a saúde.

-Então por que é que os médicos os anunciam na televisão?

-Porque a indústria tabaqueira é demasiado poderosa...

-Oh, tretas -replicou ela. -Toda a gente sabe que o fumo é bom para a circulação. Também acalma os nervos e o coração.

-Acalma o coração! Meu Deus, provoca todas as espécies de problemas cardíacos. E o cancro do pulmão. Olha! Diz aqui mesmo no maço...

Tirou-lhe o maço de cigarros e procurou o aviso do governo. Não estava lá. Em vez dele, estava uma frase, obviamente escrita pelo fabricante dos cigarros: «Esta mistura especial de tabacos turcos e nacionais, acalma os nervos, melhora a circulação, dá uma sensação de bem-estar.»

-Santo Deus -assobiou Marty.

Devolveu o maço. Tinha sempre conseguido evitar fumar durante toda a vida e não ia começar agora. Lorraine encarava-o com uma expressão irritada:

-Sabes que pareces mesmo a minha mãe? -disse. É mesmo estúpido como os pais não compreendem os filhos e tentam dominar-lhes as vidas. Quando eu tiver filhos, vou deixá-los fazer tudo o que quiserem. Tudo. E não vou pregar-lhes sermões nem dizer como as coisas eram diferentes nos bons velhos tempos em que eu era nova. Não, senhor, não vou ter essa conversa fiada com eles.

-Gostaria muito de ter essa promessa por escrito -sorriu Marty.

A observação passou despercebida à Lorraine. Ficaram sentados em silêncio durante alguns momentos, com a Lorraine a beber ocasionalmente um pouco de gin enquanto o Marty continuava a olhar para o relógio ou para o espelho retrovisor. Já passava da hora marcada. Onde raio estaria o George?

-Está à procura de alguém? -inquiriu Lorraine.

-Hum... claro. Do Strickland. Só quero ter a certeza de que ele não vem cá para fora em patrulha.

-Tem o suficiente para se preocupar lá dentro -sorriu Lorraine. Repondo o frasco na mala, deslizou para mais perto dele. -Então conta-me como são os teus pais. São tão rígidos como os meus?

– Ultimamente -afirmou Marty em voz baixa -cheguei à conclusão que não sei nada deles.

-Que pena!

George sentia-se fraco, gelado e à beira de desmaiar, como da vez em que metera o dedo na engrenagem de um misturador de cimento portátil que o pai alugara e quase o cortara. Quinze minutos antes da hora marcada para sair, o seu abdómen foi atingido por uma dor aguda, que o obrigou a correr duas vezes para a casa de banho dos homens. Agora, que as nove se aproximavam rapidamente, sentiu uma nova onda de espasmos, que não abrandavam absolutamente nada e portanto não podia ignorar. Sabia que era um caso agudo de nervos, que o seu corpo e o seu espírito cobardes estavam a colaborar para o manter lá dentro, longe de possíveis embaraços e falhanços.

Saber isso, no entanto, não diminuía a dor. Se fizesse alguma coisa, seria intensificá-la. Dobrado quase ao meio, dirigiu-se aos tropeções para a casa de banho dos homens, pela terceira vez. Lá dentro, o folião da turma, Mark Dixon, e alguns outros rapazes estavam a fumar às escondidas e a conversar. De repente, a porta da casa de banho foi tão estrondosamente aberta que pareceu estar a efectuar-se uma razia.

-Jesus! -gritou Dixon, deitando o cigarro para o urinol.

Em vez de Gerald Strickland, viram apenas um pálido George McFly. Este cumprimentou-os com uma careta e dirigiu-se rapidamente para um compartimento. O terror nos olhos de Dixon passou a aborrecimento e logo diversão:

-Aquele filho da mãe fez-me perder a minha última beata -disse. -Vejam só.

Apontou para o cigarro que flutuava e se desintegrava lentamente no urinol:

-Ele vai ter de pagar por isto -continuou Dixon. Entrar aqui como a brigada de costumes!

Com um movimento de cabeça, começou a dirigir-se lentamente para o compartimento em que George se encontrava.

Perfeitamente consciente de que há um tempo muito breve durante o qual uma mulher pode ser namorada com êxito, Marty estava nervosamente sentado no Packard de Doc Brown, com a anca de Lorraine firmemente comprimida contra a sua. Ela estava a postos para ser beijada e depois tocada, esperava ele que apenas o suficiente para se sentir insultada, ficar com medo, ira e a necessitar de um novo cavaleiro que a salvasse. O dilema de Marty era o do tempo. Se a perseguisse demasiado cedo, seria forçado a continuar o assalto até George chegar – e talvez tudo acabasse demasiado cedo. Se, por outro lado, continuasse ali sentado como uma massa informe, a Lorraine podia concluir que ou ele era atrasado ou ela não tinha sedução. Em qualquer caso, o seu próximo movimento lógico seria abandonar o carro, voltar ao baile e sair da vida dele, provavelmente para sempre. «Onde diabo está aquele cagarolas do meu pai», pensou Marty.

Lorraine reparou que ele tinha as veias do pescoço salientes e o maxilar a tremer:

-Marty, por que está tão nervoso? -interrogou.

Ele respirou fundo:

-Bem, alguma vez estiveste numa situação -começou -em que... bem,' saibas que tens de agir de determinada maneira, mas quando chega a altura, não sabes se consegues ir até ao fim?

-Referes-te a como se deve agir com alguém quando se sai pela primeira vez junto?

-Hum... sim.

-Com muita delicadeza, doçura e isso tudo?

Marty concordou de cabeça.

-Eu não me preocupo com isso! -disse Lorraine de um jacto.

Dito aquilo, ela atirou-lhe os braços ao pescoço, esticou-se e beijou-o apaixonadamente.

-Vamos lá, rapazes, deixem-me sair daqui.

George empurrava a porta do compartimento com quanta força tinha, mas ela estava demasiado pesada para se mover, com três tipos lá encostados.

-Vais ficar aí a cozer no teu próprio molho -informou Dixon.

-Porquê? Que fiz eu?

-Fizeste-me perder um cigarro muito valioso.

-Compro-te um maço inteiro -prometeu George. Deixa-me sair.

-Talvez -Dixon sorriu. -Quando é que me dás o maço?

-Amanhã.

-Não. Quero-os esta noite.

-Mas não há nenhum sítio na escola onde os possa comprar e a maior parte das lojas estão fechadas.

-Então podes ir para o Inferno -afirmou Dixon. Ficas aí a noite toda.

-Ouçam, é um disparate manterem-me aqui prisioneiro -argumentou George. -Vocês têm companhia. Provavelmente elas estão sem saber de vocês.

-É verdade -concordou Dixon. -Então dois de nós vão continuar a manter-te prisioneiro enquanto o outro vai buscar reforços. Vamos instalar um sistema de guarda, com turnos de dez minutos, para nos podermos divertir no baile e ao mesmo tempo manter-te aqui até serem horas de nos irmos embora.

-Por que estão a fazer isto comigo?-gemeu George. Vá lá, rapazes...

-Não -garantiu Dixon. -És um chato, McFly, e os chatos devem ficar onde tu estás.

Os companheiros manifestaram o seu apoio aos gritos. George suspirou, sentou-se e olhou para o relógio. Eram nove e dez.

Lorraine continuou o seu assalto apaixonado a Marty durante talvez um minuto antes de se aperceber de que algo não estava bem. Afastando-se dele, fixou-o atentamente:

-Isto não está bem -disse.

-Fazer isto? -murmurou ele.

-Não. O que está errado é que não estamos a fazer isto bem. Não sei o que é... mas quando te beijo há qualquer coisa que não está bem...

-Em ti ou em mim?

-Não sei bem. Falta qualquer coisa. É como se... estivesse a beijar o meu pai.

Marty fitou-a, de olhos muito abertos.

-Suponho que isso não faça muito sentido, pois não? comentou ela.

-Acredita no que te digo. Faz perfeitamente sentido. Talvez o tenhas ao contrário, mas o quadro está certo.

-Que achas que é?

-Hum... não sei.

Ela deixou cair as mãos no colo:

-Raios -resmungou. -Era bom de mais para ser verdade.

-Pois...

O som de passos alarmou ambos, cada um por uma razão diferente. Lorraine estava com medo que algum membro do corpo docente tivesse notado o frasco de gin e fosse dizer aos pais; Marty agora não sabia que fazer quando George chegasse.

Deveria agarrar-se imediatamente à Lorraine numa tentativa desesperada de dar a George a oportunidade de a salvar? De certo modo, não lhe parecia apropriado. Com Lorraine, a afastar-se dele no assento, já nem sequer parecia possível. Esperando evitar a pessoa que se aproximava,

ela estava praticamente -a sair pela porta do lado do passageiro. Marty decidiu atirar-se-lhe. Ao fazê-lo, a porta do seu lado foi aberta e uma mão estendeu-se para lhe agarrar o ombro. Ele virou-se para olhar e ficou surpreendido por ouvir o seu próprio estertor.

O rosto que o encarava não era o de George, mas sim o de Biff Tannen. Atrás deste estavam 3-D, Skinhead e Match, com as caras banhadas em sorriso ameaçadores.

-Causaste prejuízos de $300 ao meu carro, seu filho da mãe -disse Biff em voz aguda. -E vou tirar-tos do corpo... Segurem-no, amigos...

Levantando Marty em peso para fora do carro, Biff atirou-o para Skinhead, que lhe agarrou um braço ao mesmo tempo que 3-D agarrava o outro.

-Bom trabalho, rapazes -afirmou Biff. -Skinhead teve a impressão de que eras tu, a escapulires-te para o parque de estacionamento. De outro modo talvez nunca te tivéssemos apanhado sozinho.

Levou atrás o punho fechado.

-Larguem-no! -berrou Lorraine de dentro do carro, deslizando para o lado do condutor. -Deixa-o em paz, Biff! Estás embriagado!

Biff'fitou-a com um sorriso que se aproximava muito de um esgar:

-Ora vejam só o que temos aqui -disse. -Talvez tire parte deles do teu corpo.

Marty pisou com toda a forças os dedos do pé de Skinhead, fazendo-o gritar de dor. Então, atirando-se para a frente, levou o cotovelo para cima e para trás, atingindo em cheio o maxilar de 3-D. Os dois rapazes soltaram-no, mas por pouco tempo. Embora lutasse com todas as suas forças, Marty não tardou a ser dominado por eles.

Biff, entretanto, tinha saltado para dentro do Packard e agarrado Lorraine.

-Larga-me! -gritava ela.

-Oh, não garota, vais ficar aqui mesmo comigo -riu Biff

Marty arrastou os seus carrascos quase meio metro para a frente, tentando chegar junto de Biff

-Tira as mãos nojentas de cima dela, bastardo! ordenou.

Biff sorriu friamente para Marty, confiante de que este não podia causar-lhe problemas:

-Trato de ti depois de ter tratado dela -afirmou.

-Queres que comecemos? -perguntou Skinhead.

-Não, ainda não-respondeu Biff. -Essa é uma festa que eu não quero que comece sem mim. Levem-no lá para trás. Já lá vou ter.

Como 3-D e Skinhead só arrastassem Marty até à beira do guarda-lamas traseiro, Biff rodou sobre si próprio e berrou-lhes:

-Isto não é para espreitas! Desapareçam da minha vista enquanto eu... namoro esta senhora.

Enquanto levavam Marty à força para longe do carro, Biff bateu a porta com estrondo e inclinou-se para a frente para beijar a Lorraine. Pouco depois, tudo o que Marty conseguia ver e ouvir através da janela de trás era a forma da mãe, a lutar, acompanhada pelos seus gritos abafados.

Intimamente, ele amaldiçoava-se a si próprio quase tanto como a Biff e aos amigos deste. Se não fosse por causa de Marty, Lorraine estaria a divertir-se no baile em vez de ter de lutar para não ser violada. Também

tinha fúria suficiente para dirigir contra George. se aquele tolo cobardolas não tivesse voltado atrás, ao que era seu hábito, no último momento...

Mas o tempo das recriminações foi breve. Arrastando Marty em peso, 3-D e Skinhead repararam num Cadillac estacionado com a mala aberta ao lado da escola.

-Olha! -sugeriu Skinhead. -Este tipo dá-nos mais trabalho do que vale. Vamos fechá-lo naquela mala.

-Boa Ideia! -retorquiu 3-D.

Enquanto falava, baixou-se para agarrar as pernas de Marty. Os dois rapazes levaram quase um minuto a lutar com ele até ao lado do carro, mas acabaram por conseguir empurrá-lo para dentro da mala. Antes de ele poder começar a trepar para fora, Skinhéad fechou a tampa.

O ruído e o estremeção trouxeram Bob Jordan de novo à terra num repente. Sentado ao volante do Cadillac, o jovem negro deleitava-se com o seu cigarro de marijuana enquanto o resto do grupo. Como baterista do conjunto, saíra mais cedo com o.seu equipamento, enquanto Marvin Berry tocava o seu habitual número final, a solo à viola. A meio do cigarro ficara sonolento e satisfeito, a tal ponto que nem ouvira os pés a arrastarem-se e as vozes, a não ser quando se lhes juntou o estrondo da mala a fechar-se.

Saltando de dentro do automóvel, encaminhou-se rapidamente para os dois rapazes brancos:

-Digam-me lá uma coisa: para que é que estão a remexer no meu carro? -indagou.

-Desaparece, fantasma -ripostou 3-D. -Isto não é da tua conta.

-Ai isso é que é, uma vez que estão a mexer-me na mala do carro -afirmou Jordan em voz firme e ligeiramente mais alta. -E a quem é que estás a chamar fantasma, seu picanço?

Apesar de estar em desvantagem numérica, avançou para 3-D -e Skinhead, que deram um passo atrás. No momento seguinte, Marvin Berry e os outros três membros do conjunto apareceram à porta das traseiras do ginásio:

-Que se passa? -inquiriu Berry.

Skinhead e 3-D olharam temerosamente os cinco negros:

-Chamaram-me fantasma -informou Jordan. -E eu ia perguntar-lhes se queriam mais uns buracos na cara para poderem respirar melhor.

-Ei, eu não quero meter-me com drogados -resmungou Skinhead.

-Drogados, hein? -disse Berry, dando um passo na direcção deles.

Por essa altura já Skinhead e 3-D estavam a três metros de distância e a correrem tão depressa quanto podiam.

-Deixem-me sair!

Os negros trocaram olhares. A voz abafada e os ruídos de pancadas provinham sem qualquer espécie de dúvida do interior da mala do Cadillac.

-Devem ter metido alguém lá dentro -conjecturou Jordan.

-Ei, Reginald, onde é que estão as chaves? -perguntou Marvin Berry, olhando para um dos outros.

Reginald procurou nos bolsos, franziu o sobrolho e abanou a cabeça:

-Não consigo encontrá-las -disse.

-Estão aqui! -gritou a voz longínqua. -As chaves estão aqui.

Marvin Berry fitou Reginald iradamente:

-Bolas, pá -exclamou. -Outra vez! É a terceira vez que as deixas na mala!

-Então que se passa aqui?

Para George McFly, o som metálico da voz do tirânico Gerald Strickland foi simultaneamente benvindo e enfurecedor. Prisioneiro na casa de banho dos homens do ginásio do Liceu de Hill Valley havia quase vinte minutos, não desejava continuar nesse estado; por outro lado, a acção perversa dos seus carrascos proporcionava-lhe efectivamente uma óptima desculpa para não levar a bom termo o plano de Marty. Ainda mais importante era o facto de essa desculpa ser aceitável pelo próprio George.

Quando entrara na casa de banho dos homens, ainda tinha tempo de desempenhar o seu papel; agora era pouco provável que tivesse de o fazer.

-Nada, senhor doutor -respondeu temerosamente um dos captores de George.

-Cheira-me a fumo de cigarro. Alguém aqui tem cigarros?

-Não... senhor doutor.

-Dou-vos a oportunidade de entregarem agora os maços. Se vos revistar e encontrar cigarros, será muito pior para vocês.

No seu cubículo, George ouviu o som de material a ser rasgado e atirado para o lixo.

-Assim é melhor -afirmou Strickland. -Agora ponham-se a mexer daqui para fora.

George empurrou suavemente a porta do compartimento e saiu. Strickland olhou-o friamente:

-Que tens estado a fazer aqui, McFly? -indagou.

-Nada, senhor doutor.

-Tretas. Vi-te entrar para aqui há vinte minutos. Por que ficaste cá tanto tempo?

-Nada importante, senhor doutor. Estivemos só a passar tempo. O senhor sabe...

-Bem, deixa lá. O baile está quase a acabar. É melhor voltares para junto da tua... deixa lá, não creio que tenhas companhia.

Fez um gesto na direcção da porta. George aproveitou a deixa e saiu disparado da casa de banho.

Enquanto seguia pelo corredor, do lado de fora do ginásio, viu que a pista de dança estava quase completamente cheia e as luzes muito baixas, indicando que o último número ia começar em breve. Embora duvidasse que Marty ainda estivesse a maltratar Lorraine no parque de estacionamento, George decidiu aparecer por lá e explicar a razão do seu atraso.

Caminhando vigorosamente para o parque de estacionamento, dirigiu-se para o lugar onde Marty deixara o Packard. A princípio os seus olhos não detectaram qualquer sinal de luta, mas, quando estava a suspirar de alívio, viu que se encontrava na fila errada. Dando a volta, encaminhou-se para a zona correcta, aproximando-se do Packard pelo lado de trás.

-Que diabo -sussurrou,

A representação continuava, como se o tempo tivesse parado durante mais de vinte minutos, para ele poder cumprir a sua missão.

Respirando fundo, começou a correr para o carro. Pelas janelas via braços e até o que lhe pareceu serem pernas a agitarem-se. Lorraine gritava, enquanto a figura masculina comprimia o seu corpo contra o dela e a apalpava selvaticamente.

-Que raio-resmungou George. -Parece que o Marty está a abusar.

Ao chegar junto do carro, ajeitou as calças e deu uns passos ao estilo de John Wayne. Depois estendeu a mão para agarrar o puxador da porta, abriu-a de repelão, tão violentamente quanto possível, enfiou a cabeça dentro do automóvel e disse em voz alta e potente:

-Ei, você! Tire essas malditas mãos de cima...

O rosto do atacante virou-se na sua direcção e George reconheceu-o imediatamente.

-Acho que te enganas no carro, McFly -afirmou Biff.

-George! Ajuda-me ! -gritou Lorraine.

Por um momento, George ficou parado, de olhos fixos, surpreso e confuso. Um furacão de pensamentos parcialmente formados varreu-lhe a mente. Estaria Marty por trás daquilo? Haveria a mais ligeira

possibilidade de Biff estar também no plano? Deveria fugir? Ou já era demasiado tarde para recuar?

Fitou os olhos irados de Biff Tannen, à procura de uma explicação, mas só neles viu hostilidade. E -sim! -também lá havia um lampejo de medo. Ele fora apanhado numa situação potencialmente desastrosa e que exigia acção imediata. George McFly tinha de ser corrido com medo e mais tarde intimidado para se manter em silêncio. Se ele corresse a buscar auxílio...

-Limita-te a fechar a porta e a ires-te embora, McFly -disse Biff pausadamente.

George não se mexeu. Uma parte dele já chegara ao limiar do pânico, mas outra não permitia simplesmente que os seus pés se movessem. Viu num instantâneo aquela cena que se desenrolara no ciclo preparatório, cinco anos antes, e em que não conseguiria ir em auxílio do seu amigo Billy Stockhausen. Desde esse momento, temera o combate físico, aprendera a prevê-lo. Mas era impossível evitar aquela crise, a menos que se limitasse a virar as costas e correr. Disso foi impedido pela expressão do mais completo terror na cara da Lorraine.

-Estás surdo, McFly? -inquiriu Biff, já sem qualquer constrangimento na voz. -Disse-te que fechasses a porta e cavasses! Vamos a isso!

George respirou tudo:

-Não! -ripostou. -Deixa-a em paz.

Lorraine suspirou. Finalmente alguém tinha vindo em seu socorro. Ele não era o Marty, mas em alguns aspectos era mesmo melhor. Os seus lábios começaram a formar a palavra «Obrigada» ao mesmo tempo que Biff lhe tirava as mãos de cima do corpo e começava a sair do carro:

-Está bem, McFly -rosnou ele. -Tiveste a tua oportunidade. Agora vou dar-te lição.

Avançou para o George, estendendo uma das suas enormes mãos para agarrar qualquer parte do corpo do intruso. Regressou com um grande pedaço de manga e o braço do George gemer e de ver o medo registar-se-lhe nos olhos. Enquanto aplicava uma pressão cada vez maior, um punho agitado moveu-se lentamente em direcção à sua cabeça. Atingiu Biff no ombro, não lhe provocando qualquer dano ou dor.

-Socorro! -gritava Lorraine.

George desejaria fazer o mesmo, mas conseguiu comprimir os dentes e evitar que a palavra de cobardia fosse pronunciada. Contorcendo o corpo para trás e para a frente, tentava em vão libertar-se das garras de Biff. Um braço de brutamontes rodeou o pescoço de George; o outro puxou o deste com tanta força para cima e para trás que o próprio George tinha a certeza de que a qualquer momento ouviria um estalo de osso.

-Pára com isso, Biff-berrou Lorraine. -Vais partir-lhe o braço!

-É isso mesmo, garota! -atirou-lhe Biff. -É exactamente o que pretendo.

Aplicou maior pressão. Então, muito na periferia do seu círculo de percepção, ouviu um ruído... como de marteladas distantes... ou seriam passos de corrida? Parcialmente distraído, deixou abrandar um pouco a pressão que estava a exercer.

Desesperado de dor, George reagiu ao abrandamento de uma fracção de segundo com instinto cego. Libertando-se do domínio de Biff, voltou-se e, com os dois olhos bem fechados, atirou o mais violento soco de toda a sua vida.

Para sua surpresa -e de Biff -, aterrou em cheio no maxilar do seu atacante, arrastando-lhe a cabeça inteira para cima e para trás, como se tivesse sido subitamente atingida por uma máquina voadora. O gemido de Biff seguiu-se de imediato ao ruído seco de osso contra osso.

Fazendo recordar deliciosamente a mochila, Biff Tannen caiu no asfalto como um objecto inanimado. Um árbitro poderia ter contado pelo menos até cem antes de haver o mínimo movimento no seu corpo.

-Oh, George! Foste maravilhoso!

Os olhos brilhantes de Lorraine mergulhavam nos do George, projectando neles uma mensagem de adoração total. Este, por sua vez, abanou a cabeça, olhou para o seu próprio punho e depois para a forma amarfanhada de Biff Tannen, aos seus pés. Nem acreditava!

O mesmo acontecia a Marty, que, seguido pelos cinco músicos negros, acabara de chegar ao local. Mas o quadro era claro e perfeito, com todos os pormenores nos respectivos lugares: o vestido rasgado da Lorraine, a forma prostrada do atacante e o rosto nervosamente sorridente do inesperado herói. Outros que chegavam ao local abarcavam imediatamente o significado da cena e ficavam impressionados com ela:

-Quem é aquele garoto?-interrogava uma voz masculina.

-Anda na nossa escola?

-É George McFly-informava outro. -Está na nossa turma há dois anos.

-Nunca tinha dado por ele...

-Vejam-me aquele tipo desmaiado, hein!? O rapazinho deve ter cá um golpe!

-Boa saída, George!

Estendendo a mão ao pai, Marty agarrou a deste e sacudiu-a:

-Belo trabalho, papá-cumprimentou -, quero dizer, George.

-Obrigado.

Um pensamento inquietante ocorreu à mente de Marty – o seu trabalho não estava completo. Não lhe faltava só efectuar a sua saída; ainda tinha de juntar a mãe e o pai, fazendo com que se beijassem na pista de dança. Mas o último número já tinha sido tocado e alguns pares haviam partido, embora a grande maioria ainda andasse por ali a conversar.

-Ainda não é tarde demais -suspirou Marty. Depois, em voz mais alta, disse: -Ei, gente! Acho que devíamos ter mais uma dança, só para este belo par poder celebrar!

Um grito de aprovação misturou-se com o som de trovoada distante.

Marty olhou para o céu e agarrou a Lorraine com uma das mãos e o George com a outra:

-Vamos, malta! -incitou. -Vamos para dentro para mais um número?

O grupo correu para o ginásio, passando pelos Starlighters.

-Ei, vocês! Chamou-os Marty. -Que tal darem-nos mais um número?

-O baile já acabou -disse um deles.

-Deixa-te disso -resmungou outro.

Marty meteu a mão ao bolso e tirou a carteira:

-Tomem -ofereceu, tirando todo o seu dinheiro. -É vosso só por mais uma dança. '

Os músicos olharam uns para os outros, indecisos.

-Por mim está bem -afirmou Reginald -, só que Marvin cortou a mão a abrir a mala do carro.

-Sim -acrescentou Jordan. -Ele não pode tocar assim. E nós não podemos tocar sem o Marvin. É ele que dá o tom à viola. Não podemos fazer nada sem ele.

-Mas têm de tocar! -insistiu Marty. -É onde se beijam pela primeira vez - na pista de dança! E, se não se apaixonarem, estou tramado!

Os negros entreolharam-se:

-De que raio está este tipo a falar? -perguntou um deles.

-Olha, pá-disse Reginald, devolvendo o dinheiro -, o baile acabou... a menos que conheças alguém que saiba tocar viola.

Marty sorriu:

-Claro! -afirmou. -Sei eu.

-Vá lá...

-Confiem em mim -disse Marty.

Reginald sorriu:

-Por que não? -sugeriu. -Pode valer a pena, só para nos rirmos um bocado.

Agarrando no seu equipamento, os músicos seguiram Marty e os amigos de regresso ao ginásio.

Esse impulso criou uma onda de interesse entre os outros alunos que em breve se tornou uma vaga. Dentro de dois minutos, todo o ginásio estava de novo cheio de gente.

-Que se passa aqui? -gritava Gerald Strickland repetidamente. Agarrando braços, tentava obrigar os alunos a sair do salão, mas os seus

esforços eram ineficazes.

Entretanto, Marty instalara-se com o conjunto no canto mais afastado, ligara o equipamento e gritava para o microfone:

-Mais uma dança -dizia. -Um número especial para os meus pais.

Ele e os Starlighters lançaram-se em «Earth Angel» e os estudantes constituíram-se em pares para dançarem. Lorraine deslizou para os braços de George e encostou a face à dele.

A princípio Marty seguiu o conjunto, mas depressa tomou
confiadamente a direcção e olhou em redor. Os músicos atiravam-lhe olhares rápidos, olhares esses que lhe diziam estarem a admirar o trabalho dele. Via os pais a dançarem a pequena distância, com as cabeças encostadas. Agora era apenas uma questão de tempo... Tudo estava a correr bem.

Durante um breve solo de saxofone, pousou a viola e olhou para o instantâneo familiar que tinha na carteira. A irmã Linda e Dave tinham desaparecido, mas a sua própria imagem estava intacta. Então... quando os lábios de George e Lorraine se aproximavam, a Marty pareceu ver Linda começar a reaparecer.

-Óptimo... suspirou.

O seu momento de júbilo foi breve. A transformação positiva mal tinha acabado de se dar quando todo o processo se inverteu. Linda desvaneceu-se e a mão direita de Marty desapareceu da fotografia.

-Que diabo... -começou ele.

Olhando para os pais, viu a causa da inversão. Quando o par estava quase a beijar-se, uma mão brutal fora colocada no ombro de George. Era Dixon, com a sua habitual expressão malévola:

-Põe-te a mexer, McFly-ordenou. -Agora danço eu.

No palco, o solo de saxofone acabara e a orquestração completa recomeçou. Marty juntou-se-lhe, mas a sua mão direita recusava-se a seguir. Em vez de tocar, deslizava viscosa pelas cordas como um objecto insensível ou completamente morto.

-Então, pá -sussurrou Bob Jordan. -Que se passa?

-Não consigo tocar -murmurou Marty. -Não sou capaz de tocar viola!

Ergueu a mão direita culpada e arfou de horror. Estava transparente!

Bob Jordan, perdendo ele próprio ritmo, fitou Marty, que estava de olhos arregalados e boca aberta:

-Que espécie de droga tomará aquele gajo? -sussurrou.

Marty fechou os olhos e pôs-se em pé com dificuldade:

-Eu... não me sinto muito bem... -murmurou.

Na pista de dança, muito dos jovens estavam tão embrenhados na magia do momento que nem repararam que o som da banda se estava a desintegrar. George McFly em particular estava totalmente ignorante da música. Tendo sido posto de lado, via Dixon rodear a cintura da Lorraine com um braço, ao mesmo tempo que se preparava para lhe pegar na mão. Lorraine fitava George, desamparada. A hesitação dele foi breve. Dando um passo largo na direcção de Dixon, disse simplesmente:

-Desculpa.

Saiu-lhe na melhor tradição de Clint Eastwood, breve, suave, mas com um tom subjacente de ameaça factual e muito confiante. Estendendo uma das mãos para atirar Dixon a três metros de distância, pegou em Lorraine com a outra e abraçou-a.

Levantando-lhe o queixo, beijou-a docemente nos lábios.

Marty sentiu uma onda de renovada energia percorrer-lhe todo o corpo. Inteiriçado como se tivesse sido atingido por um choque eléctrico, olhou outra vez para a mão e braço direitos. Já não estavam transparentes!

-Graças a Deus! -E sorriu.

Arrebatando a fotografia de família da algibeira, riu, fez uma pequena pirueta no palco e voltou a agarrar na viola. Linda, Dave e ele próprio estavam todos de novo no retrato, completamente intactos, e a sensação que tinha na mão dizia-lhe que os seus poderes musicais tinham sido restaurados..

-Pronto! -exclamou. -Vamos a isso!

Recuperando o ritmo, conduziu o grupo a uma conclusão vigorosa de «Earth Angel». A multidão aplaudiu.

-És mesmo bom, pá -disse Marvin Berry. -Toca outra.

Marty olhou para o relógio. Pela porta, do outro lado do ginásio, viu um relâmpago:

-Não, tenho de me ir embora -respondeu.

Mas Bob Jordan agarrara-o suave nas firmemente por um braço:

-Vá lá, vamos tocar uma de arromba -sorria.

Marty decidiu que tinha tempo:

-Bem, está bem -condescendeu. -Vocês só vão ter de me seguir nesta... -Chegando ao microfone, disse: Vamos tocar mais uma. De onde eu venho, chama-se a isto rock 'n'roll!

Tocou uma corda da viola, marcando o ritmo, e depois olhou para Jordan:

-Dá-me um ritmo de blues, como este -disse, exemplificando.

Jordan, sorrindo, captou-o imediatamente e aumentou-lhe a pulsação.

-Óptimo! -exclamou Marty. Virando-se para o contrabaixista, cantarolou dois compassos. -Toca isto e depois vai seguindo à medida que eu mudar -disse.

O tocador de contrabaixo acenou que tinha compreendido.

-Piano, pega na sequência do contrabaixo e toca-a três oitavas mais acima -continuou Marty. -E saxofone improvisa a partir da progressão dos três instrumentos de cordas.

A princípio foi tudo esfarrapado, mas pouco depois a equipa começou a funcionar -e a música a soar como rock "n" roll do melhor. Na pista de dança, as cabeças viraram-se e os garotos começaram a dançar mais depressa. Poucos minutos depois, o pandemónio começava a espalhar-se -nunca tinham ouvido música assim. Entusiasmando-se ele próprio, Marty arrancou o casaco de desporto e atirou-o para a multidão. Os seus movimentos tornaram-se cada vez mais parecidos com os de Mick Jagger... depois Michael Jackson... até que deslizou para puro Heavy Metal, pondo a viola junto do amplificador para gerar duplicação de sons. Rindo e gritando palavras de encorajamento, os membros do conjunto improvisavam freneticamente, seguindo toda a progressão de Marty com espanto e logo destreza profissional. Dentro das paredes do ginásio, só um rosto permanecia frio e sem ser afectado pelo novo som -o de Gerald Strickland.

-Quando se pensa que já não podem piorar -resmungava de si para si -, eles dão a volta e pioram mesmo.

George, a dançar sem fôlego com a Lorraine, sentia um novo espírito a percorrê-lo. Fizera finalmente algo bem feito e a noite parecia mágica! Lorraine, a música, os cumprimentos dos que o rodeavam, tudo se integrava num padrão que dizia: Felizes para sempre. Queria que a noite continuasse eternamente. Isso, claro, era impossível. Demasiado depressa, Marty embrulhou a canção num acorde final e recuou, sorrindo, para agradecer os aplausos estrondosos.

Toda a gente começou a falar ao mesmo tempo -sobre a música e os feitos de George Mcfly. Enquanto este e Lorraine se encaminhavam para o palco, ele sentiu dezenas de mãos estenderem-se para lhe tocar.

-Ei, George! -dizia uma voz. -Contaram-me que despachaste o Biff? Bom trabalho!

-George, alguma vez pensaste em te candidatar a chefe de turma? -indagava uma rapariga atraente.

-Não há dúvida que serias útil na nossa equipa, George -dizia outro rapaz.

Sem saber que equipa ele representava, George só pôde defender-se com:

-Bem, tenho de pensar nisso -e sorrir.

Lorraine, revendo-se na sua notoriedade e recém-descoberto respeito, agarrava-lhe com força o braço e sorria-lhe.

Um sorridente e transpirado Marty aproximou-se deles de mão estendida para George apertar:

-Parabéns -cumprimentou. -E, para o caso de estares preocupado com isso, o Biff estava mesmo a sério.

-Ainda bem -respondeu George. O único ligeiro temor da sua paranóia - o de que Biff Tannen tivesse de algum modo fingido ter sido posto fora de combate -fora agora sossegado e George estava completamente feliz. -Parabéns para ti também -disse. -És bestial.

-Obrigado.

Ficaram a sorrir e a falar de coisas sem importância até que Lorraine acabou por pousar a mão no braço de Marty:

-Marty -disse-lhe -, espero que não te importes, mas o George perguntou-me se podia levar-me a casa.

-Óptimo, Lorraine -Marty acenou. -De facto, é formidável. Não há nada que me agrade mais. Sabem, sempre tive a impressão que vocês dois ligavam bem!?

-Eu sei -disse ela. -Acho que também tenho uma impressão dessas. Creio que o George pode mesmo fazer-me feliz.

-Sim. Ouçam, eu vou ter de sair da terra.

-Oh, que pena! Quando? No fim do período?

-Não. Esta noite. E só queria dizer-vos que foi... educativo.

-Voltaremos a ver-nos alguma vez? -quis saber Lorraine.

-Ah, sim, isso garanto.

George avançou para lhe apertar outra vez a mão:

-Então boa noite e adeus -despediu-se. -Obrigado pela tua ajuda... e por todos os teus bons conselhos. Espero um dia poder fazer o mesmo por ti.

Marty riu:

-Provavelmente dar-me-ás mais conselhos do que eu posso seguir.

Virou-se para se ir embora, mas deteve-se:

-Hum, ouçam -disse ainda -, se vocês alguma vez tiverem filhos, e um deles aos oito anos incendiar acidentalmente a carpete da sala... por favor não exagerem com ele.

-A... claro -redarguiu George, pensando que era um dos pedidos mais estranhos que alguma vez ouvira.

No momento seguinte, ele desaparecera. George e Lorraine ficaram a olhar um para o outro, de mãos firmemente entrelaçadas.

-Marty -pronunciou baixinho. -É um nome lindo. Quando tiver filhos, um deles há-de chamar-se Marty.

-Não estás a apressar um bocado as coisas? -Riu George.

-Bem, talvez um pouco. Eu estava a pensar que gostaria de ir para a universidade, no ano que vem.

-Eu também -afirmou George. -De facto, vou, independentemente do que o meu pai diga.

CAPÍTULO XIII

Às 9:45 Doc Brown começou a ficar apreensivo. Cinco minutos depois, estava verdadeiramente nervoso. Às 9:55 anda vigorosamente para trás e para a frente.

-Bolas! -resmungava. -Onde estará aquele garoto?

A sua gabardina oscilava ruidosamente ao vento, como uma vela de barco apanhado por uma tempestade. A trovoada distante atroava agora sombriamente o ar à sua volta, pontuada por relâmpagos bem visíveis, que iluminavam a sua estrutura de cabos, desde a torre ao candeeiro. A Praça Principal estava deserta, se exceptuarmos uma pequena matilha de cães, e ele estava pronto para a partida. Mas não havia sinais de Marty.

Doc meteu a mão à algibeira e retirou um reloginho redondo, de cerca de 1890. Dizia: 9:56. A mesma hora estava marcada nos relógios que usava nos dois pulsos. Não havia qualquer dúvida no seu espírito de que só oito minutos faltavam para o aparecimento do raio que podia enviar Marty de regresso a 1985.

-Bolas! -repetiu, desta vez em voz alta e vibrante.

Afastando-se do passeio para o meio da estrada, grunhiu ao ver um carro que se aproximava a uma velocidade arrojada:

-Bom -acabou por rosnar, quando teve a certeza de que o veículo era o seu Packard. -Mas para quê guiar assim, palhaço? Para quê rebentar o carro errado?

Um momento depois, o próprio Marty, estava ao dispor para dar a resposta. Vestido com as suas roupas de 1985, encostou o carro de Doc ao passeio, saltou de lá, respirou fundo e sorriu um pouco timidamente.

-Estás atrasado! -ralhou Doc Brown. -Não tens nenhuma concepção do tempo?

-Desculpe, Doc.

-E por que é que vinhas a conduzir o meu carro como um louco?

-Era uma experiência. Queria ver que velocidade conseguia atingir naquele percurso. E ainda bem que a fiz. Há um alto na estrada perto de Cherry Street que parece quase um trampolim. Se lá embatesse a maior velocidade, podia ser projectado para uma montra. Mas se usar o lado esquerdo da estrada tudo correrá bem.

-Hum -retrucou Doc Brown. -Isto está tudo muito bem, mas, e se fosses apanhado por um polícia?

-E se for apanhado por um polícia quando estiver na máquina do tempo? -contrapôs Marty.

-Se isso acontecer, continuas, pá. Ou acabas em 1985 ou no átrio daquele cinema.

-Sim -Marty engoliu em seco. -Estou a ver onde quer chegar.

Resmungando de si para si, Doc Brown começou a retirar o oleado de cima do DeLorean e a erguer o gancho de trolley a toda a sua altura, na parte de trás.

-Depressa, depressa, depressa-murmurava. -Não podias ter chegado mais em cima da hora.

-Ouça, desculpe-retorquiu Marty, sentindo-se agora culpado por ter passado tanto tempo a matraquear com os Starlighters. -Tive de ir mudar de roupa e juntar a mamã e o papá levou mais tempo do que eu pensara.

A maior parte da irritação estava a começar a abandonar Doc Brown agora que ele tivera a oportunidade de se lamentar e queixar um pouco. Com um pouco mais de vivacidade, replicou:

-Bem, isso percebo, conhecendo George McFly. Então o plano resultou?

-Na perfeição-sorriu Marty. -Estão pelo beicinho e vão continuar assim até à forca. E aqui está a prova de que é verdade.

Tirando a carteira, mostrou a Doc Brown a fotografia de família com todos os elementos recuperados.

-Óptimo -comentou Doc.

-Acho que até é possível o papá ir para a universidade -acrescentou Marty. -Agora tem uma grande autoconfiança.

Doc Brown franziu-se ao mesmo tempo que prosseguia a sua última verificação do DeLorean antes do voo:

-Então aí tens mais uma coisa para te preocupar entre agora e a altura em que regressares a 1985 -afirmou.

-Que é?

-Bem, se ele for para a universidade, graças a ti, isso vai mudar a sua vida.

-Para melhor, espero -ripostou Marty.

-Talvez, mas imagina que enquanto lá está encontra uma colega que o atrai mais do que a tua mãe. Isso pode provocar o teu desaparecimento instantâneo. Ou imagina que por causa das despesas com os estudos a tua mãe e o teu pai decidem atrasar a vinda dos filhos por uns anos. Se isso acontecer, podes descobrir, que tens doze ou catorze anos em 1985 em vez de dezassete. Agrada-te a ideia?

Marty abanou a cabeça descoroçoado. O que o seu amigo e mentor dizia fazia indiscutivelmente sentido. Tudo o que ele podia desejar era que a existência futura dos pais fosse aproximadamente a mesma que da primeira vez:

-Bem pensado, Doc -disse. -Mas acho que já é tarde demais para nos preocuparmos com isso. Eu estou mesmo contente por o papá ter acabado por se revelar. Deu cabo do Biff Tannen só com um soco... pô-lo logo a dormir... Nunca fiz ideia de que ele fosse capaz daquilo. Que diabo, o meu velho nunca fez frente a Biff em toda a sua vida. E pensar que eu estava presente quando isso finalmente aconteceu.

-Óptimo-concordou Doc Brown acenando com a cabeça. -Agora entra aí e marca o tempo de destino. Estamos com uma pressa diabólica.

Marty saltou para o DeLorean e ficou a ver Doc premir as teclas de modo a que tanto o ÚLTIMO TEMPO DE PARTIDA como o TEMPO DE DESTINO ficassem marcados como 26-10-1985,1:31 da madrugada.

-Pronto-disse ele. -Se resultar, será como se nunca tivesses partido.

-Obrigado, Doc... -começou Marty. -Gostava mesmo de lhe agradecer...

Brown ergueu a mão:

-Não há tempo -disse. -Ouve. Pintei uma faixa branca lá ao fundo da rua. É de lá que deves partir. Fiz uns cálculos para que a tua corrida seja tão breve e eficiente quanto possível. Se carregares no acelerador e partir desse ponto e não levantares o pé, atinges as oitenta e oito milhas por hora exactamente no momento necessário.

-Formidável.

-Ora eu calculei a distância precisa, tomando em conta a velocidade de aceleração e a resistência do vento em termos retroactivos a partir d o

momento em que o raio cair...Entregou a Marty ùm despertador de corda que parecia estranhamente antiquado por comparação com as indicações digitais e os mostradores a acender e apagar do tablier do DoLorean.Quando o despertador tocar, carrega a fundo a partir da linha branca. É tudo o que tens de fazer, além de guiar esta beleza até ao ponto certo.

Marty acenou a sua compreensão.

-Bem, creio que é tudo -afirmou Doc Brown. -Boa sorte.

Marty estendeu a mão:

-Doc, gostaria de lhe agradecer por tudo. Mesmo que algo corra mal...

-Nem penses nisso -interrompeu Doc. -Tudo vai correr às maravilhas. E eu é que gostaria de te agradecer por tudo. Foi um prazer.

Os dois homens apertaram-se as mãos.

-Até de aqui uns trinta anos -disse Doc.

-Assim espero.

Uma vez mais Marty pensou no encontro de Doc Brown com os terroristas e desejou que a carta que colocara ajudasse a proporcionar um fim mais feliz à vida do seu amigo.

-Não te preocupes -continuou Doc Brown, interpretando a expressão de Marty como de preocupação quanto à iminente corrida para a frente no tempo. -Desde que atinjas o fio com este gancho, tudo correrá bem.

-Certo -acenou Marty.

Tendo-se certificado de que tudo estava em ordem, Doc Brown desceu do automóvel, consultando ainda pedaços de papel e blocos, à procura

de algo que pudesse ter esquecido. Enquanto assim procedia, fez a única coisa que Marty não queria que ele fizesse -descobriu o sobrescrito desconhecido dentro da algibeira interior da gabardina. Retirando-o, fitou-o com curiosidade:

-O que é isto? -perguntou.

-Só um bilhete, de mim para si -gaguejou Marty.

-É sobre qualquer coisa do futuro, não é?-concluiu Doc Brown.

-Não: É só um bilhete de agradecimento -mentiu Marty. -É um bocado piegas.

Doc abanou a cabeça com cepticismo:

-As pessoas não escrevem bilhetes de agradecimento para serem abertos trinta anos mais tarde -garantiu. -Eu avisei-te quando a brincar com o futuro, garoto. As consequências podem ser perigosas. Agora sei que isto tem a ver com o futuro, e já te disse um milhão de vezes que não nos devemos intrometer nele.

-Tenho de correr esse risco, Doc -ripostou Marty firmemente. -A sua vida depende disso.

-Bem, eu não vou aceitar a responsabilidade-resmungou Brown.

Dito isto, rasgou a carta e atirou os bocados para o cinzeiro do seu Packard.

Marty estava furioso. Por que é que o tipo não aceitava um aviso para seu próprio bem?

-Está bem, Doc -atirou-lhe. -Nesse caso vou ter de lhe dizer já...

Antes de ele poder acabar, um tremendo golpe de vento abanou o carro e quase arrastou Doc Brown para longe do sítio em que se encontrava, junto da porta aberta. Ao mesmo tempo, ouviu-se um ruído de algo a partir-se, seguido por uma sucessão de sons de queda, menores.

-Santo Deus! -exclamou Doc Brown.

Marty saltou do carro e ambos correram para os candeeiros.

Uma enorme ramada de um dos carvalhos gigantescos da praça repousava agora sobre o cabo que se estendia entre o candeeiro e a torre do relógio, de que uma extremidade oscilava agora livremente.

-Valha-nos Deus! -Gritava Doc Brown enquanto corriam.

-Ó pá... vê lá se descobres a ponta desse cabo. Eu atiro-te a corda.

Dito isto, Brown agarrou num enorme rolo de corda e correu para dentro do palácio da justiça.

Marty engoliu uma vez em seco e logo se atirou ao trabalho.

Na semiobscuridade, não era fácil localizar a ponta do cabo no meio da confusão de ramos e folhas, mas ele saltou para o monte de destroços e começou a procurar. Ao fazê-lo, sentia o vento a intensificar-se ainda mais. Trovões que ribombavam demoradamente avisavam-no de que o tempo se estava a esgotar; a tempestade aumentava de ferocidade; só uns minutos o separavam de 1985 e do raio que o transportaria para lá.

-Bolas! -berrou. -Onde diabo estás?

Indiferente aos ramos que lhe cortavam a pele, continuou a vasculhar o monte. Doc Brown, entretanto, corria pelas escadas do palácio da justiça subindo de cada vez três degraus da antiga torre sineira. Ao chegar à sala que abria para a varanda mesmo por baixo do relógio, viu os pombos esvoaçarem por lhes ter invadido o santuário interior da máxima

segurança. Com o cabelo varrido pelo vento e as feições agrestes iluminadas por relâmpagos, Doc Brown assemelhava-se verdadeiramente ao estereotipado cientista louco em missão que abalasse o mundo.

Olhou para cima e viu que a ficha de ligação pendia do seu cabo entre o 1 e o 2 do enorme mostrador do relógio. A outra ponta continuava ligada ao pára-raios, lá em cima na torre. Baixando o olhar, viu Marty, a cinco andares de distância, a acenar com a tomada que acabara de localizar.

-Óptimo! -gritou Doc Brown.

Atirou a corda, que se desenrolou e aterrou a pequena distância de Marty. O jovem agarrou-a, atou-lhe a ponta da tomada e acenou logo para Doc Brown.

Este correspondeu com a cabeça e começou a içar a corda com o cabo agarrado de regresso à torre. Enquanto continuava a operação manual, via a boca de Marty a mexer-se e ouvia palavras parciais.

-O quê? -gritou para baixo.

Marty pôs as mãos em concha junto à boca e berrou tão alto quanto pôde:

-Tenho de lhe falar do futuro, Doc! Por favor, ouça!

As palavras perderam-se por entre um novo golpe de vento que quase arrancou a corda das mãos de Doc:

-Não consigo ouvir-te! -gritou por sua vez, Doc.

-O futuro! -berrou novamente, Marty. -Na noite em que eu viajo para trás no tempo, os terroristas aparecem e apanham-no...

-Terror-quê?

-Terroristas! Eles...

BONG! BONG!

O relógio começou a dar as dez horas. Batendo furiosamente com os pés no chão, Marty esperou, sabendo que não tinha qualquer hipótese de ser ouvido. Com os enormes sinos a tocarem tão perto. Doc Brown quase perdeu o equilíbrio. Depressa recuperou a firmeza, porém, e conseguiu içar o resto da corda. Agarrando a tomada, olhou para baixo para Marty e gesticulou-lhe que se metesse no carro e partisse.

No chão, Marty hesitou. Sabia o que Doc Brown queria dizer e compreendia a urgência da situação. Mesmo assim, queria tentar mais uma vez dizer ao amigo o que lhe estava reservado se não se acautelasse. Olhou para cima. Doc Brown gesticulava violentamente na direcção do DeLorean, e depois na do seu relógio.

Marty suspirou, virou-se e voltou a correr para o automóvel.

-Corre, pá, corre! -gritava Doc Brown da torre do relógio. Vendo que Marty o fazia, desatou a corda da ponta da tomada e olhou para a ficha que oscilava junto ao mostrador do relógio. Ficava a uma boa distância. Estendendo a mão, verificou que tinha de subir para o parapeito para fazer a ligação.

Enquanto se erguia cautelosamente para a estreita faixa de pedra, Doc viu o DeLorean pôr-se em movimento e começar a descer a rua.

-Óptimo -murmurou. -Agora só tenho de me assegurar de que ele não vai disparado pela rua abaixo para nada.

Rastejando pelo parapeito, com as mãos comprimidas contra a parede e as unhas enterradas o mais possível, Doc tentou pensar em tudo menos no vento e na clara possibilidade de cair. Os relâmpagos projectavam

sombras e silhuetas fantasmagóricas na parede da torre do relógio e cada trovão fazia estremecer o edifício.

-Estarei vivo em 1985 -disse, apercebendo-se ao mesmo tempo de que estava desafiando a sorte. -Estarei vivo em 1985 -portanto estou em segurança agora.

As palavras saíam-lhe, mas ele sabia quão falazes eram. Estar vivo em 1985 dependia de ele não trepar torres de relógio em 1955.

-Bem -arquejou. -Vamos lá fazer isto.

Inclinando-se na direcção do vento, estendeu a mão para o cabo oscilante, sentiu-o escorrer-lhe por entre os dedos, respirou fundo e estendeu outra vez a mão.

Marty chegou à «linha de partida» que Doc Brown lhe preparara, fez inversão de marcha e ficou sentado no DeLorean em ponto morto, de olhos hipnoticamente fixos no despertador ao seu lado.

-Bolas, Doc -murmurou. -Por que havia de rasgar aquela carta? Se ao menos eu tivesse um pouco mais de tempo para explicar...

Enquanto considerava o problema, afastou a vista do despertador e fitou as indicações de TEMPO DE DESTINO e ÚLTIMO TEMPO DE PARTIDA, ambas marcando 1:31 da madrugada.

-É isso -acabou por dizer. -Não tenho qualquer hipótese de ter mais tempo deste lado, mas por que não hei-de arranjar mais tempo do outro lado?

Dito isto, começou a carregar nos botões apropriados do teclado do TEMPO DE DESTINO de modo a passar de 1:30 para 1:29 e mesmo mais cedo. .

-Claro -sussurrou. -Apareço em 1985 uns minutos antes de os terroristas alvejarem Doc e aviso-o então.

Viu a indicação de TEMPO DE DESTINO passar de 1:26 para 1:24 e depois ficou parado, a pensar se sete minutos seriam suficientes.

Imediatamente a seguir, o motor do DeLorean abanou duas vezes e parou. Marty rodou a chave na ignição, mas o carro não pegava.

-Vá lá, vá lá -rosnava ele. -Não me digas que vim até aqui para ficar sem gasolina!

Doc Brown, segurando o cabo solto na mão esquerda, deu um passo no parapeito da torre do relógio e tinha o pé suspenso para dar outro quando ouviu o barulho. Era o estalar de pedra a desintegrar-se rapidamente e ele ouviu-o uma fracção de segundo antes de sentir o seu próprio corpo começar a cair. Largando o cabo, saltou para a frente para agarrar o único objecto que ficava entre ele próprio e o chão -o ponteiro dos minutos do relógio da torre do palácio de justiça.

-Maldição! -berrou.

Ao mesmo tempo que falava, sentiu uma coisa bater-lhe no pé esquerdo. Olhando para baixo, viu que o cabo continuava pendurado no ar, com a ponta precariamente equilibrada no seu peito do pé. Durante um longo momento, Brown limitou-se a ficar ali pendurado, com o vento a soprar-lhe no cabelo e os relâmpagos a iluminarem-lhe as feições aterrorizadas. Depois, movendo cuidadosamente o pé direito para a secção intacta da pedra, arrastou o corpo para a segurança, tentando ao mesmo tempo manter o cabo em equilíbrio e, em última análise, ao seu alcance. Quando o pé direito ganhou firmeza, respirou fundo, deu um salto e, ao mesmo tempo, atirou o cabo ao ar, com um pontapé que lhe permitisse apanhá-lo com a mão esquerda.

Pensou que a parte seguinte do seu trabalho -colocar a ficha na tomada - seria fácil. Mas, quando tentou uni-las, descobriu que ficavam a uns trinta centímetros de distância. -Como diabo aconteceu isto? -gemeu.

Abanando a cabeça, espreitou para baixo, para a cena alternadamente sombria e vistosamente iluminada. A causa do seu dilema em breve se tornou aparente: um ramo de árvore estava preso no cabo, eliminando a elasticidade necessária para que as duas pontas unissem. Puxando e sacudindo a ponta do cabo, lutou por o libertar, mas sem êxito. Desesperado, aumentou a violência dos puxões, acabando por dar um tão tremendo ao cabo que o libertou da árvore:

-Bom! -gritou, e logo: -Raios!

A ficha do outro lado da ligação soltara-se, deixando Brown com uma ficha inútil nas mãos.

Se se considerar o absoluto desespero que sentia, a reacção de Doc Brown foi comparativamente suave. Agarrando-se ao lado da torre, limitou-se a fechar os olhos e a tentar não pensar em nada por um momento. Mas, mesmo com os olhos fechados, via os relâmpagos à sua volta com ferocidade crescente e sentia a trovoada abalar o palácio da justiça. Forçando o seu espírito a pensar, perguntou a si próprio: «Há alguma forma de conseguir ligar tudo?»

-Sim -murmurou finalmente. -É provável que morra, mas... que diabo!

Atando os dois cabos soltos, fez a ligação, experimentou-os para ter a certeza de que estavam bem firmes, respirou fundo e saltou.

Enquanto deslizava pelo cabo até ao chão, sentia as mãos a arder, mas manteve-se bem seguro até os seus pés embaterem no solo bem sólido. Então desatou a correr com o cabo para o candeeiro.

-Merda!

Continuando a insistir com a ignição, Marty estremeceu ao ouvir o despertador tocar.

-Vá lá! Vá lá! -gritava.

A ignição cuspia, tossia, até que -miraculosamente pegou. Carregando com o pé no acelerador, Marty foi atirado para trás no assento quando o DeLorean avançou à desfilada. Queimando borracha, chegou às quarenta milhas por hora em meio quarteirão e aproximava-se das sessenta e cinco quando a Praça Principal se tornou visível. A olhar a direito em frente, Marty avistou o fio que passava de um lado ao outro da rua e concentrou nele a sua visão. Tão atento estava,que nem viu a figura de Doc Brown a correr para o candeeiro, de cabo na mão. Menos de um segundo antes da queda espectacular de um raio, Doc fez a ligação do cabo, rodopiou sobre si próprio e caiu para trás. Deitando uma olhadela ao velocímetro, Marty viu que o carro ia a oitenta e oito milhas à hora.

Então houve um tremendo estrondo de relâmpago e trovão simultâneos. A paisagem e os edifícios a toda a volta de Marty ficaram completamente brancos, como as casas no filme sobre os testes de bombas atómicas. «Meu Deus», pensou ele, «fui atomizado». Um ligeiro encontrão disse-lhe que o gancho no trolley colocado na parte de trás do DeLorean entrara em contacto com o cabo. No tablier, os mostradores iluminaram-se quando o capacitador de fluxo brilhou e descarregou. Seguiu-se um intenso ruído dissonante, o DeLorean avançou como se tivesse sido atirado para órbita e a negrura desceu.

Da sua posição prostrada junto ao candeeiro, Doc Brown viu a máquina do tempo estabelecer contacto com o cabo electrificado.

A chuva continuava a cair, mas ele nem dava por ela. Em vez disso, viu uma montagem de imagens rápidas -o cabo incandescente, o raio a atingir o relógio da torre, o DeLorean parecendo envolto num nevoeiro amarelo -, o que o fez pôr-se em pé de um salto e soltar um grito de guerra índio:

-Conseguimos! -exclamou. -Era impossível mas conseguimos!

Era verdade. Como se tivesse sido engolido pela terra ou por uma gigantesca mão vinda de cima, o DeLorean desaparecera.

Tudo o que restava era o poste do trolley, que se soltara à passagem do automóvel por baixo do cabo. Agora oscilava debilmente, batido pela chuva e pelo vento, unicamente recordação das viagens do jovem Marty McFly, que tinham abarcado sessenta anos para trás e para a frente no tempo.

-Boa sorte -disse Doc Brown já em voz baixa. -Ver-nos-emos em breve... espero.

CAPÍTULO XIV

A viagem pelo túnel negro abrandou e terminou finalmente.

O carro deteve-se mas a escuridão continuou a rodear Marty, quebrada apenas pelo brilho de mostradores e indicadores. Baixando os olhos para eles, viu que ÚLTIMO TEMPO DE PARTIDA ERA 5-11-1955, 10:04 da noite, TEMPO PRESENTE e TEMPO DE CHEGADA, que eram os mesmos, indicavam 26-10-1985, 1:24 da madrugada. Sendo assim, porquê a escuridão? Marty pensou na cena de um filme que vira sobre uma máquina de viajar no tempo em que o veículo ficava fechado numa montanha. Poderia ter-lhe acontecido isso a ele?

Gradualmente, à medida que os seus olhos se habituavam à escuridão, percebeu que se encontrava dentro de um edifício.

Atrás havia um círculo de luz difusa.

-Bem -murmurou -, parece que só posso recuar.

Metendo a marcha atrás, dirigiu-se para a fonte de luz. Quando emergiu para a noite, viu que o seu ponto de chegada tinha sido o interior do entaipado Teatro Municipal. Tudo o resto estava como convinha a 1985 - o salão Studebaker era agora da Toyota, a loja de batidos desaparecera e o palácio da justiça tinha mais trinta anos em cima.

-Tudo certo! -gritou Marty.

Baixou a mão para ligar o telefone do carro. Estava a ser tocada música rock contemporânea.

-Tudo certo! -repetiu.

Então pensou em Doc Brown. Havia tempo de celebrar mais tarde. Agora tinha de se concentrar em salvar o amigo da morte violenta e sangrenta.

Meteu a mudança, sentiu o motor vacilar e parar.

-Merda! -berrou.

Desta vez não funcionava mesmo. Depois de tentar durante um minuto, Marty não conseguiu gerar o mínimo resquício de energia renovada. Enquanto continuava a tentar, levantou os olhos e viu a conhecida carrinha dos terroristas descer a rua e dobrar uma esquina.

Horrorizado, saltou de dentro do automóvel.

-Os terroristas! -exclamou.

Então desatou a correr, atravessando a Praça Municipal e descendo toda a Rua 2ª em direcção à alameda. Ao chegar à entrada, viu que se chamava Lone Pine Mall e estava decorada com imagens de um único pinheiro em vez de dois.

De resto, tudo era igual. Mas o DeLorean empanado fizera-o perder um tempo precioso; a carrinha dos terroristas já estava no parque de estacionamento, a perseguir Doc Brown, enquanto a figura solitária de Marty McFly assistia aterrorizada. Marty ficou imóvel, aterrorizado e surpreendido.

-Oh, não! -arquejou. -Chego demasiado tarde.

A cena fundiu-lhe a mente. Ali estava Doc a morrer outra vez sob as suas vistas. Então, quando a saraivada de balas atirou Brown para o chão, Marty viu-se a si próprio a saltar para o DeLorean e partir à desfilada. Já tinha vivido a cena uma vez em carne e osso, mas ficou de novo a observá-la, fascinado pela repetição vista de um ângulo diferente.

Tal como antes, a carrinha dos terroristas deu a volta e perseguiu o DeLorean, que executou uma excelente inversão de marcha e correu para o lado oposto do parque de estacionamento. Continuou a acelerar, ao mesmo tempo que era alvejado, até ficar envolto num fulgor branco que quase cegava.

Perdendo o domínio do seu veículo, o condutor da carrinha terrorista foi forçado a guinar para um pavilhão Fox Photo à beira do parque de estacionamento. O veículo capotou e ficou com um lado da porta para baixo, prendendo os terroristas no seu interior. À distância, uma sirene de polícia apitava.

-Jesus! -sussurrou Marty.

Recordando-se de súbito de Doc Brown, virou-se e correu para a figura estendida, que continuava de rosto encostado ao asfalto. Havia lágrimas nos olhos de Marty quando voltou o amigo:

-Doc... -disse baixinho. -Doc... por favor, não esteja morto, Doc...

-Bem, está bem, já que tanto insistes -respondeu o morto aparente, abrindo os olhos e sorrindo:

-Está vivo! -gritou Marty.

-Claro que estou vivo.

-Mas foi atingido a tiro -eu vi! -exclamou Marty.Vi-o duas vezes!

-Em repetição instantânea, não é? -Doc voltou a sorrir.

Marty concordou de cabeça.

-A explicação é simples -afirmou Brown.

Abriu o seu fato protector de radiações e revelou um colete à prova de balas.

-É a última moda em protecção pessoal -explicou. Garantido para deter um balázio de espingarda gigantesca a vinte e sete metros.

-Teve isso vestido o tempo todo? -interrompeu Marty.

-Infelizmente não -redarguiu Doc Brown. -Da primeira vez devo ter sido apanhado de surpresa. Não, meu rapaz, foi o teu aviso que me salvou.

Dito isto, meteu a mão no bolso e tinha a carta que Marty escrevera em 1955. Esta amarelada e amarfanhada, com a fita gomada que a unia envelhecida e prestes a estalar.

Marty sorriu e abanou a cabeça.

-Que hipócrita -comentou. -Depois de todos aqueles sermões acerca de alterar o contínuo espaço-tempo...

-Sim, bem, pareceu-me, que diabo...

Nas proximidades, os polícias tinham saltado dos seus carros e estavam ocupados a deter os terroristas.

-Vamos embora daqui -disse Doc Brown. -Isto vai ser impossível de explicar.

-Inteiramente de acordo -aquiesceu Marty.

Juntos, correram para o centro do parque e desapareceram nas sombras ao mesmo tempo que mais carros da polícia viravam a esquina para a alameda.

Enquanto se afastavam na caravana, os dois homens discutiam as suas aventuras:

-Acho que alterei um bocado as coisas -afirmou Marty à entrada da alameda.

-Como?

-Bem, isto era a alameda Twin Pines no 1985 que eu conheci primeiro. Mas, quando fui ao passado, derrubei acidentalmente um dos pinheiros do lavrador. Acho que é por isso que agora lhe chamam Lone Pine.

Doc Brown sorriu:

-Provavelmente repararás em muitas coisas assim -comentou.-Será a tua brincadeira muito pessoal com Hill Valley para o resto da tua vida.

-Sim...

Uns minutos depois, chegaram junto do DeLorean e Doc entrou nele:

-Não pega, é? -disse.

Marty confirmou com um aceno de cabeça.

Doc levou a mão abaixo da ignição, accionou um interruptor escondido e sorriu quando o motor começou ruidosamente a trabalhar.

-Quais são os seus planos agora? -Quis saber Marty.

-Bem, primeiro vou esperar que os chuis limpem a confusão no parque de estacionamento e depois levo a minha caravana de lá para fora -informou ele. -Tenho mais uns pedaços de plutónio que posso utilizar em viagens, portanto acho que as vou fazer. Afinal, o tempo passa.

-A que distância tenciona ir?

Doc encolheu os ombros:

-Acho que a princípio vou devagar -respondeu. Talvez vá a uns trinta anos daqui, só para molhar o pé. Depois pode ser que vá dar uma olhadela aos séculos 22 ou 23...

-Bem, boa sorte -desejou-lhe Marty. -Se tiver a oportunidade, procure-me em 2015. Eu terei... vejamos... quarenta e sete anos. Ena. Que velho.

Doc Brown soprou:

-Criança, queres tu dizer. De qualquer modo, de certeza que te vou procurar, meu rapaz. É curioso, não é? Tive de esperar trinta anos para te apanhar. Agora és tu que vais ter de esperar trinta anos para me apanhares. A vida não é mesmo estranha...?

Piscou um olho: Marty fechou a porta e viu-o afastar-se no carro.

Quando acordou, estava ainda vestido e a luz do Sol da manhã entrava-lhe pela janela do quarto que conhecia tão bem e contudo agora lhe parecia tão estranho. Tudo lá continuava, desde os cartazes SR5 ao equipamento auditivo. Um calendário na parede com X nos primeiros vinte e cinco dias de Outubro de 1985 informou-o de que aquele era o dia 26.

Poderia ter sido tudo um sonho?

Saindo da cama, viu-se ao espelho, beliscando-se diversas vezes para ter a certeza de que a carne que o fitava do outro lado era verdadeira.

Ao lado do espelho de corpo inteiro estava um cesto de papéis de onde sobressaía um objecto familiar: o impresso para submeter gravações à editora de discos. Atirara-o para lá, desesperado, na noite anterior -ou teria sido trinta anos antes?

Agora esse acto parecia-lhe tão juvenil como o George McFly de 1955. Tirou uma fita gravada da gaveta de cima e meteu-a num sobrescrito juntamente com o impresso.

-Por que não? -disse. -A minha música entusiasma-os há três décadas. Ganhar está no papo.

Passado poucos minutos, depois de se lavar, desceu para o pequeno-almoço. Linda e Dave estavam sentados à mesa da sala de jantar. Tinham a mesma aparência facial, mas quase tudo o que os rodeava, desde a roupa à mobília, era diferente. Dave vestia um dispendioso fato completo e lia a revista Forbes; a irmã Linda estava desportiva mas elegantemente vestida e comia o que parecia ser ovos Benedict. A casa de jantar tinha mobília muito mais cara do que a que ele recordava e a mesa estava posta com uma delicada toalha de linho.

À porta, parou e abanou a cabeça:

-Digam-me cá, esperamos visitas ou quê? -perguntou.

Linda e Dave fitaram-no e sorriram:

-Que eu saiba, não -respondeu Linda com um sorriso.

-Então por que é que está tudo com ar de hotel de luxo?murmurou Marty. -Hoje não é sábado?

-É -retorquiu Dave. Marty reparou que ele estava a ler a secção de economia do jornal da manhã.

-Não trabalhas hoje de manhã, Dave?

-Claro. Trabalho todos os sábados.

-No Burger King?

Dave riu:

-O quê? Estás com uma ressaca ou quê? -indagou.

-Não. Só não percebo o fato elegante.

Dave fixou-o, obviamente confuso:

-Estás bem, Marty? -inquiriu.

-Estou. E vocês? Estão bem.

-Claro, melhor que nunca. -Reparando no subrescrito que Marty tinha na mão, ele estendeu a sua: -Dá cá -disse. -Eu levo-o... e mando pôr no correio lá no escritório.

Marty largou o sobrescrito e sentou-se à mesa. Esperava-o uma tigela de morangos frescos.

-Continuo sem perceber -resmungou. -Morangos... ovos Benedict. Não costumávamos comer este tipo de coisas. Era só cereais e tostas, com uma toalha de papel a servir de guardanapo. Que está a acontecer?

A meio dos morangos, ouviu as vozes dos pais à entrada. A conversa soava a ligeira e feliz, tendo os dois acabado de chegar do exterior.

-Então onde é que eles estavam? -interrogou Marty.

-No mesmo sítio de sempre -replicou Dave. -A jogar ténis no clube.

-Ténis? O papá e a mamã não jogam ténis.

-Então isso explica porque são campeões de pares há seis anos -afirmou Linda ironicamente.

-Não posso crer.

-Onde tens estado? -Quis saber Linda.

Marty estava a considerar seriamente a hipótese de lhe contar, quando os pais entraram na sala. A aparência deles foi um verdadeiro choque para Marty. Ambos pareciam bronzeados e saudáveis nos seus fatos de ténis, mas a transformação era muito mais profunda do que isso. George McFly irradiava autoconfiança e satisfação, enquanto Lorraine era magra e de aspecto dinâmico.

O queixo de Marty descaiu.

-Que se passa filho? -perguntou George McFly.

-Mamã! Papá! -exclamou ele. -Estão com óptimo... aspecto!

-Oh, Marty, obrigada -agradeceu Lorraine, sorrindo.

-Que quererá ele? -conjecturou Linda. -Já tem tudo.

Os pais olharam-no intrigados.

-Não quero nada -garantiu Marty. -É uma óptima prenda só ver como estão bestiais.

-Ena -gargalhou Dave.

A mãe pôs a mão no ombro de Marty:

-Bem -disse. -Logo é a grande noite, não é?

-Marty fitou-a sem perceber.

-Não é logo à noite que tens o grande encontro com a Jennifer Parker indagou Lorraine. -É uma rapariga encantadora. Gosto mesmo dela.

Marty mal podia acreditar que era a sua mãe que estava a falar, mesmo tendo em conta a transformação física. Poderia ser a mesma pessoa que estava permanentemente a dizer mal da Jennifer? Era evidente que não.

-Desculpa, mãezinha!? -sussurrou Marty.

-Vão para o lago logo à noite, não vão? Só vocês dois. Não andam a planear isso há duas semanas?

-Mamã, já falámos disso ontem à noite-retrucou Marty. -Como é que eu posso ir se o carro do papá está destruído?

-Destruído? -interveio o pai.

-Ele tem estado assim toda a manhã -explicou Dave.

É como se tivesse ido para a cama e acordasse numa casa diferente, com gente estranha. Era de facto esse o caso, mas Marty não o disse. Em vez disso, murmurou:

-Desculpem. Eu... pensei que o carro... tinha sido destruído. Emprestaste-o ao Biff Tannen e ele foi de encontro a outro.

O pai soltou uma risadinha:

-Bem, o carro não tem nada que eu veja. De facto o Biff está neste momento lá fora a limpá-lo.

Marty levantou-se, foi até à janela da cozinha e olhou para fora. Aí no caminho de acesso, encontrava-se um BMW novinho em folha. Ao lado estava Biff Tannen, a puli-lo com diligência. A sua expressão também parecia subtilmente alterada, destituída da habitual arrogância e beligerância. Ao mesmo tempo que trabalhava, assobiava uma cançoneta alegre.

-Upa -murmurou Marty: De si para si, disse: -«Que diferença um murro nos queixos pode conseguir.»

O pai abriu a janela da cozinha e chamou Biff. O seu tom de voz era agradável mas firme:

-Biff-chamou -, não te esqueças: duas camadas desta vez. O teu trabalho a semana passada ficou um pouco desleixado.

-Sim, senhor! -respondeu Biff num tom de voz que era amigável e ansioso de agradável. -O patrão é o senhor

-Não sejas ditatorial, George-avisou Lorraine, sorrindo para o marido. Apesar de estar a fazer esse aviso, era óbvio que o adorava.

George encolheu os ombros:

-Desculpa -disse. -Não é minha intenção parecê-lo. Só que alguns empregados tentam tomar as rédeas se não se estiver sempre em cima deles. Sempre tive de manter o Biff na linha desde os tempos do liceu. -Depois acrescentou com um sorriso: -Embora se não tivesse sido Biff, a vossa mãe e eu nunca nos teríamos conhecido.

-Sim, papá -interrompeu a Linda. -Já nos contou isso um milhão de vezes. Bateu-lhe quando ele estava a maçar a mamã e foi assim que vocês dois se apaixonaram.

-Foi mais do que isso -acrescentou Lorraine. -O vosso pai veio literalmente em meu auxílio. -Suspirou. -Foi tão romântico...

-Cidade dos Olhos em Alvo -afirmou Linda, fazendo rolar os seus.

-Que aconteceu ao outro tipo? -perguntou Marty.

-Que outro tipo? -perguntou por sua vez o pai.

-O tipo de que me deram o nome

-Ah -murmurou Lorraine. -Nunca mais o voltámos a ver. Desapareceu como o fumo. -Depois, fixando Marty atentamente, prosseguiu: -Não me lembro de alguma vez te ter falado nele.

-Bem, tens de ter falado. Senão eu não sabia, pois não?

-Não...

Biff entrou pouco depois e entregou a George um livro encadernado

-Mr. McFly -chamou. -Isto acaba de chegar -Que bom -aceitou George com um aceno de cabeça. Ergueu o livro, que se intitulava: Um Casamento Feito No Espaço. A capa apresentava um quarto com um extraterrestre muito reminiscente do Darth Vader de Marty a falar com um jovem que se escondia por baixo das cobertas. O nome do autor, em letras bem grandes, era o de George McFly.

-Eita -exclamou Marty. -Escreveste isso, papá?

George confirmou acenando orgulhosamente com a cabeça:

-O meu primeiro romance -anunciou. -Espero bem que se venda.

-Claro que se vai vender -garantiu Lorraine, emocionada. -Afinal não é como se tu fosses um zé-ninguém. Tens vendido contos desde os tempos da faculdade.

-É verdade, papá -acrescentou Dave. -És tu que estás sempre a dizer-nos que tenhamos confiança e uma atitude positiva. Onde está a tua agora?

-Tens razão -concordou George. -Tenho a certeza de que este livro vai ser um êxito.

Depois virando-se para Marty, pôs-lhe a mão forte no ombro e disse:

-E aquela tua gravação também vai ser um êxito.

-Espero que assim seja -sussurrou Marty, subitamente devolvido às suas preocupações e aspirações de 1985.

-Marty -continuou George -, não te tenho sempre dito que só é preciso um pouco de autoconfiança? se empenhares a tua mente em qualquer coisa, podes realizá-la.

Biff, que ficara de pé com um sorriso diferente durante a conversa anterior, aproveitou o silêncio para estender a mão a Marty:

-Ah. Marty -disse. -Aqui tem as suas chaves. O carro está limpo e pronto para logo à noite.

-As minhas chaves? -gaguejou Marty.

Biff confirmou de cabeça:

-Pu-lo na garagem -informou. -Para o caso de chover.

Voltando-se e correndo para a garagem. Marty arquejou de espanto ao abrir a porta. Lá dentro estava uma carrinha Toyota SR5 negra, bem aparelhada, tão brilhante e bela como quando se encontrava no salão de exposições. Só que agora era dele!

Correu para ela, entrou e acariciou os estofos, e a alavanca das mudanças e todos os botões e indicadores ao seu alcance. Abrindo a porta da garagem, estava pronto para dar um giro quando ouviu uma voz muito conhecida:

-E se me desse uma boleia, cavalheiro?

Era Jennifer, de pé, à entrada, com a mesma aparência encantadora de sempre.

-Jen! -exclamou ele. -És sempre um prazer para a vida! Deixa-me contemplar-te bem!

Jenifer estava um pouco interdita, perante a inesperada manifestação emotiva. Não era como se tivessem estado separados muito tempo, pois ainda se tinham visto ao fim do dia anterior:

-Estás bem? -indagou. -parece que não me vês há um ano.

-Sinto-me como se não te visse há trinta anos-sorriu ele.

-É muito tempo para a privação-sorriu ela em resposta.

Ele atraiu-a a si e estava prestes a beijá-la quando sentiu um repentino impulso eléctrico percorrer-lhe o corpo. Jennifer deve tê-lo sentido igualmente, pois o seu cabelo estalou e ficou literalmente em pé durante alguns segundos.

-Santo... -começou Marty.

O estrondo da passagem da barreira do som afogou-lhe o resto do pensamento.

A sua fonte era o DeLorean de Doc Brown, que se aproximou com ruído da frente da casa e parou guinchando. Dentro vinha Doc Brown, de chapéu de vaqueiro. Quando saiu do carro, foi possível ver que vestia uma bizarra mistura de tipos de indumentária, incluindo calças de plástico às riscas, uma capa e uma estranha variante das túnicas romanas.

De feições agitadas, Doc foi direito ao assunto:

-Marty -disse -, tens de vir comigo... de regresso ao futuro!

-Porquê?

-É importante.

-Mas tenho aqui a Jennifer -objectou Marty. -Ia agora mesmo experimentar as minhas rodas novas.

-Isso pode esperar -replicou Doc. -De qualquer forma, podes trazê-la. Isto também lhe diz respeito a ela.

Marty sentiu uma súbita onda de apreensão:

-Que quer dizer? -interrogou. -Acontece-lhe alguma coisa? Ou aconteceu-nos a nós? Tornamo-nos uns estafermos ou quê?

Doc Brown sorriu:

-Não, tu e Jennifer evoluem optimamente -afirmou. Mas os vossos filhos! Marty, tem de se fazer qualquer coisa quanto aos vossos filhos.

-Os nossos filhos?-inquiriu Jennifer, olhando alternadamente para Marty e Doc Brown. -Que filhos? Ainda nem sequer estamos noivos...

-Explicamos depois -disse Marty. -Queres vir connosco?

-Convosco para onde? -Quis ela saber.

-Para o futuro -respondeu Marty. -Para o ano 2015 ou lá perto. Acho que era onde o Doc se dirigia...

-É melhor apressar-nos -interveio Doc.

Os dois homens olharam para Jennifer.

-Está bem -disse ela. -Por que não?

-Pronto. Vamos -concluiu Doc.

Levantou a porta em asa de gaivota e Marty entrou. Jennifer sentou-se-lhe ao colo. Quando Doc Brown se sentou ao volante, Marty estendeu a mão para lhe tocar no braço:

-É melhor recuar com isto, Doc -avisou. -Não temos estrada suficiente para atingir as oitenta e oito.

-Para onde vamos, não se usam estradas -sorriu Brown.

Apontou para um novo botão no tablier rotulado de CENTRO DE ENERGIA AO DOMICÍLIO DO SR. FUSÃO, carregou nele e sorriu de satisfação quando o DeLorean rolou por uns noventa metros na rua, saltou para o céu deixando atrás de si uma estreita tira de fumo prateado, e logo desapareceu.